



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – UFRN  
PROGRAMA INTEGRADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA  
DOUTORADO EM FILOSOFIA

RAPHAEL DOUGLAS MONTEIRO TENORIO FILHO

**Pós-Verdade como Epidemia Psicopolítica**  
*O cinismo comicrático* como modo de normatização social

RECIFE  
2023

**RAPHAEL DOUGLAS MONTEIRO TENORIO FILHO**

**PÓS-VERDADE COMO EPIDEMIA PSICOPOLÍTICA**  
*O cinismo comicrático como modo de normatização social*

Tese apresentada ao Programa Integrado de Pós-Graduação em Filosofia – UFPE; UFRN e UFPB - como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Filipe Barreto Campello.

RECIFE  
2023

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

T312p Tenório Filho, Raphael Douglas Monteiro.

Pós-verdade como epidemia psicopolítica : o cinismo comicrático como modo de normatização social / Raphael Douglas Monteiro Tenório Filho. – 2023.  
225 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Filipe Barreto Campello.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.

Programa Integrado de Pós-Graduação em Filosofia - UFPE, UFRN e UFPB, Recife, 2023.

Inclui referências.

1. Filosofia. 2. Verdade. 3. Pós-verdade. 4. Subjetividade. 5. Cinismo. I. Campello, Filipe Barreto (Orientador). II. Título.

100 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2024-116)

RAPHAEL DOUGLAS MONTEIRO TENORIO FILHO

**PÓS-VERDADE COMO EPIDEMIA PSICOPOLÍTICA**  
*O cinismo comicrático como modo de normatização social*

Tese apresentada ao Programa Integrado de Pós-Graduação em Filosofia – UFPE; UFRN e UFPB - como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Filosofia.

Aprovada em 24/02/2023

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Filipe Augusto Barreto Campello de Melo (Orientador)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

---

Prof. Dr. Érico Andrade Marques de Oliveira (Examinador interno)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

---

Prof. Dr. João Evangelista Tude de Melo Neto (Examinador interno)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

---

Profª. Dra. Sayonara de Amorim Gonçalves Leal (Examinador externo)

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

---

Prof. Dr. Diogo Silva Corrêa (Examinador externo)

UNIVERSIDADE DE VILA VELHA

Dedico esta tese aos 700 mil brasileiros mortos por uma pandemia e por uma infodemia;

A Nossa Senhora do Perpétuo Socorro;

Aos meus pais, deidades terrenas, Raphael Douglas Monteiro Tenorio e Andrea Elizabeth Fernandes Tenorio;

Aos meus filhos Raphael Reis de Melo Monteiro Tenorio e Pilar Reis de Melo Monteiro Tenorio: meus professores;

*In memoriam* ao meu tio Paulo Gustavo Casé Fernandes, por fazer ver de forma astuta a língua portuguesa, a inteligência, a música e o humor;

À minha companheira Isabelle Velay Rufino, hermeneuta da vida;

À cidade de Olinda, terra sagrada.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à Prof<sup>a</sup> Dra. Christine Dabat, guardiã intelectual da construção, do caminho e da finalização desta tese.

Ao Prof. Dr. Filipe Barreto Campello pela orientação e fornecimento de material intelectual da sua própria construção filosófica.

Ao Prof. Dr. Érico Andrade, pela seriedade na indicação de caminhos metodológicos.

Uma crítica da razão cínica permaneceria um jogo de miçangas acadêmico caso não buscasse uma relação entre o problema da sobrevivência e o perigo do fascismo. (Peter Sloterdijk, 2021, p. 37)

## RESUMO

A presente tese se esforça em esquadrihar o conceito de pós-verdade — e seus limites propositivos —, popularizado no seio de querelas políticas nacionais e internacionais a partir de 2016, e submeter-lhe a uma visada filosófica, verificando quais os pontos de contato mais sensíveis entre a filosofia e a questão pós-veritativa. O que é a verdade num contexto tecnoepistêmico e político tão complexo, no qual uma suposta “era” pós-factual pode ser anunciada? Trata-se, também, de oferecer uma leitura filosófica que complemente as interpretações majoritárias do fenômeno, que nascem preponderantemente da área de comunicação e tecnologia. A tese temática que se segue propõe, ademais, uma interpretação que se move num campo psicopolítico. A filosofia e teorias sociais auxiliam no fundamento de uma interpretação que nos permitirá definir a pós-verdade como um problema de normatização social. Para tal, propomos análise e batismo de um modelo hegemônico de subjetivação que taxaremos de *cinismo comicrático* - que produz um claro problema de justiça -, que se espalha com força de epidemia, decidindo o destino de grandes democracias.

**PALAVRAS-CHAVE:** Filosofia; pós-verdade; psicopolítica; cinismo; ironia.

## **ABSTRACT**

This thesis endeavors to scrutinize the concept of post-truth — and its propositional limits —, popularized within national and international political disputes from 2016 onwards, and submit it to a philosophical perspective, verifying which points of contact are most sensitive links between philosophy and the post-veritative question. What is the truth in such a complex techno-epistemic and political context, in which a supposed post-factual “age” can be heralded? It is also about offering a philosophical reading that complements the majority interpretations of the phenomenon, which are mainly born in the area of communication and technology. The thematic thesis that follows proposes, moreover, an interpretation that moves in a psychopolitical field, where philosophy and societal theories help in the foundation of a hermeneutic perspective that will allow us to define post-truth as a problem of social normativization from a hegemonic subjectivation model that we will classify as comocratic cynicism (and the justice problems which arise from this horizon) and that spreads with the force of an epidemic, deciding the fate of great democracies.

**KEYWORDS:** Philosophy; post-truth; psychopolitics; cynicism; irony.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO: PÓS-VERDADE COMO BAIXA IMUNO(ESPISTEMO)LÓGICA DA SUBJETIVIDADE .....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>PÓS-VERDADE COMO PROBLEMA TECNO-EPISTÊMICO: CONCEITOS E PRÉ-CONCEITOS .....</b>	<b>39</b>
2.1	BUSCANDO ESPAÇO DE ANÁLISE FILOSÓFICA ENTRE O DENSO TRIUNFO TECNOCONDICIONANTE DO FENÔMENO PÓS-FACTUAL..	40
2.2	VERDADE, MENTIRA, FATO OU REALIDADE? O PROBLEMA NA POSIÇÃO DO PROBLEMA .....	59
2.3	UM “PÓS” ATÍPICO: UM PREFIXO POR UM SUFIXO, UM CONCEITO POR OUTRO .....	68
<b>3</b>	<b>PÓS-VERDADE COMO PROBLEMA FILOSÓFICO: É O PÓS-VERDADEIRO FILHO DO PÓS-MODERNO? .....</b>	<b>84</b>
3.1	PÓS-MODERNIDADE: MADRINHA DA PÓS-VERDADE?.....	85
3.2	PÓS-VERDADE: FALSO CONTRÁRIO NECESSÁRIO DO PÓS-MODERNISMO .....	116
<b>4</b>	<b>PÓS-VERDADE COMO PROBLEMA (PSICO)POLÍTICO: O CINISMO COMICRÁTICO INTRODUÇÃO .....</b>	<b>149</b>
4.1	PÓS-VERDADE E PSICOPOLÍTICA .....	150
4.2	PROPOSTA DE INTERPRETAÇÃO PSICOPOLÍTICA DA PÓS-VERDADE ATRAVÉS DE PETER SLOTERDIJK E GILLES LIPOVETSKY: O CINISMO COMICRÁTICO .....	161
<b>4.2.1</b>	<b>Peter Sloterdijk como modelo diagnóstico do cinismo pós-factual .....</b>	<b>164</b>
4.2.1.1	Diagnósticos auxiliares ao cinismo pós-factual: ironia romântica e ironia cibernética .....	166
4.2.1.2	A Crítica da Razão Cínica como modelo diagnóstico ao cinismo pós-factual...	171
<b>4.2.2</b>	<b>A ditadura dos risinhos.....</b>	<b>178</b>
4.2.2.1	Comicracia pós-factual .....	179
4.2.2.2	Gilles Lipovetsky e a sociedade humorística.....	187
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO: PÓS-VERDADE COMO PROBLEMA DE JUSTIÇA? ...</b>	<b>200</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>214</b>

## 1 INTRODUÇÃO: PÓS-VERDADE COMO BAIXA IMUNO(ESPISTEMO)LÓGICA DA SUBJETIVIDADE

*Segundo seu modo funcional primário, os meios de comunicação modernos são muito menos meios informativos do que portadores de infecções<sup>1</sup> (Peter Sloterdijk).*

*[...] baixamos nossas defesas, reprimimos nossa imaginação e abrimos caminho justamente para os regimes aos quais nos prometemos nunca voltar<sup>2</sup> (Timothy Snyder).*

O que é mais caro à filosofia do que o tema da verdade? Que outro conceito foi mais discutido durante a vigência da tradição filosófica do que a ideia de verdade? Seja como desvelamento, revelação, certeza, correspondência, adequação, demarcação científica ou utilidade, dissertar sobre a verdade é, por excelência, exercício filosofante, dado que a filosofia, afirma Jean Greisch (2017), tem necessariamente que lidar com a verdade. O que poderá agora, no que se taxa como “era” pós-factual, vigência política, psicológica e epistêmica da pós-verdade, dizer a filosofia a partir das suas potências hermenêuticas?

Dadas as circunstâncias e a materialidade dos nossos tempos, um esforço filosófico que vise tematizar mais uma vez um conceito que proto-problematiza a ideia de verdade deve, preferencialmente, operar unindo o instrumental epistemológico tradicional às disciplinas pertinentes às estruturas contemporâneas. De antemão, pedem interdisciplinaridade as circunstâncias de produção do real em estruturas hipertecnológicas e supermediatizadas. Em contexto, há: 1) uma atualíssima materialidade de artefatos tecnológicos; 2) uma subjetividade atuante, cínica e irônica, que a tudo relativiza parodicamente; 3) mais uma vez, o tema da verdade e do real e suas manifestações políticas. Esta tese dialoga com as três searas, enfatizando a segunda como problema filosófico.

As categorias tradicionais, os problemas originários, ao receberem vestes contemporâneas, passam impressão de *novum*. Entretanto, é razoável que a inter e a transdisciplinaridade reconheçam ainda função própria à filosofia, a de poder sempre se

---

<sup>1</sup> SLOTERDIJK, Peter. *Las Epidemias Políticas*. Buenos Aires: EGodot, 2020. Kindle Version. Location, 691.

<sup>2</sup> SNYDER, Timothy. *Sobre a Tirania: vinte lições do século XX para o presente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 73.

despojar da materialidade do seu tempo e operar retornos às suas origens, mesmo que não alargue assaz a dimensão do passado, de modo que não seja simplesmente operadora acessória de questões que são amplamente pertencentes e analisáveis por suas próprias lentes. E no trato do objeto desta tese, a filosofia está longe de não atualizar suas potências ou de ser declarada morta. Aliás, no atual cenário de normatização social, segundo nossa análise uma configuração *cínica e comicrática*, concordamos com Deleuze (1992, p. 170) quando afirma que a filosofia “se chegar a morrer, pelo menos será de rir”.

Quais as consequências de mais uma tentativa de golpe nas colunas epistêmicas da verdade, um valor atávico de sociedades de tradição iluminista? “Como vemos, um cenário de pós-verdade desloca, inevitavelmente, o problema da verdade de seu núcleo prioritariamente epistêmico a novos e inesperados núcleos temáticos: político, ético, **psicológico**, sociológico” (MENNA, 2020, p. 5, grifo nosso).

Em 2016, o Dicionário de Oxford (2016) registrou o léxico “pós-verdade” como o de maior importância daquele ano. Não há uma emergência progressiva do conceito ao longo dos anos, mas uma aparição galopante de mais de 2000% no uso do termo, o que a própria direção do dicionário inglês detectou ainda naquele ano. Além de terminologias cunhadas subsequentemente (e a depender da língua de quem as enuncia) por uma série de autores das mais diversas áreas que utilizaremos largamente nesta tese como “pós-factual”, “pós-verdadeiro”, “pós-veritativo” e mesmo “pós-truísta”.

O conceito de pós-verdadeiro que se tornou corrente refere-se àquilo que “denota circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e às crenças pessoais<sup>3</sup>”. Na *era* da pós-verdade, os fatos passaram a precisar de defensores (HARFORD, 2017). Este é um fenômeno que teria se evidenciado após eventos políticos de grande porte, com características tecnopopulistas semelhantes, como a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos<sup>4</sup> e a saída do Reino Unido da União Europeia, o Brexit, e as subsequentes torrentes de negacionismos e correntes epistemofóbicas. Como remarcou Nancy Fraser em seu artigo “From Progressive Neoliberalism to Trump—and Beyond”, de 2017:

À primeira vista, a crise atual parece ser política. Sua expressão mais espetacular está bem aqui, nos Estados Unidos: Donald Trump — sua eleição, sua presidência e a discórdia em torno dele. Mas não há escassez de

---

<sup>3</sup> Cf. Oxford English Dictionary. Disponível em: <https://en.oxforddictionaries.com/definition/post-truth> acesso: 03/01/2017.

<sup>4</sup> Posteriormente, em 2018, a maneira como se deu o processo eleitoral fez surgir uma situação análoga aqui no Brasil. A metodologia estaria solidificada o suficiente para exercer influência também nas eleições de 2022.

casos análogos alhures: o desastre do Brexit no Reino Unido; a declinante legitimidade da União Europeia e a desintegração dos partidos socialdemocratas e de centro-direita que a promoveram; o sucesso crescente de partidos racistas e anti-imigrantes em todo o norte e centro-leste da Europa; e o aumento de forças autoritárias, algumas se classificando como protofascistas, na América Latina, Ásia e Pacífico. Nossa crise política, se é isso o que é, não é apenas americana, mas global<sup>5</sup> (FRASER, 2017, tradução nossa).

De fato, a sintomatologia, o conjunto de sinais, surge de dentro da estrutura de relações entre política e comunicações de massa. “Enquanto as novas redes sociais fomentam uma inflação das mentiras privadas, a esfera política atual está exposta à expansão inovadora das mentiras estatais<sup>6</sup>” (SLOTERDIJK, 2020, p. 23, tradução nossa). Não sem razão, as obras que nascem nas primeiras horas de eclosão do conceito tratam da questão eminentemente a partir de uma tensão entre política, mídia e tecnologia: uma colisão frontal entre o fazer jornalístico tradicional e os novos atores políticos tecnopopulistas usurários do maquinário internacional das redes sociais.

Peter Sloterdijk, autor importante para a construção da presente tese, tratando como campanha de agitação do Brexit o discurso do *leave* de Nigel Farage, afirma que “aquele que consegue incitar o povo mais inteligente do mundo, politicamente falando, a realizar ações contraproducentes de suposta autoafirmação, está fornecendo evidências sobre o poder das epidemias artificiais<sup>7</sup>” (SLOTERDIJK, 2020, p. 49, tradução nossa).

Os eventos pós Trump-Brexit, de junho a novembro de 2016, desempenham material crucial para o início da fenomenologia do pós-factual. É o caso de *Post-Truth: the new war on truth and how to fight back*, de Matthew d’Ancona, colunista de política no *The Guardian* e no *New York Times*, de maio de 2017, texto que acabará se tornando fonte proeminente de consulta sobre o tema. Igualmente é o caso de *Post-Truth: how bullshit conquered the world*, de James Ball, também jornalista do *Guardian*, *Buzzfeed* e *Wikileaks*, também de maio de

---

<sup>5</sup> “At first sight, today’s crisis appears to be political. Its most spectacular expression is right here, in the United States: Donald Trump — his election, his presidency, and the contention surrounding it. But there is no shortage of analogues elsewhere: the UK’s Brexit debacle; the waning legitimacy of the European Union and the disintegration of the social-democratic and center-right parties that championed it; the waxing fortunes of racist, anti-immigrant parties throughout northern and east-central Europe; and the upsurge of authoritarian forces, some qualifying as proto-fascist, in Latin America, Asia, and the Pacific. Our political crisis, if that’s what it is, is not just American, but global.”

<sup>6</sup> “Mientras que las nuevas redes sociales fomentan una inflación de las mentiras privadas, la esfera política actual está expuesta a la expansión innovadora de las mentiras estatales.”

<sup>7</sup> “[...] aquel que puede incitar a que el pueblo más inteligente del mundo, politicamente hablando, lleve a cabo acciones contraproducentes de supuesta autoafirmación, está suministrando pruebas acerca del poder de las epidemias artificiales”.

2017. Outro de maio de 2017 é *Post-Truth: why we have reached peak bullshit and what we can do about it*, de Evan Davis, jornalista e apresentador da BBC de Londres.

A compreensão, a partir daí, incita os jornalistas a liberarem suas primeiras interpretações pensantes sobre quais seriam as bases intelectuais da pós-verdade, como é o caso d’A *Morte da Verdade*, da jornalista Michiko Kakutani, de 2018. Kakutani, ao que parece, indica que o clima de relativismo epistêmico, nascido de fontes pós-modernas e instrumentalizado ao seio das pautas identitárias da esquerda, se tornou estratégia disponível aos interesses da direita populista. Esse será um problema adicional importante da nossa tese uma vez que há aí uma possível indicação, não só perpetrada por Kakutani, mas por um numerário importante de pensadores e pensadoras, do envolvimento direto da filosofia com o tema da pós-verdade. O relativismo, nesta perspectiva, desde a década de sessenta, tomou conta da política desde as guerras culturais (*Science Wars*) nascidas no âmago das universidades.

Alguns corolários simplificados de seu pensamento se infiltraram na cultura popular e foram sequestrados pelos defensores do presidente [Trump], que querem usar seus argumentos relativistas para desculpar suas mentiras, e por direitistas que querem questionar a evolução, negar a realidade das mudanças climáticas ou divulgar fatos alternativos. (KAKUTANI, 2018, p. 34).

Portanto, é mais aparente e proeminentemente um problema desastroso de ordem epistemológica, aliado imediatamente a uma inquietação jornalística com base em uma crise de ciência política, “ou, melhor dizendo, a arte da condução psicopolítica do ser comum” (SLOTERDIJK, 2012, p. 32). É da base epistemológica da Comunicação Social que os principais conceitos iniciais são forjados.

Se considerarmos que a filosofia é uma área do conhecimento cuja história se notabiliza por criar, testar, extrapolar e criticar conceitos, agora, neste caso, não é a filosofia a mãe do conceito de pós-verdade. Todavia, não será raro localizar quem a aponte, na figura da pós-modernidade, notadamente na forma da desconstrução ou qualquer filosofia considerada pós-fundacional, como arcabouço teórico, ideológico e epistêmico de um regime pós-veritativo.

Por isso, não tardarão a chegar os primeiros laudos estritamente filosóficos sobre o tema, como é o caso já em de Lee McYintire (2016), com *Post-Truth*, Maurizio Ferraris em *Postverità e altri enigmi* (2017), Myriam Revault D’allonnes, com *La Faiblesse du Vrai: ce que la post-verité fait à notre monde commun* (2018), e Anna Maria Lorusso, com *Postverità: Fra reality tv, social media e storytelling* (2018). Ainda que não sejam as únicas obras de viés

filosófico sobre o tema, o que as mencionadas terão de relevante e em comum, entre outros elementos dignos de nota, é a ideia de que há um claro *continuum* entre o arcabouço intelectual pós-moderno (o conseqüente clima de relativismo epistêmico) e o momento tecnopopulista pós-verdadeiro.

Filósofos e não filósofos comungarão da ideia de que a direita populista emulou o ideário das filosofias identitárias pós-modernas e, de agora em diante, os instrumentos filosóficos das ideologias de emancipação se quedaram a serviço de políticas negacionistas, mescladas às tecnologias de informação, que pedem reconhecimento no debate político contemporâneo, dando o élan de atuação da “midiosfera extremista no cenário político contemporâneo e sua responsabilidade no avanço transnacional da extrema direita” (CASTRO ROCHA, 2022). Inseriremos essa tese no caminho de uma espécie de “pós-modernidade reflexiva”, uma análise, crítica, auto-crítica e defesas acerca dos métodos impetrados pelos discursos desconstrutivistas e suas possíveis conseqüências caso apropriados por grupos conservadores pós-verdadeiros.

Aqui temos uma das faces prototeóricas<sup>8</sup> mais relevantes para o procedimento de uma análise filosófica da pós-verdade. É como se a baixa epistemológica tivesse sido provocada justamente pelo esforço intelectual das requisições por justiça social e pluralismo, abrindo a senda de passagem ideal para forças regressivas oportunistas cujo ressentimento, um “mistério psicopolítico do século XX” (SLOTERDIJK, 2012, p. 40), reunirá energias psíquicas para retornar a um estado de valores mais simples e antigos e, em sua cortina de fumaça, ainda fará o organismo social inteiro desconfiar que a culpa seja da própria luta emancipadora (em suas extravagâncias relativistas) e não das afecções populistas situacionistas.

Procede esta tese? É razoável responsabilizar precisamente a filosofia pelo problema, justamente a área do saber humano intercambiadora tradicional de argumentos e contra-argumentos em grandes democracias? Será a pós-verdade um desenvolvimento de uma crise de relativismo epistêmico causado por pautas pós-modernas ou uma reação regressiva de caráter reacionário, incorporando cinicamente o procedimental de filosofias pós-fundacionais?

[A pós-verdade] se aproveita de uma percepção social de que há um excesso de indefinições contido em termos como: politicamente correto, relativismo, multiculturalismo, igualitarismo, coletivismo, ecologismo e secularismo. Contra isso será preciso voltar a um estado personalista da verdade, resgatar

---

<sup>8</sup> Há uma prototeoria sobre a pós-verdade bem categorizada pelo pesquisador da área de comunicação Eric Veiga Andriolo na obra *Estratégia Pós-verdade*, de 2021, com a qual comungaremos nesta tese.

suas raízes na família, retomando o tempo em que a verdade era definida pela identidade do autor que a enuncia. (DUNKER, 2017, p. 40-41).

No que tange ao negacionismo científico, predicado do qual o pós-modernismo sempre se viu acompanhado devido às suas refregas epistemológicas e guerras contra a ciência, atentemos à ideia, por exemplo, de que os *antivax* ao redor do globo sustentavam a ideia (absolutamente não científica) de que as vacinas, durante o período pandêmico, eram títeres ideológicos de cada país produtor.

Uma das afirmações mais comuns daqueles que não gostam de algum resultado científico em particular é que os cientistas que obtiveram os resultados não eram imparciais [...] Desafortunadamente, este não costuma ser o caso. De fato, é bastante comum que aqueles que se opõem a certos resultados científicos particulares apliquem com total naturalidade suas *próprias* provas definitivas em diferentes áreas de investigação [...] sob o disfarce da “amplitude de pontos de vista” e a “imparcialidade”. O objetivo aqui é a intenção cínica de minar a ideia de que a ciência joga limpo e fazer surgir dúvidas sobre o fato de que a investigação empírica pode ser valorativamente neutra<sup>9</sup> (MCINTYRE, 2018, p. 18, tradução nossa).

A presente tese se esforça adicionalmente em apontar que a própria apropriação da base epistemológica pós-moderna por parte dos líderes e asseclas populistas é apenas uma estratégia, absolutamente cínica, de combater as pautas identitárias da esquerda utilizando as próprias armas utilizadas à esquerda na busca por impor seus relatos pós-veritativos dentro do jogo democrático: uma pura e simples apropriação em causa própria.

Não é a intenção de pesquisa do presente trabalho, mas podemos indicar que a base sólida ideológico-epistemológica de uma política pós-verdadeira, em questionamento ao que afirmam alguns jornalistas e filósofos, pode ser encontrada autenticamente no que se taxa hoje como Tradicionalismo, não nos sistemas de ideias pós-modernas. Ao investigar de perto a filosofia tradicionalista do filósofo russo Alexándr Gélievitch Dúgin, Benjamin Teitelbaum, autor de *War for Eternity*, de 2020, descreve:

De fato, um repórter da BBC certa vez perguntou a Dugin sobre o conflito na Síria e se ele acreditava nas informações divulgadas pela mídia estatal russa. Dugin respondeu com um monólogo citando filósofos pós-modernos

---

<sup>9</sup> “Una de las afirmaciones más comunes de aquellos a quienes no les gusta algún resultado científico en particular es que los científicos que obtuvieron esos resultados no eran imparciales [...] Desafortunadamente, este no suele ser el caso. De hecho, es bastante común que aquellos que se oponen a ciertos resultados científicos particulares apliquen con total naturalidad sus *propias* pruebas definitivas en distintas áreas de investigación [...] bajo el disfraz de la ‘amplitud de miras’ y la ‘imparcialidad’. El objetivo aquí es el intento cínico de socavar la idea de que La ciencia juega limpio y hacer surgir dudas sobre el hecho de que la investigación empírica pueda ser valorativamente neutral”.

ocidentais e atacando o conceito de “fatos”. Ele disse que a verdade é relativa. Os Estados Unidos têm direito ao seu senso de verdade sobre a Síria, mas, enquanto isso, “temos nossa verdade russa especial<sup>10</sup>” (TEITELBAUM, 2020, p. 180, tradução nossa).

Veremos à frente que estamos tratando de uma subjetividade cínica, cuja afecção principal é o excesso de ironia que a tudo relativiza parodicamente e é em torno disso que giraremos. Não a ironia socrática, nem o ironismo liberal de Rorty, se não uma ironia cínica que deprecia ludicamente os efeitos da crítica, dos fatos e da verdade.

Claro que no atual cenário de produção hipertecnológica do real, um verdadeiro problema tecno-epistêmico, e as suas consequências mais visíveis no palco da política, a tradicional diferença entre verdade e mentira está tão claramente posta em curto-circuito que o conceito de pós-verdade vem como um alerta público, uma tentativa inicialmente agonizante da grande área de Comunicação de chamar a atenção para o fato de que não há mais sentido em utilizar a ideia de verdade após sucessivos choques informacionais contagiados globalmente por falsos intencionais que inundaram o campo da política, conformando opinião pública e decidindo destinos de grandes democracias. É porque as comunicações *viralizam* cada vez mais e as *fake news* são a aparição sintomatológica mais evidente que se pode afiançar que “a democracia é a emergência da epidemiologia” (SLOTERDIJK, 2020. Paginação irregular). Como publicado na revista *Nature* em 2016:

A propagação de tais informações através de redes sociais tem muitas semelhanças com a evolução e transmissão de doenças infecciosas. A análise da dinâmica da transmissão poderia, portanto, fornecer uma visão de como a desinformação se espalha e compete on-line. Por exemplo, as linhagens de doenças podem evoluir e competir em uma população hospedeira, como rumores, e as infecções e opiniões são ambas moldadas por contatos sociais. A modelagem das cepas de doenças concorrentes indica que, à medida que os contatos se tornam mais localizados, a diversidade das cepas circulantes pode aumentar<sup>11</sup> (KUCHARSKI, 2016, tradução nossa).

O quadro também determina a vida e a morte dos cidadãos. Não sem motivo, em ambiente de pandemia de COVID-19, Tedros Adhanom Ghebreyesus, Diretor-Geral da Organização Mundial de Saúde, afirmou em Conferência de Segurança de Munique, em

---

<sup>10</sup> “Indeed, a BBC reporter once asked Dugin about the conflict in Syria and whether he believed in the information being pushed by Russia state media. Dugin responded with a monologue citing Western postmodern philosophers and assailing the concept of ‘facts’. He said that truth is relative. The United States has a right to its sense of truth about Syria, but meanwhile, ‘we have our special Russian truth’.”

<sup>11</sup> “The propagation of such information through social networks bears many similarities to the evolution and transmission of infectious diseases. Analysis of transmission dynamics could therefore provide insight into how misinformation spreads and competes online. For example, disease strains can evolve and compete in a host population, much like rumours, and infections and opinions are both shaped by social contacts. Modelling of competing disease strains indicates that, as contacts become more localized, the diversity of circulating strains can increase”.

fevereiro de 2020, que "não estamos apenas lutando contra uma epidemia. Estamos lutando contra uma *infodemia*. *Fake news*<sup>12</sup> se espalham mais rápido e mais fácil do que esse vírus e são igualmente perigosas<sup>13</sup>" (GHEBREYESUS, 2020, grifo nosso, tradução nossa). Essa generalizada tentativa de chamada de atenção faz-se como verdadeiro sistema imunológico convocado, e "por isso, a pós-verdade é, no fim das contas, um problema de saúde pública<sup>14</sup>" (NOGUÉS, 2018, paginação irregular, tradução nossa), no qual se desperdiça vidas e sacrifica-se a natureza epistemológica e cognitiva da verdade.

Temos então o que um cenário até então imerso em um "novo normal" se construía, contudo, é na pandemia que comumente se anuncia essa novidade. Se a pós-verdade é o "novo normal", a pandemia mostra sua pior face com o peso do adoecimento global na era da pós-verdade e o descrédito na ciência. O caos da ciência moderna por um triz estaciona a verdade em uma via crítica onde a negação é a doença da cegueira cognitiva (a doença a-epistemológica) em um ano de doença natural. O delírio coletivo é também uma nova regra, parte fundamental da crise cognoscente do sujeito cognoscível, logo, estamos doentes e renegados da verdade na plenitude da tecnociência informativa, estamos mediante um "novo normal" distópico. (SANTO BRANDÃO, 2020, p. 78).

Como se a eficácia da verdade, seus sistemas de homeostase tradicionais — atividades de checagem, jornalismo de investigação, exposições empíricas, comprovações da ciência, opinião de especialistas — não figurasse mais na esfera pública como método eficiente para profilaxia informacional, esclarecimento na opinião pública, tendo as agências de *fact checking* como as primeiras propostas de vacinação. Como se, de agora em diante, o falso fosse critério do falso e só o falso pudesse fazer frente ao não verdadeiro. O que representa no jogo político brasileiro, em se tratando das campanhas presidenciais de 2022, a presença de um ator político como André Janones combatendo fake news<sup>15</sup> com métodos semelhantes?

Numa dimensão viral, como metáfora de desregulação ou de metástase, [...] cada jogador — pois há jogo, embora perverso, maligno, em campo — responderia ao falso com outro falso ou com doses sempre mais elevadas de falsificação. Só o falso seria capaz de neutralizar o falso na medida em que o verdadeiro se tornaria impotente para enfrentar a proliferação acelerada do seu oposto. (MACHADO DA SILVA, 2019, p. 43).

---

<sup>12</sup> Cf. *Após uso de kit covid, pacientes vão para fila de transplante de fígado*. Disponível em: [www.otempo.com.br/brasil/apos-uso-de-kit-covid-pacientes-va-para-fila-de-transplante-de-figado-1.2462972](http://www.otempo.com.br/brasil/apos-uso-de-kit-covid-pacientes-va-para-fila-de-transplante-de-figado-1.2462972). Acesso em: 23 mar. 2021.

<sup>13</sup> GHEBREYESUS, Tedros Adhanom. Munich Security Conference at world health organization in 15 February 2020. "But we're not just fighting an epidemic; we're fighting an infodemic. Fake news spreads faster and more easily than this virus, and is just as dangerous".

<sup>14</sup> "Por esto, la posverdad es, al fin y al cabo, un problema de salud publica".

<sup>15</sup> Cf. Janones adota tática bolsonarista e espalha fake news. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/10/12/tatica-eleitoral-janones-redes-sociais.htm> acesso em 14 nov. 2022.

Em 2016, na primeira hora de eclosão das percepções conceituais sobre a pós-verdade, a filósofa estadunidense Kathleen Higgins (2016), também expôs à revista *Nature* a necessidade dos filósofos e da comunidade científica se concentrarem sobre o conceito de pós-verdade, dado que claramente não se trata mais do clichê das falsas promessas políticas. Segundo a autora, essa lógica, que ainda manteria a honestidade como a posição padrão, já não é uma expectativa válida. Higgins reconhece que grande parte do público ouve apenas o que deseja ouvir, porque muitos sujeitos compõem seus repertórios de informações a partir de fontes com cujo viés cegamente consentem.

Há, deste modo, algo acontecendo entre os receptores, uma moléstia generalizada, que, doravante, vela “ironicamente” a chegada da informação com o mínimo de acerto e rigor, narcotiza a percepção dos fatos, oblitera mesmo a mais clara das evidências e, aparentemente, escapa às clássicas ideias de manipulação e alienação. “A força que uma mentira nesse ambiente pode adquirir entre as pessoas depende não de evidências, mas da sensação: o sentimento é a essência da cultura da pós-verdade” (GUEIROS, 2018. Paginação irregular), e estamos longe da imunização infodêmica de rebanho.

Um dos elementos dessa generalizada falta de acerto é a capacidade de aderência à diminuição humorística da gravidade da verdade e dos fatos, uma crônica depreciação lúdica de qualquer valor sério que se daria à crítica, que não pode mais trabalhar numa cultura onde o máximo de problematizações nasce já com a obrigação de fazer rir, não pensar. Dedicaremos uma seção desta tese ao que o pensador francês Gilles Lipovetsky chama de “sociedade humorística”.

Esta tese é também uma crítica à grande área de Comunicação e às mídias como detentores do pensamento sobre a opinião pública e como articuladores de poder. Os grandes meios de comunicação, não recentemente em crise com a tradicional promoção de objetividade, vêm sofrendo o impacto do universo digital com o pujante movimento das redes sociais e as múltiplas formas e plataformas de repassar notícias em meio a um célere ritmo informacional de caráter algorítmico.

Houve uma grande baixa de imunidade crítica quando, ademais, um número incalculavelmente maior de atores sociais passou a participar da “construção da realidade”, dado que “o jornalista perdeu a monopólio da novidade” (OLIVEIRA, 2012, p. 10) e os intelectuais, assim como os demais agentes críticos, se encontram à beira da impotência. A intelectualidade no contexto atual, a propósito, é um mercado cujas ofertas mais consumidas saem das *inteligências* de humoristas, *youtubers*, *tiktokers*, *influencers* e religiosos: doxocratas atualizados. À filosofia tem restado a *youtubificação* do pensamento de alguns

afiliados cuja fama consiste em adaptar o filosófico a uma sorte de platitudes comerciais ou autoajuda, o que o pensador romeno Emil Cioran (1989, p. 168) chamaria de “empresário de ideias”.

O trabalho intelectual está bem dividido, ideias para pobres e para ricos conforme necessidades ideológicas. Intelectuais que conseguem apresentar os conceitos mais palatáveis ou mais redentores são os que fazem mais sucesso no mercado onde as ideias viram mercadorias do mesmo modo que um pastor em uma igreja vende o seu peixe e ganha seu dízimo. (TIBURI, 2017, p. 101).

Para dar ainda mais a dimensão da situação “pandêmica”, na era do periodismo digital, sustenta François Fogel (2007), jornalista é, em nossos tempos, aquele a quem o público designar como tal, mesmo aqueles que sustentam convicções pós-verdadeiras: mentiras democraticamente circulantes em bolhas (PARISER, 2012) de contágio. “Esta usurpação do papel do jornalista contribui para que a pós-verdade na internet distribua valorações de assuntos públicos dentro do fluxo constante na velocidade de click<sup>16</sup>” (MÉNDEZ-MAJUELOS; CASTAÑEDA, 2019, p. 105-106, tradução nossa).

Essa não é uma pregação antidemocrática que elitiza quem pode ou não acessar os fatos e reinar sobre sua comercialização. Afinal, em democracia a liberdade de expressão é direito áureo. Mas a questão é: todos podem informar tudo, em qualquer formato e sem qualquer comunidade de critério? Isto nos leva a um problema adicional, que deveria preocupar mais aos jornalistas do que aos filósofos: houve uma quebra no monopólio tradicional de produção das *fake news* quando “gente que não sabe segurar um microfone ou que nunca fez uma entrevista se arroga poderes para ditar o que acontece fora das redações, no mundo real” (CARVALHO, 2004, p. 13).

A mídia teria sido padrão das *fake news*? Estas, com novas técnicas de falsificação, estariam obrigando a mídia a tentar recuperar o terreno perdido? As matérias chamadas de “caça-cliques”, com as quais, por meio de títulos sensacionalistas, jornalistas tentam atrair o interesse dos internautas mostram que as *fake news* são o novo padrão da atividade? (MACHADO DA SILVA, 2019, p. 37).

Como afirmou em entrevista o célebre ator norte-americano Denzel Washington (2016, transcrição e tradução nossas): “se você não lê as notícias é desinformado, se as lê

---

<sup>16</sup> “Esta usurpación del papel del periodista contribuye a que la posverdad en Internet se distribuya valoraciones de asuntos públicos dentro del flujo constante a velocidad de click”.

ficará mal informado<sup>17</sup>”. Mas seria improfícuo para uma análise filosófica regionalizar o jornalismo como fonte principal de produção epidêmica da subjetividade que alvitramos esquadrihar. A mídia como um todo é também responsável pelo quadro atual e, em momento oportuno, trataremos do cinismo da informação, mas a estrutura desse fenômeno é bem maior.

Seria ociosa toda reflexão sobre se o jornalismo seria um solo frutífero melhor para o cinismo do que os institutos de relações públicas, os estúdios de design gráfico, as agências de publicidade, as produtoras de filmes, os escritórios de propaganda política, as redes de televisão ou os estúdios da imprensa masculina. O que está em questão é experimentar por que o cinismo, juntamente com as necessidades naturais, pertence justamente aos riscos profissionais e às deformações profissionais daqueles cujo trabalho é produzir imagens e informações sobre a "realidade". (SLOTTERDIJK, 2012, p. 411).

Mesmo os teóricos da comunicação, analisando continuamente sua própria responsabilidade sobre a crise generalizada, reconhecem a necessidade de escuta das análises de outras ciências e hermenêuticas. Claro que a Comunicação Social já de pronto oferece soluções instrumentais a partir da sua própria dinâmica de atuação, analisando conteúdo, plataformas e observando a ética jornalística. É sua missão, portanto, combater os produtores, emissores e cúmplices usuários de pós-verdades. Mas há sempre algo, uma percepção que corre em direção a algo mais profundo e que causa inquietação nesses teóricos. Como assinala a jornalista do *El País* Jacqueline Fowks, em *Mecanismos de la Posverdad* (2017), entendendo que há a necessidade de análise das subjetividades além do maquinário político-midiático:

Tratei neste livro sobre o modus operandi e as motivações dos usuários e promotores da pós-verdade, seus interesses, objetivos e suas posições de poder. No entanto, **não incluí na indagação por que tantos milhões de pessoas creem nestas versões manipuladas ou falsas**. Teria que ser este outro estudo e com aporte de **mais disciplinas**<sup>18</sup> (FOWKS, 2017. Paginação irregular, tradução nossa, grifos nossos).

A priori, afirmamos que o que se classifica presentemente de *fake* não é um fenômeno estranho nem do ponto de vista metafísico nem do ponto de vista antropológico: mostra-se em todos os lugares e épocas. A comida, os livros didáticos, as notícias, as relações sociais, a música, os motivos da guerra: cada setor é historicamente inundado de contornos de

<sup>17</sup> THE DUDE, *Denzel Washington Blasts the Media on Dishonesty and 'Fake News'*. Youtube, 13 de dezembro de 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=bwnNrr9RO2Y> Acesso em 03/07/2017.

<sup>18</sup> “He tratado en este libro el modus operandi y las motivaciones de los usuarios y promotores de la posverdad, sus intereses, objetivos y sus posiciones de poder, sin embargo, no incluí en la indagación por qué tantos millones de personas creen en estas versiones manipuladas o falsas. Ese tendría que ser otro estudio, y con el aporte de más disciplinas.”

inautenticidade. Tudo nem sempre tão bem velado, mas travestido com os adornos da verdade. Presidentes, ministros, líderes religiosos, ONGs, sistemas de governos, instituições de ensino, jogadores de futebol, casamentos, golpes de estado, caridade. Unhas e cílios postiços, camuflagem militar, músculos preenchidos com óleo mineral, amizades por interesse, acordos econômicos, promessas de prefeituras e empreiteiras.

Nesse ambiente humano invariavelmente em conflito com o real, os fatos e o verdadeiro, o conceito e o fenômeno de pós-verdade não pareceriam causar espanto. Mas, como afirma o ex-presidente uruguaio, Pepe Mujica (2015, transcrição e tradução nossas), “é preciso ter memória para não repetir o mesmo. Eu conheço o bicho humano! É o único animal que tropeça vinte vezes na mesma pedra e cada geração aprende com o que lhe toca viver e não como viveram outros<sup>19</sup>”. Não causaria espanto o fenômeno, salvo se a subjetividade que o percebe (e perpetra) não fosse cínica e ironista. Há um talento de falsário inscrito na espécie. Ou importa mais a verdade agora do que no ato da condenação de Sócrates por vias judiciais *fake*? Como afirma o best-seller Yuval Noah Harari (2018, p. 202):

Sempre vivemos em uma era da pós-verdade. O *Homo sapiens* é uma espécie da pós-verdade, cujo poder depende da criação e crença em ficções. Desde a era da pedra, mitos foram reforçados a serviço da união da coletividade humana. Realmente, o *Homo sapiens* conquistou este planeta graças, sobretudo, à habilidade humana única de criar e disseminar ficções. Somos os únicos mamíferos que podemos cooperar com inúmeros estranhos porque podemos inventar histórias ficcionais, espalhá-las e convencer milhões de outros a acreditar nelas.

Mas, para além de um pessimismo metafísico ou uma constatação estrutural da espécie, entrará o fenômeno para a história dos erros coletivos, mas com contornos de certa novidade? Sem dúvidas, e o fato precisa ser relevado, a equiparação entre o pós-factual e a mentira, tal qual a conhecemos comumente, é incompleta, dado que no ato tradicional da mentira há o horizonte do verdadeiro: há uma verdade contra qual o mentiroso deve reverência e trabalho. “Nenhuma declaração falsa é inata. A mentira sempre contém uma deliberada oposição ao dever de dizer a verdade, um dever que se reafirma nas altas culturas com uma explicitude patética<sup>20</sup>” (SLOTTERDIJK, p. 8, tradução nossa). Bem por isso, num contexto poliperspectivizado, o conceito de “fato alternativo” arroga para si lugar na discussão política.

---

<sup>19</sup> HUMAN O FILME. *Entrevista com José - URUGUAI - #HUMAN*. Youtube, 11 de set. 2015. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=FpfsXQKG8vY> acesso em 24/09/2018.

<sup>20</sup> “Ninguna declaración falsa es innata. La mentira siempre contiene una deliberada oposición al deber de decir la verdad, un deber que se reafirma en las altas culturas con una patética explicitud.”

O termo “fatos alternativos” (*alternative facts*) logrou notoriedade através da fala de Kellyanne Conway, conselheira presidencial de Donald Trump em uma entrevista ao programa *Meet the Press* em janeiro de 2017<sup>21</sup>. Na ocasião, ela sustentaria, não sem gaguejar ao proferir o conceito, uma declaração falsa do Porta-voz da Casa Branca, Sean Spicer, sobre o número recorde de pessoas presentes à posse de Trump à cadeira de Presidente dos Estados Unidos. Não havia dúvidas de que aquela posse não era a mais numerosa da história do país. A aceitação aberta de informações contraditórias sob o signo de “verdades alternativas” não repudiadas socialmente e cuja facilidade de checagem exacerba o cinismo de informação proporciona aos articuladores pós-factuais a liberdade de “mentir ao dizer a verdade como [...] também dizer a verdade ao mentir” (SAFATLE, 2008, p. 72).

Na internet, todos os pontos de vista, sejam eles de um Prêmio Nobel ou de um inculto, têm a mesma autoridade. A opinião deste pode até ter mais influência do que a opinião daquele porque geralmente é formulada de forma mais emocional, garantia de viralidade (LACHNITT, 2019, Paginação irregular, tradução nossa)<sup>22</sup>.

Há quem prefira “denominar [fato alternativo como] falsidades ancoradas nas emoções” (FOWKS, 2017, paginação irregular), dada sua clara violência conceitual e conteúdo ironizado. Não é necessária uma profunda discussão em nível filosófico para entender que o conteúdo falso de uma falsa notícia, rumor ou boato segue sendo não verdadeiro. E ainda mais: a questão está longe de ser uma novidade. Bem antes das eleições estadunidenses de 2016 ou da explosão das redes sociais e dos algoritmos, ainda no ano de 2008, o jornalista Farhad Manjoo publica a obra *True Enough: Learning to Live in a Post-Fact Society* (grifo nosso), na qual propõe o seguinte questionamento:

Como interpretamos a prova documental em um mundo agora saturado de vídeos, fotos e gravações de áudio; como decidimos em quem acreditar em uma era em que “especialistas” de qualidade desconhecida dominam todas as discussões sobre notícias; e como os meios de comunicação reagem a todas essas mudanças, como são levados a ceder às nossas ideias preconcebidas sobre a sociedade? Tentei responder a uma pergunta-chave: como tantas pessoas que vivem no mesmo lugar podem ver o mundo de maneira tão diferente?<sup>23</sup> (MANJOO, 2008, p. 10, tradução nossa).

---

<sup>21</sup> Cf. Kellyanne Conway: Press Secretary Sean Spicer Gave 'Alternative Facts' | Meet The Press | NBC News. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VSrEEDQgFc8>. Acesso em: 22 jan. 2018.

<sup>22</sup> “Sur Internet, tous les points de vue, qu'ils émanent d'un prix Nobel ou d'un bétotien, ont la même autorité. L'avis de celui-ci peut même avoir plus d'influence que l'opinion de celui-là car il est généralement formulé plus émotionnellement, gage de viralité”.

<sup>23</sup> “How we interpret documentary proof in a world now glutted with videos, photos, and audio recordings; how we decide whom to believe in an era in which “experts” of unknown quality dominate every news discussion; and how news media outlets react to all these changes, how they're driven to pander to our preconceived ideas

A propósito do contexto de nascimento e de batismo do conceito e da prática do “fato alternativo”, os que possuem a mínima experiência na área de Publicidade e Propaganda, no entanto, não vislumbrarão, além, claro, da sofisticação tecnológica, nada mais do que uma edição revigorada das técnicas de *deformação quantitativa*. Guy Durandin, *n’As Mentiras na Propaganda e na Publicidade*, assevera que a propaganda e a publicidade recorrem frequentemente à mentira “porque seu papel é o de exercer uma influência e, apenas acessoriamente, levar informações. As informações aqui são apenas meios de exercer a influência [...]. Pouco importa, no limite, se o que se diz é em si mesmo verdadeiro ou falso” (DURANDIN, 1997, p. 24).

As deformações quantitativas por **exageração e minimização** são frequentes em propaganda e publicidade; e essa frequência acontece porque são fáceis de praticar. O emissor que exagera poderá ser corrigido pelos ouvintes bem informados, mas não provocará indignação, ao contrário do que ocorreria se dissesse coisas totalmente falsas. Uma afirmação falsa, quando se detecta essa falsidade, dá a impressão de que o orador está nos caçoando, ou que estamos desorientados, e as duas situações são desagradáveis; a exageração, por seu lado, corre mais risco de ridicularizar o orador do que seus ouvintes [...]. A exageração e a minimização não costumam produzir maiores problemas psicológicos. Seus efeitos dependem do grau de informação da população considerada e de seus anseios. Entretanto, espantam certos casos em que exageros enormes foram cometidos. (DURANDIN, 1997, p. 126-127, grifo nosso).

O que, com efeito, significa que, em certa medida, um talento histórico da humanidade em seu proceder político chega a uma etapa megafonizada (SAUNDERS, 2007) e o “custo da comunicação estúpida é diretamente proporcional à onipresença da mensagem<sup>24</sup>” (SAUNDERS, 2007, p. 15, tradução nossa) o que se torna ainda mais grave quando falamos das profundas sofisticações técnicas ilusionistas, como no caso das *Deepfakes* (CHADWICK, VACCARI, 2020). Bem por isso, alinha Durandin que, em política jamais bastaria dizer a verdade, uma vez que “não basta dizer a verdade para ser acreditado, é necessário também que o que se diz pareça verossímil para a população a que se dirige” (DURANDIN, 1997, p. 25).

Além da produção de mentiras técnicas e circulação de cultura abertamente agnatológica (BLOCK, 2019, p. 34), preferiremos aqui evocar a noção de epistemofobia ou veritafobia, um grande pacto ficcional, cínico e irônico, uma novelização coletiva, em escala

---

about society? I’ve tried to answer a key question: How can so many people who live in the same place see the world so differently?”

<sup>24</sup> “The cost of dopey communication is directly proportional to the omnipresence of the message.”

massiva, um  *fingimento lúdico compartilhado* (SCHAEFFER, 2002), espreado com a amplitude de uma epidemia. Dirá Vladimir Safatle que não se trata — fazendo nota ao tratamento adorniano sobre indústria cultural e as estruturas de comunicação de massa — de “processos unívocos de ‘manipulação’ que desconsiderariam a multiplicidade possível dos modos de recepção e de ressignificação. Ela diz respeito às consequências de processos de socialização mediados por conteúdos previamente ironizados” (2008, p. 100).

Não será a pós-verdade mais uma etapa “teatrocrática” do jogo político democrático, como indicado por Platão nas *Leis*<sup>25</sup>? “[O] começo da supremacia da opinião cega e ignara do público no domínio artístico” (OLIVEIRA, 2011, p. 199)? Uma clara marca “[d]o nosso tempo e, em particular, o jogo político, a geopolítica, [que tem a ver] com o simulacro: a obscenidade dos sentimentos e das emoções supostamente ditas em nome do povo enquanto este já não se sente mais representado por esta elite inchada e bufona” (MAFFESOLI, 2021). Não são as *fake news* mais um instrumento de condução política na mão de novos governos caquistocráticos?

Acerta a esmagadora maioria das análises quando se move no entendimento da pós-verdade como um elemento que ultrapassa as análises tradicionais sobre a mentira. Nem a má-fé e nem a hipocrisia como máscaras de insinceridade compreendem de todo o fenômeno, porque, num contexto pós-factual hipertecnológico, “a essência do falso não é a falsidade, mas, quem sabe, a sua competência para simular veracidade” (MACHADO DA SILVA, 2019, p. 44-45).

Assim, o episódio pós-factual, sustentará nossa tese, é um desenvolvimento ulterior de uma estrutura de racionalidade cínica, que, em um meio ambiente tecnológico, encontrou largo nicho de hospedagem. Aos contagiados e aderentes, a solução à política pós-verdadeira não consiste em levar a chama da verdade, não funcionaria. E isto não é novo! Não se pode desconsiderar que, por sua natureza, “a opinião pública compra qualquer coisa, inclusive conhecimento verdadeiro” (DUNKER, 2017, p. 23).

Consequentemente, mesmo quando expostos a cálculos racionais de custo-benefício, opiniões de especialistas, fatos verificáveis claros ou ameaças de danos futuros, os adeptos da pós-verdade permanecem firmemente comprometidos com suas crenças já sustentadas. Isso ocorre porque mais do que apenas cálculos desapaixonados estão acontecendo: a adesão tornou-se

---

<sup>25</sup> C.f PLATÃO, *Leis*, 701 A.

parte do orgulho e da aspiração de uma pessoa, permitindo cobrir seu déficit de existência<sup>26</sup> (KALPOKAS, 2019, p. 16, tradução nossa).

Por isso, nos questionamos acerca do que há de realmente surpreendente neste diagnóstico que vem junto ao conceito de pós-verdade. Qual a verdadeira questão psicológica com a qual os jogos políticos e a vida cotidiana já não tenham se deparado quando observados os comportamentos dos homens na produção e fluxo de informação em sociedades democráticas? Os apelos a emoções e crenças pessoais, sobre os quais fala o dicionário de Oxford, são novidades na produção de energias políticas em sociedades de comunicação de massa?

Já no começo do século XX, o famoso crítico do jornalismo Henry Louis Mencken, elaborando sua própria psicopolítica das massas informativas, ao analisar a degradação do fazer jornalístico e o crescimento desordenado de jornais meramente comerciais, é bastante duro com a audiência passiva dos consumidores de informação, que não os vê como outra coisa senão como adeptos das emoções, privados da verdade e sedentos por confirmação de suas crenças. Do ponto de vista histórico, as massas pós-verdadeiras não são novidade de um contexto hipertecnológico.

O que aflige primariamente os jornais dos Estados Unidos [...] é o fato de que o gigantesco desenvolvimento comercial desses jornais os obriga a atingir massas cada vez maiores de homens indiferenciados, e o de que a verdade é uma mercadoria que essas massas não podem ser induzidas a comprar. As causas disso estão enraizadas na psicologia do *Homo boobus* [...]. As ideias que lhe entopem a cabeça são formuladas por um **processo de mera emoção** [...]. **O que lhe agrada mais no departamento de ideias — e, daí, o que ele tende a aceitar como verdadeiro — é apenas o que satisfaz aos seus anseios principais.** (MENCKEN, 2009, p. 119-120, grifo nosso).

Além dele, observava Freud em 1927, no texto *O futuro de uma Ilusão*, que “as massas são ignaras e indolentes, não gostam de renunciar aos instintos, argumentos não as persuadem [...] os argumentos são ineficazes contra suas paixões” (FREUD, 2014, p. 136). Observamos, portanto, que se trata de algo que está além de uma questão de educação, conhecimento ou de uma crise epistemológica.

---

<sup>26</sup> “Hence, even when exposed to rational cost-benefit calculations, expert opinions, clear verifiable facts, or threats of future harm, adherents of post-truth deep plays remain staunchly committed to their already held beliefs. That is because more than just dispassionate calculations are taking place: adherence has become part of one’s pride and aspiration, allowing one to cover their deficit of existence.”

Há uma revisita psicopolítica atualizada e que não necessariamente nos remete à irracionalidade, mas a uma escolha: deixar-se balizar por crenças e emoções. Não é de forma alguma surpreendente entender a política como “um jogo de afetos pessoais, mitos vazios, performances midiáticas, barulho odioso, slogans, bandeiras, jargões” (GOMES, 2020, p. 24). Taxar de ingenuidade ou enquadrar como alienação são apenas maneiras de romantizar um processo mais profundo. Optar por uma navegação epistemológica cotidiana que privilegia vieses de confirmação é irracionalidade ou cinismo? A respeito disso, remarca Vladimir Safatle (2019, grifo nosso), comentando as recentes cisões políticas brasileiras:

Não há no horizonte nenhuma conciliação possível [...]. Nós estamos indo em direção a uma colisão. E uma colisão [...] não [...] porque o outro lado é ignorante [ou] porque o outro lado não consegue entender, não sabe história... **Ele fez uma opção clara.** Absolutamente clara<sup>27</sup>.

Observa Ralph Keyes, considerado um dos pais<sup>28</sup> do vocábulo no livro *Post-Truth Era*, de 2004, reconhecendo a dificuldade de definir o cerne do tema, que “na era da pós-verdade não temos apenas verdade e mentiras, mas uma terceira categoria de declarações ambíguas que não são exatamente a verdade, mas que não chegam a ser uma mentira”<sup>29</sup> (KEYES, 2004, p. 17). Keyes, não conseguindo definir a contento o edulcorado conceito de pós-verdade, não vê que “não há interesse na história, ela está sendo desconstruída, e a única ação de sentido que importa é agregar força humana e desejo ao próprio sistema de referências, numa grande rede de mentiras” (AB’SÁBER, 2021, p. 53).

Ainda que não seja estritamente possível obter o conceito de pós-verdade a partir do conceito de mentira, negar o pano de fundo falsificador do pós-factual é negligenciar um predicado essencial do problema. Por isso a definição de Keyes é vaga e não nos indica se está se tratando de uma crise de ontologia ou de epistemologia, de um modo totalmente novo de apreensão do real ou se estamos lidando uma questão de ética, retórica ou psicologia.

Posta está uma crise em formato de uma verdadeira epidemia: mas que tipo de infecção? De saída, eis a principal questão em torno do conceito de pós-verdade: sua obscuridade e posição ambíguas. Reforçamos: trata-se da contemporaneização da mentira na política? É linguagem exclusiva de um só viés político-partidário? Devem-se creditar às

---

<sup>27</sup> Disponível em: [https://youtu.be/E9GWv\\_ymJeQ](https://youtu.be/E9GWv_ymJeQ). Acesso em: 23 mar. 2020.

<sup>28</sup> O termo já havia sido utilizado, em 1992, na revista *The Nation* pelo dramaturgo e roteirista Steve Tesich para apontar ao escândalo do Irã e da Guerra do Golfo, observando que “como povos livres, decidimos livremente que queremos viver em algum mundo de ‘pós-verdade’”.

<sup>29</sup> “In the post-truth era we don’t just have truth and lies, but a third category of ambiguous statements that are not exactly the truth but fall short of a lie.”

direitas populistas ou ao passado pós-moderno das esquerdas? É mais um eufemismo para uma máscara de insinceridade social? Marca alguma mudança de paradigma? Causa alguma descontinuação histórica na compreensão da realidade? Portanto, faz-se mister investigar a que tipo de questão filosófica relevante está involucrada a questão.

Está manifesto que ocorre uma crise na concepção do que é o factual e no trato cotidiano do que é o verdadeiro, e, com efeito, essa crise de legitimidade é assunto concernente à filosofia, produto racional, uma vez que a “filosofia não é apenas algo racional, mas a própria guardiã da *Ratio*” (HEIDEGGER, 2006, p. 16). Diante dessa crise de legitimidade do factual, as investigações mais numerosas sobre a verdade e o real têm sido compostas sobremaneira pelos campos da tecnologia e comunicação social. Como não é incomum de localizar:

Aqui estão pelo menos duas maneiras de enquadrar o problema da política pós-verdadeira. Uma é focar na mídia ou no jornalismo. A segunda é focar na mídia ou tecnologias de comunicação. Entre os dois, qual pode ser considerado o condutor do nosso mundo da pós-verdade?<sup>30</sup> (HANNAN, 2018, p. 1, tradução nossa)

Em 2017, o filósofo Paul Redding, discutindo o papel da filosofia no entendimento do objeto, afirmou que as “causas complexas desse fenômeno certamente serão amplamente debatidas nos próximos anos e décadas<sup>31</sup>” (REDDING, 2017, p. 2, tradução nossa). E como se pode dar ritmo hoje, nas circunstâncias específicas, a uma renovada relação entre filosofia e política cujo tema da verdade está tão indelevelmente imbricado à materialidade tecnológica? Como sugere Gianni Vattimo em *Adeus à Verdade*:

Como se dá a relação filosofia-política em um mundo que, seja em consequência ao fim da metafísica, seja como consequência da afirmação da democracia, não pode (mais?) pensar a política em termos de verdade. A dupla condição, de dificuldade e de abertura, em que a filosofia se encontra neste mundo consiste no fato de que, por um lado, não pode mais oferecer à política indicações extraídas de seu conhecimento das essências, dos fundamentos, e nem mesmo das condições de possibilidade. Por outro lado, pelo fato de que não devendo e nem podendo mais ser pensamento fundamental, a filosofia se pensamento intrinsecamente político. (VATTIMO, 2016. Paginação irregular).

É neste ânimo de buscar as causas complexas do pós-factual que, a partir da filosofia, alvitramos vias procedimentais complementares, que nos auxiliarão na leitura da pós-verdade como uma epidemia não apenas tecnológica, midiática ou política, mas psicopolítica,

---

<sup>30</sup> “Here are at least two ways of framing the problem of post-truth politics. One is to focus on the media, or journalism. A second is to focus on media, or technologies of communication. Between the two, which can be said to be the driver of our post-truth world?”

<sup>31</sup> “The complex causes of this phenomenon will surely be widely debated over the coming years and decades”.

“o poder como cálculo sobre as mentalidades, as afetividades, as emoções e os sentimentos” (TIBURI, 2019, p. 12).

Logo, a presente tese não consiste simplesmente na tentativa de contradizer o conceito de pós-verdade veiculado por convenção dos comunicólogos e jornalistas, expresso no Dicionário Oxford e, largamente, em livros e publicações diversas como sendo questão de generalização de instrumentalização epistemológica de crenças pessoais, ou desenvolvimento ulterior da pós-modernidade, ou irracionalismo tecnológico ou emocionalização do entendimento acima e além dos fatos e da verdade.

Abordaremos a questão como o contágio em nível global de um tipo de estrutura de racionalidade contemporânea, uma configuração de sujeitos esclarecidos que agem ironicamente como se não soubessem que o falso é falso, que o ficcional é ficcional, num sistema que, mesmo com os segredos revelados, segue funcionando; uma espécie de cofre social que, mesmo com as senhas publicadas, continua guardando valores como se fossem ainda segredos.

A pós-verdade pode, assim, ser tematizada como “identificação irônica”: o entusiasmo autorrepresentado (SAFATLE, 2017) da mentira. Portanto, o labor envolvido nesta pesquisa visa explorar as raízes psicopolíticas de uma subjetividade que opera a base de uma tragédia que desemboca em um problema epistemológico, e que, sobretudo, cobra um alto preço na condução da vida coletiva em civilizações democráticas.

Não é o caso, nesta tese, de afirmar a ação de uma análise psicopolítica como preparação de terreno de ação psiquiátrica, no que tange ao entendimento da subjetividade pós-factual, pois a mera patologização de condutas é a maneira mais eficiente de despolitizar os problemas que nascem do embate entre forças contrárias em regimes democráticos e de conferir ainda mais *status* mitológico a comportamentos politicamente desviantes. Como afirma o psiquiatra Thomas Szasz na conclusão de seu *Mito da Doença Mental*, de 1961:

O conceito de doença mental solapa o princípio de responsabilidade pessoal, sobre o qual se baseiam as instituições políticas livres. Ao indivíduo, a noção de doença mental impossibilita uma atitude crítica em relação a seus conflitos, cujos “sintomas” os ocultam e revelam ao mesmo tempo. À sociedade, ela impossibilita ver os indivíduos como pessoas responsáveis, convidando, ao contrário, a tratá-los como pacientes irresponsáveis. (SZAZ, 1974, p. 245).

Claro que esta, a psiquiatria, não é uma temática inexistente - na verdade faz-se necessária -, como resposta ao quadro comportamental em suas particularidades. Não se pode esquecer, por exemplo, de fenômenos coletivos brasileiros como os das portas dos quartéis

em 2022 e os atos terroristas contra os Três Poderes em 2023. Certamente pesquisas em psicologia, psicologia social e psiquiatria produziram relatórios importantes para os próximos anos. Ainda assim, sempre que o termo patologia aparecer nesta tese será tão somente para mencionar a “ironização patológica das condutas”, terminologia que tomaremos de empréstimo das análises de Jeffrey Reid acerca das críticas de Hegel à Ironia Romântica, na obra *The Anti-Romantic Hegel*. Não alinharemos juízos de valor, em tom de filosofia moral, que desclassifiquem um discurso exercendo poder de moderação, ou seja, repetindo mais uma injustiça histórica contra discursos contra-hegemônicos. Mas fazemos coro ao questionamento de Safatle (2017, p. 133) quanto ao “que fazer quando temos aqueles que defendem a tortura, que exaltam ditaduras militares, ou que naturalizam a espoliação social das mulheres? Há de se respeitar essa ‘diferença’? Mas é realmente possível acreditar que podemos resolver tais diferenças através do diálogo?”.

Com base na análise e na recepção do fenômeno, esta é uma tese temática e possui três frentes de discussão para, via filosofia, problematizar o conceito de pós-verdade e, por sobre ele, alinhar algumas propostas críticas. Estas são as frentes: 1) demonstrar que a “pós-verdade”, uma crise epistemológica de base psicopolítica, não é um conceito que marque necessariamente um *novum* em termos de regime de historicidade, a despeito da acusação de ser um desenvolvimento da pós-modernidade, carecendo, portanto, de reanálise, uma vez que nasce imaneamente como mais uma percepção de decadência do regime democrático (político e epistemologicamente); 2) argumentar que o termo não compreende o fenômeno de forma certa (a substituição dos fatos por crenças e emoções) e que este seja anexado a outro conceito já em voga (como o de pós-democracia, por exemplo); ou, propomos, que dele se despreixe o “pós-“ e nele se sufixe o “-fobo”: *veritafobia*. Ao invés de pensarmos “política pós-verdadeira”, taxemo-la de política veritafóbica, e assim justifiquemos com menos chicanas as correntes negacionistas. Dessa forma, não tratemos de epistemologia pós-verdadeira, mas de epistemologia veritafóbica, realitafóbica, factofóbica; 3) e, por fim, elucidar que essa veritafobia é um traço psicopolítico sobre o qual é importante indagar, uma vez que se espalha com potência de epidemia, elaborando o porquê de a subjetividade pós-verdadeira, cínica e irônica não ser alvo de nenhuma injustiça epistêmica. Logo, trata-se de caracterizar a subjetividade pós-veritativa como um modelo de racionalidade, que racionaliza o atraso, uma personalidade fóbica em relação ao real, ao fato e ao verdadeiro e que precisa ser compreendida para que sejam feitas propostas de condução da vida coletiva ainda em bases democráticas.

Assim, dialogando com boa parte das definições tornadas públicas sobre o que é a pós-verdade, nossa tese propõe que o pós-factual não é meramente uma tese sobre crenças subjetivas acerca do que se emite na esfera pública ou da tentativa de manipulação que parte dos donos do poder (assunto clássico da comunicação social). Há, claramente, a circulação de crenças como substituto de argumentos e provas factuais, mas não qualquer tipo de crença que nos levaria à alienação das massas. O que verificamos é como uma subjetividade já tão habituada à ficção e aos jogos políticos inverossímeis pode substituir facilmente a simples crença, no contexto da “novelização pós-verdadeira” da realidade, por uma “credulidade irônica” (MORETTI, 2006, p. 346), a “simulação como formação de compromisso<sup>32</sup>” (SAFATLE, 2017).

Há, em jogo, a justificação aparentemente racional de tais crenças, mas uma racionalidade cujos conteúdos estão previamente ironizados. “Se trata de uma situação de distorção comunicativa na qual tanto o emissor quanto o receptor se fazem cúmplices no uso e na aceitação de mentiras ou deturpações flagrantes da verdade em relação a fatos verificáveis<sup>33</sup>” (VÁZQUEZ LOBEIRAS, 2019, p. 61, tradução nossa).

Do ponto de vista da filosofia, trata-se de perceber o fundamento que sustenta um comportamento coletivo, no qual, ao mesmo tempo, o sujeito que remete a informação demonstra que não acredita no que propõe e o receptor tem ciência de que o emissor não acredita naquilo que emite; dessa forma, ambas as partes põem-se plenamente na mesma posição irônica, fazendo com que o processo continue a funcionar: “um momento em que a ideologia funciona cada vez mais ironizando seus próprios pressupostos, como se não se levasse efetivamente a sério e mostrasse isso o tempo todo” (SAFATLE, 2015, p. 7).

Está montado, dessa forma, um grande palco político em formato de conluio — e não haverá força de esclarecimento atuante que o desmonte —, no qual a indiferença à verdade, ou melhor, aos fatos, não é empecilho para “gerar consensos muito direcionados a partir de certas camadas de poder para estabelecer que determinadas ideias passem como se fossem verdadeiras. Todo mundo sabe que está tudo armado, mas todo mundo necessita e quer igualmente crer<sup>34</sup>” (SZTAJNSRAJBER, s/d, transcrição e tradução nossas).

---

<sup>32</sup> Disponível em: <https://youtu.be/eSB9b4oBnBA>. Acesso em: 06 abr. 2017.

<sup>33</sup> “Se trata de una situación de distorsión comunicativa en la que tanto el emisor como el receptor se hacen cómplices en el uso y la aceptación o bien de la mentira o bien de flagrantes tergiversaciones de la verdad en relación con hechos comprobables”

<sup>34</sup> SZTAJNSRAJBER, Darío. *Darío Sztajnszrajber y la Posverdad: Intro Futurock Late Night Show*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BQn7EZTLhgM>. Acesso em: 19 ago. 2020. “[...] gerar consensos muy direccionados desde ciertos estratos de poder para establecer que determinadas ideas pasan como si fuesen

Erige-se ação política pós-verdadeira a partir de uma racionalidade cínica que, quando posta a nu, ri de si própria, pois “o [próprio] poder aprendeu a rir de si mesmo” (SAFATLE, 2008, p. 69). Basta imaginarmos o que significa, nas arenas políticas atuais, um deputado requerer a fundação de um departamento de criação de memes<sup>35</sup> ou um presidente convidar um humorista para entrevistas coletivas<sup>36</sup>, escarnecendo insalubrememente da profissão jornalística. Claro que há tempos nos habituamos à ideia de que “a política entrou na era do divertimento midiático” (LIPOVETSKY, 2017, p. 323): o voo cínico do infoentretenimento. “Os próprios homens políticos tornam-se cômicos, mais ou menos voluntariamente” (L’YVONNET, 2012, p. 23). O político brasileiro Ciro Gomes, em discussão<sup>37</sup> com o humorista Gregório Duvivier, terá chamado o fenômeno de “Síndrome de Zelensky”, dado que o presidente da Ucrânia é antes de político um comediante famoso naquele país.

Graças à comunicação midiática, os próprios políticos asseguram sua promoção pelo riso. Diante de uma sociedade humorística, eles cultivam a imagem de humoristas. Quando a comédia do poder se transformou em poder da comédia, o riso venceu — mas essa vitória de Pirro não tem sentido. (MINOIS, 2003, p. 598).

Ademais, há o cinismo bem humorado de quem se opõe ao cinismo autoritário dos *cômico-populistas* (BEIGBEDER, 2020). Uma aderência majoritária ao discurso humorístico que, veremos junto a Gilles Lipovetsky, domestica e torna inofensiva a crítica quando inundada de *códigos humorísticos*. Basta que observemos a presença hipertrofiada dos artefatos considerados críticos mais consumidos em ambientes supermediatizados e que nascem a partir das intenções de esquerda. São produtos humorísticos que, com ou sem consciência, aceitam as regras do jogo e acabam por celebrar<sup>3839</sup> os alvos que consideram autoritários, ao invés de atacar e atingi-los. Não seria já tempo de um renascimento do humor contra-hegemônico? Podemos dizer que é há momentos nos quais rir é o pior remédio.

---

verdaderas. Todo el mundo sabe que está todo armado, pero todo el mundo necesita y quiere creer en eso igualmente”.

<sup>35</sup> Cf. “Departameme”: conheça o novo departamento de Kim Katagui. Disponível em: <https://exame.com/brasil/departameme-conheca-o-novo-departamento-de-kim-katagui/>. Acesso 22 mar. 2021.

<sup>36</sup> Cf. Bolsonaro escala humorista para dar bananas à imprensa. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2020/03/05/bolsonaro-escala-humorista-para-dar-bananas-a-imprensa.ghtml> Acesso em: 22 mar. 2021.

<sup>37</sup> Disponível em: <https://youtu.be/AfaFQziqIfc> Acesso em: 23 que está em movimento mai. 2022.

<sup>38</sup> Disponível em: <https://gshow.globo.com/programas/zorra/2019/noticia/bolsonaro-em-desenho-animado-conheca-o-capitao-talki.ghtml>. Acesso em: 6 out. 2019.

<sup>39</sup> Disponível em: <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2021/03/25/adnet-gincana-fgv.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 26 mar. 2021

Alguns podem se sentir tentados a fazer chacota daqueles que exercitam o ceticismo a ponto de questionar a verdade factual e a ciência. Mas percebê-las como uma manada de imbecis é um erro. A ideia de que o povo manipulado é um povo submisso vai na contramão da realidade. É bem o contrário: a rebeldia contra a verdade se manifesta na atualidade como uma rebeldia contra o poder, na medida em que se percebe a superficialidade com a qual se busca institucionalizar a confiança. A verdade, por mais verdadeira que seja, por mais científica e bem embasada, ou filosófica, lógica e racional, factual, não falseada, verificada, justificada matematicamente e por muitas repetições ainda é apenas uma imposição do poder para aquele que não reconhece os métodos que a justificam como conhecimento e que se constituem coletivamente (VEIGA ANDRIOLO, 2021, p. 137).

Todos se riem, a crítica não fere e a subjetividade pós-factual é concebida de forma míope como manifestação irracional, quando, na verdade, insistiremos, trata-se de um modelo de racionalidade. Destarte, há um estado afetivo propriamente pós-factual e que está longe de ser apenas representado pela superfície ódio irracional. A ira ressentida eclode como riso. Se, por um lado, há um comportamento de ironização patológica das condutas, o complemento da ação se dá numa risada disruptiva, narcótica, que nada reconcilia ou faz apreender a realidade da qual se ri.

A opinião pós-verdadeira elimina qualquer distinção entre opinião pública e opinião não pública ou opinião quase pública, em primeiro lugar. Então, ela afirma sua realidade não dialógica e cínica. Valoriza a lógica da emoção como referente final e zomba tanto do racionalismo como do universalismo<sup>40</sup> (KUMAR NITE, s/d, tradução nossa).

Quem, efetivamente, no fundo das suas intuições acreditaria, sem o mínimo espanto, em artefatos ironistas ficcionais tais como “mamadeiras de piroca” (SANTOS, 2020) ou “kits gay” (MARACCI, 2019)? A pós-verdade é, portanto, um fenômeno cínico, no qual “há uma nudez que não mais desmascara, e na qual nenhum ‘fato nu’ se manifesta para oferecer chão seguro ao exercício de um realismo sereno” (SLOTTERDIJK, 2012, p. 36). Precisamente por isso, a ideia de “fato alternativo”, conceito adicional ao de pós-verdade, se encaixa perfeitamente no diagnóstico de uma consciência falsamente esclarecida ou de *ideologia reflexiva*, que evocaremos ao longo desta tese.

A noção de *ideologia reflexiva*, ou seja, de ideologia que absorve o processo de apropriação reflexiva de seus próprios pressupostos é astuta, por descrever a possibilidade de uma posição ideológica que porta em si mesma sua própria negação ou, de certa forma, sua própria crítica. (SAFATLE, 2015, p. 68).

---

<sup>40</sup> “Post-truth opinion obviates any distinction between public opinion and non-public opinion or quasi-public opinion, at the first place. Then, it affirms its non-dialogical, cynical reality. It valorises the logic of emotion as the final referent and mocks that of rationalism as well as universalism.”

Aliás, nos questionamos como podemos continuar a pensar a filosofia, ou através dela, num mundo que experimentou a ironia até as últimas consequências, chegando ao seu aparente esgotamento? Riu-se tanto sem necessidade, que o gasto dessa energia talvez tenha baixado a imunidade da espécie, enfraquecendo as defesas intelectuais no trato daquilo que é verdadeiramente sério: pensar em tempos de crise.

A presente tese escolhe claramente a análise de uma subjetividade, de um quadro de configuração de relações humanas, e não de metodologias de produção de falsos intencionais. O conceito de *ideologia reflexiva*, marca de uma subjetividade neocínica, cabe perfeitamente na análise do sujeito pós-factual. O certo é que, a esta altura de esclarecimentos<sup>41</sup> acerca do que se chama *fake news* (CAMPOS MELLO, 2020), seria ingênuo tratar o fenômeno da pós-verdade apenas como falsas notícias. Trata-se de conteúdos arquitetados, produzidos industrialmente, financiados e com programação política bem definida para raptos e domesticação da opinião pública. “É importante notar que quem hoje difunde massivas mensagens noticiosas ou de tipo noticioso, não sendo jornalistas, costumam ter relação com poderes fáticos ou trabalham como ferramenta de operadores políticos ou empresariais” (FOWKS, 2017. Paginação irregular, tradução nossa).

Cabe refletir acerca daqueles que recebem e compreendem minimamente o conteúdo e intenção *fake* (e de uma configuração coletiva que a aceita democraticamente), mas continuam a propagar (ou apenas discordar). Não é apenas manipulação, não mais. Não é mais tempo de falta de informação quando o jogo é precisamente o contrário e, para os jogos de poder, cabe continuar a (des)informar. A clareza sobre o tema é tão direta, que o conjunto da sociedade se viu obrigado a criar mecanismos contra-informativos para combater a popularização cínica e irônica de “verdades alternativas”.

Isso nos leva à intenção de investigar uma configuração de relações humanas, um modelo de substância simples, confortavelmente emulável e eficazmente espraiável, que no alvorecer do século XXI oferece condições propícias para que uma sociedade pós-veritativa tenha jubilarmente passado a modelar seu comportamento e decisões variando entre substituição de conhecimento do fato por opinião alquimizada por afeto, cinismo, excesso de ironia, humorização patológica do discurso e epistemofobia: uma configuração cultural de subjetivação veritafóbica. “Uma sociedade sem opacidades, sem profundidade, uma sociedade transparente para si mesma, cínica, apesar do seu humor cordial” (LIPOVETSKY, 1986, p. 150). Trata-se do crepúsculo do cinismo da informação, um paradoxo pós-iluminista. “Este é

---

<sup>41</sup> Cf. Comissão Parlamentar Mista de Inquérito - Fake News News. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/comissoes/comissao?codcol=2292> Acesso: 13 dez. 2022.

o paradoxo da pós-verdade. Quanto mais educadas as sociedades se tornam, mais disfuncional parece ser a democracia. A suposta ligação positiva entre democracia, educação e conhecimento parece estar partida<sup>42</sup>” (WIGHT, 2018, p. 25, tradução nossa).

Vivemos em uma época em que a verdade já não é um valor. O cinismo, portanto, também mudou. Ele é, hoje, uma curiosa postura verdadeira, no momento em que a verdade já não tem valor. O verdadeiro sem valor de verdade produz um efeito inverso. Ele não é valorizado como inverdade, mas como uma verdade que conseguiu acabar com a busca da verdade. Por isso, não se trata de uma simples contradição quando vemos alguém falando tranquilamente uma mentira como se fosse verdade e como se não tivesse mal algum em dizer o que diz. E é por isso que ficamos confusos e até inertes diante de um cínico. Podemos pensar que ele está falando a verdade e mentindo ao mesmo tempo ou que ele não está falando a verdade nem mentindo. Mas ele faz algo mais interessante, ele acaba, com o seu modo de encenar a verdade, com o próprio sentido da verdade. (TIBURI, 2017, p. 80).

O encontro de todos esses moldes de subjetividade nos levará a classificar a pós-verdade como um quadro de *cinismo comicrático*, um molde de racionalidade com aderência de epidemia psicopolítica que encontra na materialidade hipertecnológica sua máxima potência de realização. “As epidemias seguem suas próprias regras e, no geral, desaparecem repentinamente<sup>43</sup>” (SLOTERDIJK, 2020, p. 50, tradução nossa). Enquanto não faz sua passagem (ou cura), o resultado mais claro dessa profusão de sintomas é a vivência real de uma funcional ficção política que segue sustentando uma *democracia dos crédulos* (BRONNER, 2013) cuja categoria de subjetividade poderemos aqui classificar: o cínico comicrático.

Relevante evocar as palavras de Hannah Arendt (1989, p. 526), absolutamente atualizáveis diante de quadros democráticos “pós-factuais”: “o súdito ideal do governo totalitário não é o nazista convicto nem o comunista convicto, mas aquele para quem já não existe diferença entre o fato e a ficção (isto é, a realidade da experiência) e a diferença entre o verdadeiro e o falso (isto é, os critérios do pensamento)”, o que, conseqüentemente, observa Steve Tesich (1992, p. 13), ao criar o conceito de pós-verdade, nos está “tornando protótipos de um povo sobre o qual monstros totalitários só poderiam babar em seus sonhos”. A tecnologia é o meio, nos cabe analisar, doravante, o habitante.

Em um quadro geral, a pós-verdade se manifesta lexicalmente a partir de um modelo de racionalidade cínico e irônico (*cinismo comicrático*) que desemboca em um sem número

---

<sup>42</sup> “This is the post-truth paradox. The more educated societies have become, the more dysfunctional democracy seems to be. The supposed positive link between democracy, education and knowledge seems to be broken”.

<sup>43</sup> “Las epidemias siguen sus propias reglas y, por lo general, desaparecen repentinamente.”

de tecnotergiversações afetivas, veritafóbicas ao real. Uma condição, assim como em alguns quadros psiquiátricos, um momento de crise na democracia, mas não uma era. Como afirma Wight (2018, p. 27, tradução nossa), “provavelmente não estamos em uma era da pós-verdade no sentido de que a verdade não existe, estamos em uma era em que o conceito de verdade é usado de modos os quais não se alinham mais com o que a verdade tem sido tradicionalmente considerada<sup>44</sup>”. Não há algo propriamente novo na pós-verdade, mas certamente há assombrosas forças de atualização modelando subjetividades.

Esta é uma tese temática. Os autores propriamente oriundos de uma tradição filosófica evocados aqui nos fornecerão instrumental para a interpretação do fenômeno da pós-verdade como uma questão de aparência psicopolítica. O diálogo com autores de diversas áreas e que posicionam suas análises sobre o tema da pós-verdade será constante dado o caráter *hot topic* do tema. Nosso objetivo é tornar evidente o problema a partir de uma comunidade trans e interdisciplinar. Para propor interpretação de um tema tão vigente, faz-se necessário ampliar a base conceitual da questão. E para que este esforço logre a organização das suas premissas, dividiremos a tese em três seções.

Na primeira parte, discutiremos 1 - a proeminência determinista da tecnologia, a base tecnoepistêmica do problema, o que deve criar aberturas para uma apreensão não somente tecnocrática, mas filosófica do conceito. Em “buscando espaço de análise filosófica entre o denso triunfo tecnocondicionante do fenômeno pós-factual”, nos poremos a delinear fenomenologicamente a questão, no intento de, nesta suspensão, expor o que há de não tecnológico no fenômeno epistêmico, social, político, psicológico e filosófico pós-verdadeiro e conduzir um exercício de *epoché* que desvele a caminhada psicopolítica da questão. 2- detectamos um problema ordem na posição da posição do conceito. Do ponto de vista epistemológico, há um problema de saber sobre o que se fala: se partimos dos fatos ou da verdade. Ademais, não detectamos ao certo o indício de uma “era” ou uma condição e, por fim, não fica claro o porquê de não ser possível evocar o conceito de mentira para categorizar o fenômeno deceptivo pós-factual. como autorizar a criação de sentido para a vida pública a partir de um conceito com tão notória inexatidão?

3 - Concluimos a primeira parte desta tese nos detendo na própria determinação terminológica que também aponta as limitações do conceito de pós-verdade. Pois, se este não é apenas e tão somente produzido por ambientes hipertecnológicos, em suma, se não se mostra necessariamente como uma grande e novedosa quebra de paradigma, o que “pós” aí

---

<sup>44</sup> “We are probably not in a post-truth age in the sense that truth does not exist, we are in an era where the concept of truth is used in ways that no longer align with what truth has traditionally been taken to mean”.

anexado quer indicar? E mais: dentro de uma larga cultura de prefixos, por que as condições tecno-políticas em relação ao verdadeiro e ao real do início do século XXI inspiram o prefixo “pós” e não outros, como trans-, anti-, pro-, pseudo-, neo-, pré-, hiper-, meta? Ainda mais, não toca às teorias da pós-verdade adotar um sufixo? Talvez um “-ismo”? Não cabe a sufixação “-fobo”? Do ponto de vista político, o conceito de pós-democracia não abarca o fenômeno pós-factual?

Depois de discutirmos esses problemas introdutórios, nos depararemos, na parte dois, com uma questão que envolve a filosofia diretamente com o tema da pós-verdade e com suas consequências políticas. O pós-verdadeiro herda da pós-modernidade a capacidade de produzir “fatos alternativos”? Ou melhor, a pós-verdade é um *continuum* da pós-modernidade? Procede essa tese? Os procedimentos das filosofias pós-fundacionais estão sendo emulados para utilização das pautas da direita conservadora e dos tecnopopulistas? Analisaremos e discutiremos acerca das possíveis relações entre a pós-modernidade e o fenômeno pós-veritativo, algo que se pode localizar nas propostas pré-teóricas e na bibliografia eclodida desde 2016 — uma narrativa consistente, na qual se imputa ao clima geral de relativismo pós-moderno o nascimento do problema pós-factual vigente. Esta análise nos leva a uma constatação prévia sobre a requisição de validade epistêmica e “lugar de fala” dos relatos pós-factuais. Deve-se isso ao fato de que pós-verdade e pós-modernidade são geneticamente atávicas?

Ainda na parte dois, avançamos no tema e em “pós-verdade: falso contrário necessário do pós-modernismo” propomos que as raízes intelectuais do problema não devem e nem podem ser creditadas de forma tão categórica à pós-modernidade. Afinal, não foi a movimentação filosófica pós-moderna uma tentativa de um “novo iluminismo”? Alegar nexos causais entre um procedimento pós-veritativo e as produções filosóficas pós-modernas faz jus à própria filosofia? No entanto, há de se reconhecer a pós-modernidade como o terreno no qual puderam surgir as condições ideológicas a partir das quais a pós-verdade eclodiu como reação regressiva, como se o discurso conservador encontrasse aí energia para construir suas teses reacionárias. O pós-factual parodia cinicamente o pós-moderno para atingir logro em suas pautas. Logo, há uma utilização cínica e ironista dos procedimentos de requisição por justiça típicos das pautas identitárias, e não condições intelectuais ou filosóficas genuínas para que se possa acusar a pós-modernidade como arcabouço intelectual do pós-verdadeiro.

Na terceira parte iniciaremos propriamente a proposta de uma interpretação psicopolítica da pós-verdade. Como se pode pensar a questão do pós-factual desde uma análise acerca dessa “nova” subjetividade? É possível encontrar afecções ou tonalidades

afetivas comuns a esses novos grupamentos de indivíduos e de relações intersubjetivas? Aqui começamos a desenhar com nome próprio a subjetividade pós-factual. Esta terceira parte, e em suas subdivisões, proporemos que o sujeito pós-factual, não de hoje, hegemonicamente socializado por ironia e cinismo, torna-se um modelo relativamente identificável. Assentar-se-ia, esse sujeito, sobre essas estruturas de afetividade que, nas profundezas da construção de suas subjetividades, se fazem notar na dimensão da práxis, na qual o maior impacto pode ser percebido na mais imediata esfera da vida em comum: a política.

As razões pelas quais não há uma ruptura do processo — e parece haver uma aceitação geral do quadro — é que há algo ocorrendo nas relações intersubjetivas, algo que faz com que mesmo a mais indignada das posições ou a mais certa das críticas não altere em nada as regras do jogo. Apenas a análise da tecnologia, a responsabilização da pós-modernidade ou das chicanas políticas tradicionais não conseguem explicar de *per se*.

Para esta montagem de quadro evocamos autores como Peter Sloterdijk e Gilles Lipovetsky que nos fornecerão modelos diagnósticos sobre o fenômeno cínico moderno e a hiperhumorização das condutas vigentes como caldo comportamental de uma postura pós-verdadeira. Essa estrutura de racionalidade, esse modelo de subjetividade, propomos nomear como “cinismo comicrático”, cujas características são, sobretudo, a hipertrofia da ironia, a depreciação lúdica do sentido, a relativização paródica da realidade, a esterilização da crítica, a onipresença do riso, a banalização do cômico e da intelectualização, o empoderamento sociológico dos humoristas (comicratos) e a realização máxima de uma *ideologia reflexiva*, o predomínio de uma *falsa consciência esclarecida*.

Esse esquema acaba por tornar-se um modelo hegemônico de normatização social, e decide efetivamente os caminhos de civilizações democráticas, tornando os sujeitos não só tolerantes aos falsos intencionais, mas também produtores e defensores, não por mera atuação desinformativa oriunda das tecnologias de informação ou por simples alienação, mas por uma adesão jubilatória ao falso, numa generalizada credulidade irônica e num fingimento lúdico compartilhado, alquimizando uma verdadeira cultura veritafóbica.

Entender esse esquema de subjetivação pode ser instrumento psicopolítico eficaz para a interpretação da vida intersubjetiva em sociedades hipercomunicativas que ainda anseiam pela otimização de uma coexistência na qual exista a confiança em saberes científicos, nas análises de especialistas, nas críticas de ordem filosófica e, por consequência, na manutenção do que resta de saudável no sistema político democrático. Qual a evidência?

Como conclusão, o caminho heurístico das pesquisas nos deparou com um problema de justiça desvelado a partir da nossa análise que mesclou filosofia, psicologia, política,

tecnologia e sociologia. Quando tratamos dos atores sociais (as subjetividades pós-factuais que nomeamos como cínicas comicráticas) que reivindicam seus discursos pós-verdadeiros, há um problema de requisição de reconhecimento do discurso se apresenta. Há uma injustiça epistêmica pós-factual? Cercear e moderar discursos, mesmo aqueles sem lastro de verdade, é um ato de deslegitimação epistêmica de grupos em ambientes democráticos? Há uma injustiça epistêmica pós-factual, caso questionado e deslegitimado o lugar de fala desses atores? Não estariam eles apenas parodiando as questões autênticas que nascem das lutas emancipatórias identitaristas e, ainda mais ironicamente, se apropriando da linguagem de tais lutas? Não temos aí uma possível raiz compreensiva que autoriza alguns pensadores e pensadoras a acusarem a pós-modernidade como nascedouro dos discursos pós-factuais?

Bem por isso, é o que busca a conclusão da nossa tese, tudo acontece como se uma moldura de injustiça epistêmica também pudesse ser utilizada para enquadrar os “desajustados” epistêmicos do cenário pós-factual. *Antivaxes*, terraplanistas, complotistas, mentirosos compulsivos, de agora em diante, sentem-se no direito de requisitar relevância dos seus relatos e assinalar violência e injustiça epistêmicas quando alguém se põe contra suas convicções ou, ao menos, tenta interpretá-las. Podem os sujeitos pós-factuais requisitarem reconhecimento dos seus relatos e, caso opostas antíteses racionais razoáveis, alegarem ser alvos de injustiça epistêmica e, por consequência, alegarem sofrimento social de qualquer ordem? Ou, em se tratando de um comportamento autômato cínico e ironista, seus procedimentos apenas oneram o debate público? Num cenário intersubjetivo tão grave à ordem democrática, que, na prática, solapa e mina as bases da fiabilidade da vida em comum, não deve a justiça ser pensada a partir de novos critérios que se tornem horizonte normativo?

2

**PÓS-VERDADE COMO PROBLEMA TECNO-EPISTÊMICO:  
CONCEITOS E PRÉ-CONCEITOS**

## 2.1 BUSCANDO ESPAÇO DE ANÁLISE FILOSÓFICA ENTRE O DENSO TRIUNFO TECNOCONDICIONANTE DO FENÔMENO PÓS-FACTUAL

*"Em rede", o mundo moderno, assim como as revoluções, permite apenas prolongamentos de práticas, acelerações na circulação dos conhecimentos, uma extensão das sociedades, um crescimento do número de actantes, numerosos arranjos de antigas crenças*<sup>45</sup> (Bruno Latour)

A despeito de sua novidade histórica, uma introdução ao tema da pós-verdade que tentasse em um só golpe definir o fenômeno teria de dialogar com todas as áreas que já se puseram a oferecer definições. Essa tentativa teria como resultado um enorme manual em formato de prolegômenos. O anseio por *back to basics* pode ser alcançado através de toda a bibliografia obtida e esquadrinhada para dar cadência à presente tese.

A bibliografia utilizada, a propósito, define uma série de categorias de entendimento do fenômeno, cada área arrogando para si entendimento do impacto teórico e prático da sua própria região. O tema da verdade é amplo. Por isso, vê o sociólogo francês Cervera-Marzal (2019, p. 9, tradução nossa), aumenta vertiginosamente a responsabilidade de “jornalistas, cientistas, historiadores, juízes e muitas outras profissões cuja missão é estabelecer e proteger a verdade<sup>46</sup>”.

Na perspectiva de localizar as categorias nas quais a pós-verdade se deixa apreender, listemos: 1 – Seara tecnológica; 2 – Seara midiática; 3 – Seara política; 4 – Seara cognitiva; 5 – Seara intelectual. Em meio a uma miríade de tematizações, encontramos a pós-verdade proeminentemente como problema tecnológico, como questão de comunicação social (jornalismo), como problema político — compreendendo-a como uma problemática política da direita conservadora ou como um problema filosófico das esquerdas identitárias —, como problema filosófico intelectual oriundo do paradigma pós-moderno, como problema epistemológico, como problema de atuação política: mentirosos x *bullshitters*, como problema retórico, como problema epistemológico e cognitivo, como problema ético e, como enfatizaremos na nossa leitura, como problema de base psicopolítica.

---

<sup>45</sup> LATOUR, Bruno. *Jamais Fomos Modernos*: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994. p. 52. Grifo nosso.

<sup>46</sup> “[...] des journalistes, des scientifiques, des historiens, des juges et de nombreuses autres professions dont la mission est d’établir et de protéger la vérité”.

A teoria geral da pós-verdade, elencadas as temáticas que nascem a partir das categorias listadas acima, que são fruto de consulta da bibliografia especializada no tema da pós-verdade, pode ser resumida em um momento ou cultura de indiferença à verdade — entendida como verdade factual—, ou tolerância generalizada à mentira com alvos políticos, geradas e cultivadas pela revolução numérica das tecnologias e redes sociais, que causam confusões cognitivas e epistemológicas de toda ordem, resultando em irracionalidade coletiva, cuja base intelectual é o relativismo pós-moderno.

Destarte, tratemos da proeminência da tecnologia ou, melhor dizendo, da base tecnoepistêmica do problema. Com toda razão, a análise da superestrutura tecnológica é, como já dissemos, imagem proeminente na multiplicidade das discussões nas quais se encaixa o pós-verdadeiro, um “fenômeno da tecnoepisteme digital de economia automatizada de plataforma<sup>47</sup>” (BOBNICĚ, 2019, p. 94, tradução nossa). É de base tecnológica a dramática sistematização do invariável problema antropológico relacionado à verdade.

Evidente que abrandar a responsabilidade técnica da questão é negar a própria geografia do acontecimento, o *a priori* da infecção. As mídias de massa, notadamente a telefonia móvel, o Sistema de Posicionamento Global (GPS), as redes sociais (gigantescos fóruns de opinião) e toda a revolução numérica são o ambiente de fundo no qual a atual epidemia psicopolítica de estrutura cínica e comicrática se desenrola. Como afirma Maurizio Ferraris, ícone do novo realismo italiano, em *Postverità e Altri Enigmi*:

O aspecto interessante da tecnologia é justamente o de ser um meio, um trâmite, que por um lado habilita o contato e a ação na esfera ontológica, e por outro faz possível que, em certos casos, a competência possa se transformar também em compreensão, incorporando a dimensão epistemológica<sup>48</sup> (FERRARIS, 2019, p. 68, tradução nossa).

Em *Ética e Pós-verdade*, enquadrando a origem do conceito às “mentiras técnicas” de Estado, o psicanalista Christian Dunker (2017, p. 17) afirma que a pós-verdade tem um ponto originário, ainda que seu batismo só viesse à tona em 2016.

Em 2011, a verdade das armas químicas que justificaram o ataque ao Iraque mostrou-se uma ficção. O fato de que presidentes e agências de estado pratiquem mentiras técnicas como essa, retóricas (como a corrupção dentro da lei), apenas replica a maquiagem de balanços (que estava por trás das bolhas imobiliárias de 2008) e o cinismo como discurso básico do espaço

---

<sup>47</sup> “[...] phenomenon of the digital techno-episteme of platform automated economy”.

<sup>48</sup> “El aspecto interesante de la tecnología es justamente el de ser un medio, un trámite, que por un lado habilita el contacto y la acción en la esfera ontológica, y por otro hace posible que, en determinados casos, la competencia pueda transformarse también en comprensión, ingresando en la dimensión epistemológica”.

público e da vida laboral. O batismo veio com o discurso vencedor em campanhas políticas que deram uma nova face conservadora ao mundo.

A tese se agita, de antemão, e concordando com Pierre Lévy em seu *Cybercultura*, em convidar a filosofia para a interpretação do conceito de pós-verdade, dado que a tecnologia não determina o fenômeno, mas o condiciona. A pós-verdade é uma condição humana configurada a partir da hipertecnologização das relações, mas, veremos, o que determina a existência desse conceito e seu impacto real é o ritmo da sociedade e suas alterações intersubjetivas, políticas e emocionais. A demasiada atenção que se dá ao artefato tecnológico obnubila, em certa medida, a capacidade de análise da dimensão social, antropológica, psicológica e cultural do fenômeno.

Uma técnica é produzida dentro de uma cultura e uma sociedade se encontra condicionada por suas técnicas. E digo *condicionada*, não *determinada* [...]. Dizer que a técnica condiciona significa dizer que abre algumas possibilidades, que algumas opções culturais ou sociais não poderiam ser pensadas a sério sem sua presença. (LÉVY, 2010, p. 25-26, grifos do autor).

Portanto, tratar a pós-verdade proeminentemente como infraestrutura tecnológica é desumanizar o processo, desconsiderar as subjetividades, as configurações de relações humanas preponderantes. “Trata-se de um fenômeno social e político que envolve agentes humanos, relações de sujeitos” (ANDRIOLO, 2021, p. 116). Há uma configuração de relações cuja funcionalidade das técnicas está a serviço das relações pós-verdadeiras e que pode ser esquadrihada. Faz-se necessário delinear fenomenologicamente a questão, realizar uma *epoché* que nos auxilie a enxergar o que há de não tecnológico no fenômeno.

Discordamos aqui que se trate de uma novidade que possa resultar em graves questões de ontologia. A posição do problema de uma nova ontologia da verdade em sociedades hipermediatizadas é sempre urgente, mas não uma novidade, ainda que siga sendo absolutamente necessária. O clamor por uma nova ontologia sobre o real e o verdadeiro desde a sua influência sofrida por mídias de massa — e suas engenharias emocionais — vem sendo realizado desde as primeiras décadas nas quais o rádio passou a ser um importante meio, *construindo* também a realidade. Não é de hoje que se impõem “condições tecnoepistêmicas de existência da verdade<sup>49</sup>” (BOBNIČ; CVAR, 2019, p. 85, tradução nossa).

Tal perfil tecnológico, porém, não está isento de Sensacionalismo. Podemos encontrar, na mídia impressa e eletrônica, a presença de *Fait Divers*, como a

---

<sup>49</sup> “[...] techno-epistemic conditions of existence of truth”.

informação sensacionalista, o que permite, complexamente, os diálogos entre Objetividade jornalística com as **interpeleções e emocionais**. (RAMOS, 2012, p. 18, grifo nosso).

Desde que, em 1938, nos Estados Unidos, Orson Welles proporcionou uma das primeiras grandes histerias coletivas através do que se conhece hoje por fake news — a transmissão radiofônica de da produção de cinema Guerra dos Mundos (NTAHONSIGAYE, 2018) — que as mídias, através de disparos psicológicos em massa, passaram a atrair as atenções, na qualidade de fontes compulsórias de informação até então jamais experimentadas. A opinião pública se consolida, indelevelmente, como preocupação tecnológica e o tema da verdade se imiscui no tema da comunicação. E desde que a televisão e a Internet adicionaram ainda mais questões ao fenômeno comunicativo das massas que os problemas quanto à relação entre real e tecnológico vêm sendo postos e sofisticados por uma série de pensadores que analisaram a hiperinflação das técnicas, dos simulacros e das ficcionalizações que instauram a realidade.

Algumas propostas que alinham a necessidade de uma nova ontologia sobre o que entendemos acerca da verdade e sua experiência reconhecem que a revolução técnica da comunicação social — as redes, os algoritmos, os filtros, as coletas de dados, as navegações personalizadas — é indício de que a tecnologia moldou nossos regimes de comércio veritativo. Isso é bastante claro. É o que defende a filósofa Márcia Tiburi, que, em *Ética e Pós-Verdade*, afirma que “as redes sociais são valorizadas como meios de produção de exposição da verdade, mas essa exposição já é sua própria produção. Uma nova ontologia, necessariamente, está em jogo” (TIBURI, 2017, p. 114).

Mas há uma nova ontologia em jogo? É de fato uma novidade que “o que se chama de pós-verdade, no registro dessa espécie de pós-política, são a não-verdade e a antipolítica?” (TIBURI, 2017, p. 110). A não-verdade e a antipolítica não estão em marcha bem antes da aparição de *bulshitters* e suas equipes tecnocráticas em cargos presidenciais? Não é necessariamente verdade que uma nova ontologia seja necessária, dado que esta já está em marcha e por diversas frentes. É necessário aprofundá-la. A gravidade de uma nova ontologia imposta pela sociedade da informação é mais do que urgente dado que estruturas de realidade já se solidificaram, tornaram-se naturais e inquestionáveis. O que afirma Tiburi, na profundidade de seu comentário, é que de fato nos deparamos com uma questão tecno-epistêmica de relevância. Sobre isso, tratando sobre o cinismo da informação, alinha Sloterdijk:

Os meios de comunicação modernos cuidam para que se tenha uma climatização nova e artificial das consciências no espaço social. Quem se vê inserido em suas correntes experimenta como a sua "imagem de mundo" se transforma de maneira cada vez mais exclusiva em algo mediado, vendido, sacado de segunda mão. Notícias inundam a consciência televisiva com um material mundial marcado por partículas informativas; ao mesmo tempo, elas dissolvem o mundo em paisagens noticiárias fluorescentes, que cintilam nas telas do eu. De fato, **os meios de comunicação de massa possuem a força para reorganizar ontologicamente a realidade efetiva** como realidade efetiva em nossas cabeças. (SLOTERDIJK, 2012, p. 667).

Não obstante, também não parece razoável a ideia de que a filosofia perca seu estatuto no trato hermenêutico da questão. Se é “verdade que é o mal-estar na cultura o que provoca a crítica, não haveria nenhuma época tão disposta a crítica como a nossa” (SLOTERDIJK, 2003, p. 21).

A adaptação torna-se o mandamento psicopolítico do momento. Aquilo que dava ao pensamento filosófico a sua grandeza — a razão — se tornou a expressão de uma fraqueza. O modelo reflexivo encontra-se hoje diante da impressão de não ter sido nada além de uma miragem surgida no deserto do abuso da metáfora da reflexão. (LEÃO FERREIRA, 2019, p. 180).

Aqueles que vêm, desde a Teoria da Comunicação, alertando sobre os condicionamentos possíveis dessas tecnologias concordam que, ao moldarmos nossas ferramentas, somos por ela moldados: individual e coletivamente. Mas a produção da funcionalidade buscada é humana, a questão é antropológica, os efeitos são políticos, a operação de interpretação precisa ir além do fenômeno da tecnologia. Há uma constante necessidade de atualização de potências comunicativas tipicamente presentes na espécie e a pós-verdade, no alvorecer do século XXI, é mais uma destas etapas.

Uma das ironias do homem ocidental é que ele nunca se preocupa com a possibilidade de uma nova invenção se constituir em ameaça à sua vida. E assim tem sido do alfabeto ao automóvel. O homem ocidental tem sido continuamente remodelado por uma lenta explosão tecnológica que se estende por mais de 2500 anos. (MACLUHAN, 1969, p. 302).

Ou dito de forma mais contemporânea: “muitas pessoas pensam que o mundo da tecnologia é o mundo da ausência das relações de poder” (ASSANGE, 2015, p. 11). É meritório e indispensável legar às tecnologias a responsabilidade da modulação do comportamento humano, mas, igualmente, olvidar a natureza humana — a condição humana, se preferível — em seus processos de potencialização das suas aptidões comunicacionais torna-nos míopes aos problemas sociopolítico-filosóficos indissolúveis. Com o falso e a falsificação, problema político, psicológico, ético e epistemológico clássico, não seria diferente. A “tecnologia deu ao falso o seu principal trunfo: a velocidade de difusão. Contra a

discrição do verdadeiro, a obscenidade do falso. Contra a lentidão da verdade, a celeridade do celerado” (MACHADO DA SILVA, 2019, p. 44).

Na era da Internet, os governos ainda podem manipular a verdade. O processo apenas ganhou outra forma: em vez de simplesmente proibir certas palavras ou opiniões diretamente, o processo gira cada vez mais em torno de uma censura de segunda ordem — a manipulação da curadoria, do contexto e do fluxo de informações e de atenção. E como a bolha dos filtros é controlada por umas poucas empresas centralizadas, ajustar esse fluxo de forma individualizada pode ser mais fácil do que parece. Em vez de descentralizar o poder, como previram alguns dos primeiros entusiastas da Internet, a rede de certa forma o concentra. (PARISER, 2012, p. 128).

Não espanta tanto quanto antes o fato de que vivemos em adaptação entre o real e virtual, entre verdade e ficção, entre simulacros, simulações e representações. “A encenação da informação sobrepõe-se à verificação dos fatos” (RAMONET, 2012, p. 54). Logo, não há propriamente novidade no fato de que os meios de comunicação modernos, e ainda mais hoje as sofisticadas tecnologias de informação em rede e seus algoritmos, alteraram e alteram decisivamente o papel do cidadão do ponto de vista da ação política em sociedades consideradas democráticas. Bem por isso, afirma Jean Baudrillard:

A informação devora os seus próprios conteúdos. Devora a comunicação e o social. E isto por dois motivos. 1. Em vez de comunicar, esgota-se na encenação da comunicação. Em vez de produzir sentido, esgota-se na encenação do sentido [...] 2. Por detrás desta encenação exacerbada da comunicação, os *mass media*, a informação em *forcing* prosseguem uma desestruturação do real. (BAUDRILLARD, 1981, p. 105-106).

Logo, “as narrativas pós-verdadeiras, dada sua falta de ancoragem em fatos verificáveis, funcionam principalmente criando a realidade que afirmam representar, ou seja, oferecendo uma atraente e amplamente sustentável ficção escapista que posteriormente se torna verdadeira por meio de seus próprios efeitos<sup>50</sup>” (KALPOKAS, 2019, p. 104, tradução nossa). Isso será confundido, como veremos, com as requisições de revisita aos conceitos de verdade e real, embates epistemológicos e sociologias da ciência propostos por autores pós-modernos.

Sem dúvida, testemunhamos uma configuração tecnocraticamente nova, geradora de um sem número de desafios técnicos, tecnológicos e políticos. A questão da verdade e do real assume uma configuração bastante peculiar em nosso tempo quando designada pelo termo pós-verdade. O trato do tema causa desconforto, porque provém de uma sensação ambígua,

---

<sup>50</sup> “Post-truth narratives, due to their lack of anchoring in verifiable facts, primarily work by creating the reality that they claim to represent, i.e. offering an attractive and broadly sustainable escapist fiction that subsequently becomes true through its own effects.”

como se estivéssemos falando de algo que já experienciamos, como a desfaçatez política tradicional, por exemplo, mas sem dúvida com novas formulações em momento de revoluções tecnológicas e, por consequência, novas formas de fazer política em um momento de vigilância algorítmica.

As grandes empresas de tecnologia são, entre outras coisas, os maiores vigias de todos os tempos. O Google nos ajuda a organizar o que há na Internet, hierarquizando as informações; o Facebook usa seus algoritmos e sua inteligência refinadíssima nos nossos círculos sociais para selecionar as notícias que encontramos; e a Amazon domina a publicação de livros, com sua influência esmagadora sobre esse mercado. (FOER, 2018. Paginação Irregular).

A esta altura se cristaliza definitivamente a ideia e a prática de que o midiático e o político já não podem ser considerados esferas distintas. Quanto a isso, atesta a intelectual da área de Comunicação Lucia Santaella (2018, p. 17, grifo nosso):

Inteiramente novo [...] é o modo inédito de operar e a grande mudança de escala propiciada pelo poder de difusão do computador habilitado pelas plataformas de redes sociais. As redes operam de acordo com a lógica dos caça cliques (*clickbaits*) em que o conteúdo *online* é valorizado pelo volume de tráfico de um *post* ou de um site [...]. Além disso, são mensagens que buscam **intensificar a reação emocional** do receptor, provocando um efeito que deve ir bem além do simples “curtir”. Esse é o poder de engajamento de que o sensacionalismo está alimentado, ou seja, o poder que advém da exploração de sensibilidades ingênuas e intempestivas.

Os meios de comunicação de massa são parte crucial do que Richard Sennet aponta como fator de Declínio do Homem Público (SENNET, 2015), daquilo que Walter Lippman chama de “horda perplexa” (LIPPMAN, 2009) ou do que Chomsky assinala, a partir de uma crítica em direção a Lippman, ser um grandioso empenho dos donos do poder para Fabricação de Consenso (CHOMSKY, 1988). Numa democracia moderna, cujo predomínio dos meios de comunicação de massa baliza e tange os destinos políticos, o papel do público é papel de espectador. Espectador constantemente em contágio, afetado, emocionado, psicologicamente convocado apenas ao sentir e imediatamente agir, no mais das vezes, de forma inadvertida em seu papel de consciência falsamente esclarecida. Aí se foca a presente tese. Consideramos que as tecnologias têm sido utilizadas para promoção de tempestades afetivas com vistas à engenharia de opinião pública, pois:

A passividade é a “lógica” dessa tecnologia. **Os meios de comunicação de massa intensificam os padrões de silêncio da multidão** que começaram a

tomar forma nos teatros e salas de concerto do século XIX, intensificando a ideia do espectador destituído de corpo, uma testemunha passiva. (SENNET, 2015, p. 403).

Não há uma tecnologia essencialmente pós-verdadeira, mas há indubitavelmente o meio ambiente propício para a promoção de constantes choques de afetos, apatia e esterilização do pensamento. Naturalmente, não se pode perder de foco o ponto de gravidade que está sempre nos emissores, nas redes, na revolução numérica. “É preciso dizer que, sob o efeito da revolução digital, a informação é mais abundante, a cobertura da mídia mais impaciente, a conversação mais petulante e a percepção mais flutuante do que nunca<sup>51</sup>” (LACHNITT, 2019, paginação irregular, tradução nossa).

[Um] aspecto a merecer reparo é a facilidade com que se aceita que ao duopólio que hoje controla a Internet — Google e Facebook — seja delegada a tarefa delicada de selecionar e censurar *fake news*. Nenhuma dessas organizações tem compromisso ou interesse de sustentar a liberdade de expressão, nem sequer a expertise necessária para discernir entre jornalismo de qualidade melhor ou pior. (FRIAS FILHO, 2018, p. 43).

As tecnologias de informação, pelo seu desenho, além de seu caráter social, são reconhecidamente utilizáveis para vigilância, recolhimento de dados, produção de artefatos ficcionais e facilitação de circulação de falsos produtos informativos. Se o horizonte de sentido dos que inventam e programam essas tecnologias é um horizonte cínico — ainda que sabendo que devem moderar o alcance desses artefatos, mas não o fazem —, as redes e toda a tecnologia servirão perfeitamente a finalidades deceptivas, utilidades mercadológicas nocivas e objetivos políticos obscuros.

Desde um ponto de vista histórico-cultural, se pode comparar o efeito “pós-factual” das redes sociais a uma inflação galopante: o valor de verdade de uma publicação na rede diminui proporcionalmente ao número de seus destinatários. Esse efeito reforça o cinismo latente do aparato midiático que, segundo sua lógica inerente, se recusa a diferenciar a expansão da informação de seu valor de verdade. (SLOTERDIJK, 2020, p. 22, tradução nossa).

Seus acionistas principais devem transparência à sociedade, mas o fazem apenas sob força de clamor civil.<sup>5253</sup> A pós-verdade, essa epidemia psicopolítica hipertecnológica, tem

<sup>51</sup> “Il faut dire que, sous l’effet de la révolution numérique, l’information est plus abondante, la médiatisation plus impatiente, la conversation plus pétulante et la perception plus fluctuante qu’e jamais”.

<sup>52</sup> Cf. Zuckerberg assume erros diante do Congresso americano Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/mark-zuckerberg-vai-ao-parlamento-europeu-para-esclarecer-como-facebook-pode-impactar-eleicoes.ghtml> Acesso em: 13/07/19.

<sup>53</sup> Disponível em: <https://exame.com/A/tecnologia/zuckerberg-assume-erros-diante-do-congresso-americano/> Acesso em: 07/05/18.

por pano de fundo uma ideologia cínica, amplamente difundida entre seus articuladores tecnocratas neoliberais e seus clientes estatais. Sabe-se, por exemplo, do escândalo do Facebook/Cambridge Analytica: uma coleta e repasse de informações de milhões de usuários, que visou orientar a opinião pública usando a tecnologia para vigilância global e, em parceria com a Agência de Segurança Nacional americana (NSA), acessou servidores de empresas como Google, Apple e Facebook, esquema denunciado por Edward Snowden<sup>54</sup>.

O problema é quando a fascinação pela Internet e pelas novas tecnologias nos faz esquecer que o mundo virtual não é o mundo real. As leis, as guerras, a fome, a pobreza, a riqueza, tudo isso se encontra fora dos computadores. Os movimentos sociais já existiam antes da Internet, e os meios alternativos, rádios e televisões comunitárias também. As novas tecnologias permitem acesso à informação por vias mais democráticas e participativas do que as tradicionais. O erro seria que isso produzisse uma fascinação tecnológica que equiparasse os atos de se informar ou informar com os de mobilizar e participar. (MORAES; SERRANO; RAMONET, 2013, p. 174).

É necessário, também, focar nas relações intersubjetivas em grandes correntes coletivas de formação de opinião. Acerta Matthew D’Ancona quando afirma que o que há de novo é que não se trata mais somente da desonestidade dos políticos, “mas a resposta do público em relação a isso<sup>55</sup>” (D’ANCONA, 2017, p. 22, tradução nossa). Mas qual a motivação que funda essa resposta? Há algo mais profundo que torna consanguínea tanto a desonestidade do político, a esperteza do acionista tecnocrata e a indiferença cínica do público aos fatos e à verdade. Há um estado afetivo de época muito bem manejado por quem comanda as agências de comunicação de capitalismo cognitivo, do mercado das emoções. Afinal, arrebanham-se subjetividades e não robôs. Tempestades afetivas são expressas em sujeitos concretos, ainda que virtualizados. Em artigo para o *The Nation*, o jornalista Kurt Andersen, autor de *Fantasyland: how America went haywire: a 500-year history* afirma:

Se [...] antepassados do Iluminismo voltassem, eles veriam o atual estado de coisas como muito bom. A razão permanece livre para combater a irracionalidade, mas a internet dá direito e favorece todos os proponentes da irracionalidade e do erro num grau antes inimaginável. Particularmente para um povo com nossa história e propensões, o lado negativo da internet parece tão profundo quanto o lado positivo<sup>56</sup> (ANDERSEN, 2017).

---

<sup>54</sup> Cf. Entenda o caso de Edward Snowden, que revelou espionagem dos EUA. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/07/entenda-o-caso-de-edward-snowden-que-revelou-espionagem-dos-eua.html> Acesso em: 03/12/18.

<sup>55</sup> “Yet political lies, spin and falsehood are emphatically not the same as Post-Truth. What is new is not the mendacity of politicians but the public’s response to it.”

<sup>56</sup> Disponível em: <https://www.theatlantic.com/magazine/archive/2017/09/how-america-lost-its-mind/534231/>. Acesso em: 18 nov. 2020. “If [...] Enlightenment forefathers returned, they would see the present state of affairs

Diante disso, questionamos: do ponto de vista da história da humanidade, sua racionalidade, a produção do seu discurso, sua ética, suas relações políticas e diplomáticas, o caminhar das suas sociedades, o que há de novo? O impacto das novas tecnologias e das novas formas de fazer política é tamanho, que há uma aparente percepção transcendental na produção contemporânea da mentira estratégica, não só em âmbito político, uma vez que esse aparente novo problema emerge de bases tecnocráticas, organizada por agências de comunicação em massa que operam em escala industrial e se articulam de forma globalizada. A reescritura da verdade está em operação em qualquer época em que se encontrem civilizações. Precisamente, como provoca a filósofa María Jesús Vázquez Lobeiras (2020, p. 60, tradução nossa):

A verdade importa agora mais ou menos do que no ano de 1633, quando o tribunal da Inquisição proferiu uma sentença contra o patricio florentino Galileu Galilei? A verdade importa agora mais ou menos do que quando Bertolt Brecht publicou a bela peça chamada *Vida de Galileu*? A verdade importa agora mais ou menos do que em 406 a.C, quando Sócrates se posicionou contra a assembléia da cidade de Atenas ao não aceitar a sentença de morte decretada em julgamento sumário de oito generais atenienses que, apesar de terem vencido a batalha das Arginusas contra os espartanos, não puderam impedir a posterior afundamento de cerca de 25 navios e a morte de suas tripulações? Quando a assembléia da cidade decidiu condenar o próprio Sócrates à morte, a verdade importava? Quando Platão começou a escrever o discurso de defesa - a *Apologia de Sócrates* - e a partir daí a torrente dos Diálogos foi desencadeada, a verdade importava neste momento? A verdade importa agora mais ou menos do que na eleição alemã de 1933 que levou Hitler ao parlamento alemão? E em 1940, quando, em plena Segunda Guerra Mundial, um judeu exilado chamado Erich Fromm publicou *O Medo à Liberdade*?<sup>57</sup>

Montaigne não ignoraria a nova nomenclatura, o pós-factual, uma vez que, segundo ele, “há cem mil maneiras de exprimir o reverso da verdade e o campo da ação da mentira não comporta limites” (MONTAIGNE, 2000, p. 57). Como observa Matias Aires em *Reflexão*

as too much of a good thing. Reason remains free to combat unreason, but the Internet entitles and equips all the proponents of unreason and error to a previously unimaginable degree. Particularly for a people with our history and propensities, the downside of the Internet seems at least as profound as the upside.”

<sup>57</sup> “[...] ¿importa la verdad ahora más o menos que en el año 1633 cuando el tribunal de La Inquisición dictó sentencia contra el patricio florentino Galileu Galilei? ¿Importa la verdad ahora más o menos que cuando Bertolt Brecht publicó la hermosa pieza teatral llamada *Vida de Galileu*? ¿Importa la verdad ahora más o menos que en el año 406 a. C., cuando Sócrates se posicionó en contra de la asamblea de la ciudad de Atenas al no aceptar la condena a muerte decretada en juicio sumarísimo contra los ocho generales atenienses que, pese a haber ganado la batalla de las Arginusas contra los espartanos, no pudieron evitar el naufragio ulterior de unas 25 naves y la muerte de sus tripulantes? Cuando la asamblea de la ciudad decidió la condena a muerte del mismo Sócrates ¿importaba la verdad? Cuando Platón se propuso poner por escrito el discurso de defensa — la *Apología de Sócrates* — y a partir de ahí se desencadenó el torrente de los *Diálogos* ¿importaba en este momento la verdad? ¿Importa la verdad ahora más o menos que en las elecciones alemanas de 1933 que llevaron a Hitler al parlamento alemán? ¿Y en 1940 cuando, en plena II Guerra Mundial, un judío exiliado llamado Erich Fromm publicaba *El miedo a la libertad*?”.

sobre a *Vaidade dos Homens*, “o engano vestido de eloquência, e arte, atrai, e a verdade mal polida nunca persuade” (AIRES, 2011, p. 43).

Claro que estamos também diante um problema de epistemologia, novos filtros de realidade. E já não é mais novidade que estamos tratando de uma situação sistematicamente intencional por parte de quem desenha o suporte tecnológico da era pós-factual, uma vez que “criamos um sistema que privilegia as informações falsas, porque a informações falsas rendem mais dinheiro às empresas [de comunicação e redes sociais] do que a verdade” (O DILEMA DAS REDES, 2020).

Os alarmes e análises sobre os riscos da tecnologização das comunicações e da hipermediatização da vida política deixaram há muito de configurar uma novidade. O novo ilusionismo algorítmico, o embuste tecnológico, por suposto, tem de fato o poder de manejar ainda mais as massas e os bolsões de opinião de uma sociedade irremediavelmente doxocrática e doxofílica. E essas massas possuem sintomas de época com as quais os desenvolvedores de artes e tecnologias cognitivas aprenderam a jogar e dirigir, interferindo nos destinos da vida pública.

Não há guardiões para distinguir entre verdade e ficção, conteúdo genuíno e publicidade, informação legítima e erros ou fraude completa. Quem irá apontar com que tentam reescrever nossa história e disseminar boato como fato na blogsfera? Quando somos todos autores, e alguns de nós estão escrevendo ficção, em quem podemos confiar? [...] A “youtubificação” da política é uma ameaça à cultura cívica. Ela infantiliza o processo político, silenciando o discurso público e deixando o futuro do governo na dependência de videoclipes de 30 segundos feitos por amadores com intenções políticas brandindo uma *camcorder*. (KEEN, 2009, p. 64-68).

É digno de nota que a aparente novidade da relação entre o pós-factual e os algoritmos está em curso desde as primeiras atualizações das principais redes sociais atuais. Uma subjetividade pós-verdadeira é aquela cognitivamente enfeitada por técnicas de personalização algorítmica? Também. Mas adicione-se a isso o viés de necessidade de justificação das crenças, mesmo as mais absurdas ou facilmente derrubadas por simples checagem de informação. A credulidade existe, mas não se trata de simples mitologização da realidade ou arrebanhamento de hordas de ingênuos: estamos tratando de credulidade irônica.

A crença enquanto uma representação mental é assim classificada por não ter uma análise epistêmica que a valide como conhecimento. Assim, alguma crença é potencial fonte de conhecimento até que seja testada de alguma forma que a coloque à prova e possibilite uma coerência com a realidade, para só então sugerir-se sua validade. Dessa forma, podemos admitir que a crença enquanto representação mental pode ou não figurar no campo do

conhecimento. Contudo, a crença da pós-verdade não pretende ser provada por marcadores epistêmicos, uma vez que ela parte para a manipulação dos sentimentos para criar a “verdade mais agradável” (CHRISTIAN DOS SANTOS, 2020, p. 38).

Não apenas o acreditar sem consciência, mas o próprio espírito crítico resta encantado pelo poder de uma certeza que pode ser não apenas encontrada, mas defendida em fóruns, a despeito do seu acerto factual. O patrono da ciência, Aristóteles, ajuizou que “todos os homens, por natureza, tendem ao saber” (ARISTÓTELES, 2002, p. 1). A pós-verdade, nesse sentido, representa certa degenerescência da saúde normal da condição epistemológica propriamente humana, mas não se desencaixa na busca do conhecimento, uma vez que o conhecimento pós-verdadeiro também é elaborado, pensado, construído e oferecido. Nessa trilha natural, há algumas vias para o crescimento cognitivo. Entre elas figuram a serendipidade e a heurística. Serendipidade é a capacidade de realizar descobertas arquitetadas pelo acaso, deixar-se aberto ao inesperado na busca pelo sentido.

A heurística é a representação da face metodológica do homem, a aptidão do *homo sapiens* para suscitar um método com o objetivo de achar soluções para determinado problema. Os homens da ciência se vangloriam do pleno usufruto da heurística, admitindo por vezes os ganhos por serendipidade. Os homens comuns, vivendo de livres associações, estão sempre sujeitos à loteria do conhecimento. Tudo isso antes da Web 2.0 atingir seu auge.

A Internet, do ponto de vista doméstico, figura entre os seres humanos há aproximadamente 30 anos, mas já mudou tudo, aumentando vertiginosamente o nível de acesso e compartilhamento de informação. Dessa forma, hipoteticamente, com ingresso livre ao conhecimento, as pessoas poderiam ser tornar mais facilmente conscientes de si e do mundo, haveria mais esclarecimento. Para uma grande fração dos sujeitos contemporâneos, o conhecimento flui via rede. Há mais de uma década, Eli Pariser, chefe executivo da Upworthy, presidente da MoveOn.org, cofundador da Avaaz.org e autor de *The Filter Bubble*, afirmou que havia o que se temer quando naturalizássemos as pesquisas em plataformas de buscas e o recebimento informações pré-determinadas por redes sociais.

Pariser chamava a atenção para a excessiva personalização da navegação através dos “filtros bolha”, hoje amplamente conhecidos e noticiados. Pariser avaliou como filtros causam “cegueira” nas pessoas, pois alteram o conteúdo do que elas consomem. Por isso, o autor apresenta possíveis soluções para diversificar a navegação e, por consequência, heterogeneizar a recepção de produtos informativos. Trata-se, por assim dizer, de entender os perigos da “netflixização” da existência.

A ideia é que as redes como o Facebook, produtos de entretenimento como o Netflix e motores de busca como o Google operam análise de comportamento *online* para apresentar paulatinamente apenas o conteúdo que você deseja ver, mas não aquele que você *precisaria* ver. O ambiente personalizado é muito bom para responder às perguntas que temos, mas não para sugerir perguntas ou problemas inteiramente fora do nosso campo de visão: arquétipo de uma condição pós-veritativa.

A personalização é uma estratégia fundamental para os cinco maiores sites da Internet — Yahoo, Google, Facebook, YouTube e Microsoft Live — e também para muitos outros [...] A nova geração de filtros on-line examina aquilo de que aparentemente gostamos — as coisas que fazemos, ou as coisas das quais as pessoas parecidas conosco gostam — e tenta fazer extrapolações. (PARISER, 2012, p. 10).

Segundo pesquisas apontadas no livro *O Filtro Invisível*, a ampla maioria das pessoas imagina que os mecanismos de busca sejam imparciais. “Os tecnodeterministas gostam de sugerir que a tecnologia é inerentemente boa” (PARISER, 2012, p. 171). Mas essa percepção talvez se deva ao fato de que esses mecanismos são cada vez mais parciais, adequando-se à visão de mundo de cada um. Cada vez mais, o monitor dos computadores e as telas dos smartphones são uma espécie de espelho que reflete os interesses de quem os testemunha, baseando-se na análise de cliques feita por observadores algorítmicos.

Uma vez dentro da bolha dos filtros, manobrada por algoritmos que estudam nosso comportamento *online*, há menos espaço para os encontros fortuitos que nos trazem novas percepções, aprendizados e contato com versões de fatos que nos obsedam cotidianamente. O autor acredita que estamos criando muitas ligações, mas muito poucas pontes.

E não se trata apenas de uma questão de privacidade quando sites de livrarias, farmácias ou calçados nos rastreiam e permanecem oferecendo tal ou tal produto insistentemente, qualquer que seja o meio pelo qual façamos *login*. O autor explica como os algoritmos podem nos perseguir. “Se buscarmos uma palavra como ‘depressão’ no Dictionary.com, o site irá instalar 223 *cookies* e *beacons* de rastreamento em nosso computador, para que outros sites possam nos apresentar anúncios de antidepressivos” (2012, p. 9) Mais uma vez, não se trata apenas de uma questão de privacidade, pois

Também estamos falando do modo como os dados moldam o conteúdo e as oportunidades que enxergamos ou não [...] A Internet talvez saiba quem somos, mas nós não sabemos quem ela pensa que somos, ou como está usando essas informações. A tecnologia criada para nos dar mais controle

sobre nossa vida está, na verdade, retirando-nos esse controle. (PARISER, 2012, p. 198)

Exatamente por isso, Maurizio Ferraris, autor a ser destacado mais à frente, assim que tratarmos sobre o tema das possíveis relações entre pós-verdade e pós-modernidade, quando pensa o tema do ponto de vista da tecnologia, afirma:

O verdadeiro problema [...] não é nem a privacidade nem a verdade, mas a desproporção (que eu defino como “mais-valia documental”) entre os dados disponíveis para os usuários gerais (os “mobilizados”) e as empresas que administram as plataformas web (os “mobilizadores”). Como descuidadamente abrimos mão de nossa privacidade e navegamos nas águas do pós-verdade, nós produzimos riqueza<sup>58</sup> (FERRARIS, 2019, p. 46-47, tradução nossa).

Longe de querer desenhar uma pessimista distopia informativa, Pariser se mostra muito consciente da importância da lógica dos filtros numa sociedade do infoentretenimento, onde não se pode ver claramente a linha divisória entre diversão e informação. Nesse sentido, os filtros-bolha funcionam como uma ferramenta que alivia o fluxo de informação, mas, assim concluímos, também narcotiza a capacidade de relação ativa com o real, cenário substancialmente pós-verdadeiro.

Logo, “se a personalização for excessiva, poderá nos impedir de entrar em contato com experiências e ideias estonteantes, destruidoras de preconceitos, que mudam o modo como pensamos sobre o mundo e sobre nós mesmos [...]. Talvez pensemos ser os donos do nosso próprio destino, mas a personalização pode nos levar a uma espécie de determinismo informativo” (PARISER, 2012, p. 17).

E como funcionam esses filtros? O próprio Eli nos explica. Os filtros personalizados costumam funcionar em três etapas. Primeiro, o filtro tenta entender quem é a pessoa e do que ela gosta. A seguir, oferece-lhe conteúdo e serviços adequados. Por fim, faz um ajuste fino para melhorar essa correspondência. Por consequência, a nossa identidade molda a nossa mídia, e a nossa mídia molda então aquilo em que acreditamos e o que consideramos importante.

E qual o futuro de tudo isso? O futuro da personalização é movido por um cálculo econômico simples. Os sinais sobre nosso comportamento social e o poder computacional

---

<sup>58</sup> “The real problem, in the perspective I propose, is neither privacy nor truth, but the disproportion (which I define “documedia surplus value”) between the data available to the general users (the “mobilized”) and the companies that manage the web platforms (the “mobilizers”). As we carelessly give up our privacy and navigate in the waters of post-truth, we produce wealth.”

necessários para analisá-los estão se tornando cada vez mais baratos. Precisamos ter cuidado uma vez que “tanto em termos de informação como de comida, nós somos aquilo que consumimos” (PARISER, 2012, p. 114).

O receio de Pariser é que haja cada vez menos espaço para a serendipidade e que em pouco tempo não haja mais nada para aprender. O pior efeito da bolha dos filtros é nos confinar ao nosso bairro de informações, tornando-nos incapazes de ver ou explorar o restante das enormes possibilidades do mundo *online*. O futuro da Internet, afirma, é a personalização. A rede agora gira em torno do “eu” e é a esta seara cognitiva de baixa energia de questionamento que uma personalidade pós-verdadeira se volta quando precisa abastecer seu equipamento sapiencial. E há consequências bastante evidentes quando o tema é a verdade e os fatos. Como observa Tracy B. Strong (2019, p. 144, tradução nossa):

O que costumava unir as pessoas em alguns grupos complexos e não coerentes com valores múltiplos e apenas parcialmente sobrepostos, agora divide pessoas. As pessoas podem ir ao que sabem ao invés de ter o que não sabem vindo a elas. A proliferação de fontes de mídia também é uma proliferação do que é designado como fato. E qualquer alegação de fato é, por uma questão de justiça, intitulado aos seus 15 minutos de horário nobre<sup>59</sup>.

O crescimento da filtragem está, pois, modificando o modo como vivenciamos a Internet e, em última análise, o mundo. No centro dessa transformação está o fato de que, pela primeira vez, um meio é capaz de descobrir quem somos, do que gostamos e o que queremos. Ainda que o código de personalização nem sempre seja infalível, ele é preciso o suficiente para ser lucrativo, não só por nos apresentar uma publicidade mais direcionada, mas também por ajustar a substância do que lemos, vemos e ouvimos. Podemos erigir uma reflexão a partir de Jaron Lanier:

Como permanecer independente em um mundo onde você está sob vigilância contínua e é constantemente estimulado por algoritmos operados por algumas das corporações mais ricas da história, cuja única forma de ganhar dinheiro é manipulando o seu comportamento? (LANIER, 2018, p. 10).

A tecnologia é o suporte que condiciona o fenômeno da pós-verdade e não é novidade que hoje passamos por mais uma etapa de dissolução das fronteiras entre fato e ficção, verdadeiro e falso, real e virtual, o sério e o cômico, a crítica e a ironia. Se Françoise Lavocat

---

<sup>59</sup> “What used to bring people together into a few complex and notcoherent groups with multiple and only partially overlapping values now divides people. People can go to what they know rather than have what they do not know come to them. The proliferation of media sources is also a proliferation of what is designated as fact. And any claim to fact is, for the sake of fairness, entitled to its 15 minutes of prime time.”

em *Fait et Fiction* afirma que a “noção de ficção está hoje ameaçada de dissolução” (LAVOCAT, 2016, p. 13) isso se deve ao fato de que “os artefatos contemporâneos são caracterizados pela hibridação entre história e imaginação e pelo **regime pseudo-factual**<sup>60</sup>” (LAVOCAT, 2016, p. 24, tradução nossa, grifo nosso).

Naturalmente que o conceito de pós-verdade carrega, de pronto, um mérito lexical que expõe questões importantes para re-análise: a da indiferença, a corrosão e a relativização extrema da verdade como legitimadora do real e da vida comum. Entretanto, o problema da hipertrofia das tecnologias de comunicação, a crise no setor de informação, das relações entre mídia e poder e os impactos de todos esses elementos nas relações humanas mais amplas não nasce, como pós-verdade, trazendo verdadeiramente um *novum*. Não aos olhos de diagnósticos filosóficos e societários sobre esses riscos.

Do Espetáculo de Debord à Liquidez das relações de Bauman (1999); das denúncias em formato de heroísmo veritativo de Julian Assange (2012) e Edward Snowden (2014) às considerações de crise da modernidade em Latour (1991) e Lyotard (1979); do controle de pensamento em sociedades democráticas de Chomsky (1988) a Baudrillard (1981) e o excesso de ficcionalização da realidade; de Habermas (1999) e sua crítica epistemológica para a noção de verdade em seu caráter incondicional a Sennet (1977) e a crise do político no declínio do homem público; de Sloterdijk (1986) e a *falsa consciência esclarecida*, resultado de uma falência do projeto moderno, à hipermodernidade e o fim das solenidades em relação a valores como a verdade em Lipovetsky (2004), apenas para citar alguns dos diagnósticos de tipos filosóficos supracitados.

À questão técnica e tecnológica cabem acrescentar ações urgentes do ponto de vista político e jurídico. Essas produções, suas agências e seus atores precisam ser analisados e moderados em nome da coordenação de um regime que se queira democrático. As ações consideradas pós-factuais em redes são intencionais, humanas. Claro que, quando falamos de algoritmos, tratamos de “uma seqüência bem definida de operações [...], um procedimento de cálculo” (PENROSE, 1993, p. 16). Logo, trata-se de metodologia, e não arquitetura do acaso. Há um já desvelado usufruto humano dos cálculos robóticos visando acumular consenso público de forma mecânica. Ignorar esse fato é também sinal de cinismo.

Já não é surpreendente ou novidade o fato de que *fake news* se deixam espriar 70% mais rapidamente do que as notícias consideradas verdadeiras, ou seja, aquelas produzidas por meios oficiais de imprensa ou que gozam de credibilidade pública, observadas por

---

<sup>60</sup> “Les artefacts contemporains ne sont-ils pas caractérisés par l’hybridation entre histoire et imagination et par le régime pseudo-factuel?”

ombudsman e com recolhimento profissional dos fatos. Esta é a conclusão a que chegou o estudo sobre o cultivo e circulação de falsas notícias em ambiente de redes, realizado pelo MIT (Instituto de Tecnologia de Massachusetts) e publicado pela revista *Science*. Contrariando uma parcela bastante significativa das concepções tecnocráticas correntes, a pesquisa indica que são humanos, e não *social bots*, os principais responsáveis pela disseminação de falsas informações<sup>61</sup>. Logo, entender o problema antropológico é tão urgente quanto o tecnológico.

Não existe fiabilidade digital – apenas uma mistura de dados visíveis e não tão visíveis e funções algorítmicas. Portanto, **a confiabilidade das fontes digitais é sempre estabelecida em relação às não digitais**. As fraudes de cartão de crédito online são resolvidas rastreando bens físicos, o roubo de identidade online é resolvido rastreando documentos físicos e a confiança em documentos online (como artigos de periódicos) é estabelecida pela reputação de seus editores. A complexidade e a obscuridade das tecnologias digitais ampliam o espaço ambíguo entre a verdade e a mentira, proporcionando assim um terreno fértil para a pós-verdade. No entanto, o problema da pós-verdade não é exclusivamente digital, e compreendê-lo nos leva para além do âmbito digital<sup>62</sup> (BESLEY, et. al, p. 2018, p. 108, tradução nossa, grifo nosso).

Destarte, e já posicionando nossa tese em direção própria, investigamos qual o dispositivo humano da pós-verdade, resultante de alguns sintomas de época — a vida pública erigida em bases de tempestades afetivas — que são o conteúdo antropológico da cristalizada superestrutura tecnológica. Raramente poderá ser visto diferente acerca da

Introdução generalizada de ferramentas e máquinas de cálculo ou computacionais em todos os aspectos da vida social. Com a ajuda do poder e da onipresença do fenômeno digital, não há mais uma separação hermética entre a tela e a vida. A vida agora acontece na tela e a tela se tornou a forma plástica e simulada do viver que, além disso, pode agora ser apreendida por um código<sup>63</sup> (MBEMBE, 2016, p. 24, tradução nossa).

---

<sup>61</sup> Disponível em: <https://news.mit.edu/2018/study-twitter-false-news-travels-faster-true-stories-0308> Acesso em: 29/03/18.

<sup>62</sup> “There is no such thing as digital trust — only a mash-up of visible and not-so-visible data and algorithmic functions. Therefore, the trustworthiness of digital sources is always established in relation to the nondigital. Online credit card frauds are resolved by tracing physical goods, online identity theft is resolved by tracing physical documents and trust in online documents (such as journal articles) is established by the reputation of their publishers. The complexity and murkiness of digital technologies widen the ambiguous space between truth and lie, thus providing fertile ground for post-truth. However, the problem of post-truth is not exclusively digital, and understanding it takes us beyond the digital realm”.

<sup>63</sup> “[...] Introduction généralisée d’outils et de machines calculants ou computationnels dans tous les aspects de la vie sociale. La puissance et l’ubiquité du phénomène numérique aidant, il n’existe plus de séparation étanche entre l’écran et la vie. La vie se passe désormais sur l’écran et l’écran est devenu la forme plastique et simulée du vivant qui, par ailleurs, peut désormais être saisi par un code”.

Se simplesmente consideramos estar ultrapassada a verdade em diversos âmbitos da vida em sociedade, se a estamos ignorando ou tratando-a com indiferença, se o real passa a ser irrelevante, se o acerto empírico das observações passa a ser soterrado, então não teríamos mais um problema filosófico no sentido estrito do termo, e, assim, não haveria um novo convite. Caso fosse assim, se poderia deixar o expediente de entendimento da crise do real e do verdadeiro por conta de tecnólogos, tecnocratas, dos impérios de informação e de ficcionistas de toda ordem. Se há um ultrapassamento da exigência dos fatos, do real e da verdade, há também um ultrapassamento da filosofia. Se for o caso de que não há mais verdade, então a filosofia, que já se prepara para chegar aos seu terceiro milênio buscando interpretar e problematizar o que é a verdade, também deixa de ser verdadeira. Como assinala Julian Baggini em *A Short History of Truth, Consolations for a Post-truth World*:

É por isso que falar de uma sociedade da “pós-verdade” é prematuro e equivocado. Os mesmos dados que mostram um declínio de um século e meio no uso da palavra “verdade” também apontam para um renascimento do conceito no século XXI. Nem estaríamos falando sobre pós-verdade se não achássemos que a verdade importa. (BAGGINI, 2017, p. 9)<sup>64</sup>.

Então, filosoficamente, o caminho pelo qual se investiga as causas da relativização do verdadeiro e do real, que não sem razão são percebidas primordialmente a partir das tecnologias, terá, na presente tese, um traçado que percorre um caminho de entendimento das configurações de relações humanas, e não uma investigação estrita de epistemologia. “Se há uma crise da verdade no mundo hoje, a raiz do problema não é a inadequação das teorias filosóficas da verdade<sup>65</sup>” (BAGGINI, 2017, p. 8, tradução nossa). As consequências da difusão de eufemismos como *fringe theories*, *alt truth* ou mesmo *fake news* (LEVITIN, 2017), para a compreensão do momento pelo qual passam as democracias hipermidiatizadas, se dará num entendimento de psicopolítica. Proporemos, assim, um modelo de entendimento sobre o que, na atual condição humana, também condiciona o que será chamado, doravante, de pós-verdade: exploração de emoções e afetos como modelo de racionalização do real.

[A pós-verdade é] a capacidade do discurso político de modelar a opinião pública fazendo apelo às emoções primordialmente sobre a realidade dos

---

<sup>64</sup> “That’s why talk of a ‘post-truth’ society is premature and misguided. The same data that shows a century-and-a-half decline in the use of the word ‘truth’ also points to a twenty-first-century revival in the concept. We wouldn’t even be talking about post-truth if we didn’t think truth mattered.”

<sup>65</sup> “If there is a crisis of truth in the world today, the root of the problem is not the inadequacy of philosophical theories of truth”.

fatos. Pouco importa que estes informem ou não as opiniões: o essencial é o impacto do propósito. A partilha do verdadeiro e do falso torna-se insignificante em relação à eficácia do ‘fazer crer’. A era da pós-verdade é também a do pós-factual<sup>66</sup> (REVAULT D’ALLONNES, 2018, p. 11, tradução nossa).

Longe da intenção de simplificar a questão, pela diminuição da centralidade da materialidade tecnológica, pensamos, ao contrário, que a pós-verdade, nas figuras superficiais das *fake news* e dos fatos alternativos, têm o destaque que lograram exatamente pelo fato de que em ambientes informacionais hipertecnológicos é extremamente fácil checar a veracidade ou acerto de uma informação.

É isso que diferencia os casos Trump e Bolsonaro, por exemplo, das mentiras de Estado clássicas. Apenas uma subjetividade emocionalmente cínica e ironista é capaz de manter sua posição de negação dos fatos e do real, ou por relativa ignorância ou intencionalmente (credulidade irônica), mesmo diante de todas as ferramentas que, em tese, extirpariam as inexatidões informacionais e as mentiras escancaradas circulantes em rede. E é aí que temos o critério normativo da pós-verdade, a indiferença cínica ironista à verdade ou aos fatos, fixado por certo fingimento lúdico compartilhado. Casos como os relatos pós-verdadeiros “nos lembram que a verdade não é simplesmente um problema de descrição adequada de estados de coisas, mas é também um problema de respeito a critérios normativos de enunciação” (SAFATLE, 2008, p. 72). Quanto mais tecnologia, neste caso, mais cinismo e ironia serão necessários para obliterar o real, tornando os critérios de enunciação cada vez mais veritafóbicos.

*As fake news* alimentam-se de dois públicos paradoxalmente antagônicos e complementares: o que sabe da falsificação e não se importa, por considerá-la útil aos seus fins ideológicos, e o que adere ingenuamente a uma verdade inexistente por crença ou identificação, ou seja, por encontrar no falso aquilo que pensa ou imagina como sendo verdadeiro. Toma, portanto, o seu desejo por verdade e aceita o falso como evidência materializada da sua ilusão. Não raro, como na vulgata do pensamento medieval, a falsificação recorre a citações verdadeiras para legitimar o seu procedimento. (MACHADO DA SILVA, 2019, p. 44).

Tendo em vista, então, as claras dimensões políticas e tecnológicas do tema da pós-verdade, adicionamos mais uma questão para a estrutura do nosso esforço filosófico de base psicopolítica. O próprio conceito está bem posto, evoca algum ineditismo enquanto questão

---

<sup>66</sup> “La capacité du discours politique à modeler l’opinion publique en faisant appel aux émotions prime sur la réalité des faits. Peut importe que ces dernières informent ou non les opinions: l’essentiel, c’est l’impact du propos. Le partage du vrai et du faux devient donc insignifiant au regard de l’efficacité du “faire croire”. L’ère de la post-vérité est aussi celle du post-factuel”.

filosófica sobre a verdade e o real? Torna claro o fenômeno humano em voga? Ou partimos de um conceito insuficiente? Passemos ao problema do próprio posicionamento do problema.

## 2.2 VERDADE, MENTIRA, FATO OU REALIDADE? O PROBLEMA NA POSIÇÃO DO PROBLEMA

*Deixemos de lado a questão de saber que diferença há entre um problema na ciência e na filosofia. Mas, mesmo na filosofia, não se cria conceitos, a não ser em função de problemas que se considera mal vistos ou mal colocados<sup>67</sup> (Gilles Deleuze).*

A própria dificuldade na posição do problema, além das claríssimas querelas tecnológicas — e a óbvia necessidade de entender o quadro político no qual está inserido —, acentua ainda mais nosso interesse em produzir uma interpretação do fenômeno pós-factual. O tema em voga é claramente concernente à filosofia, tanto devido à carga do prefixo “pós”, quanto ao sufixo “verdade”. No entanto, suspeitamos que não é exatamente em relação à verdade que o conceito e o fenômeno de pós-verdade se contrapõem. Sobre o tema prefixal (“pós”) nos ocuparemos na seção a seguir. Mas a posição do próprio conceito é assaz ambígua, o que nos levará a levantar suspeita sobre a assertividade das definições vigentes. Veremos de agora em diante que há um entrave claro de reconhecimento tanto moral quanto epistêmico dos relatos pós-factuais, o que nos levará mais tarde a suscitar mais solidamente se o nexo causal da pós-verdade é o terreno conceitual e procedimental da pós-modernidade.

No afã de definir o que se entende por pós-verdade, não se deveria adotar um paradigma da tradição para realizar essa aproximação? Na qualidade de tese filosófica, não deveríamos adotar um modelo e, a partir dele, definir *a verdade filosófica* contra a pós-verdade? Mas o que defenderíamos neste momento, no alvorecer do século XXI? Um neorealismo? Seguimos com uma abordagem analítica? Seremos ontologistas? Ou abertamente defensores de um “relativismo” pós-moderno ou de qualquer espécie de perspectivismo? Havendo um generalizado e politicamente atuante desencredenciamento da ciência e das fontes tradicionais de comunicação, passamos a defender todo tipo de verificacionismo e apologia aos “fatos reais” e um retorno a um tempo no qual a verdade era regra?

---

<sup>67</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, F. *O que é isto a filosofia?* São Paulo: Editora34, 1993. p. 27.

E se os atores que agora propõem o conceito de pós-verdade carecerem de definições claras, de um ponto de vista substancialmente filosófico, em relação ao que se entende por real, verdade e fato? De que nos adianta propor o que é “correto” em relação à verdade, definir o real tanto epistemológica quanto ontologicamente, quando a práxis política corrente, amplamente veritafóbica e agnatológica, sequer tem no horizonte intelectual o conceito de verdade como algo válido para ser lastro do jogo moral e político? Corrigir a verdade em um plano estritamente filosófico num momento tão emergencial do ponto de vista societário seria como tratar uma fratura exposta prescrevendo aspirina.

Isso não significa a expulsão da filosofia do jogo interpretativo, mas o diametralmente oposto. A pós-verdade é um fenômeno político, um fenômeno nascido no seio de um momento de crise de legitimidade das democracias de informação. A despeito da proposição do conceito, subjaz um fenômeno cuja aparência novedosa pode carregar uma expressão conhecida. Portanto, se há uma espiritualidade filosófica na presente tese, esta está ligada parcialmente a uma tradição fenomenológica.

Cabe aqui convocar toda a malícia que a história da filosofia nos entrega nos esforços de entendimento da necessidade dos conceitos que põem luz sobre fenômenos realmente graves na trama da existência humana. Não sem razão, Matias Aires afirma, em seu *Reflexão sobre a Vaidade dos Homens* (1752), que a falta de malícia é falta de entendimento, “porque malícia propriamente é aquela inteligência, ou ato, que prevê o mal, ou o medita; por isso é diferente o ter malícia, e o ser malicioso: tem malícia quem descobre o mal para o evitar; é malicioso quem o antevê para o exercer” (AIRES, 2011, p. 44); ou, para ser mais preciso, concordando com Emmanuel Levinas, em seu *Totalidade e Infinito*, “a política opõe-se à moral, como a filosofia à ingenuidade” (LÉVINAS, 1980, p. 9).

Partimos acatando o que aponta, muito acertadamente, o historiador Patrick Boucheron em seu curso *Fictions Politiques*, no Collège de France, em de janeiro de 2017. Em palestra intitulada “La vérité: avant, après<sup>68</sup>”, trata diretamente do tema da pós-verdade e de como é necessário, mais do que nunca, que haja ficção para que ainda haja política; não deveria causar surpresa, portanto, a renomeação de antigos fenômenos politológicos, uma vez que, tradicionalmente, a “política depende de histórias que legitimam reivindicações e inspiram a ação, qualquer que seja sua base factual<sup>69</sup>” (KALPOKAS, 2019, p. 7, tradução nossa).

---

<sup>68</sup> Disponível em: <https://www.college-de-france.fr/site/patrick-boucheron/course-2017-01-17-11h00.htm> Acesso em: 1 jan. 2018.

<sup>69</sup> “[...] politics is dependent on stories that legitimise claims and inspire to action, whatever their factual basis”.

Na palestra citada anteriormente, Boucheron afirma que há razões para hoje, mas não pela primeira vez na história, duvidarmos da força da verdade nas nossas experiências e existências políticas. Para o pensador francês, um animal político da pós-verdade é aquele no qual a verdade do fato não funda a ação, mas vive-se a deliberar de forma instantânea e imaginar sem corroboração empírica. Segundo Boucheron, há três ambiguidades e anacronismos no próprio cerne do conceito, e que estas são nevrálgicas para o início de qualquer interpretação que seja feita para além das definições de dicionários.

Sobre o supracitado conceito oficial de pós-verdade, afirma o historiador francês: 1 – Os fatos e não a verdade. Partimos de quê, dos fatos ou da verdade? Em inglês, *post-truth politics* e *post-factual politics* são dados como sinônimos: “na era da pós-verdade; de fato, o termo pós-fato tem sido usado quase como sinônimo de pós-verdade<sup>70</sup>” (EVAN DAVIS, 2017, paginação irregular, tradução nossa). 2 – Uma era? A partir de 2004, tendo como paradigma as mentiras de Estado sobre armas químicas utilizadas pelos Estados Unidos para a deflagração da guerra no Iraque, deu-se partida na fala pública sobre um ambiente político pós-factual: a “era da pós-verdade”. O que há de novo num modo de comunicação, num modelo político, chamado de propaganda, já bastante conhecido, na formação da opinião pública cujo apelo à emoção substitui a busca dos fatos? O que justifica que, somente a partir de 2004, se qualifique toda uma época: a tecnologia? 3 – O tema da mendacidade: o uso da mentira. O uso da mentira não fere a verdade, o conceito de verdade.

O termo “pós-verdade” esgarça os limites dos conceitos em que se baseia (Verdade, Sociedade, Tempo), sem dizer muito no final das contas, mostrando-se, desse lado, “oco”. Por outro lado, podemos contrapô-lo a ele mesmo, analisando as condições histórico-ideológicas de produção do próprio enunciado, que, se não explicam sua aplicação, justificam sua formulação e emergência. (DI RAIMO; LACERDA, 2021, p. 47).

Em política, “um lugar privilegiado para a mentira” (DERRIDA, 1996, p. 11), essa distinção fica ainda menos evidente, uma vez que a existência de um clima de relativismo factual e o (des)compromisso com o verdadeiro estão em marcha há muito mais tempo do que a existência do mais primitivo pensamento pós-moderno ou a existência de pensadores como Lyotard, Derrida ou Deleuze, como problematizaremos mais adiante.

Por razões estruturais, será sempre impossível provar, em sentido estrito, que alguém mentiu, mesmo se podendo provar que não disse a verdade. [...] Não se poderá nunca provar contra alguém que afirmar “eu me enganei, mas não quis enganar a ninguém, sou de boa fé”, ou ainda, alegando a diferença

---

<sup>70</sup> “[...] in a post-truth age; indeed, the term post-fact has been used almost interchangeably with post-truth”.

sempre possível entre o dito, o dizer e o querer-dizer, os efeitos da língua, da retórica, do contexto “eu disse isso, mas não é o que queria dizer; de boa-fé, em meu foro íntimo, essa não era minha intenção, houve mal-entendido”. (DERRIDA, 1996, p. 9).

Há sempre uma verdade pela qual o mentiroso mente. O mentiroso, em certa medida, defende a verdade, e “certas mentiras têm por função salvaguardar as condições de busca da verdade<sup>71</sup>” (CERVERA-MARZAL, 2019, p. 12, tradução nossa). Por isso, a mentira tem uma clara relação com os fatos, na medida em que se opõe totalmente a eles<sup>72</sup>” (EVAN DAVIS, 2017, tradução nossa).

Podemos ver a diferença entre a pós-verdade e a mera mentira comparando duas declarações de dois recentes presidentes americanos. O primeiro é o tweet de Donald Trump, em 6 de novembro de 2012: “O conceito de aquecimento global foi criado por e para os chineses a fim de tornar a manufatura dos EUA não competitiva”. A segunda é o depoimento de Bill Clinton, em 26 de janeiro de 1998: 'Quero dizer uma coisa ao povo americano, quero que me ouçam, vou dizer de novo, não tive relações sexuais com aquela mulher, Senhorita Lewinsky'. A declaração de Clinton, dadas as revelações subsequentes, é alarmante. É possível que, ao apelar para um tecnicismo, Clinton não tenha considerado suas interações íntimas com Monica Lewinsky como uma 'relação sexual', mas isso é improvável; exigiria um esforço fenomenal de autoengano, ou engenhosidade, para defender essa posição com honestidade e integridade. O tuíte de Trump também é inquietante, mas por motivos diferentes. Embora tanto Trump quanto Clinton estejam, para usar uma gíria moderna, “bagunçando com a verdade”, há uma diferença fundamental entre essas duas proclamações presidenciais<sup>73</sup> (BUFACCHI, 2021, p. 349, tradução nossa)

Refaçamos a pergunta: é a pós-verdade simplesmente uma atualização hipertecnológica da mentira ou uma enfermidade antiga? Pergunta Alain Cambier (2019), em seu *Philosophie de la Post-vérité*, se a pós-verdade não revela um persistente desejo humano de esconder o verdadeiro, sempre pronto para ressurgir à custa do racionalismo (CAMBIER, 2019). O que não se pode refutar é que o conceito, negativo por natureza, nasce como

---

<sup>71</sup> “[...] certains mensonges ont pour fonction de sauvegarder les conditions de recherché de la vérité”.

<sup>72</sup> “[...] the lie has a clear relationship to the facts, in that it is wholly opposed to them”.

<sup>73</sup> “We can see the difference between Post-Truth and a mere lie by comparing two statements by two recent American presidents. The first is Donald Trump’s tweet, on 6 November 2012: ‘The concept of global warming was created by and for the Chinese in order to make U.S. manufacturing non-competitive’. The second is Bill Clinton’s testimony, on 26 January 1998: ‘I want to say one thing to the American people, I want you to listen to me, I’m going to say again, I did not have sexual relations with that woman, Miss Lewinsky’. Clinton’s statement, given the subsequent revelations, is alarming. It is possible that by appealing to a technicality Clinton did not consider his intimate interactions with Monica Lewinsky as a ‘sexual relation’, but that is unlikely; it would require a phenomenal effort of self-deception, or ingenuity, to defend that position with honesty and integrity. Trump’s tweet is also disquieting, but for different reasons. While both Trump and Clinton are, to use a modern slang, ‘messing with the truth’, there is a fundamental difference between these two presidential proclamations.”

denúncia de atividades políticas de líderes políticos mentirosos compulsivos: seja nos Estados Unidos, Reino Unido, Rússia, México, Hungria ou Brasil.

O que há no cerne da ‘pós’ da pós-verdade, então, quando analisados os conceitos difundidos, que impeça que a análise a sinonimize imediatamente com o conceito de mentira? A pós-verdade é também uma questão de *performance* política na análise da atuação de *bullshitters* na vida pública, atores sociais sensivelmente distintos dos mentirosos clássicos. “A era da pós-verdade é, de fato, a do bullshit instituído em escala global, e defendo que somente uma compreensão apurada desse fenômeno permitirá frustrar os ataques que estão sendo feitos atualmente contra a verdade, os fatos e a objetividade<sup>74</sup>” (DIEGUEZ, 2018, p. 8, tradução nossa).

Há a questão acerca do que os próprios atores acreditam. É concebível (e eu realmente acho que é o caso) que Bush/Cheney/Rumsfeld e agora Trump, Bannon, Kushner acreditam realmente que estão trazendo ou tentando trazer se não justiça social para aqueles que foram colocados de lado pela tirania de Saddam Hussein e agora pelo neoliberalismo ou então pelo menos "grandeza" para um reino no qual hipoteticamente foi notavelmente carente no regime anterior. Eles não são cínicos, mas sérios<sup>75</sup> (STRONG, 2019, p. 149, tradução nossa).

Discordamos aqui de que, nos casos citados por Strong, não se trate de uma postura cínica, pois há um cinismo de consciência falsamente esclarecida, como veremos junto a Sloterdijk. Há, nesses casos, excesso de conhecimento nas campanhas políticas do *bullshitters* e uma opção clara por uma encenação néscia. Não há erro, há cálculo. Há um sistema, por isso a proeminência da tecnologia na análise do enredo pós-veritativo. O cínico pós-factual não é um mentiroso clássico ou meramente alienado, mas tampouco é sério. Um mentiroso clássico é sério, dado que este, “por definição [...], sabe a verdade — se não toda a verdade, pelo menos a verdade daquilo que pensa, sabe o que ele quer dizer, sabe a diferença entre aquilo que pensa e aquilo que diz: sabe que mente” (DERRIDA, 1996, p. 13).

Um mentiroso clássico, sendo agente da política, ainda com a verdade conservada no horizonte, tem interesses políticos, ainda que legisle para interesses próprios. Um cínico contemporâneo, uma falsa consciência esclarecida, pouco escrupuloso e indiferente à verdade,

---

<sup>74</sup> “L’ère de la post-vérité est bien celle du bullshit institué à une échelle globale, et j’avance que seule une compréhension fine de ce phénomène permettra de contrecarrer les attaques menées en ce moment contre la vérité, les faits et l’objectivité”

<sup>75</sup> “There is the question of what the actors themselves believe. It is conceivable (and I indeed think it the case) that Bush/Cheney/Rumsfeld and now Trump, Bannon, Kushner actually believe that they are bringing or trying to bring if not social justice to those who have been pushed aside by the tyranny of Saddam Hussein or now by neo-liberalism, then at least “greatness” to a realm in which it had supposedly been notably lacking under the previous regime. They are not cynical but serious.”

sustenta projetos pessoais custe epistemologicamente o que custar, seus interesses políticos são relativos, irônicos, desdenhosos.

O cínico se define por sua ausência de ambição política: ele se contenta com o estado atual do mundo. Sua única ambição é pessoal. O mentiroso ao contrário mente porque quer mudar o mundo. Ele diz o contrário do que é para que o que não é aconteça. O mentiroso é um reformador. O cínico é um conservador<sup>76</sup> (CERVERA-MARZAL, 2019, p. 15, tradução nossa).

Um *bullshitter*, um ironista cínico, carrega consigo o arquétipo discursivo no qual “as narrativas mais convincentes são do tipo pós-verdadeiro, até porque são especificamente projetadas para serem convincentes e não acorrentadas pela necessidade de representar alguma substância subjacente<sup>77</sup>” (KALPOKAS, 2019, p. 105, tradução nossa). Como alinha Harry Frankfurt em seu *On Bullshit*:

Contar uma mentira é um ato com enfoque muito preciso, projetado para inserir uma determinada falsidade num ponto específico de um conjunto ou de um sistema de convicções, a fim de evitar as consequências de se ter aquele ponto ocupado pela verdade. Isso requer um grau de perícia no qual o contador da mentira se submete a constrangimentos objetivos, impostos por aquilo que ele tem como sendo a verdade. O mentiroso é incondicionalmente afetado pelos valores de verdade. Para inventar uma mentira qualquer, ele tem de pensar que conhece a verdade e, a fim de inventar uma mentira eficaz, precisa elaborar sua falsidade sob a orientação daquela verdade. (FRANKFURT, 2005, p. 16).

Na mesma direção, assevera Spinoza que “exatamente da mesma maneira que a luz revela a si própria e as trevas, assim também a verdade é norma de si própria e do falso” (SPINOZA, 1980, p. 109). A mentira pós-factual, se a quisermos assim provisoriamente chamar, conta com um quadro sócio-histórico inédito para alcançar o *status* ao qual se elevou. Não conta somente com a eficácia dos seus produtores, no sentido clássico dos emissores, uma vez que, em uma sociedade hipermidiatizada, todos os portadores de tecnologia de informação são também produtores, o que a grande área de comunicação taxa de “prodssumidor”. Se há a necessidade de um esforço para classificar a pós-verdade como uma nova roupagem para hábitos coletivos falsários, que se a taxe de *mentira metodicamente organizada*.

---

<sup>76</sup> “Le cynique se définit par son absence d’ambition politique: Il se r pait de l’état actuel du monde. Sa seule ambition est personnelle. Le menteur, au contraire, ment parce qu’il veut changer le monde. Il dit l’inverse de ce qui est afin qu’advienne ce qui n’est pas. Le menteur est un réformateur. Le cynique est un conservateur”.

<sup>77</sup> “The most compelling narratives are of a post-truth kind, not least because they are specifically designed to be compelling and not shackled by the need to represent some underlying substance.”

Há um extrapolamento de cultivo público — e indiferença quanto ao resultado — do que o filósofo romeno Gabriel Liiceanu chama de “falso intencional”. Somos afetivamente e efetivamente usuários e produtores de falsos intencionais. Como discordar disso se orientarmos uma rápida visada por sobre a história do uso da linguagem? Dessas articulações não-verdadeiras dependem um sem número de arranjos, a estabilidade de acordos de toda ordem, mesmo simples arranjos familiares cujas crises podem ser evitadas quando omitidas certas verdades inconvenientes. A mentira e o mentiroso raramente entram no rol jurídico dos grandes crimes que acarretariam encarceramento. A mentira e o mentiroso não são elementos estrangeiros nas comunidades humanas. Fato alternativo é mais um construto linguístico que redefine o fenômeno sem época. Bem por isso, afirma Nietzsche que “o mentiroso serve-se das designações válidas, as palavras, para fazer o imaginário surgir como afetivo” (NIETZSCHE, 2008, p. 29).

A mentira não pode ser de fato entendida senão como momento negativo da liberdade. E então tudo se torna claro: o mal, o crime, a política, ou seja, todas as coisas são possíveis apenas pela escroqueria verbal que as precede. O fato de a língua, empregada do utilizador humano, poder dizer não apenas o que é, mas o que não é — ou seja, o fato de que uma palavra pode dizer não apenas a verdade, mas também mentir — explica por que a história do homem é, em sua essência, uma corrente de desastres. (LIICEANU, 2014, p. 10).

A filósofa Franca D’Agostini, operando uma taxonomia da mentira, antecipa que o atual clima de niilismo em relação à verdade conduz, dentre outras consequências, a um descrédito em relação ao racional e a um forçoso clima generalizado de anti-intelectualismo, bem como de “primazia do sentir sobre o saber, do *pathos* sobre o *logos*, do coração sobre a razão” (D’AGOSTINI, 2014, p. 155).

Esse cenário é, a propósito, a característica central de uma cultura pós-factual. Aquela na qual o sujeito adota a ficção que enquadre a realidade como lhe convém, que se adeque mais firmemente às suas paixões, que melhor se adapte aos seus anseios sociais, que seja instrumento de defesa em qualquer refrega política, ainda que não possua nenhum fundamento empírico/científico minimamente razoável do ponto de vista lógico ou moral.

A conjunção entre política de promoção de emoções, meios de comunicação que se sustentam por cliques e a algoritmização/personalização da opinião pública parecem, no primeiro golpe de vista, a explicação mais contundente e totalizante para o fenômeno da pós-verdade. O que falta nessa anamnese para que ela sirva como resultado de um exame mais conclusivo?

Ademais, observamos, há menção pública a uma terceira categoria, que envolve outro conceito caro à filosofia e à filosofia da ciência: *Post-reality politics*<sup>78</sup> (HOLMES, 2016). Verdade, fato ou realidade? O que se busca ultrapassar conceitualmente? A posição do conceito, avançando obscuramente entre pós-realidade, pós-fato, pós-verdade, proeminência de emoção e perpetração de mentira política por vias tecnocráticas, parte de uma série bastante larga de prejuízos, tornando pantanoso o terreno de compreensão.

Não está claramente justificado um eventual ultrapassamento da verdade no conceito de pós-verdade, sequer uma aparente mudança de paradigma. Entretanto, é tarefa do pensamento ater-se aos riscos filosóficos para a inteligência humana que se nutrem da profunda crise na grande área de comunicação, na grave modificação procedimental das tecnologias e, do ponto de vista político, da ascensão de um programa político populista tecnocraticamente competente. É o que afirmam os intelectuais eslovenos Nina Cvar e Robert Bobnič (2019, p. 80, tradução nossa).

Esse discurso sobre a pós-verdade não deve ser conceituado como uma ruptura radical em termos de sua ontologia e epistemologia da episteme ocidental, ainda é interessante o quão recentemente a noção de pós-verdade emergiu como um fenômeno associado à ascensão dos movimentos políticos populistas da direita alternativa. Sobre o fenômeno das fake news, ao contrário da percepção comum da mídia de massa, afirmamos que o termo fake news é em si falho, pois designa mais ou menos uma crise do paradigma jornalístico dominante, aliado aos modelos econômicos das corporações de mídia de massa<sup>79</sup>.

Ideia também sustentada por Oswaldo Giacóia Júnior, que, em palestra de abertura do Seminário Pós-verdade promovido pela Unicamp, em 2018, se questiona de forma objetiva para qual sentido apontam as pós-verdades. A quem ou a quê não interessa mais o acerto das asserções empíricas? Que tipo de sociedade, a que projeto político, a que configuração de relações humanas corresponde a cultura pós-factual? Qual a verdade das falsas verdades? Perguntaríamos mais: a que racionalidade, traços subjetivos e intersubjetivos apontam o conceito?

---

<sup>78</sup> Disponível em: <https://www.esquire.com/news-politics/news/a48906/trump-campaign-manager-lester-holt/>. Acesso em: 2 abr. 2019.

<sup>79</sup> “That discourse on post-truth ought not be conceptualized as a radical break in terms of its ontology and epistemology from the Western episteme, it is still interesting just how recently the notion of post-truth has emerged as a phenomenon associated with the rise of populist alt-right political movements. Regarding the phenomenon of fake news, contrary to common mass media perception, we claim that the term fake news is in itself flawed, as it more or less designates a crisis of the dominant journalistic paradigm, coupled with economic models of mass media corporations.”

O que está em questão fundamentalmente **não é uma mudança no estatuto ontológico da verdade**, mas uma mudança no cenário sócio-histórico no qual se desenrola o teatro político contemporâneo, uma transformação do mesmo pelo emprego sistemático de técnicas de propaganda para obliterar e entorpecer o máximo possível a capacidade de pensar criticamente. Este é o cenário histórico no qual desfilam as *fake news* e as pós-verdades. Nelas **não se constata uma modificação epistemologicamente relevante do estatuto da verdade**, mas talvez a submissão acrítica às pautas do *establishment* mediático. A redução dos critérios de verdade ao nível mediano e banalizado do que é a extração média do comum a todos<sup>80</sup>.

Mas, do ponto de vista filosófico, se há um programático ou involuntário desinteresse em relação à verdade e um crônico descolamento da realidade por uma hipersubjetivização do saber, não necessariamente é isto indicativo de um autêntico problema sobre o estatuto da verdade, apesar da clara tragédia epistemológica que é resultante do quadro psicopolítico.

Com a aceitação pública e intelectual do conceito — e a organização das compreensões e ações políticas a partir daí —, está alterado o estatuto da verdade ontológica ou epistemologicamente? A pergunta não é de simples resposta. Parece-nos que o problema pode também ser buscado em outra raiz, e, por isso, exploraremos, à frente, suas bases psicopolíticas. Far-se-á o esforço de entender cabeças além de máquinas<sup>81</sup>.

A realidade por trás de uma sociedade de políticas populistas e de economia neoliberal de base tecnocrática é aterradora, de modo que o termo pós-verdade indica mais um diagnóstico psicológico de época pavimentando um ultrapassamento coletivo cínico, prazeroso e ironicamente sorridente por sobre as intenções demasiado claras dos mercados cognitivos em transformar cabeças em produtos, dados em lucro e fazer com que isso não seja sequer questionado, pelo contrário, seja celebrado. “A cultura de mercado tem o seu próprio fascismo, inerente ao modo de produzir subjetivação: individualista, maníaco excitado e fetichista” (AB’SÁBER, 2021, p. 51). O que fazem os tecnocratas, arquitetos das redes sociais, é capturar essas energias. Como afirma Andy Müller-Maguhn, porta-voz do grupo hacker *Chaos Computer Club*, em diálogo com Julian Assange em 2010, os articuladores tecnocráticos “fazem um quintal e convidam todo mundo para ir lá tirar a roupa [...] É um jeito de deixar as pessoas à vontade com o fato de estarem revelando seus dados pessoais” (ASSANGE, 2012, p. 38).

<sup>80</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=SYDSO\\_zAXMo&t=1523s](https://www.youtube.com/watch?v=SYDSO_zAXMo&t=1523s). Acesso em 22/02/2019.

<sup>81</sup> Para entendimento das operações de robôs e suas influências nas redes sociais e na vida política, conferir: 1) GUEIROS, Bruno. *Social Bots: uma análise sobre a gênese e o desenvolvimento dos robôs nas mídias sociais*. Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 2018; 2) CAMPOS MELLO, Patrícia. *A Máquina do Ódio: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020; e 3) HOWARD, Philip N. *Lie Machines: how to save democracy from troll armies, deceitful robots, junk news operations and political operatives*. New Haven and London: Yale University Press, 2020.

Eis o cinismo do dito capitalismo cognitivo: na latifundização da Internet vende-se currais de subjetividades algoritmizadas, opinião pública sob encomenda, governos sob demanda e idiotas sorridentes de aluguel para domesticar as audiências. Não sem razão, afirmam Deleuze e Guattari (2004, p. 234) que “a idade do cinismo é a da acumulação do capital”.

Assim, não é a verdade que está em jogo, mas a (in)sanidade mental de hordas de eleitores/consumidores/produzidores sorridentemente lânguidos ou jubilarmente epistemofóbicos. Para suportar a verdade do quadro, apenas uma poderosa luta pelo não saber pode ser o ansiolítico. A posição do problema também conta com mais uma ambiguidade que localizaremos na própria construção lexical do conceito. O que é o “pós” anexado à verdade?

### 2.3 UM “PÓS” ATÍPICO: UM PREFIXO POR UM SUFIXO, UM CONCEITO POR OUTRO

*Se as palavras servem para confundir as coisas é porque a batalha a respeito das palavras é indissociável da batalha a respeito das coisas*<sup>82</sup> (Jacques Rancière).

*Não estamos entrando em uma nova era; não continuamos a luta tresloucada do pós-pós-pós-modernismo; não nos agarramos mais à vanguarda; não tentamos ser ainda mais espertos, ainda mais críticos, aprofundar mais um pouco a era da desconfiança*<sup>83</sup> (Bruno Latour).

Ocupemos-nos brevemente da questão prefixal. Antes mesmo que façamos análises ou analogias, do ponto de vista filosófico, acerca do “pós” de pós-verdade e do “pós” de pós-modernidade, compete, neste momento, aprofundar sobre o que o que “pós” agregado ao conceito de verdade intenta apontar.

Como as palavras são portadoras de sentido ou sem-sentido, induzindo práticas concretas na vida dos povos, importa questionar o conteúdo e as possíveis consequências de tal entrada numa “era” dita “nova” e sem dúvida irreversível aos olhos daqueles que a anunciam. E mesmo que fosse apenas

---

<sup>82</sup> RANCIÈRE, Jacques. O Ódio à Democracia. São Paulo: Boitempo, 2014. p. 117.

<sup>83</sup> LATOUR, Bruno. Op. cit. p. 51.

um slogan, certamente indica um perigo para nossas democracias<sup>84</sup>. (VALADIER, 2017, p. 55-56, tradução nossa).

Tradicionalmente, o que a prefixação “pós-” indica quando anexada aos grandes conceitos e insígnias que marcam uma época? Dentro de uma larga cultura de prefixos, por que as condições tecno-políticas em relação ao verdadeiro e ao real do início do século XXI inspiram o prefixo “pós” e não outro, tal qual trans-, anti-, pro-, pseudo-, neo-, pré-, hiper-, meta? Ainda mais, não toca às teorias da pós-verdade adotar um sufixo? Talvez um “-ismo”? Não cabe a sufixação “-fobo”? “A noção de pós-verdade deve ser levada a sério? O que faz ou incomoda este novo pós que coroa as últimas décadas férteis em diferentes pós e **fobo**?<sup>85</sup>” (DELANNOI, 2017, p.7, tradução nossa, tradução nossa grifo nosso).

Tradicionalmente, “pós” significa “depois”, funcionando como o que os linguistas chamam de indexical, um pedaço de linguagem que aponta, ostensivamente, para a ordem temporal. Nesse sentido, o prefixo direciona nossa atenção para um antes para sinalizar a relação com um depois. Mas o significado de “pós” difere no caso da pós-verdade e é aqui que sua estreita afinidade com o pós-modernismo pode ser realmente instrutiva<sup>86</sup>. (PRADO, 2018, p. 110, tradução nossa).

De fato, se pode perceber, analisar e debater com certa clareza grandes mudanças (ou importantes modificações) de regime de historicidade quando o “pós” está junto a noções como pós-moderno, pós-guerra, pós-colonial, pós-humano, pós-estruturalismo, pós-democracia (CROUCH, 2004). O emprego generalizado em diversos domínios não necessariamente possui a mesma semântica, apesar de, via de regra, ser a indicação de uma quebra ou, o que nos parece o caso, de uma incapacidade de nomear ou caracterizar certamente um novo momento: um novo conjunto de condições uma vez que “o tempo que nos ocupa não termina ainda de encontrar seu lugar e como resultado resurgiu uma maneira de neocadentismo<sup>87</sup>” (FERNÁNDEZ-MONTESINOS, 2018, p. 23, tradução nossa).

---

<sup>84</sup> “Comme les mots sont porteurs de sens ou de non-sens, comme ils induisent des pratiques concrètes dans la vie des peuples, il importe de s’interroger sur le contenu et les conséquences éventuelles d’une telle entrée en une “ère” dite “neuve”, et sans doute irréversible aux yeux de ceux qui l’annoncent. Et même s’il ne s’agissait que d’un slogan, il est certainement révélateur d’un danger pour nos démocraties.”

<sup>85</sup> “La notion de post-vérité doit-elle être prise au sérieux? Qu’apporte ou que dérange ce nouveau post qui vient couronner les dernières décennies fertiles en différents post et **phobe**?”

<sup>86</sup> “Traditionally, ‘post’ means ‘after’, functioning as what linguists call an indexical, a bit of language that points, ostensibly, to temporal order. In this sense, the prefix directs our attention to a before to signal relation with an after. But the meaning of ‘post’ differs in the case of post-truth, and here is where its narrow affinity with postmodernism may actually be instructive.”

<sup>87</sup> “[...] el tiempo que nos ocupa no termina aún de encontrar su lugar, y como resultado ha resurgido una suerte de neocadentismo”

No entanto, o fato do pós- poder ser anexado a adjetivos ou substantivos (incluindo -ismos) fornece uma explicação para parte da complexidade que encontramos. Quando pensarmos mais de perto sobre pós-digital e pós-digitalismo, precisaremos estar cientes das diferentes nuances apresentadas por prefixos, sufixos e funções gramaticais - incluindo seus precedentes históricos - para ver como eles podem modificar o significado da principal parte da palavra. E, como descobrimos, pós não significa necessariamente (e certamente não significa simplesmente) depois<sup>88</sup> (HAYES; SINCLAIR, 2019, p. 121, tradução nossa).

No entanto, o prefixo em pós-verdade não fornece clareza de intenções, e sabe-se que “nomear coloca-nos em uma relação epistemológica profunda, porque significa classificar, e isso já organiza uma determinada direção para nossa compreensão. Dizer que vivemos a ‘era da Pós-Verdade’ é sempre já produzir um sentido para esse momento histórico” (DI RAIMO; LACERDA, 2021, p. 46). Em um entendimento prévio de conceito, a primeira visada nesse conceito é ambígua, tão duvidosa quanto o conceito de “ciência pós-normal” (FUNTOWICZ; RAVETZ, 2003).

O “pós”, tradicionalmente espreado como prefixo de uma série de crises, é uma manifestação lexical importante desses processos, na medida em que parece ao menos que a prefixação, no caso de pós-verdade, encoraja uma discussão crítica sobre a verdade, a realidade e suas sempre conturbadas relações com o mundo da política, mas a “pós-verdade representa o último lugar de desencontro de todos os pós-substantivos já inventados, último resguardo que havia guardado a pós-modernidade<sup>89</sup>” (BARBA-KAY, 2019, p. 44, tradução nossa). Contudo, não necessariamente autoriza-se compelir à compreensão de uma nova era quando já há termos conhecidos ou em construção para referir-se à depauperação do real e do verdadeiro e às conseqüentes corrosões na condução da vida pública.

Nesta lógica, ambos os termos “pós-” e “-ismos”, renovaram palavras velhas e difusas que se vem utilizando com diferentes significados e cronologias; também têm servido para designar diferentes movimentos em diferentes âmbitos. Nesta lógica, o antropólogo Roger Bartra considera que com o prefixo *pós* não se alude a um tempo “transcorrido após uma situação ou um acontecimento determinado”, se não a quando os acontecimentos pertencem “a um tempo no qual o conceito especificado (a verdade, no caso que nos

---

<sup>88</sup> “However, the fact that post-might be attached to adjectives or nouns (including -isms) does provide an explanation for some of the complexity we have encountered. When we come to think more closely about postdigital and postdigitalism, we shall need to be aware of the different nuances presented by prefixes, suffixes, and grammatical functions—including their historical precedents—in order to see how they might modify the meaning of the main part of the word. And, as we have discovered, postdoes not necessarily (and certainly does not simply) mean, after.”

<sup>89</sup> “[...] posverdad representa el último lugar de desencuentro de todos los *pos*-sustantivos ya inventados, último recato que había guardado la posmodernidad”.

ocupa) tornou-se insignificante ou irrelevante”<sup>90</sup> (FERNÁNDEZ-MONTESINOS, 2018, 21-82, tradução nossa)

O que fracamente a utilização do prefixo “pós” quer indicar? Que novo paradigma se apresenta quando adicionamos o prefixo “pós” ao termo mais caro à história da filosofia: a verdade? Uma sucessão temporal? Uma mudança de paradigma? Uma eufemização? Um curto-circuito? Uma ruptura? Um novo momento da relação entre a humanidade e a verdade? Aponta a autenticidade ou a inautenticidade do conceito? O prefixo “pós” tem substância familiar? O “pós” de pós-verdade se imiscui na série pós-modernidade, pós-democracia, pós-capitalismo, pós-humano? Se bem analisado, veremos que se trata de um “pós” atípico.

A pós-verdade, no entanto, é um tipo muito diferente de monstro e de uma natureza totalmente mais insidiosa. A verdade não é simplesmente um estilo ou uma moda, como foram o modernismo e o estruturalismo, por exemplo. Não é algo que se possa descartar em favor de um novo método de interpretação, mas uma exigência básica do discurso humano sem o qual não poderíamos confiar na palavra de ninguém. Ir além disso seria minar a própria noção de existência social que depende fortemente da capacidade de confiar nos outros, de aceitar o que se diz por confiança; portanto, há muito em jogo em identificar exatamente o que está acontecendo na política pós-verdade – e por quê<sup>91</sup> (SIM, 2019, p. 23, tradução nossa).

Ademais, “essa distinção é bastante crucial quando se sabe quanta ambiguidade, com teor inclusive político, existe em torno do prefixo “pós” desde os debates sobre pós-moderno e pós-modernidade” (LUCIA, 2018, p. 29). Mas pertencer a um “tempo” (termo que exagera a geografia do problema) em que a verdade se torna sem importância ou irrelevante indica que grau de irrelevância?

A palavra composta pós-verdade exemplifica uma expansão no significado do prefixo post- que se tornou cada vez mais proeminente nos últimos anos. Em vez de simplesmente se referir ao tempo após uma situação ou evento especificados – como no pós-guerra ou pós-jogo – o prefixo em pós-verdade tem um significado mais parecido com ‘pertencer a um tempo em que o conceito especificado **se tornou sem importância ou irrelevante**. (English Oxford Living Dictionaries, 2016, grifo nosso).

---

<sup>90</sup> “En esta lógica, ambos términos, “pos-” e “-ismos”, han renovado palabras viejas y difusas que se vienen utilizando con diferentes significados y cronologías; también han servido para designar a distintos movimientos en diferentes ámbitos. En esta lógica, el antropólogo Roger Bartra considera que con el prefijo *pos* no se alude a un tiempo “transcurrido después de una situación o un acontecimiento determinado», sino a cuando los acontecimientos pertenecen «a un tiempo en el cual el concepto especificado (la verdad, en el caso que nos ocupa) se ha vuelto insignificante o irrelevante”.

<sup>91</sup> “Post-truth is a very different kind of beast, however, and of an altogether more insidious nature. Truth is not simply a style or a fashion, as both modernism and structuralism, for example, were. It is not something that can be discarded in favour of a new method of interpretation, but a basic requirement of human discourse, without which we would be unable to trust anyone’s word. To go beyond it would be to undermine the very notion of social existence, which depends heavily on the ability to have trust in others, to take what they say at face value; so there is a great deal at stake in identifying just what is going on in post-truth politics — and why.”

Ou melhor, a quem não interessa mais o valor de verdade das inferências ou a apresentação de fatos crus? Qual grupo ou quais grupos se beneficiam dessa irrelevância? A própria profusão e inflação do conceito de pós-verdade demonstra de *per se* a consternação de diversos grupos sobre o risco da esterilização dos fatos e do verdadeiro. Há uma artificialidade conceitual que generaliza à humanidade um comportamento político que talvez interesse especificamente a certos grupamentos humanos e suas agendas. Por isso a dificuldade de equiparar pós-verdade à mentira. Enquanto a primeira define um anseio de deformação do real para condução da vida pública, a segunda aponta uma moeda de troca invariável em todas as épocas de relação entre os homens.

Para Myriam Revault D'Allonnes, a pós-verdade “pretende marcar uma ruptura qualitativa que traz, como essa noção inaugural que foi a pós-modernidade, uma nova era, um novo regime de historicidade<sup>92</sup>” (REVAULT D'ALLONNES, 2018, p. 11-12, tradução nossa). Para a filósofa, então, o “pós” de pós-verdade coloca em xeque o caráter essencial da verdade. Teríamos aqui, portanto, a indicação da necessidade de uma nova ontologia? Qual seria a diferença básica entre o “pós” de pós-verdade e o “pós” da pós-modernidade? “Longe de ser um fenômeno isolado, a noção se inscreve numa constelação na qual o uso do prefixo ‘pós’ tornou-se massivo: pós-política, pós-democracia, pós-capitalismo, etc<sup>93</sup>” (REVAULT D'ALLONNES, 2018, p. 23, tradução nossa).

A propósito, uma política pós-verdadeira, aquela que “torna a verdade em si inessencial ou sem sentido, uma política que deslegitima o valor da verdade<sup>94</sup>” (REVAULT D'ALLONNES, 2018, p. 23, tradução nossa), é um chamado à uma nova ontologia? De saída, fica claro que essa se trata de uma questão epistemológica, talvez a percepção de um novo paradigma, no sentido kuhniano do termo? Qual paradigma morreria ou mudaria no contexto posveritativo? Qual a ruptura?

Qual o elemento mais inédito que suporta a percepção estrutural? A constatação de que fenômeno é intensificado pelo funcionamento das redes sociais? Ou a visão de que a tecnologia é um vetor e que os “algoritmos que selecionam as informações que nós consultamos propõem uma visão de mundo conforme nossos anseios?<sup>95</sup>” (REVAULT

---

<sup>92</sup> “[...] entend marquer une rupture qualitative qui fait advenir, à l'instar de cette notion inaugurale qu'a été la post-modernité, une nouvelle ère, un nouveau régime d'historicité”

<sup>93</sup> “Loin d'être un phénomène isolé, la notion s'inscrit dans une constellation où l'usage du préfixe “post” est devenu massif: post-modernité, post-politique, post-démocratie, post-capitalisme, etc.”

<sup>94</sup> “[...] rend la vérité elle-même inessentielle ou non signifiante, une politique qui délégitime la valeur de la vérité”

<sup>95</sup> “les algorithmes que sélectionnent les informations que nous consultons proposent une vision du monde conforme à nos attentes”.

D'ALLONNES, 2018, p. 33, tradução nossa)? O impacto da revolução numérica? Ou a hipertrofia de informações em rede, no mais das vezes falsas? Não serão constatações previstas e já antecipadas por filósofos, sociólogos e psicólogos que vêm reconhecendo uma proeminência dos riscos tecnocráticos, já profundamente arraigada nas críticas pós-modernas?<sup>96</sup>

Mesmo assim, para Revault D'Allonnes, o *novum* do pós-factual é a indicação que “estamos talvez no limiar de uma era, no limiar de uma configuração sem precedentes. Tal foi particularmente o caso dessa noção quase inaugural que é o ‘pós-moderno’, uma ‘pós-modernidade<sup>97</sup>’” (REVAULT D'ALLONNES, 2018, p. 23, tradução nossa). Logo, para ela, substancialmente, o “pós” de pós-verdade pode ser obtido por analogia. Se a pós-modernidade não é o simples ultrapassamento da modernidade em simples cronologia, mas de uma crise de metanarrativas, como indicou Lyotard (1979), qual a ruptura clara da “era pós-factual”? Entre a superação de metarrelatos e a domesticação da Internet e das redes, não esteve em gestação a pós-verdade?

A rotura pós-factual, observa Revault D'Allonnes, é perceptível na crise atual das democracias. É, portanto, para ela, um fenômeno quase que exclusivamente em erupção na vida tornada comum pelos manejos políticos. Ou seja, “não se trata apenas de designar um estado que sucederia ao anterior, mas de apreender a crise da democracia contemporânea evidenciando certo número de sintomas<sup>98</sup>” (REVAULT D'ALLONNES, 2018, p. 22, tradução nossa).

Logo, indica Myriam, há um problema mais agudo do que o tradicional na relação entre verdade e política, entre fatos e opinião pública, dado que “a pós-verdade sugere a possibilidade de um regime de indiferença à verdade, e até mesmo a abolição de seu valor nominal ao apagar a divisão entre verdadeiro e falso<sup>99</sup>” (REVAULT D'ALLONNES, 2018, p. 28, tradução nossa).

O que, segundo a filósofa, não se trata somente de uma era de mentiras generalizadas fazendo face a um tempo romântico onde triunfava a verdade. Assim, a novidade do conceito — “se há novidade<sup>100</sup>” (REVAULT D'ALLONNES, 2018, p. 34, tradução nossa) — é a

<sup>96</sup> Estamos aludindo, entre outras análises, ao livro *Simulacros e Simulação*, de Jean Baudrillard.

<sup>97</sup> “[...] nous sommes peut-être à un seuil d’époque, à l’orée d’une configuration inédite. Tel a été notamment le cas de cette notion quasi inaugurale qu’est le ‘post-moderne’, a ‘post-modernité’”.

<sup>98</sup> “[...] il ne s’agit pas seulement de désigner un état qui aurait succédé au précédent, mais d’appréhender la crise de la démocratie contemporaine en relevant un certain nombre de symptômes”.

<sup>99</sup> “[...] post-verité laisse entrevoir la possibilité d’un régime d’indifférence à la vérité, et même la abolition de sa valeur normative par l’effacement du partage entre le vrai et le faux”.

<sup>100</sup> “Si nouveauté il y a”.

indiferença generalizada à verdade, o desbotamento de fronteiras que tornou inessencial a partilha do verdadeiro e do falso.

Não está claro, entretanto, a que quebra real de paradigma estamos aludindo com o conceito. “A Idea de representar um estado ‘pós’ implica num momento diferencial com ordem anterior, sem certeza do estatuto do novo<sup>101</sup>” (APARICI; GARCÍA-MARÍN, 2019, p. 68, tradução nossa). O que, se tomarmos a fundo o sentido do prefixo, está sendo substituído ou ultrapassado? O que, além das consequências epistemológicas claras, sofre do ponto de vista ontológico o conceito de verdade? Tornou-se impossível a atividade de verificação? Estão os fatos em um ponto inalcançável? O filtro pós-verdadeiro a todos enfeitiça ou há ainda quem enxergue com clareza, individual e coletivamente, as chicanas tecnocráticas desse novo tipo de leitura da realidade?

O discutível sentido dado ao prefixo “pós” em “pós-verdade” não tem, contudo, paralelo noutras utilizações. Por “pós-guerra”, entendemos o que está “depois” de uma guerra (usado mais frequentemente como referente ao período a seguir à II Grande Guerra Mundial); “pós-laboral” é o período a seguir a uma jornada de trabalho; por “Pós-modernidade”, entendemos a estrutura sociocultural que se seguiu à “Modernidade” e que, de alguma forma, a substituiu. (FRANCO DE SÁ, 2019, p. 151).

O “pós” aí não sustenta a indicação de uma era. A evocação de elementos como emoções na substituição dos fatos para produção de opinião pública não parece evidentemente inédito. Mais uma vez, não estamos falando de uma época inovadora, mas de uma circunstância. Mais uma. “O problema desta narrativa é ser, ela própria, pós-verdadeira. Não passa de uma catarse do *establishment* provocada pelos traumas das ‘impossíveis’ vitórias do Brexit e de Donald Trump” (TEIXEIRA FERNANDES, 2016)<sup>102</sup>.

O problema de usar a pós-verdade como indicação de uma era é que ela pressupõe um desenvolvimento histórico em que passamos dos “bons velhos tempos” para o atual estado de coisas não tão bom. Usada dessa forma, a pós-verdade corre o risco de se tornar um conceito que marcou época, sugerindo uma mudança de uma suposta “era da verdade” que agora está desaparecendo<sup>103</sup> (HYVÖNEN, 2018, p. 121, tradução nossa).

<sup>101</sup> “La idea de representar un estadio ‘pos’ implica un momento diferencial con el orden anterior, sin certezas del estatuto de lo nuevo”.

<sup>102</sup> Disponível em: <https://www.publico.pt/2016/12/19/mundo/opiniaio/posverdade-na-politica-e-na-guerra-1755349> Acesso em: 28 jan. 2017.

<sup>103</sup> “The problem with using post-truth as an indication of an era is that it assumes a historical development where we have moved from ‘the good old days’ to the present not so good state of things. Used this way, post-truth risks becoming an epoch-making concept that suggests a shift from an assumed ‘era of truth’ that is now disappearing”.

Mesmo que o conceito pareça ainda mais prematuro e ainda mais inexato, é possível que imaginemos um momento pós-pós-factual? Num exercício de futurismo livre ou utópico, como classificaremos uma hipotética era da pós-pós-verdade? Um retorno heroico em direção a um tempo nem cínico e nem tecnocrático no qual o verificacionismo triunfava sobre a credence e especulações de não especialistas? Uma superação do negacionismo?

[...] pós significa depois da era da verdade (e então teríamos que nos perguntar qual foi a era da verdade, considerando que estamos saindo, por exemplo, de um século XX que pelo menos na Itália não deu respostas a tantas questões de verdade, ligadas ao fascismo, ao P2, à máfia...) ou para além da verdade, ou seja, para além desta categoria, em sentido epistemológico?<sup>104</sup> (LORUSSO, 2018, p. 8, tradução nossa).

Assumiremos um rumo no qual as *Deepfakes* serão substituídas por *Deepruths*? “Usada dessa forma, a pós-verdade corre o risco de se tornar um conceito que marcou época, sugerindo uma mudança de uma suposta ‘era da verdade’ que agora está desaparecendo<sup>105</sup>” (BESLEY; HYVÖNEN; PETERS, 2018, p. 121, tradução nossa). Por isso, o esforço mais límpido à vista de alguns teóricos, para evitar cunhar nomes para não encobrir o essencial, é que o “pós” nada mais é, sem indicar muitos estorvos conceituais, uma substância bastante similar à mentira estratégica em política, numa versão bastante *sui generis*. Logo, o pós nada mais é nesta “nova” cunhagem, um “anti” negativo.

A mentira é perigosa não só como representação do presente, como também como ator interpretante do passado. Nunca o prefixo pós- de pós-verdade esteve tão bem justificado como na construção de uma mentira sobre fatos que ocorreram. A reelaboração, a reescritura, da história é outra das grandes formas nas quais se envolve a mentira<sup>106</sup> (APARICI; GARCÍA-MARÍN, 2019, p. 22, tradução nossa).

A bem da verdade, o “pós” em *post-truth* tem aderência claramente negativa, no modo como é evocado. Nascido de refregas políticas internacionalmente malvistas do ponto de vista da transparência da comunicação, a pós-verdade indica uma metodologia democrático-midiática que põe em xeque o valor da verdade dos acontecimentos, portando, de novo, a

---

<sup>104</sup> “[...] post significa dopo l’epoca della verità (e allora ci sarebbe da chiedersi quale sia stata l’epoca della verità, considerato che usciamo, ad esempio, da un Novecento che almeno in Italia non ha dato risposta a tante domande di verità, legate al fascismo, alla P2, alla mafia...) oppure al di là della verità, al di là cioè di questa categoria, in senso epistemologico?”

<sup>105</sup> “Used this way, post-truth risks becoming an epoch-making concept that suggests a shift from an assumed ‘era of truth’ that is now disappearing”

<sup>106</sup> “La mentira es peligrosa no sólo como representación del presente, sino también como actor interpretador del pasado. Nunca el prefijo *pos-* de posverdad estuvo tan bien justificado como en la construcción de una mentira sobre unos hechos que ya ocurrieron. La reelaboración, la reescritura, de la historia es otra de las grandes formas en las que se envuelve la mentira”.

pecha de um “anti” negativo e não de um “pró” que indique valor de ultrapassamento no sentido evolutivo.

[O] prefixo pós- [carrega] a semântica da negatividade imanente; sua alternância cíclica é comparável aos movimentos de inflação e desvalorização, de crescimentos e depressões na economia, que também são espontâneos e ocorrem sob a pressão caótica das massas, na maioria das vezes na ausência de uma ação subjetiva externa, mesmo apesar dessa ação<sup>107</sup> (ZENKINE, 2016, tradução nossa).

Tornar a verdade irrelevante, “anulando” sua existência, sua força conceitual, seu reconhecimento coletivo, sua ontologia, sua substância e necessidade epistemológicas é sinal claro de um entojó. O “pós” de pós-verdade, portanto, em sua essência, indica algo além de um anti negativo. Não somente anti-verdade, mas *veritafobia*. Como indica Gil Delannoi (2017, p. 12, tradução nossa):

Nessa nova química ideológica, a maioria dos *pós* são *anti* positivos ou *prós* atenuados, pelo menos para quem os cria e divulga, e os sufixos *fobo* são *anti* negativos [...] o preço a pagar por essa inovação é que na galáxia de *pós*, a pós-verdade é um *pós* francamente ruim, pela primeira vez. Resta saber se o preço final da adição de *pós* cada vez mais numerosos, se este carácter nefasto é o resultado de uma acumulação ao longo de várias décadas<sup>108</sup>.

Mas não resta dúvida de que se tratam de circunstâncias nas quais atores, absolutamente hipertrofiando o negativo em relação à verdade, reservam para si títulos de anti-especialistas e anti-intelectuais, tanto na política quanto na ciência. E a eficiência de sua atuação arrebanha hordas cada vez mais numerosas de personalidades fóbicas que renegam abertamente as fontes historicamente seguras da verdade. Quais são essas fontes? Para Hannah Arendt, “einentes entre os modos essenciais do dizer-a-verdade são a solidão do filósofo, o isolamento do sábio e do artista, a imparcialidade do historiador e do juiz, e a independência do descobridor de fato, da testemunha e do repórter” (ARENDR, 1967, p. 27). Boa parte dessas fontes estão desacreditadas ou caídas em alguma sorte de corrupção, e presenciamos, além disso, uma verdadeira *anti-expert revolution*:

---

<sup>107</sup> [...] “préfixe *post-* [...] la sémantique de négativité immanente; leur alternance cyclique est comparable aux mouvements d’inflation et de dévaluation, de croissances et de dépressions dans l’économie, qui sont elles aussi spontanées et se produisent sous la pression chaotique des masses, le plus souvent en absence d’une action subjective extérieure voire en dépit de cette action.”

<sup>108</sup> “Dans cette nouvelle chimie idéologique, la plupart des *post* sont des *anti* positifs ou des *pro* atténués, au moins pour ceux qui les créent et les répandent, et les suffixes *phobe* des *anti* négatives [...] le prix à payer pour cette innovation, c’est que dans la galaxie des *post*, la post-vérité est un *post* franchement mauvais, pour une fois. Reste à savoir si le prix ultime de l’addition des *post* de plus en plus nombreux, si ce caractère néfaste est le résultat d’une accumulation durant plusieurs décennies.”

Este é o fenômeno mais geral ao qual responde a cunhagem de “pós-verdade”. É marcado pelo aumento concomitante de maior acesso à educação e informação, por um lado, e maior desconfiança da autoridade política e científica, por outro [...] Em primeiro lugar, os antiespecialistas não tratam o público como um “outro” radical do pesquisador, em que o primeiro está cheio de “atitudes” para as quais o segundo é uma caixa de ressonância neutra, talvez à maneira de um psicanalista que permite que um cliente libere seu inconsciente. Pelo contrário, os antiespecialistas são, no mínimo, construtivistas sociais que apreciam o caráter manufaturado do conhecimento psefológico<sup>109110</sup> (FULLER, 2018, p. 183, tradução nossa).

Delannoi, ele mesmo, discordaria do trato da prefixação na qualidade de fobia, “às vezes o pós é tímido: uma forma de não proclamar philia de encontro à fobia<sup>111</sup>” (DELLANOI, 2017, 12, tradução nossa). Mas o “pós” de pós-verdade é atípico por não acenar a uma grande mudança de paradigma e não indicar, como em pós-moderno ou pós-estruturalismo, qualquer quebra paradigmática. E haverá quem discorde mesmo da utilização da prefixação, vendo-a como engano total no seu sentido mais forte, quiçá uma má-interpretação da semântica:

Eu me oponho, profundamente, ao uso do “pós” para significar “anti” ou “não”: ele reflete um mal-entendido real da partícula “pós” no pós-estruturalismo ou pós-modernismo, que significa algo como “além, mas construído sobre”. A pós-verdade, ou a aplicação de fatos alternativos, é geralmente uma entrega sem remorso de declarações que não são verdadeiras (no sentido de que não têm justificativa) para influenciar a opinião<sup>112</sup> (DEVINE, 2018, p. 164, tradução nossa).

Mas o “pós” de pós-verdade, carregando a mancha da epistemofobia, do excesso de emoções, dos discursos proferidos por mentirosos compulsivos e negacionistas está mais ao lado de uma compreensão fóbica. Fobia à verdade: veritafobia. Uma configuração coletiva veritafóbica, factofóbica, realitafóbica. Portanto, o “pós” de pós-verdade é sinônimo de fobia.

Todavia, este caso prefixal, em especial, parece não significar, logicamente, nem um período após a verdade em termos temporais, nem tampouco

---

<sup>109</sup> “This is the more general phenomenon to which the coinage of “post-truth” responds. It is marked by the concurrent rise in greater access to education and information, on the one hand, and deeper suspicion of political and scientific authority, on the other [...] In the first place, the anti-expertists do not treat the public as some radical ‘other’ from the pollster, whereby the former is full of “attitudes” for which the latter then is a neutral sounding board, perhaps in the manner of a psychoanalyst who enables a client to unleash her unconscious. On the contrary, the anti-expertists are, if nothing else, social constructivists who appreciate the manufactured character of psephological knowledge.”

<sup>110</sup> “Psefologia” se trata do estudo estatístico das eleições e tendências em votações. Cf. *Psephology*. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/psephology>. Acesso em 06/01/2020

<sup>111</sup> “[...] parfois *post* est timide: c’est une manière de ne pas proclamer la philie à l’encontre de la phobie”.

<sup>112</sup> “I object, profoundly, to the use of “post” to mean “anti” or “un” here: it reflects a real misunderstanding of the particle “post” in post-structuralism or post-modernism which means something like “beyond but built upon”. Post-truth, or the application of alternative facts, is generally an unapologetic delivery of statements that are not true (in the sense then they have no justification) in order to sway opinion.”

totalmente a sua descredibilização. O que ocorre, com efeito, é **uma superação do desejo de verdade por parte dos sujeitos**, ao menos da verdade divergente da sua. Por assim dizer, haveria certo desinteresse dos sujeitos em estabelecer um movimento heurístico de verificação dos fatos e das verdades, porquanto mais vale a manutenção das convicções e das identidades do que um verificacionismo a todo custo. Não há, logo, preocupação em checar os fundamentos e fontes de uma verdade, já que há sempre uma leitura pré-programada dos sujeitos, enviesada, por certo, dos eventos sociais. (SEIXAS, 2019, p. 125).

Logo, por suas bases e resultados, a indicação do prefixo não aponta quebras de paradigmas ou direcionamento a algo que deva ser superado, como no *Übermensch* de Nietzsche. Se o “pós” de pós-verdade se apresenta como a proeminência de crenças sobre fatos, temos, portanto, um retrocesso do ponto de vista epistemológico, uma involução em direção a tempos pré-iluministas. “Não designa um tempo e não é, portanto, traço característico da globalização. Ao contrário, tudo parece indicar que a pós-verdade, com os ingredientes indicados, sempre existiu. Não seria uma época, mas uma circunstância<sup>113</sup>” (VÁZQUEZ LOBEIRAS, 2019, p. 64).

O “pós-” da pós-verdade é enganoso, no entanto, não apenas porque implica algum tempo anterior à verdade, mas também porque em si mesmo, este não é um fenômeno novo [...] O fenômeno atual da pós-verdade se expressa em uma atitude e retórica específicas, consistindo em dois componentes principais: um uso seletivo da informação e um descaso apático em relação às mentiras evidentes<sup>114</sup> (REINHOUD, 2019, p. 6-7, tradução nossa).

A pós-verdade é marca de antipolítica e “se assume como uma tática praticada habitualmente por partidos políticos e governos propriamente democráticos<sup>115</sup>” (PONCE, 2019, p. 351). Observa Hannah Arendt, em seu *Verdade e Política*, de (1967, p. 49): “as mentiras foram sempre consideradas como instrumentos necessários e legítimos, não apenas na profissão de político ou demagogo, mas também na de homem de estado”. Em uma lógica pós-democrática, onde a política é uma caricatura de publicidade, a verdade sofre grandes impactos e essa história não é recém-chegada. “Verdade e política, sabe-se, não se relacionam bem<sup>116</sup>” (REVAULT D’ALLONNES, 2018, p. 37).

<sup>113</sup> “No designa un tiempo específico y no es, por tanto, un rasgo característico de la globalización. Más bien todo parece indicar que la posverdad, con los ingredientes que se han indicado, ha existido siempre. No sería una época, sino una circunstancia.”

<sup>114</sup> “The “post-” of post-truth is misleading, however, not only because it implies some former time of truth, but also because in and of itself, this is not a new phenomenon [...]. Today’s phenomenon of post-truth expresses itself in a specific attitude and rhetoric, consisting of two major components: a selective use of information and an apathetic disregard towards evident lies”.

<sup>115</sup> “[...] se assume como una tática antidemocrática praticada habitualmente por partidos políticos y gobiernos propriamente democráticos”.

<sup>116</sup> “Verité et politique, on le sait, ne font pas bon ménage”.

A crise da democracia já está pressuposta no conceito de pós-democracia, por exemplo. Conforme o cunhador do conceito, Colin Crouch, transbordam evidências de que estamos cronicamente afastados do ideal de decência democrática em direção a um modelo pós-democrático. E o “pós” de pós-democrático parece assaz transparente e preciso. Crouch exemplifica:

O período de tempo 1 é pré-X e terá certas características associadas à falta de X. O período de tempo 2 é o auge de X, quando muitas coisas são tocadas por ela e alteradas de seu estado no tempo 1. O período de tempo 3 é pós -X. Isso implica que algo novo surgiu para reduzir a importância de X, indo além dele em algum sentido; algumas coisas, portanto, parecerão diferentes do tempo 1 e do tempo 2. No entanto, X ainda terá deixado sua marca; ainda haverá fortes vestígios dele por aí; enquanto algumas coisas começam a parecer como no tempo 1 novamente<sup>117</sup> (CROUCH, 2004, p. 20, tradução nossa).

Óbvio que já vivemos em épocas pré-democráticas cujos esforços de nações foram necessários para o estabelecimento e reestabelecimentos de estados democráticos. É arriscado afirmar categoricamente que já experienciamos democracias plenas, mas se pode observar que existiram e existem democracias nas quais o funcionamento institucional se dá de forma razoável. E, mais recentemente, por questões sociais, políticas e econômicas, há evidentes características que ultrapassam negativamente o que uma democracia, em tese, deve ser. Crouch indica, entre diversas evidências, a perda de autoridade e respeito em torno das figuras políticas que se tornaram celebridades com a vida publicizada ao máximo, uma crise de valores em torno das leis e da política como condutora do estado.

A responsividade política atual às democracias é pura passividade e manipulação, e tal evidência se dá ao irrestrito empoderamento político das mídias de massa e sua influência nos jogos de poder quando detêm a engenharia da opinião pública. Essa não é uma novidade da pós-verdade, o que indica que estamos diante de um problema de campo político, e não necessariamente epistemológico.

O que acontece se trocarmos o X, proposto por Crouch, pelo conceito de verdade?

1) pela própria história da espécie, pelo próprio desenvolvimento cognitivo, técnico, societário e epistemológico do Homo sapiens, devido mesmo às evoluções neuro-cerebrais, a

---

<sup>117</sup> “Time period 1 is pre-X, and will have certain characteristics associated with lack of X. Time period 2 is the high tide of X, when many things are touched by it and changed from their state in time 1. Time period 3 is post-X. This implies that something new has come into existence to reduce the importance of X by going beyond it in some sense; some things will therefore look different from the time 1 and time 2. However, X will still have left its mark; there will be strong traces of it still around; while some things start to look rather like they did in time 1 again.”

pré-aquisição histórica de verdades matemáticas e físicas, temos um momento que podemos taxar de “pré-verdade”.

Verdade e pós-verdade conservam uma discrepância evidente marcada pelo prefixo pós- que nos situa num “mais além”, um “depois de”. O que se pode entender por “mais além da verdade” e por “depois da verdade” e como este “mais além” valida o mundo real do termo pós-verdade? Abordar a verdade supõe uma ordem ontológica, mas também uma ordem axiológica<sup>118</sup> (MÉNDEZ MAJUELOS; PÉREZ CASTAÑEDA, 2019, p. 100, tradução nossa).

2) Há um período da vigência da verdade que agora ultrapassamos? Imagina-se que seja toda a história da humanidade pós-humanização da espécie o encontro antropológico e ontológico supremo. Entretanto, qual o período da história no qual vivemos o apogeu da existência da verdade em sua mais pura factualidade, em sua mais límpida ontologia, em sua mais direta axiologia e honesta partilha coletiva? E mais, o que é esse pós-X, quando é a verdade a ser aí inserida? “A história da Verdade dos filósofos é complexa e heterogênea, o que significa que não há uma ideia de ‘Verdade’ que estamos agora ‘pós’”<sup>119</sup> (RIDER, 2018, p. 3).

3) O que nos levaria, agora, devido às novas configurações políticas e tecnocráticas, a cravar uma filosoficamente cacofônica e conceitualmente incipiente era da “pós”-verdade? “Se a verdade é o vínculo legítimo entre a consciência e o mundo, a pós-verdade supõe um desvio dessa consciência legítima que afeta a atribuição correta de verdade e validade. A pós-verdade mente e distorce os julgamentos e o sentido do que é verdadeiro<sup>120</sup>” (MÉNDEZ MAJUELOS; PÉREZ CASTAÑEDA, 2019, p. 103). Não há novidade neste momento histórico senão pela experimentação de uma catarse coletiva anti-factual, anti-verdade, veritafóbica, anti-ciência, pré-iluminista, apoiada por aparatos técnicos extraordinários e por intenções políticas deletérias.

[...] os conhecidos paradoxos da política contemporânea: tanto as técnicas para manipular a opinião pública quanto os mecanismos para abrir a política

<sup>118</sup> “Verdad y posverdad guardan una evidente discrepância marcada por el prefijo pos -, que nos sitúa en un “más allá”, un “después de”. ¿Qué puede entenderse por «más allá de la verdad», por “después de la verdad” y cómo valida este “más allá” al mundo real del término posverdad? Abordar la verdad supone un orden ontológico, pero también un orden axiológico.”

<sup>119</sup> “The history of the philosophers’ Truth is a complex and heterogeneous one, which means that there is no one idea of ‘Truth’ which we are now “post””.

<sup>120</sup> “Si la verdad es el enlace legítimo entre conciencia y mundo, la posverdad supone una desviación de esta conciencia legítima que afecta a la correcta asignación de verdad y validez. La posverdad miente y distorsiona los juicios y el sentido de lo verdadero”.

ao escrutínio tornam-se mais sofisticados, enquanto o conteúdo dos programas partidários e o caráter da rivalidade partidária tornam-se cada vez mais brandos e insípidos. Não se pode chamar esse tipo de política de não- ou antidemocrática, porque muito dela resulta das ansiedades dos políticos sobre suas relações com os cidadãos. Ao mesmo tempo, é difícil dignificá-la como a própria democracia, pois muitos cidadãos foram reduzidos ao papel de manipulados, passivos, raros participantes<sup>121</sup> (CROUCH, 2004, p. 21).

A democracia, por sua força histórica internacional, como habitat das regras liberais, não perde a relevância, é a casa segura dos bancos, o que justifica ainda sua existência, mesmo num curto-circuito de regime histórico, no conceito de pós-democracia. A má estrela do pós-veritativo está englobada na crise da democracia há muito tempo. A pergunta se desloca então para a necessidade de saber qual o valor ou mesmo o preço da verdade nas pós-democracias? A verdade não se ultrapassa, sequer se altera do ponto de vista ontológico, ela é parte do tabuleiro nas regras do jogo, mesmo que para ser evitada a qualquer custo.

A compreensão do funcionamento das democracias contemporâneas nas suas relações com os *media*, a política e os cidadãos, exige quadros teóricos abertos, flexíveis e complexos. A proliferação de prefixações com leituras catastrofistas — a já citada pós-verdade ou ainda pós-democracia — reflete a angústia que resulta da dificuldade em entender o mundo em mudança. (FRANCO DE SÁ, 2019, p. 53).

Trata-se, para os que manejam as grandes máquinas de administração coletiva, historicamente, de como melhor maquiagem a verdade, utilizá-la como penduricalho de marketing, preteri-la, lançar mão dela quando conveniente para atacar o lado contrário numa refrega política e eclipsar o claramente deceptivo. Nessa contextura, "a mentira é abertamente aceita ou mesmo preferida, porque o que é dito — mesmo da forma mais desagradável e absurda — consegue despertar fortes sentimentos de adesão<sup>122</sup>" (VÁSQUEZ LOBEIRAS, 2020, p. 60). O conceito de pós-verdade, se comparado ao de pós-democracia já nasce com um atraso mínimo de vinte anos.

Na pós-democracia, os riscos de condenações injustas são ainda maiores, na medida em que o próprio valor "verdade" é abandonado e substituído pela chamada "pós-verdade", uma narrativa que atende à razão neoliberal, entendida como nova razão do Estado, aos interesses do mercado ou do espetáculo, e não

---

<sup>121</sup> "[...] the familiar paradoxes of contemporary politics: both the techniques for manipulating public opinion and mechanisms for opening politics to scrutiny become more sophisticated, while the content of party programmes and the character of party rivalry become ever more bland and vapid. One cannot call this kind of politics non- or anti-democratic, because so much of it results from politicians' anxieties about their relations with citizens. At the same time, it is difficult to dignify it as democracy itself, because so many citizens have been reduced to the role of manipulated, passive, rare participants."

<sup>122</sup> "[...] la mentira se acepta o incluso se prefiere abiertamente, porque lo que se enuncia — aunque sea de la manera más desagradable y absurda — consigue despertar fuertes sentimientos de adhesión".

guarda relação necessária com os acontecimentos no mundo-da-vida. Se a pós-democracia, para alguns, pode ser definida como um “simulacro de democracia”, os julgamentos no Estado Pós-Democrático podem ser qualificados como simulacros de julgamento, na medida em que a construção da solução do caso posto à apreciação do Poder Judiciário se dá em desconsideração dos direitos e garantias fundamentais a partir de uma fundamentação que revela plena aderência aos postulados da pós-verdade. (CASARA, 2017, p. 71).

O “pós” de pós-verdade não é o de pós-moderno senão como o coparticipante de uma lógica pós-democrática, que força a justificação do irrazoável, que faz passar como racional qualquer tese anti-ciência burlesca, qualquer asserção pseudocientífica sem revisão por pares, oriunda do canal do *Youtube* de qualquer famigerado amador, sintoma de uma sociedade doxofílica, de uma configuração doxocrática. Logo, vê-se aqui que “este caso prefixal [...] parece não significar [...] nem um período após a verdade em termos temporais, nem tampouco totalmente a sua descredibilização, [...] ocorre [...] uma superação do desejo de verdade por parte dos sujeitos, ao menos da verdade divergente da sua” (SEIXAS, 2019, p. 125).

Pós-verdade é o nome para a potencialização em larga escala — oportunizada pelas redes digitais — do racismo, do fundamentalismo religioso, do sexismo, da misoginia, da lgbtfofia e dos mais diversos pré-conceitos e de tentativas de justificativas da manutenção das desigualdades sociais, sob a aparência de uma disputa discursiva, via de regra diretamente promovida por plataformas político-econômicas retrógradas. (CEPPAS; ROCHA, 2019, p. 289).

A pós-verdade é parte integrante das diretrizes de um momento antidemocrático, alérgico ao dialógico e anti-político por excelência, e o é também porque é anti-intelectual. “Portanto, a pós-verdade sinaliza algo que é tanto ‘pós’ quanto um retorno, uma relegitimação de argumentos baseados em seu apelo emocional e valor simbólico e subjetivo, em vez de verdade impessoal. Nesse sentido, pelo menos, o Iluminismo está realmente morto<sup>123</sup>” (KALPOKAS, 2019, p. 2).

O pós-verdadeiro opera tecnicamente para que a verdade, intacta em seu horizonte, não seja observada e para que, caso apreciada, suas subjetividades tenham adquirido uma postura cínica e irônica, falsamente ilustrada, de rir-se do verdadeiro e de buscar seu próprio esclarecimento em técnicas autoasseguradas por crenças e emoção. É necessário, pois, propor

---

<sup>123</sup> “Hence, post-truth does signal something that is both ‘post’ and a return, a re-legitimation of arguments based on their emotional appeal and symbolic value and subjective rather than impersonal truth. To that extent at least, the Enlightenment is really dead”.

um modelo de análise psicopolítico da subjetividade pós-verdadeira que conta antes com mais uma problema.

Há inúmeras defesas que dão conta de que a pós-modernidade é caldo intelectual do pós-verdadeiro. Os operadores da pós-verdade, veremos a seguir, se apropriam cinicamente não só do vocabulário pós-moderno, como desejam se inserir nas pautas de reconhecimento epistêmico, o que gerará para nós o problema que conclui esta tese mais a frente. Esse parece o fato mais notório que faz com que os analistas do conceito de pós-verdade sintam-se seduzidos em aduzir o fenômeno como consequência direta do que chamam de relativismo pós-moderno, uma espécie de falácia do espantalho. Como provar essa migração do pós-moderno ao pós-verdadeiro? O efeito emancipatório esperado pelas lutas pós-modernas, pelo reconhecimento de relatos de grupos injustamente silenciados pode ser equiparado moral e epistemologicamente à luta por espaço que vêm galgando negacionistas, partidários dos fatos alternativos e mentirosos compulsivos da política?

3

**PÓS-VERDADE COMO PROBLEMA FILOSÓFICO: É O PÓS-  
VERDADEIRO FILHO DO PÓS-MODERNO?**

### 3.1 PÓS-MODERNIDADE: MADRINHA DA PÓS-VERDADE?

*Os pós-modernos olham aos pós-truístas como se fossem sua própria caricatura e por isso não querem nem ouvir falar da pós-verdade.*<sup>124</sup> (Maurizio Ferraris)

Este capítulo não tem a pretensão de tecer uma crítica intelectual ao conceito de verdade ou realidade na filosofia pós-moderna ou colocar-se, tal qual manual, a definir o pós-moderno. O esforço a seguir tão somente recolhe, analisa e discute acerca das possíveis relações entre a pós-modernidade e o fenômeno pós-veritativo que se pode localizar nas propostas pré-teóricas e na bibliografia eclodida desde 2016. Uma narrativa consistente, na qual se imputa ao clima geral de relativismo pós-moderno o nascimento do problema (psico)político e epistemológico pós-factual vigente.

Em teor de pós-modernismo reflexivo, problematizemos a possibilidade de ideias e conceitos derivados da pós-modernidade terem influenciado o surgimento e a aceitação da pós-verdade na sociedade contemporânea, destacando as implicações filosóficas, políticas e sociais desse fenômeno. Por pós-modernismo reflexivo se entenda uma reflexão sobre as limitações, contradições e consequências do pós-modernismo como corrente filosófica, artística e cultural.

Não é difícil, desde 2016, encontrar pensadores que acusam diretamente os filósofos e as universidades como responsáveis teóricos diretos por disseminação cultural das teses desconstrutivistas e, ulteriormente, por campanhas políticas como as de Donald Trump e Jair Bolsonaro. A partir de agora, então, abordaremos diretamente as cristalizações dessa visão direto das análises de intelectuais que atestam que essa luta se dá e pede passagem, uma vez que a pós-modernidade (em suas diversas manifestações intelectuais e midiáticas) terá oferecido a bagagem intelectual para que um sujeito pós-veritativo defenda suas teses hiperrelativizantes e dessimbolizantes em direção à verdade e aos fatos.

Como dispara a intelectual estadunidense S. D. Kelly, “se a loucura que segue a retórica política em um comício demonstra o dismantling da própria sociedade, não reclame com os praticantes. Reclame com os teóricos por mudança. Reclame com Derrida<sup>125126</sup>” (KELLY, 2016, tradução nossa). E mais:

---

<sup>124</sup> “Los posmodernos miran a los postuistas como si fueran su propia caricatura, y que por eso no quieren ni oír hablar de la posverdad.”

<sup>125</sup> “[...] if the madness that follows the political rhetoric at a rally demonstrates the dismantling of society itself, don't blame the practitioners. Blame the theoreticians for a change. Blame Derrida”.

As ideias que emanam do desconstrucionismo há muito escaparam do laboratório da universidade. Graduados, pessoas que agora representam quase 40% dos americanos em idade ativa, de acordo com a Lumina Foundation, carregaram e espalharam os esporos nas últimas décadas. Esses graduados passaram a ocupar cargos de influência em todos os níveis da sociedade americana, da mídia à educação e à política. O desconstrucionismo está na água há algum tempo, e os americanos, independentemente da demografia, estão bebendo da mesma fonte [...] Os discursos de Trump representam perfeitamente o zênite desconstrucionista: a negação das palavras [...] E não deveria ser chocante que os americanos normais o apoiem. Eles são gente da época de Derrida<sup>127</sup><sup>128</sup>.

Como já antecipamos, Eric Veiga Andriolo, em seu recente livro *A Estratégia Pós-verdade*, também em esforço de esquadrihar o conceito, ainda que admitindo não ser via filosofia, encontra essa questão em boa parte dos analistas do fenômeno da pós-verdade, que taxa de *prototeoria da pós-verdade*, e a resume meritoriamente em quatro proposições.

1. O ser humano é naturalmente sujeito a certas irracionalidades, decorrentes de seu processo cognitivo e das suas paixões, que o induzem ao erro e à conformidade social. 2. As novas tecnologias de comunicação, especialmente os algoritmos de plataformas on-line, exacerbam essas tendências irracionais devido a suas estruturas inerentes, criando um ambiente de enclaves discursivos polarizados. 3. Tal ambiente comunicacional leva indivíduos a espalharem informação de maneira pouco crítica, resultando em uma guerra de informações. **4. Na sociedade como um todo, existe um ambiente intelectual relativista originado na “filosofia pós-moderna”, que autoriza a criação e disseminação de “fatos alternativos”.** (VEIGA ANDRIOLO, 202, p. 35, grifo nosso).

Como expusemos no início deste escrito, a pós-verdade, se vista a partir desta perspectiva prototeórica, pode ser definida de forma geral como um momento ou cultura de indiferença à verdade — entendida como verdade factual —, ou tolerância generalizada à mentira com alvos políticos, geradas e cultivadas pela revolução numérica das tecnologias e redes sociais que causam confusões cognitivas e epistemológicas de toda ordem, resultando em aparente irracionalidade coletiva, cuja base intelectual é, em tese, o relativismo pós-moderno. “Se a pós-modernidade constitui o fundamento teórico da pós-verdade, a tecnologia

<sup>126</sup> Disponível em: <https://mereorthodoxy.com/blame-jacques-derrida-for-donald-trump> Acesso em: 22 set. 2017.

<sup>127</sup> “The ideas emanating from deconstructionism go have long since escaped the laboratory of the university. College graduates, people who now comprise nearly 40% of working-aged Americans, according to the Lumina Foundation, have carried and spread the spores over the last several decades. These graduates have gone on to occupy positions of influence at every level of American society, from media to education to politics. Deconstructionism has been in the water for a while now, and Americans, no matter the demographic, are drinking from the same source [...] Trump’s speeches perfectly represent the deconstructionist zenith: the negation of words [...] And it should not be shocking that regular Americans support him. They are people of Derrida’s time”.

<sup>128</sup> Disponível em: <https://mereorthodoxy.com/blame-jacques-derrida-for-donald-trump> Acesso em: 22 set. 2017.

oferece a infraestrutura ideal para sua expansão<sup>129</sup>” (CASTELLANOS CLARAMUNT, 2019, p. 370).

Eis o lugar comum conceitual sobre as análises médias sobre o assunto, vincular a pós-verdade à pós-modernidade: “uma era dominada pelo lúdico, pelo hibridismo, pelo relativismo e pelo eu fragmentário [que] deu lugar a outra coisa, ainda indefinida<sup>130</sup>” (BESLEY; HYVÖNEN; PETERS, 2018, p. 217). Há vários nomes com os quais se pode tratar a generalidade que abordaremos a seguir: “relativismo, construtivismo, desconstrução, pós-modernismo, crítica. A ideia é a mesma: a verdade não se encontra, mas se faz, e fazer a verdade significa exercer o poder<sup>131</sup>” (WILLIAMS, 2017, tradução nossa).

Sobre a tecnologia, já discorremos; nos resta, ainda, testar a tese sobre a pós-modernidade na qualidade de manancial intelectual do problema. Em momento oportuno, também nos caberá opor a nossa tese aos juízos que propõem que a subjetividade pós-factual tem a irracionalidade como principal predicado.

Essa parece ser a visão norteadora de uma série bastante larga de pensadores e pensadoras, alguns dos quais elencaremos abaixo. Como se a pós-modernidade fosse um momento de irracionalização jamais visto na história e o passado da humanidade pudesse ser pensado através de ocasiões nas quais a espécie humana dominasse com muito mais propriedade seus instintos e emoções e a massa dos sujeitos conduzisse sua vida política por critérios críticos. É o caso do escritor espanhol Federico Aznar Fernández-Montesinos:

Uma das consequências da perda de qualidade democrática iniciada com a crise das instituições inerente à pós-modernidade é justamente o relaxamento do senso crítico por parte do cidadão, que não mais hierarquiza, distingue ou valoriza em termos racionais a veracidade do discurso público. É por isso que eles são tão vulneráveis<sup>132</sup> (FERNÁNDEZ MONTESINOS, 2018, p. 59).

Mas desde quando o cidadão não valora em termos racionais a veracidade do discurso público? Não há aí uma visão demasiado romântica tanto da política quanto da própria

---

<sup>129</sup> “Si la postmodernidad constituye el fundamento teórico de la posverdad, la tecnología ofrece la infraestructura ideal para su expansión”.

<sup>130</sup> “[...] an age dominated by playfulness, hybridity, relativism, and the fragmentary self [que] has given way to something else, as yet undefined”.

<sup>131</sup> Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/04/17/opinion/has-trump-stolen-philosophys-critical-tools.html> acesso em 21/08/19.

<sup>132</sup> “Una de las consecuencias de la pérdida de calidad democrática iniciada con la crisis de las instituciones inherente a la posmodernidad es precisamente la relajación del sentido crítico por parte del ciudadano, que ya no jerarquiza, distingue o valora en términos racionales la veracidad del discurso público. Por eso son tan vulnerables.”

espécie? Quando a relação entre verdade e política foi plenamente serena aos cidadãos? Nossa análise psicopolítica apreende a subjetividade pós-factual não meramente como marca de irracionalidade que irrompe com o mundo tecnológico. A irracionalidade, atávica, esteve participante a cada momento da vida coletiva dos sujeitos. A pós-verdade, como esse *a priori*, nasce como um modelo de racionalidade apresentado à sociedade e que serve bem aos anseios políticos de alguns grupos de poder, e aos que a ele se opõem já não há mais força de ruptura, acarretando a aceitação das regras do jogo.

Por isso importa à presente tese indagar: a pós-modernidade constitui verdadeiramente o arcabouço teórico da pós-verdade? Bem antes da proposição do conceito atual de pós-verdade, e qualquer insinuação casual entre pós-factual e pós-moderno, atacava Harry Frankfurt sem indicação nomes próprios:

A atual proliferação do ato de falar merda tem também raízes muito profundas em várias formas de ceticismo, que negam o fato de que possamos ter acesso confiável a uma realidade objetiva e rejeitam, portanto, a possibilidade de sabermos como as coisas na verdade são. Essas doutrinas “anti-realistas” minam a validade de todo esforço desinteressado para se determinar o que é verdadeiro e o que é falso, e até a falta de inteligibilidade da noção de investigação objetiva (FRANKFURT, 2005, p. 19-20).

Podemos dizer que a pós-modernidade é um erro pedagógico de dimensões desastrosas? Os seus filhos terríveis, há muito constantemente suspeitando de práticas epistêmicas, terão feito a passagem do pós-moderno ao pós-factual? Em entrevista, o historiador Richard Evans, autor de *Defence of History*, de 1997, crítico de longa data da pós-modernidade, comentando o negacionismo do holocausto de David Irving, afirma que os anos 80 e 90, época na qual muitos dos integrantes do time Trump eram estudantes, “afetaram uma geração de graduados nos Estados Unidos<sup>133</sup>” (SWAIN, 2017, tradução nossa). Ademais, os ataques e polêmicas envolvendo autores e escolas pós-modernistas, taxados desde então de *Fashionable Nonsense*, têm data não recente.

Ainda nos anos noventa, o físico Alan Sokal, no episódio que ficará conhecido no meio acadêmico como *Sokal Hoax*<sup>134</sup>, buscou expor as “imposturas intelectuais” do nicho pós-moderno desconstrutivista universitário e a atividade dos cientistas Paul Gross e Norma

<sup>133</sup> “[...] affected a generation of university graduates in the States”.

<sup>134</sup> A título de informação: “Alan Sokal submeteu à Social Text uma paródia de artigo intitulado *Transgressing the boundaries: Toward a transformative hermeneutics of quantum gravity*. Se o título é ridículo, o artigo é um aglomerado de frases sem sentido, argumentos *non sequitur* e citações de ‘autoridades’ pós-modernas. A parte dedicada às referências bibliográficas e notas de rodapé ocupa mais de dois terços do ‘artigo’. Seu corpo de texto é em essência uma peça humorística cínica e refinada, misturando física contemporânea e matemática com as afirmações absurdas que muitos construtivistas sociais e filósofos, geralmente franceses, fazem utilizando os termos destas ciências” (CASTAÑON, 2015).

Levitt que atacaram a esquerda pós-moderna acadêmica, suscitando um período de debate público acerca da natureza do conhecimento científico e o relativismo nas universidades. “O caso Sokal, se alguma coisa, fez clara a hostilidade mútua entre ciências sociais e ciências naturais que ainda é reconhecível hoje<sup>135</sup>” (REINHOUD, 2019, p. 35, tradução nossa) e pode ser considerado como um dos episódios mais marcantes na criação de visões simplistas sobre a pós-modernidade na filosofia e nas ciências sociais.

Talvez o registro mais notável neste debate tenha sido o *Fashionable Nonsense* de Alan Sokal e Jean Bricmont, uma crítica extensa às ciências sociais e humanas que as equiparava ao pós-modernismo, ao relativismo, ao obscurantismo e, é claro, ao *nonsense* generalizado<sup>136</sup> (LE DREW, 2018, p. 149, tradução nossa).

Há, por isso, uma antiga tese que alimenta uma visão atualizada entre filósofos e pensadores das mais diversas áreas, na qual se sustenta que pode ser debitado na conta do pós-modernismo, e seus diversos nomes, o atual relativismo epistêmico de terraplanistas, *bullshitters* e negacionistas que cobram para si validade das suas narrativas, ainda que passem ao largo dos fatos. Em termos gerais, do ponto de vista filosófico, o pensamento pós-moderno:

Pode ser definido pela rejeição de uma realidade objetiva, ou de uma realidade que existe independentemente de ser pensada, em favor de uma compreensão da realidade como produto de textos (Derrida), discursos (Foucault), interpretações (Nietzsche, Vattimo), e construções sociais (Berger e Luckmann). Por rejeitar a ideia de que o mundo existe objetivamente, **o pensamento pós-moderno é antirrealista**<sup>137</sup> (CHUN, 2016, p. 2, tradução nossa, grifo nosso)

A extração média das principais interpretações que sustentam essa hipótese, que se pode encontrar em pré-teóricos como Ralph Keyes, em jornalistas como Matthew D’Ancona e Michiko Kakutani ou filósofos como Lee McIntyre e Maurizio Ferraris, afirma que o esforço emancipatório do discurso pós-moderno, cobrando que todas as opiniões devam ser aceitas e igualmente respeitadas, *uma vez que não há fatos, mas apenas interpretações* e que

---

<sup>135</sup> “The Sokal affair, if anything, made clear the mutual hostility between social sciences and natural sciences that is still recognizable today”.

<sup>136</sup> “Perhaps the most notable entry in this debate was Alan Sokal and Jean Bricmont’s *Fashionable Nonsense*, an extended critique of the social sciences and humanities that equated them with postmodernism, relativism, obscurantism, and, of course, general nonsense”.

<sup>137</sup> “Can be defined by its rejection of an objective reality, or a reality that exists apart from its being thought, in favor of an understanding of reality as the product of texts (Derrida), discourses (Foucault), interpretations (Nietzsche, Vattimo), and social constructs (Berger and Luckmann). Because it rejects the idea that the world exists objectively, **postmodern thought is antirealist**”.

não há algo como uma verdade objetiva, corre o risco de uma relativização generalizada da verdade e do real, cenário de gatilho para o nascimento de um momento pós-factual. “O estado atual da mídia e da política é consequência da adoção do princípio de que não existem fatos, apenas sua interpretação<sup>138</sup>” (VACURA, 2020, p. 12, tradução nossa). Ou seja, nessa perspectiva, uma relação claramente de causa e efeito.

Veremos que há, ironicamente, uma clara desconfiança em relação às pautas identitárias oriundas tanto de intelectuais da direita quanto da esquerda. “A deterioração da ideia de objetividade se produz com a entrada da perspectiva que a pós-modernidade introduz e que as filosofias das diferenças recolhem<sup>139</sup>” (MÉNDEZ MAJUELOS; PÉREZ CASTAÑEDA, 2019, p. 104, tradução nossa). A pós-verdade, portanto, pode ser creditada tanto na conta das novas formas de fazer política, nas mídias de informação, na tecnologia e, *radicalmente*, em um setor da história da filosofia.

Não há dúvida de que o fenômeno da pós-verdade é consequência de um modo de pensar relativista, em consonância com os postulados do que Ballesteros<sup>140</sup> chamou de 'pós-modernidade decadente'. O triunfo do pós-estruturalismo francês, as teorias de Foucault, Derrida ou Lyotard, difundiram-se socialmente e configuraram uma mentalidade em que não há mais uma realidade objetiva, mas apenas interpretações dela. A verdade é considerada uma construção cultural que apenas reflete dominações e servidões culturais expressas por meio da linguagem e das estruturas de poder<sup>141</sup> (CASTELLANOS CLARAMUNT, 2019, p. 367, tradução nossa).

É possível, de fato, encontrar responsabilidade filosófica nos rasgos pós-modernos no que se chama agora de pós-verdade? O “pós” de pós-verdade é o pós de pós-modernidade? Ainda: cabe imaginar que o atual populismo conservador atua como um pós-modernismo de direita? Qual a ligação entre pós-verdadeiro, pós-factual e pós-moderno? Se há ligações, quais são as evidências que a demonstram? Uma cultura que se destinou a percepções pós-fundacionais da realidade, o que inclui lutas emancipadoras e esforço por reconhecimentos

---

<sup>138</sup> “The current state of media and politics is the consequence of adopting the principle that there are no facts, only their interpretation”.

<sup>139</sup> “El deterioro de la idea de objetividad se produce con la entrada de la perspectiva que introduce la posmodernidad y recogen las filosofías de las diferencias”

<sup>140</sup> O autor menciona BALLESTEROS, J. *Postmodernidad: Decadencia o resistencia*. Madrid: Tecnos, 1994.

<sup>141</sup> “De lo que no cabe duda es de que el fenómeno de la posverdad es consecuencia de una forma de pensar relativista, en consonancia con los postulados de lo que Ballesteros ha denominado la ‘postmodernidad decadente’. El triunfo del postestructuralismo francés, las teorías de Foucault, Derrida o Lyotard, se han difundido socialmente y han configurado una mentalidad en la que ya no existe una realidad objetiva sino solo interpretaciones de ella. La verdad se considera una construcción cultural que solo refleja dominaciones y servidumbres culturales expresadas a través del lenguaje y las estructuras del poder”.

testemunhais, é predicado essencial da pós-verdade? Qual a base para essa insinuação que imiscui um movimento sociofilosófico como nascedouro espiritual, o fundamento de contágio de um quadro geral de epistemofobia?

Kevin Kester, professor assistente na International Education & Global Affairs no Department of Education at Keimyung University in Daegu, Coréia, se questiona acerca do que é o pós-modernismo em contexto de pós-verdade e assevera que a pós-modernidade foi “apropriada nesta era da pós-verdade por nacionalistas e neocolonialistas para justificar o anti-intelectualismo, a educação etnocêntrica e a política de exclusão que estavam no cerne das primeiras agendas modernistas<sup>142</sup>” (KESTER, 2018, p. 1331, tradução nossa). Segue o autor:

No entanto, para outros mais simpatizantes do pós-modernismo, o projeto foi simplesmente distorcido para justificar os tipos de práticas – capitalismo destrutivo, arrogância e hiperindividualismo – que o pós-modernismo inicialmente procurou desafiar. Assim, a pós-modernidade é agora a pós-verdade modernista, a pós-modernidade alternativa ou as verdades modernistas. A antítese está se tornando a tese: o conhecimento foi substituído por uma opinião infundada e a opinião tornou-se “fato”<sup>143</sup> (KESTER, 2018, p. 1331, tradução nossa).

É possível sugerir que as ciências sociais e a filosofia são responsáveis diretas — ao menos do ponto de vista de nascedouro intelectual —, pelo desenvolvimento do ambiente relativista que invadira a esfera pública e os meios de comunicação, chegando recentemente ao discurso dos governantes e suas equipes? Será “fato alternativo” a versão “pós-moderna de direita” das requisições identitaristas, decolonialistas e desconstrutivistas no geral? Seus procedimentos, aparentemente bem intencionados, também agricultaram as ervas daninhas negacionistas hiperrelativistas? Em contextos cada vez mais pluriperspectivistas, o que pode acontecer com a noção de verdade numa possível transferência de aceitabilidade irrestrita das verdades relativas por sobre as verdades tradicionais? Imputando à figura de Donald Trump o predicado de pós-moderno de direita, Mark Kingwell, professor do departamento de filosofia da Universidade de Toronto, afirma:

---

<sup>142</sup> “[...] appropriated in this post-truth era by nationalists and neo-colonialists alike to justify anti-intellectualism, ethnocentric education, and exclusionary politics that were at the very heart of the early modernist agendas”

<sup>143</sup> “Yet for others more sympathetic to postmodernism, the project has simply been distorted to justify the sorts of practices — destructive capitalism, arrogance, and hyper-individualism — that postmodernism initially sought to challenge. Hence, postmodernity is now the modernist post-truth, the alt-postmodernity or the modernist truths. The anti-thesis is becoming the thesis: knowledge has been replaced with unsubstantiated opinion, and opinion has become ‘fact’.”

O pré-modernismo de Trump é de fato uma propriedade emergente das condições pós-modernas de direita. É verdade que Trump é mais o beneficiário involuntário dessas condições do que o criador consciente delas. Mas sua capacidade de não levar em conta os fatos, ou de confiar em fatos alternativos, é essencial para o seu sucesso. Talvez o avatar pré-moderno da era da mídia seja apenas a extensão lógica da nova condição pós-moderna?<sup>144</sup> (KINGWELL, 2018, p. 22, tradução nossa)

Como tratei em artigo (2012) sobre a Ética da alteridade em Emmanuel Levinas, há intelectuais, mesmo à esquerda, que enxergam alguma violência travestida de aceitação e tolerância ao outro em contextos multiculturais relativistas pós-modernos. É o caso de Žižek, que sugere que, obnubilados pela tolerância repressiva do multiculturalismo, corre-se o risco de tornarmo-nos cegos às possibilidades de que o Outro pode simular o desejo de bondade, equidade, respeito e justiça visando interesses próprios. O Outro pode se esconder atrás de uma máscara e dissimular situações. O que num momento expressa harmonia e aceitação, pode, em outro contexto, resguardar um ressentimento discriminatório sem precedentes. Uma classe discriminada e diminuída, passando porventura à dominância, pode ser tão ou mais indiferente e intolerante. Afinal, não é privilégio de nenhum grupo o ato discriminatório. Logo, segundo essa lógica, é artificial um discurso que a tudo e a todos compreende e aceita.

A natureza onicompreensiva da Universalidade Concreta pós-política, que a todos dá inclusão simbólica — essa visão e prática multiculturalista de “unidade na diferença” (“todos iguais, todos diferentes”) —, consente, como único modo de marcar a própria diferença, o gesto proto-sublimatório que eleva o Outro contingente (por sua raça, seu sexo, sua religião...) à “Alteridade Absoluta” da Coisa impossível, da ameaça posterior a nossa identidade: uma Coisa que deve ser aniquilada se quisermos sobreviver. (ŽIŽEK, 2008, p. 36, tradução nossa).

É o mesmo caso de outro filósofo da esquerda considerada tradicional: Alain Badiou. Badiou não consegue entrever espaço, nos nossos dias, para uma ética da diferença. A aversão às diferenças é o mais evidente dos fenômenos sociais do século XXI e bem antes disso. Existe, quiçá, um samaritanismo paradoxal na sociedade multicultural. Todo cidadão que respeita as diferenças é visto com bons olhos. Todavia, o intolerante não é tolerado: a intolerância prevalece.

Consciente ou inconscientemente, é em nome dessa configuração que nos é explicado hoje que a ética é “reconhecimento do outro” (contra o racismo,

---

<sup>144</sup> “The premodernism of Trump is in fact a property emerging from right-wing postmodern conditions. Granted, Trump is more the unwitting beneficiary of these conditions than the conscious creator thereof. But his ability *not to regard facts*, or to rely on *alternative* ones, is essential to his success. Perhaps the premodern media-age avatar is just the logical extension of the new postmodern condition?”

que negaria este outro), ou “ética das diferenças” (contra o nacionalismo substancialista, que queria a exclusão dos imigrantes, ou sexismo, que negaria o ser-feminino), o “multiculturalismo”, (contra a imposição de um modelo unificado de comportamento e de intelectualidade). Ou, simplesmente, a boa e velha “tolerância”, que consiste em não sentir-se ofendido com o fato de que outros pensam e atuam diferentemente de você. (BADIOU, 2001, p. 20, tradução nossa).

Essas querelas e outras serão transportadas para a discussão acerca do fenômeno político pós-verdadeiro na tentativa de encaixar nexos causais entre escolas de pensamento pós-modernas — e seus principais atores — e o consequente relativismo epistêmico pós-veritativo. Sobre a temática supracitados, o sociólogo Arnaud Esquerre, em *Le vertige des Faits Alternatifs*, de 2018, diz:

Há algo de excitante na abordagem relativista, porque ela traz à tona a arquitetura temporária do que até então tínhamos como certezas, e possibilita deslocar formas de pensar e elaborar novas. É difícil não usá-la na hora de fazer uma pesquisa, mas também é difícil marcar o ponto de parada [...] O problema é saber passar de um ponto de vista a outro, de uma perspectiva à outra, de uma ontologia à outra, de um modo de existência para outro. Um genocídio reconhecido em uma certa “perspectiva” é um genocídio nas outras “perspectivas”? O conceito de Antropoceno é um novo etnocentrismo ou deve ser aceito como um conceito com validade universal? E, além disso, se tudo é diferente e só faz sentido dentro de um sistema de diferenças, qual é o estatuto desse ‘sistema’? A posição a partir da qual o ‘sistema’ é elaborado não obriga a recriar uma assimetria e a supor um universal? [...] Essas teorias, ao colocarem em pé de igualdade culturas que até então mantinham uma relação desigual, podem ter efeitos parcialmente emancipatórios. Mas eles têm seus limites, porque esbarram em questões de verdade e, mais amplamente, em conceitos com validade universal<sup>145</sup> (ESQUERRE, 2018, p. 23-27-30, tradução nossa).

O filósofo estadunidense Lee McIntyre, em *Post-Truth*, dedica ao tema um capítulo cujo título trata diretamente da questão: “Did postmodernism lead to post-truth”? A obra inteira se dedica à crise reputacional das ciências e da direta relação entre fontes pós-modernas da racionalidade contemporânea e o atual fenômeno pós-verdadeiro. McIntyre

---

<sup>145</sup> “Il y a quelque chose d’excitant dans la démarche relativiste, parce qu’elle fait apparaître l’architecture temporaire de ce que l’on tenait jusqu’alors pour des certitudes, et qu’elle permet de déplacer les manières de penser, d’e élaborer de nouvelles. Il est difficile de ne pas y avoir recours quand on mène une recherche, mais il est difficile aussi de marquer le point d’arrêt [...] Le problème, c’est de savoir comment on passe d’un point de vue à un autre, d’une perspective à une autre, d’une ontologie à une autre, d’un mode d’existence à un autre. Est-ce qu’un génocide reconnu dans une certain ‘perspective’ est un génocide dans les autres ‘perspectives’? Est-ce que le concept d’anthropocène est un nouvel ethnocentrisme, ou faut-il l’admettre comme un concept à validité universelle? Et, par ailleurs, si tout est différent et ne prend sens qu’à l’intérieur d’un système de différences, quel est le statut de ce ‘système’? Est-ce que la position d’où le ‘système’ est élaboré n’oblige pas à recréer une asymétrie et à supposer un universel? [...] Ces théories, en mettant sur un pied d’égalité des cultures qui étaient jusqu’alors dans un rapport inégalitaire, peuvent avoir des effets en partie émancipateurs. Mais elles ont leurs limites, parce qu’elles butent sur les questions de la vérité et, plus largement, des concepts à validité universelle”.

crítica os estudos dos pós-modernistas que, segundo sua visão, transformaram, inclusive, as ciências naturais em narrativas dependentes de égides ideológicas. Para ele, “é embaraçoso admitir que uma das raízes mais tristes do fenômeno da pós-verdade parece ter saído diretamente das faculdades e universidades<sup>146</sup>” (MCINTYRE, 2018, p. 123, tradução nossa).

As teses pós-modernas, que grosso modo negam a existência de algo como uma verdade objetiva e que consideram que tudo pode ser lido por vieses ideológicos e narrativas, libertas dos perímetros das universidades, migraram ao discurso popular e midiático até serem adequadas aos anseios de negacionistas e complotistas de toda ordem. Um perfeito aparato epistemológico de combate contra as asserções científicas que produz um sem número de distorções cognitivas e que aprofunda gravemente a verdade factual em *vieses de confirmação*, “interpretando a informação de modo que confirme nossas crenças preexistentes<sup>147</sup>” (MCINTYRE, 2018, p. 60, tradução nossa).

É muito divertido atacar a verdade na academia, mas o que acontece quando tais táticas caem nas mãos de negacionistas da ciência e teóricos da conspiração, ou políticos inescrupulosos, que insistem que seus instintos são melhores do que qualquer evidência?<sup>148</sup>

McIntyre aponta Nietzsche como antepassado pós-moderno e Heidegger, Foucault e Derrida como heranças ricas da filosofia, mas fornecedoras das motivações pós-modernas. Evoca ainda a terminologia do filósofo Alexis Papazoglou para afirmar, acerca do perspectivismo nietzscheano, ser a verdade objetiva um “philosophical hoax” (MCINTYRE, 2018, p. 103) e se fixa na exposição de ideias fundacionais do desconstrutivismo derrideano que se tornariam populares na segunda metade do século XX, segundo as quais “tudo poderia ser interpretado como um texto [...] de fato, praticamente todo o comportamento humano era carregado de significados que podiam ou não ser compreendidos pelos atores que os envolviam [...] Não há resposta certa, apenas narrativa<sup>149</sup>” (MCINTYRE, 2018, p. 125).

---

<sup>146</sup> “[...] it is therefore embarrassing to admit that one of the saddest roots of the post-truth phenomenon seems to have come directly out of colleges and universities”.

<sup>147</sup> “[...] interpretando la información de forma que confirme nuestras creencias preexistentes”.

<sup>148</sup> “Es muy divertido atacar la verdad en la academia, pero, ¿qué pasa cuando esas tácticas llegan a las manos de los negacionistas de la ciencia y de los que tienen teorías conspiratorias, o de políticos sin escrúpulos, que insisten en que sus instintos son mejores que cualquier evidencia?”.

<sup>149</sup> “[...] everything could be interpreted as a text [...] indeed virtually all of human behavior was freighted with meanings that may or may not be understood by the actors who were engaging in them [...]. There is no right answer, only narrative”;

O autor analisa também a ideia foucaultiana de que “qualquer profissão de verdade nada mais é do que um reflexo da ideologia política da pessoa que a está fazendo<sup>150</sup>” (MCINTYRE, 2018, p. 103, tradução nossa), aludindo ao fato de que, segundo essa chave de leitura, não há algo objetivo como a verdade. Alguém que arroga para si saber algo, analisa, está impondo opressão, não educando. Para McIntyre, um partidário da migração do fazer pós-moderno da esquerda para a direita, “se há muitas perspectivas, então insistir em aceitar qualquer uma em particular é uma forma de fascismo” (MCINTYRE, 2018, p. 104, tradução nossa). Sendo assim, é a pós-verdade um pós-modernismo de direita?

Mesmo que os políticos de direita e outros negadores da ciência não tivessem lido Derrida e Foucault, o germe da ideia teria encontrado seu caminho até eles: a ciência não tem o monopólio da verdade. Portanto, não é irracional pensar que os direitistas estão usando alguns dos mesmos argumentos e técnicas do pós-modernismo para atacar a verdade de outras afirmações científicas que entram em conflito com sua ideologia conservadora<sup>151</sup> (MCINTYRE, 2018, p 179, tradução nossa).

Tanto quanto os inventores da pólvora não poderiam prever um futuro teste nuclear, não se pode dizer que os pós-modernistas “são completamente culpados por como suas ideias foram mal utilizadas<sup>152</sup>” (MCINTYRE, 2018, p. 104, tradução nossa). McIntyre afirma que o simples *mea culpa* de filósofos pós-modernos como Bruno Latour e Michael Berubé, são sinal de que sua tese tem consistência. Latour parece se mostrar arrependido de ter sido, em algum momento de sua carreira, um construtivista social quando reconhece que “perigosos extremistas perigosos estão usando exatamente o mesmo argumento da construção social para destruir a evidência que tanto custou adquirir e que poderia salvar nossas vidas<sup>153</sup>” (LATOURE, 2004, p. 227, tradução nossa). McIntyre expõe o que, segundo ele, seria um arrependimento intelectual ainda mais enérgico: a fala de Michael Berubé ao *Democracy Journal*, em 2011:

Alguns argumentos padrão da esquerda, combinados com a desconfiança populista de esquerda em relação a “especialistas” e “profissionais” e uma variedade de fanfarrões poderosos que pensam que são nossos chefes, foram

---

<sup>150</sup> “any profession of truth is nothing more than a reflection of the political ideology of the person who is making it”

<sup>151</sup> “Incluso si los políticos de derechas y otros negacionistas científicos no hubiesen leído a Derrida y a Foucault, el germen de la idea se habría abierto camino hasta ellos: la ciencia no tiene el monopolio de la verdad. No es, por tanto, irracional pensar que los partidarios de derechas estén usando algunos de los mismos argumentos y técnicas del posmodernismo para atacar la verdad de otras afirmaciones científicas que chocan con su ideología conservadora”.

<sup>152</sup> “[...] are completely at fault for how their ideas have been misused”.

<sup>153</sup> “[... ] dangerous extremists are using the very same argument of social construction to destroy hard-won evidence that could save our lives.”.

moldados pela direita em um poderoso dispositivo para deslegitimando a pesquisa científica [...] admito [...] o potencial dos estudos científicos de dar terrivelmente errado e alimentar pessoas profundamente ignorantes e/ou reacionárias<sup>154</sup> (BERUBÉ, 2011, tradução nossa).

Sua tese, portanto, gira em torno de provar que o pensamento pós-moderno é, de alguma forma, o precursor da pós-verdade. E mais: se analisado detidamente, o estudo “dos textos pós-modernistas ajudaria a minar a alegação de que suas ideias podem apoiar legitimamente a ideologia de direita<sup>155</sup>” (BERUBÉ, 2011, p. 105, tradução nossa). É o que se pode encontrar em *La posverdad o el dominio de lo trivial*, de 2020:

É como se o populismo de direita tivesse finalmente memorizado uma versão da lição que já havia sido ouvida da vanguarda pós-marxista e foucaultiana do século passado: que a ciência é um instrumento de poder, que as divergências científicas expressam vieses ideológicos, que não há fato fora da interpretação, que a verdade nada mais é do que uma construção social, etc. O que surpreende e preocupa não é, portanto, a originalidade da posição em si, mas sua aceitação e ubiquidade como arma polêmica — falo de arma porque não tem a pretensão de argumentar ou convencer, mas de produzir um laço cínico para o benefício de quem já o apoia — A pós-verdade é a verdade defensiva<sup>156</sup> (CARBONELL; FLAMARIQUE, 2020, p. 48, tradução nossa).

Uma guerra contra a ciência, as famosas *Science Wars*, cujos “campos de batalha [...] estavam localizados principalmente no cenário acadêmico dos Estados Unidos<sup>157</sup>” (GUSTAFSSON, 2018, p. 93, tradução nossa), foi encampada quando construtivistas sociais (um programa forte de sociologia da ciência) endereçaram aos cientistas tradicionais a ideia de que toda a realidade (incluindo as teorias científicas sobre esta) estava socialmente criada e que não havia tal coisa como verdade objetiva. Esta postura resultaria, assim, em popularização de negacionismos científicos e toda sorte de relativismos, o que explicita seu critério de adoção por parte da direita conservadora e radical. E a falta de análise sobre esta

---

<sup>154</sup> “Some standard left arguments, combined with the left-populist distrust of “experts” and “professionals” and assorted high-and-mighty muckety-mucks who think they’re the boss of us, were fashioned by the right into a powerful device for delegitimizing scientific research [...] I’ll admit [...]the potential for science studies to go horribly wrong and give fuel to deeply ignorant and/orreactionary people”.

<sup>155</sup> “[...] of postmodernist texts would help to undercut the claim that its ideas may legitimately support right-wing ideology.”

<sup>156</sup> “Es como si el populismo de derecha se hubiese finalmente aprendido de memoria una versión de la lección que ya se venía escuchando desde la vanguardia posmarxista y foucaultiana del siglo pasado: que la ciencia es un instrumento de poder, que los desacuerdos científicos expresan sesgos ideológicos, que no existe ningún hecho al margen de la interpretación, que la verdad no es más que una construcción social, etc. Lo sorprendente y preocupante no es, por tanto, la originalidad de la postura en sí, sino su aceptación y ubicuidad como arma polémica — me refiero a un arma porque no tiene ninguna intención de discutir ni de convencer, sino de producir un cínico empate para el beneficio de los que ya lo apoyan —. La posverdad es verdad a la defensiva”.

<sup>157</sup> “These attacks were skirmishes in the so-called science war, the battlefields of which were mainly located on the US academic scene”.

possibilidade, provável falta de autocrítica da atuação intelectual das esquerdas, pode ter sido uma das causas primordiais do atual quadro político pós-veritativo.

Esse exame de consciência esquerdista foi completamente ignorado por aqueles que temem que a pós-verdade esteja agora aos pés do pós-modernismo, apesar do fato de que o caminho da negação da ciência para a negação da realidade em sua totalidade parece inegável<sup>158</sup> (MCINTYRE, 2018, p. 140, tradução nossa).

Para escapar a qualquer crítica de ausência de fenomenologia palpável ou de fato concreto que ligue a pós-modernidade à pós-verdade, McIntyre se questiona: “Como seria uma aplicação do pós-modernismo à pós-verdade política? [...] como podemos ter certeza de que o pós-modernismo deu o salto do negacionismo da ciência de direita para toda a gama de ceticismo que deturpa a realidade da pós-verdade?<sup>159</sup>” (MCINTYRE, 2018, p. 140, tradução nossa). O próprio autor reconhece a afirmação de que:

Alguns também afirmam que é ridículo ver o pós-modernismo e a pós-verdade como causa e efeito porque a pós-verdade existe muito antes do que você imagina, e o pós-modernismo é realmente muito útil para nos dar um vocabulário para falar sobre pós-verdade. Mesmo que não seja sua causa<sup>160</sup> (MCINTYRE, 2018, p. 142, tradução nossa).

O filósofo norte-americano apresenta o argumento de que parte muito considerável do apoio dado a Trump nas eleições de 2016 adveio de blogueiros e *influencers* da direita alternativa. Cita o mais famoso deles, Mike Cernovich, um reconhecido mentiroso compulsivo, reproduzindo uma fala, claramente cínica, do *influencer* em entrevista ao *New Yorker* em outubro de 2016, quando este diz: “Olha, eu li a teoria pós-modernista na faculdade. Se tudo é narrativa, então precisamos de alternativas à narrativa dominante [...] Não pareço um cara que lê Lacan, pareço?<sup>161</sup>” (HUSSAIN, 2019, tradução nossa).

A mentira cínica pós-factual é semelhante ao aparato intelectual que questiona as narrativas elaboradas pelos filósofos pós-modernos? Para Castellanos Claramunt, “Hannah Arendt lembrou que 'a verdade é tirânica por natureza' e, talvez muito consciente disso, o

---

<sup>158</sup> “Este examen de conciencia de la izquierda ha sido completamente ignorado por aquellos que tienen miedo de que la posverdad vaya a estar ahora a los pies del posmodernismo, a pesar de que la ruta que va desde el negacionismo de la ciencia hasta la negación de la realidad misma al completo parece innegable”.

<sup>159</sup> “¿Cómo sería una aplicación del posmodernismo a la posverdad política? [...] ¿cómo podemos estar seguros de que el posmodernismo ha dado el salto desde el negacionismo científico de derechas a la plena variedad de escepticismo que tergiversa la realidad de la posverdad?”.

<sup>160</sup> “Algunos también afirman que es ridículo ver al posmodernismo y a la posverdad como causa y efecto porque la posverdad existe desde mucho antes de lo que se piensa, y el posmodernismo es, de hecho, muy útil para facilitarnos un vocabulario para hablar sobre la posverdad, incluso si no es su causa”.

<sup>161</sup> “Look, I read postmodernist theory in college. If everything is a narrative, then we need alternatives to the dominant narrative [...] I don't seem like a guy who reads Lacan, do I?”

pensamento pós-moderno entendeu que a emancipação exigia a retomada do espaço da mentira<sup>162</sup>" (CASTELLANOS CLARAMUNT, 2019, p. 370, tradução nossa). São, portanto, os filósofos pós-modernos partidários do cinismo e da mentira? Para Daniel Dennet, evocado pelo próprio McIntyre, ao menos parcialmente, sim.

Acho que o que o pós-modernismo fez foi verdadeiramente mau. Eles são responsáveis pela moda intelectual que tornou respeitável a prática do cinismo sobre a verdade e os fatos. Você tem pessoas por aí dizendo: "Bem, você faz parte daquelas pessoas que ainda acreditam nos fatos"<sup>163</sup>" (CADWALLA, 2017).

"Então, o pós-modernismo é o padrinho da pós-verdade<sup>164</sup>" (MCINTYRE, 2018, p. 144, tradução nossa), conclui. O que conduz semelhantemente à conclusão de Kurt Andersen (2017)<sup>165</sup> sobre a possibilidade desses programas intelectuais pós-modernos, uma vez aceitos pelo *mainstream* intelectual e midiático, terem formado um quadro de disputas políticas unindo elites de esquerda a populistas de direita. O que outrora foi, para a direita mais conservadora, motivo de refrega e condenação (certas crises éticas, morais, metafísicas e estéticas), passa a ser munição intelectual aos extremismos, radicalismos cristãos, liberação de armas de fogo, negação de mudanças climáticas. Há, portanto, a aparência de sinônimo entre a direita radical e a esquerda pós-moderna identitarista, do ponto de vista do procedimento ético e epistemológico. Pode a cinicização parodista responsabilizar o parodiado por apropriação tortuosa das intenções originárias? Afirma Kurt Andersen (2017):

O termo *idiota útil* foi originalmente empregado para acusar os liberais de servir aos interesses de verdadeiros crentes mais à esquerda. Nesse caso, entretanto, os intelectuais pós-modernos – pós-positivistas, pós-estruturalistas, social-construtivistas, pós-empiristas, relativistas epistêmicos, cognitivos relativistas, relativistas descritivos – acabaram sendo, conseqüentemente, idiotas úteis para a direita americana. "A realidade tem um viés liberal bem conhecido", disse certa vez Stephen Colbert, em caráter, zombando do impulso de crenças-em-fatos-trumpistas da direita de hoje. Nenhum dos lados notou, mas grandes facções da esquerda de elite e da direita populista estiveram no mesmo time<sup>166167</sup>.

<sup>162</sup> "Hannah Arendt recordaba que 'la verdad es por naturaleza tiranica' y, quiza siendo muy consciente de ello, el pensamiento posmoderno entendio que la emancipacion exigia reivindicar el espacio de la mentira"

<sup>163</sup> Creo que lo que hizo el posmodernismo fue verdaderamente malvado. Son responsables de la moda intelectual que hizo que practicar el cinismo sobre la verdad y los hechos fuese algo respetable. Tienes a gente que anda diciendo por ahí: "Bueno, tú eres parte de esa gente que aún cree en los hechos"

<sup>164</sup> "Así pues, el posmodernismo es el padrino de la posverdad".

<sup>165</sup> Disponível em: <https://www.theatlantic.com/magazine/archive/2017/09/how-america-lost-its-mind/534231/>. Acesso em: 18 nov. 2020.

<sup>166</sup> Disponível em: [https://www.theatlantic.com/magazine/archive/2017/09/how-america-lost-its-mind/534231/?fbclid=IwAR3S8e\\_izSj4Mh6hk4LqZC2tp1fK-70VEI7NGm9wTaxbJslum58PsX95fz8](https://www.theatlantic.com/magazine/archive/2017/09/how-america-lost-its-mind/534231/?fbclid=IwAR3S8e_izSj4Mh6hk4LqZC2tp1fK-70VEI7NGm9wTaxbJslum58PsX95fz8). Acesso em: 18 nov. 2020.

Concordando amplamente com a afirmação de McYintre de que a pós-verdade é uma espécie pós-modernismo de direita, Maurizio Ferraris, em *Postverità e Altri Enigmi*, de 2017, tem uma tese ainda mais direta: "a pós-verdade é a inflação, difusão e liberalização do pós-moderno para além das salas de aula da universidade e das bibliotecas, e cuja conquista é o absolutismo da razão do mais forte<sup>168</sup>" (FERRARIS, 2019, p. 5, tradução nossa). Sua tese é que a pós-modernidade é a garantia filosófica de uma cultura *pós-truísta*.

O que se chama de "pós-verdade" nada mais é do que a popularização do princípio fundamental do pós-modernismo (ou seja, a versão mais radical da hermenêutica), segundo o qual "não há fatos, apenas interpretações". Isso não significa, obviamente, que em todo "pós-truísta" (**com este termo proponho chamar o teórico ou aquele que pratica a pós-verdade**) haja um filósofo pós-moderno: seria uma honra muito grande. Simplesmente, longe de ter introduzido os efeitos emancipatórios que dela se esperavam, a hermenêutica tornou-se cúmplice involuntária de presidentes inapresentáveis, inimigos das vacinas e populistas informáticos<sup>169</sup> (FERRARIS, 2019, p. 11, tradução nossa, grifo nosso).

Para Ferraris, o resultado alquímico da mistura de ideias pós-modernas nascidas no seio das universidades, com sua dispersão através dos meios de comunicação de massa, resulta, em primeiro lugar, em populismo e, em segundo lugar, em pós-verdade. "Observe que quando digo 'pós-moderno' quero dizer um grande movimento filosófico, provavelmente o mais influente da segunda metade do século XX<sup>170</sup>" (FERRARIS, 2019, página 6, tradução nossa). Em cada subjetividade pós-verdadeira, sustenta, há uma raiz pós-moderna: seja intelectual ou inconsciente e (2019, p 12) é "difícil não ver na pós-verdade o resultado de uma veia conservadora que encontrou sua legitimidade filosófica no pós-moderno e sua difusão política no populismo". Em outro momento, o mesmo autor afirma:

---

<sup>167</sup> "The term *useful idiot* was originally deployed to accuse liberals of serving the interests of true believers further on the left. In this instance, however, postmodern intellectuals — post-positivists, poststructuralists, social constructivists, post-empiricists, epistemic relativists, cognitive relativists, descriptive relativists — turned out to be useful idiots most consequentially for the American right. "Reality has a well-known liberal bias," Stephen Colbert once said, in character, mocking the beliefs-trump-facts impulse of today's right. Neither side has noticed, but large factions of the elite left and the populist right have been on the same team".

<sup>168</sup> "[...] la posverdad es la inflación, la difusión y la liberalización de lo posmoderno más allá de las aulas de la universidad y de las bibliotecas, y cuyo logro es el absolutismo de la razón del más fuerte".

<sup>169</sup> "O que se conhece como "posverdad" no es sino la popularización del principio fundamental de lo posmoderno (es decir, la versión más radical de la hermenéutica), según el cual "no existen los hechos, solo las interpretaciones". Esto no significa, evidentemente, que en todo "postruísta" (**con este término propongo denominar al teórico o a quien practica la posverdad**) haya un filósofo posmoderno: sería un honor demasiado elevado. Simplemente, lejos de haber introducido los efectos emancipadores que se esperaban de ella, la hermenéutica se ha hecho involuntariamente cómplice de presidentes impresentables, de los enemigos de las vacunas y de populistas informáticos".

<sup>170</sup> "Téngase en cuenta que cuando digo 'posmoderno' me refiero a un movimiento filosófico importante, probablemente el más influente de la segunda mitad del siglo XX".

Suas doutrinas, que pregavam adeus à verdade, prestavam-se excelentemente aos objetivos dos grandes artistas do governo (ou mesmo utópicos, tolos ou canalhas), e depois às necessidades expressivas e práticas de uma turba de usuários da lábia de Trump. Não nos pode surpreender, então, que [...] a liberalização coincida com a absolutização, e que o pós-moderno se transforme em pós-verdade<sup>171</sup> (FERRARIS, 2019, p. 13, tradução nossa).

Ferraris acredita que o principal ponto de contato das ideias pós-modernas com a sociedade fez-se através dos intelectuais da segunda metade do século XX, o “século breve”, herdeiros diretos de clássicos como Kant ou filósofos continentais ou hermenêuticos como Nietzsche, Husserl e Heidegger. Estamos tratando de figuras como Rorty, Foucault e, o maior dentre todos, Derrida.

A meu ver, Derrida, que não só foi o pensador da desconstrução e, portanto, a origem de toda uma multidão de imitadores estereotipados, mas também o pensador da onipresença da escrita no mundo social e da verdade entendida como algo que não é recebido passivamente mas se faz<sup>172</sup> (FERRARIS, 2019, p. 6, tradução nossa).

As consequências de um projeto tão profundo de reinterpretação da realidade inundaria, portanto, o discurso com inúmeros construtos discursivos ficcionalistas que, anexados ao fazer midiático contemporâneo, soterra universais, oblitera a ontologia em detrimento das mídias. O quadro antirrealista pós-moderno é a moldura de uma sociedade pós-veritativa e, para Ferraris, o conceito de fato alternativo não causa surpresa, dado que já estava praticamente preparado no fim do século passado.

Ninguém enviou Kellyanne Conway, conselheira de Trump e onomatúrga da "verdade alternativa", para estudar em alguma faculdade de pós-modernismo e pós-verdade; Bastou frequentar universidades onde se afirmava que a verdade não é mais do que uma metáfora antiga, que o meio vale mais que a mensagem e que, para ser verdadeiramente democrático, é preciso defender simultaneamente as duas teses de que diz que os ameríndios chegaram da Ásia cruzando o Estreito de Bering como aquele que diz que os ameríndios, como postulam suas tradições, surgiram das vísceras da terra<sup>173</sup> (FERRARIS, 2019, p. 6, tradução nossa).

---

<sup>171</sup> “Sus doctrinas, que predicaban el adiós a la verdad, se prestaban de manera excelente a los objetivos de los grandes artistas de gobierno (o incluso de utópicos, mentecatos o sinvergüenzas), y más tarde a las necesidades expresivas y a las necesidades prácticas de una turba de usuarios de las trompas de Trump. No nos puede sorprender, entonces, que [...] la liberalización coincida con la absolutización, y que lo posmoderno se transforme en posverdad”.

<sup>172</sup> “En mi opinión, de Derrida, que no ha sido solo el pensador de la desconstrucción, y por lo tanto el origen de toda una turba estereotipada de imitadores, sino también el pensador de la omnipresencia de la escritura en el mundo social y de la verdad entendida como algo que no se recibe pasivamente sino que se hace”.

<sup>173</sup> “Nadie envió a Kellyanne Conway, asesora de Trump y onomatúrga de la “verdad alternativa”, a estudiar a alguna Alta Escuela de Posmodernismo y Posverdad; bastó con que fuera a universidades en las que se sostenía que la verdad no es sino una antigua metáfora, que el médio cuenta más que el mensaje y que, para ser democráticos de verdad, es necesario sostener simultáneamente tanto la tesis que dice que los amerindios

Para que as condições de eclosão da pós-verdade se mostrassem propícias, Ferraris afirma haver um quádruplo processo dentro do próprio pós-moderno. Uma primeira fase de desmascaramento das filosofias radicais do século XIX e sua investida contra a ideologização da verdade e o hipercrédito dado à ciência, como se pode encontrar na filosofia moral de Nietzsche. Uma segunda fase, no início do Século XX, a da institucionalização da verdade como autoridade, bastante característica da atuação conservadora de Heidegger, que afirmava: “a ciência não pensa” (HEIDEGGER, 2012, p. 115), e também que “a verdade é um dom auroral já perdido, algo que apareceu aos gregos e que os modernos esqueceram<sup>174</sup>” (FERRARIS, 2019, p. 16, tradução nossa).

Esta é, afinal, a grande alquimia do pós-moderno: **tornar fundíveis à esquerda as ideias elaboradas pela direita**, e propor, como emancipação da humanidade como um todo, caminhos de emancipação muito pessoais, feitos por pessoas solitárias e pelo que sempre vão contra a corrente<sup>175</sup> (FERRARIS, 2019, p. 16, tradução nossa, grifo nosso).

E haveria também uma terceira fase: a do “adeus às verdades”, que é a da liberalização, nas sociedades pós-fascistas, com a queda dos totalitarismos, a inutilização da ideia de verdade e substituição por outros princípios, como democracia, solidariedade ou caridade. Além das denúncias de que a própria ciência seria a produtora de certas ditaduras de especialistas, construtora das bombas atômicas, entre outras denúncias. “Nos perguntamos novamente como é possível apelar para teorias radicalmente conservadoras, como as de Nietzsche ou Heidegger, para transformá-las nas garantias da democracia e do progresso<sup>176</sup>” (FERRARIS, 2019, p. 16, tradução nossa). A pós-verdade é invenção da esquerda liberal (CALCUTT, 2016)<sup>177</sup> e, por causa disso, a bala perdida pós-moderna acerta em cheio a democracia quando a priva de um valor como a verdade?

Esse empreendimento filosoficamente fascinante (digo isso sem ironia) concentrou os esforços dos pós-modernistas após a Segunda Guerra Mundial, especialmente na França e na Itália, produzindo o que se

---

llegaron desde Asia atravesando El estrecho de Bering como la que dice que los amerindios, tal y como postulan sus tradiciones, surgieron de las vísceras de la tierra”.

<sup>174</sup> “[...] la verdad es un don auroral y ya perdido, algo que se les aparecía a los griegos y que los modernos han olvidado”.

<sup>175</sup> “Esta es, al fin y al cabo, la gran alquimia de lo posmoderno: **hacer que ideas que han sido elaboradas en la derecha sean fungibles en la izquierda**, y propone, como emancipación del conjunto de la humanidad, vías personalísimas de emancipación, confeccionadas por solitarios y por lo que van siempre a contracorriente”.

<sup>176</sup> “Nos preguntamos de nuevo cómo es posible que se apele a teorías radicalmente conservadoras, como las de Nietzsche o Heidegger, para convertirlas en las garantes de la democracia y el progreso”.

<sup>177</sup> Disponível em <https://theconversation.com/comment-la-gauche-liberale-a-invente-la-post-verite-69310> Acesso em: 28/01/18.

convencionou chamar de *Nietzsche-Renaissance*, que, em poucas palavras, consistiu em reler da esquerda (tratando-os como companheiros de viagem que em grande parte compartilhavam de suas ideias de esquerda) os autores fundamentais da direita radical dos séculos XIX e XX<sup>178</sup> (FERRARIS, 2019, p. 17-18, tradução nossa).

E, finalmente, a quarta e última etapa: a da polarização das ideias pós-modernas surgidas na academia que, aliadas aos meios de comunicação, tornam-se populistas e, ulteriormente, pós-verdadeiras. Assim, há uma bifurcação que parte do pós-moderno e deságua em populismo e pós-verdade. Ferraris reconhece que não se pode pôr em pé de igualdade postuístas e pós-modernos. "O pós-truísta, ao contrário do pós-moderno, não é irônico nem relativista, e está convencido de que suas verdades alternativas são verdades absolutas, enquanto as de seus adversários são meras mentiras<sup>179</sup>" (FERRARIS, 2019, p. 19, tradução nossa).

[Os pós-truístas] ao contrário dos pós-modernistas, eles afirmam não que a verdade deva ser abandonada, mas que existem muitas verdades paralelas e alternativas umas às outras. Além disso, cumprindo um gesto carregado de consequências, afirmam o princípio fundamental da pós-verdade: todas as verdades são iguais, mas algumas são mais iguais que outras, ou seja, diante dos fatos, algumas são mais verdadeiras e incontestáveis<sup>180</sup> (FERRARIS, 2019, p. 23, tradução nossa).

Há pensadores que corroboram diretamente a posição de Ferraris, como é o caso da filósofa italiana Anna Maria Lorusso, autora de *Postverità: Fra reality tv, social media e storytelling*, e que adiciona suas próprias questões pertinentes a este pretenso *continuum* entre pós-moderno e pós-verdadeiro.

Para Ferraris, também, toda a questão da pós-verdade é ser filha do pós-moderno. Este é um ponto em que concordo plenamente com ele e que, ao tocar na questão das grandes narrativas, coloca um problema importante: há anos assistimos ao fim das grandes narrativas e, no entanto, estamos no meio do triunfo da narrativa. Que lógica há nisso tudo, se é que existe alguma? E

---

<sup>178</sup> "Esta empresa, filosóficamente fascinante (lo digo sin ironía alguna), ha concentrado los esfuerzos de los posmodernos tras la Segunda Guerra Mundial, sobre todo en Francia y en Italia, produciendo eso que se ha llamado la *Nietzsche-Renaissance*, que, en pocas palabras, consistió en releer desde la izquierda (tratándolos como compañeros de viaje que comparten en gran medida sus ideas de izquierdas) a los autores fundamentales de la derecha radical de los siglos XIX y XX".

<sup>179</sup> "El postuista, a diferencia del posmoderno, no es ni irónico ni relativista, y está convencido de que sus verdades alternativas son verdades absolutas mientras que las de los adversarios son meras mentiras".

<sup>180</sup> "[...] a la inversa que los posmodernos, aseguran no que se debe abandonar la verdad, sino que hay muchísimas verdades, que son paralelas y alternativas unas respecto de otras. Además, cumpliendo un gesto cargado de consecuencias, enuncian El principio fundamental de la posverdad: todas las verdades son iguales, pero algunas son más iguales que otras, es decir, atendiendo a los hechos, algunas son más verdaderas e indiscutibles".

como tudo isso tem a ver com nossa percepção da verdade?<sup>181</sup> (LORUSSO, 2018, p. 59, tradução nossa).

Para Ferraris, ulteriormente, o cômputo final do expediente dos pós-modernistas privaria a democracia de sua substância mais importante e sem a qual a vida coletiva não caminha de forma objetiva para resolução dos conflitos atávicos às sociedades. Mais uma vez, caminho aberto para que uma espécie de falso contrário necessário prevaleça: os populistas conservadores.

Após ter oferecido uma ajuda ideológica involuntária aos populistas e tendo privado os intelectuais de sua única arma (o orgulho, se não a coragem, da verdade), os pós-modernistas não consideravam que uma democracia sem verdade não é uma democracia, e que se a solidariedade prevalecer sobre a objetividade, isto produz uma deriva incontrolável (afinal, a máfia ou o familiarismo amoral são exemplos notáveis da prevalência da solidariedade sobre a objetividade) (FERRARIS, 2019, p. 54, tradução nossa).

É, então, a pós-verdade o nome próprio da verdade no regime pós-moderno? São essas as premissas intelectuais que autorizam o jornalista Matthew D’Ancona, em seu livro *Post-Truth: The New War on Truth and How to Fight Back*, de 2017, a sustentar que a eleição de Donald Trump em 2016 foi o “momento pós-moderno supremo” (D’ANCONA, 2018, p. 89)? É o que justifica exatamente a afirmação de que Trump é o “primeiro presidente pós-moderno da América<sup>182</sup>” (HEER, 2017)?

Não menos do que em qualquer outra época, a era da pós-verdade possui sua própria geologia intelectual — uma base na filosofia pós-moderna do final do século XX, frequentemente obscura e impenetrável, que foi popularizada e destilada ao ponto de se tornar reconhecível —, embora sem citação das fontes de muitos aspectos da cultura contemporânea. (D’ANCONA, 2018, p. 84).

Na visão de D’Ancona, pós-moderno, em sentido filosófico, seria uma alusão ao pós-estruturalismo ou ao liberal-pragmaticismo cujos autores fizeram fama em rodas intelectuais e debates célebres, como é o caso de Derrida, Rorty, Lyotard, Baudrillard, Foucault, Deleuze, entre outros. O jornalista reconhece o mérito das pautas identitárias, o que seria o “lado do crédito” (D’ANCONA, 2018, p. 85), pois houve, em consequência dessas asserções, um importante estímulo ao pluralismo e o reconhecimento de múltiplas vozes.

---

<sup>181</sup> “Per Ferraris anche tutta la questione della postverità è figlia del postmoderno. Questo è un punto su cui convergo completamente con lui e che, nel toccare la questione delle grandi narrazioni, pone un problema importante: abbiamo constatato per anni la fine delle grandi narrazioni eppure siamo in mezzo al trionfo dello storytelling. Che logica c’è in tutto questo, se c’è? E in che modo tutto questo ha a che fare con la nostra percezione della verità?”.

<sup>182</sup> Disponível em <https://newrepublic.com/article/143730/americas-first-postmodern-president>. Acesso em: 12 abr. 2018.

Os pensadores pós-modernos como Richard Ashley, Derrida e Foucault exortaram seus leitores a questionar e desconstruir a linguagem, o idioma visual, as instituições e o saber adquirido, e perguntar como as palavras, as histórias, a arte e a arquitetura podem preservar formas de poder e “hegemonia”, às quais permaneceríamos cegos normalmente. (D’ANCONA, 2018, p. 85).

Em revanche, o jornalista britânico afirma ser pueril não notar que essa postura emancipatória, ao duvidar da noção de realidade objetiva, não causasse corrosão na ideia de verdade. “E se tudo é ‘construto social’, então, quem vai dizer o que é falso? O que impedirá o fornecedor da ‘notícia falsa’ de afirmar ser um obstinado digital combatendo a ‘hegemonia’ perversa da grande mídia” (D’ANCONA, 2018, p. 85)?

Os filósofos pós-modernos preferiram entender a linguagem e a cultura como “constructos sociais”; ou seja, fenômenos políticos que refletem a distribuição de poder através de classe, raça, gênero e sexualidade, em vez de ideais abstratos de filosofia clássica.

Analisada do ponto de vista da epistemologia, a pós-verdade, segundo D’Ancona, é geneticamente ligada às premissas pós-modernas, as quais versam que existem “realidades incomensuráveis” (D’ANCONA, 2018, p. 90) e, alfinetando as ideologias identitárias ou pautas de justiça afirmativa, que se deve escolher lados ao invés de avaliar evidências.

Isso não é mais do que a ideia pós-moderna de “acordo comunitário”. Ou como Richard Rorty afirmou: “verdade é aquilo de que meus colegas me deixarão sair ileso.” Isso apaga a noção de realidade objetiva e a substitui pelo senso comum, pelo folclore e pelas imagens pixeladas que vemos na tela. (D’ANCONA, 2018, p. 90).

Apresentando uma nova modalidade de relativismo, muito familiar à própria história da filosofia, os pensadores pós-modernos teriam fornecido base teórica para uma “esquerda desiludida” e ansiosa por uma política de emancipação. Quando sua moda veio abaixo, seguiu adormecida dentro de universidades, mas sua energia teórica legou uma marca indelével sobre a noção de verdade ao fornecer material mental para campanhas e governos como os de Donald Trump.

Trump é o beneficiário improvável de uma filosofia que ele, provavelmente, nunca ouviu falar e, sem dúvida, menosprezaria. Sua ascensão ao cargo mais poderoso do mundo, desimpedida da preocupação com a verdade, acelerada pela força impressionante da mídia social, foi, ao seu modo, o **momento pós-moderno supremo**. (D’ANCONA, 2018, p. 89, grifo nosso).

A opinião de D’Ancona está longe de ser uma percepção única vinda do jornalismo. Em *A Morte da Verdade*, Michiko Kakutani, crítica literária do *New York Times*, defende tese

semelhante. Argumenta que, mesmo com a aparente inofensividade e complexidade aos olhos do senso comum, as teorias pós-modernas tiveram seus *corpus* conceituais simplificados ao ponto de serem “sequestrados pelos defensores do presidente [Trump] que querem usar seus argumentos relativistas para desculpar suas mentiras e por direitistas que querem [...] divulgar fatos alternativos” (KAKUTANI, 2018, p. 33).

Podemos afirmar com segurança que Trump nunca teve contato com as obras de Derrida, Baudrillard ou Lyotard (se é que já ouviu falar deles), e os pós-modernistas dificilmente poderiam ser culpados por todo esse niilismo que paira livremente pelo planeta. Mas alguns corolários simplificados de seu pensamento se infiltraram na cultura popular e foram sequestrados [...] por direitistas que querem questionar a evolução, negar a realidade das mudanças climáticas ou divulgar fatos alternativos. (KAKUTANI, 2018, p. 34).

A de Kakutani é mais uma proposta teórica que enfatiza o excesso de relativismo nas relações políticas e debates culturais norte-americanos. Em suas *notas sobre a mentira na era Trump*, sustenta argumento semelhante ao dos partidários da migração do pós-moderno ao pós-verdadeiro. Acredita que a direita populista emulou as pautas identitaristas em sua sanha de negação do real.

Irônica é a apropriação de argumentos pós-modernistas pela direita populista e sua adoção do repúdio filosófico da objetividade — escolas de pensamento associadas há décadas à esquerda e aos próprios círculos acadêmicos de elite que Trump e campanha desprezam. (KAKUTANI, 2018, p. 33).

Mas o que se entende por pós-modernismo em sentido filosófico? A interpretação parece invariável e a coloca na trilha das prototeorias sobre a pós-verdade. De acordo com essas visões, pós-modernidade é, de forma sucinta, uma cultura de relativismo generalizado e o real é filtrado por lentes identitaristas.

Há muitas linhas diferentes de Pós-modernismo, assim como muitas interpretações diferentes. No entanto, de modo geral, os argumentos Pós-modernistas negam a existência de uma realidade objetiva independente da percepção humana, argumentando que o conhecimento é filtrado pelos prismas de classe, raça, gênero e outras variáveis. (KAKUTANI, 2018, p. 35).

E, a partir dessas inferências, a autora erige sua crítica direta aos catastróficos resultados políticos e epistemológicos dos embates das pautas identitárias, oriundos das guerras culturais, o que a coloca numa posição de esquerda conservadora, afirmando a tese da migração, ainda que sem profundos nexos causais.

A migração de ideias pós-modernas da academia para o *mainstream* político é um lembrete de como as guerras culturais — como os debates acalorados sobre raça, religião, gênero e currículos escolares foram chamados durante os anos 1980 e 1990 — sofreram mudanças inesperadas [...] O Iluminismo, por exemplo, é descartado por muitos pós-modernistas de esquerda como uma leitura hegemônica ou eurocêntrica da história, destinada a promover noções colonialistas ou capitalistas de razão e progresso. (KAKUTANI, 2018, p. 36).

Para Kakutani, enfim, há uma semelhança nas paranoias, na rejeição da racionalidade e no descrédito à ciência que põe em pé de igualdade os novos republicanos e os antigos componentes da contracultura da década de sessenta, sugerindo certo ar irracionalista atávico ao pensamento pós-moderno.

Ao rejeitar a possibilidade de uma realidade objetiva e substituir as noções de perspectiva e posicionamento pela ideia de verdade, o Pós-modernismo consagrou o princípio da subjetividade. A linguagem é vista como não confiável e instável (parte da lacuna intransponível entre o que é dito e o que se entende); e mesmo a noção de pessoas que agem como indivíduos totalmente racionais e autônomos é descartada, pois cada um de nós é moldado, conscientemente ou não, por um tempo e uma cultura específicos. (KAKUTANI, 2018, p. 35).

Além disso, assegura a autora, há uma semelhança de terminologia:

Embora os desconstrucionistas adorem empregar uma prosa cheia de jargões e uma sintaxe perversamente acrobática, alguns dos termos que usam — como “indeterminação dos textos”, “formas alternativas de conhecimento” e “instabilidade linguística” da linguagem — parecem versões pretensiosas de frases recentemente utilizadas por assessores de Trump para explicar suas mentiras, mudanças de opinião e promessas de má-fé. (KAKUTANI, 2018, p. 43).

Por outro lado, há analistas da Comunicação Social que ensaiam pautar suas análises com mais acuidade quando tratam do tema da pós-modernidade. É o caso de Maria Lucia Santaella, que, em 2018, publicou o livro *A Pós-verdade é Verdadeira ou Falsa?* Santaella se mantém junto à prototeoria, mas tenta expor uma percepção hipoteticamente mais apurada quando trata do conceito de pós-modernidade e sua complexidade. Ainda que trate diretamente da complicada relação entre verdade e epistemologia pós-moderna, reconhece que autores como Foucault, aliando saber e poder, não reduz “o saber inteiramente ao poder” (SANTAELLA, 2018, p. 649).

A intenção das suas críticas, portanto, não se endereça diretamente a uma sombra conceitual do conceito de pós-moderno, mas se concentra mais diretamente às guerras contra a ciência perpetradas por um programa de pensamento tornado célebre pelo nome de Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS), uma interpretação pós-moderna “nem sempre com muita

fidelidade” (SANTAELLA, 2018, p. 602) das teses de Thomas Khun em *A estrutura das revoluções científicas*, tendo Bruno Latour como arauto. “O debate acirrou os ânimos e, entre outras coisas, conduziu à exacerbação do relativismo, à desconstrução da ideia de verdade na ciência e conseqüente perda de sua credibilidade” (SANTAELLA, 2018, p. 625-626). A sugestão, em suma, é que a CTS pode ser pensada como proposta epistemológica pós-verdadeira *avant la lettre*.

Entretanto, Santaella personaliza sua crítica, concentrando-a não tão profundamente nas premissas da CTS, mas em seus interpretes posteriores, sobretudo em Steve Fuller, um “enfant terrible” (SANTAELLA, 2018, p. 35) da CTS, que ataca a ciência em artigos de opinião, cravando que “a ciência sempre foi um pouco pós-verdade” (SANTAELLA, 2018, p. 35) e que, ironicamente, escreve “em defesa da pós-verdade”. O que não aprofunda assaz a crítica e o que a conduz a concluir, prudentemente, a partir das suas próprias leituras, que o relativismo pós-moderno, na figura da CTS, e o fenômeno da pós-verdade podem estar enraizados em processos históricos mais profundos. Quem julga ter a resposta para a inquietação de Santaella é o neurocientista Sebastien Dieguez, autor de *Total Bullshit: au coeur de la post-vérité*, de 2018. Dieguez atesta a discrição do desgaste pós-moderno da verdade como uma erosão sub-reptícia nas certezas e confiança na razão, mídia, ciência, política, justiça e na vida comum. Para ele, a pós-modernidade e a pós-verdade são produtos de uma e mesma fonte antirrealista: o *bullshitting*, no sentido que o dá Harry Frankfurt.

O pós-modernismo e a pós-verdade são ambos produto do *bullshit*, ou seja, fruto de uma pseudo-racionalidade performativa que leva à produção de afirmações falsas e à crença de que se pode acessar o conhecimento simplesmente decidindo-o, em vez de fazer o trabalho que pode levar a conclusões indesejáveis. O ávido consumidor de fake news, o adepto das mais fúteis teorias da conspiração, os céticos do clima, os criacionistas e outros antivacinas mais implacáveis, na verdade “raciocinam” da mesma forma que muitos sociólogos, filósofos e intelectuais (des)construtivistas, marxistas, antirrealistas e relativistas. É simplesmente de acordo com as circunstâncias que alguns se tornaram gogos, enquanto outros conseguiram ascender ao posto de guru<sup>183</sup> (DIEGUEZ, 2018, p. 174, tradução nossa).

---

<sup>183</sup> “Le postmodernisme et la post-vérité sont *tous deux* le produit du bullshit, c'est-à-dire le fruit d'une pseudorationalité performative conduisant à la production d'assertions bidon et la croyance qu'on peut accéder à la connaissance simplement en le décidant, plutôt qu'en fournissant le travail qui risquerait d'aboutir à des conclusions non désirables. L'avid consommateur de *fake news*, l'adhérent aux théories du complot les plus futiles, les climatosceptiques, créationnistes et autres anti-vaccins les plus acharnés, « raisonnent » en réalité de la même manière que nombre de sociologues, philosophes et intellectuels (dé)constructivistes, marxistes, anti-réalistes et relativistes. C'est simplement au gré des circonstances que les uns sont devenus des gogos, tandis que les autres sont parvenus à se hisser au rang de gourou”.

Há outras visões mais ou menos condescendentes como as de Santaella. Se a jornalista indica que apenas a partir de uma região epistemológica da pós-modernidade parte a motivação da pós-verdade, a filósofa do direito Angela Condello (2019) acredita ser exagero responsabilizar diretamente a filosofia pós-moderna, e muito mais suas bases oriundas das filosofias da suspeita, como a de Nietzsche, por exemplo, se não o possível uso mal-intencionado de suas premissas ou, como remarca o filósofo político Tracy Strong, “o ponto de Nietzsche [...] não é fornecer suporte para os secretários de imprensa da administração Trump<sup>184</sup>” (STRONG, 2019, p. 137, tradução nossa). A desconfiança perspectivista de Nietzsche, complementaríamos aqui, não é recai sobre a inexistência do verdadeiro, o que autorizaria os críticos a identificarem nessa base uma das raízes do “clima generalizado de relativismo” que povoa o discurso da prototeoria. A questão, pois, parece ser o questionamento do que é isso que se chama habitualmente de verdade. Como diz em *Extramoral*:

O que é, pois, a verdade? Um exército móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, numa palavra, uma soma de relações humanas que foram realçadas poética e retoricamente, transpostas e adornadas, e que, após uma longa utilização, parecem a um povo consolidadas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões das quais se esqueceu que elas assim o são, metáforas que se tornaram desgastadas e sem força sensível, moedas que perderam seu troquel e agora são levadas em conta apenas como metal, e não mais como moedas. (NIETZSCHE, 2008, 36-37).

Condello, no entanto, não deixa de ser partidária da tese quando enxerga um enfraquecimento radical da verdade a partir da apropriação pós-moderna das bases nietzscheanas de virada epistemológica sobre os fatos e interpretações que serão, segundo ela, matéria prima da pavimentação do caminho de chegada da pós-verdade.

Muitas vezes, a pós-verdade tem sido associada ao pós-modernismo e à perspectiva (enganosa, quando exagerada) a partir da qual não há fatos, mas apenas interpretações de fatos. Na verdade, se tomarmos Nietzsche's *On Truth and Lies in a Nonmoral Sense* (1873), o problema que emerge é que os homens tendem a esquecer que toda conexão linguística é artificial, e assim toda verdade — porque é sempre uma conexão entre um sujeito e um predicado — deve ser considerada a partir de sua natureza artificial, e não como um valor transcendental derivado de uma dimensão que não seja a humana. Não é na própria origem das reivindicações pós-modernas, mas talvez na forma como elas foram usadas propositalmente, que devemos

---

<sup>184</sup> “Nietzsche’s point, however, is not to provide support for the Trump administration press secretaries”.

procurar ao buscar as raízes da política contemporânea pós-verdade<sup>185</sup>. (CONDELLO, 2019, p. 30, tradução nossa).

Já Gabriele Cosentino, Ph.D. em Media, Culture and Communication na New York University, autor de *Social Media and the Post-Truth World Order: the global dynamics of disinformation*, de 2020, vê o alcance global do fenômeno da pós-verdade, além das mudanças na economia política da mídia, da hibridização de entretenimento e informação e da ascensão de políticas populistas, como resultado dos debates acadêmicos sobre cultura e globalização cultural cujo resultado, consequência direta da fragmentação epistêmica pós-moderna em direção à verdade, é tão grave que é possível tanger seus efeitos geopolíticos.

A crise epistêmica introduzida pelo relativismo pós-moderno é, intrinsecamente, uma crise de confiança sofrida por guardiões e árbitros da verdade da modernidade, a implosão da mídia convencional e da lógica dos partidos políticos de massa. Cosentino, em consonância com a maioria dos autores mencionados até aqui, assevera que “as políticas e táticas identitárias pós-modernas que floresceram a partir do final dos anos 1970 e início dos anos 1980 podem ser vistas como respostas à crise das metanarrativas que começaram com o pós-modernismo<sup>186</sup>” (COSENTINO, 2020, p. 18, tradução nossa).

Em minha leitura, o relativismo epistêmico pós-moderno e a crise de confiança das autoridades mediadoras estão inerentemente relacionados, e a deterioração da verdade objetiva nos discursos públicos está ligada a ambos os fatores. Esta é a consequência mais radical do efeito relativizador da pós-modernidade e de sua tendência a fragmentar a realidade, desconstruir autoridades e perturbar narrativas dominantes: “as fragmentações da verdade, tanto no sujeito como no mundo, são um eixo fundamental para compreender a base da pós-modernidade [...]. Não é por acaso que a sociedade em rede é permeada por mitologias, sonhos e excitações que desarticulam qualquer argumento racional e toda moral estabelecida ou universal”. As mitologias da sociedade em rede são as narrativas políticas ficcionais, as lendas urbanas de Internet, as farsas, as teorias da conspiração e outras formas *storytelling* pós-verdadeiro que circulam *online* e que perfuram as fendas de verdades consensuais estabelecidas e baseadas em evidências e, a partir daí, polinizam ecossistemas de informação alternativa,

---

<sup>185</sup> “Often, post-truth has been associated with postmodernism and to the (misleading, when exaggerated) perspective from which there are no facts, but only interpretations of facts. Actually, if we take *Nietzsche’s On Truth and Lies in a Nonmoral Sense* (1873), the problem that emerges is that men tend to forget that every linguistic connection is artificial, and thus that every truth – because it is always a connection between a subject and a predicate – must be considered starting from its artificial nature, and not as a transcendental value deriving from a dimension other than the human one. It is not in the very origin of postmodern claims, but perhaps in how they have been used purposefully, that we shall look for when searching for the roots of contemporary post-truth politics.”

<sup>186</sup> “[...] the postmodern and tactical identity politics that have flourished starting from the late 1970s and early 1980s can be seen as responses to the crisis of metanarratives that began with postmodernism”.

superando seu anterior rebaixamento à conhecimento marginal, usurpando o centro dos discursos públicos<sup>187</sup>.

Para alguns autores, como o cientista político australiano Colin Wight, o problema tornou-se estrutural, daí a suposta dificuldade de observação e elenco dos responsáveis. Por isso, ironiza, é possível “quase não culpar o pós-modernismo” (WIGHT, 2018, p. 25). Como disciplinas e autores que aos olhos da sociedade parecem produções lunáticas poderiam ter-se entranhado na compreensão cotidiana da sociedade a ponto de imiscuir-se em mais áreas da existência humana além das universidades e seminários de ciências sociais?

Wight acredita que as universidades são parte do problema — mais especificamente, a esquerda identitária, ainda que não acuse tão diretamente — e que não se pode eximir nenhum intelectual da responsabilidade de um dia ter erigido qualquer esforço epistemologicamente perigoso em relação à verdade e aos fatos. Fatos alternativos, afirma o australiano, são uma realidade produzida há muito e a partir de diversos intelectuais, por isso “incentivamos os alunos a expressarem sua opinião. Ensinamos a eles que pontos de vista alternativos devem ser valorizados. O perspectivismo nietzschiano é o padrão<sup>188</sup>” (WIGHT, 2018, p. 23, tradução nossa).

Para ser claro, não estou argumentando que Trump e outros em seu governo leram nomes como Kuhn, Foucault e Wittgenstein. O problema é pior. É uma questão estrutural. O aumento do acesso à educação difundiu essas ideias em todo o campo social. Poucas pessoas que frequentaram universidades nas disciplinas de HASS [Humanidades, Artes e Ciências Sociais] nos últimos 30 anos poderiam ter escapado da exposição a essas ideias. O relativismo incipiente que é o ponto final lógico dessas ideias está agora profundamente arraigado nas sociedades ocidentais<sup>189</sup> (WIGHT, 2018, p. 25, tradução nossa).

---

<sup>187</sup> “In my reading, postmodern epistemic relativism and the trust crisis of mediating authorities are inherently related, and the deterioration of objective truth in public discourses is linked to both factors. This is the most radical consequence of the relativizing effect of postmodernity and of its tendency toward fragmenting reality, deconstructing authorities and upsetting dominant narratives: ‘The fragmentations of the truth, in the subject as well as in the world, if a fundamental axis to comprehend the basis of postmodernity [...] It is not a coincidence that the networked society is permeated by mythologies, dreams and excitements that disarticulate any rational argument and all established or universal morals’. The mythologies of the networked society are the fictional political narratives, the Internet folk tales, the hoaxes, the conspiracy theories and the other forms of post-truth storytelling circulating on-line that pierce through the cracks of established, evidence-based consensual truths, and from there pollinate alternative information ecosystems, overcoming their previous relegation to marginal knowledge and usurping the center of public discourses.”

<sup>188</sup> “[...] we encourage students to express their opinion. We teach them that alternative views are to be valued. Nietzschean perspectivism is the default”.

<sup>189</sup> “To be clear, I am not arguing that Trump and others in his administration have read the likes of Kuhn, Foucault and Wittgenstein. The problem is worse than that. It is a structural issue. Increased access to education has suffused these ideas throughout the social field. Few people who have attended universities in the HASS [Humanidades, Artes e Ciências Sociais] subjects in the last 30 years could have escaped exposure to these ideas. The incipient relativism that is the logical endpoint of these ideas is now deeply ingrained in western societies”.

Portanto, seria preciso reavivar a universidade como bastião do real, do verdadeiro e isso partiria da atitude de intelectuais engajados em restaurar a força epistêmica do conhecimento acadêmico. Ainda que se reconheça a importância das lutas pela aceitação plural de perspectivas, para Wight é necessário retornar ou avançar a um momento no qual se recupere o compromisso com a verdade objetiva e “revigorar o impulso iluminista”<sup>190</sup> (WIGHT, 2018, p. 26, tradução nossa).

[...] é que, ao abraçar posições epistemológicas que tendem ao relativismo, negamos a nós mesmos um terreno seguro para defendê-las, caso em que essas reivindicações da verdade aparecem como nada mais do que opiniões, perspectivas ou expressões de identidade que mais valorizamos. E se os acadêmicos não podem fundamentar suas reivindicações da verdade em algo além de opiniões, perspectivas ou identidade, então como podemos esperar que alguém o faça?<sup>191</sup> (WIGHT, 2018, p. 26, tradução nossa).

Se retornarmos rapidamente ao pré-teórico Ralph Keyes, veremos a mesma proposta: de que os rasgos pós-modernos, oriundos da academia, extrapolaram a linguagem acadêmica, no seio dos anos 1960 e 1970, oferecendo o sustentáculo filosófico à política pós-verdadeira, ou seja, um “pós-modernismo aplicado” (KEYES, 2004, p. 146). O termo *pós-modernismo aplicado* não será usado estritamente por setores da sociedade considerados de esquerda tradicional e que possuem críticas à esquerda pós-moderna.

É oportuno salientar como as ideias elencadas acima durante toda a extensão do presente capítulo, que partem de diversos espectros da esquerda, são amplamente utilizadas pela direita conservadora. Citarei aqui o exemplo da obra *Cynical Theories: How Activist Scholarship Made Everything about Race, Gender, and Identity*, da intelectual Helen Pluckrose, na sua tentativa de demonstrar que o clima geral de negacionismo, próprio à pós-verdade, tem toda a carga de relativismo epistêmico pós-moderno, onde se apropria do termo “pós-modernismo aplicado”. Não obstante, setores da autointitulada “esquerda democrática” sustentam argumentação muito parecida. Citarei a para isso a obra *Sobre o relativismo pós-moderno e a fantasia fascista da esquerda identitária*, de Antonio Risério, na qual o autor critica profundamente as pautas oriundas das esquerdas identitárias.

No primeiro caso, para Pluckrose, em *Cynical Theories*, parodiando claramente as *Critical Theories*, os perigos do pós-modernismo estão há muito pairando sobre coletivos que

---

<sup>190</sup> “[...] reinvigorate the Enlightenment impulse”.

<sup>191</sup> “[...] it is that in embracing epistemological positions that tend towards relativism, we have denied ourselves a secure ground on which to defend them, in which case, these truth claims appear as nothing other than opinions, perspectives, or expressions of the identity we most value. And if academics cannot ground their truth claims on something other than opinions, perspectives or identity, then how can we expect anyone else to do so?”

não tem relações com a academia, com os temas da justiça social ou da esquerda identitária. Segundo ela, os enfoques identitários, claras contemporaneizações do desconstrutivismo de Derrida, se sobrepõem aos temas da humanidade e da individualidade e interpretam “todas as interações sociológicas humanas da maneira mais cínica possível<sup>192</sup>” (PLUCKROSE; LINDSAY, 2020, p. 16, tradução nossa).

O lugar comum entre os acadêmicos é que, na década de 1990, o pós-modernismo havia morrido. Mas, na verdade, ele simplesmente mudou de sua fase inicial de alta desconstrução para uma nova forma. Um conjunto diversificado de teorias altamente politizadas e acionáveis desenvolveu-se a partir do pós-modernismo propriamente dito. Chamaremos esse desenvolvimento mais recente de *pós-modernismo aplicado*. Essa mudança ocorreu quando uma nova onda de teóricos surgiu no final dos anos 1980 e início dos anos 1990. Esses novos pós-modernistas aplicados também vieram de campos diferentes, mas, em muitos aspectos, suas ideias eram muito mais semelhantes às de seus predecessores e ofereciam uma abordagem mais amigável. Durante essa virada, a Teoria se transformou em um punhado de Teorias – pós-colonial, queer e teoria crítica da raça – que foram colocadas em prática no mundo para desconstruir a injustiça social<sup>193</sup> (PLUCKROSE, LINDSAY, 2020, p. 46, tradução nossa, grifo da autora).

É o que também sugere o filósofo francês Jocelyn Maclure, professor da Faculté de Philosophie de l'Université Laval, quando taxa de “cinismo pós-moderno” uma propensão, por exemplo, “de alguns progressistas em ler a realidade através do filtro de uma crítica ao ‘neoliberalismo’ que equivale a uma renúncia a pensar sobre as complexidades do nosso mundo<sup>194195</sup>” (MACLURE, 2015, tradução nossa). Ademais, o que o autor deixa transparecer é a noção de que o cinismo pós-moderno é também característica solidificada na direita conservadora, e o antídoto para o clima cínico relativista, de esquerda ou de direita, é uma boa dose de realismo.

O pensamento não é um espasmo, pelo menos se quiser ser racional. A parte racional do espírito precisa de tempo, fatos e argumentos para fazer seu trabalho. Pode-se ser inspirado pelo espírito realista estando à esquerda ou à

---

<sup>192</sup> “[...] all our human sociological interactions in the most cynical way possible”.

<sup>193</sup> “The common wisdom among academics is that, by the 1990s, postmodernism had died. But, in fact, it simply mutated from its earlier high deconstructive phase into a new form. A diverse set of highly politicized and actionable Theories developed out of postmodernism proper. We will call this more recent development *applied postmodernism*. This change occurred as a new wave of Theorists emerged in the late 1980s and early 1990s. These new applied postmodernists also came from different fields, but, in many respects, their ideas were much more alike than those of their predecessors and provided a more user-friendly approach. During this turn, Theory mutated into a handful of Theories—postcolonial, queer, and critical race—that were put to work in the world to deconstruct social injustice”.

<sup>194</sup> “[...] de certains progressistes à lire la réalité à travers le filtre d’une critique du ‘néolibéralisme’ équivaut à une renonciation à penser les complexités de notre monde”.

<sup>195</sup> Disponível em: <https://www.ledevoir.com/opinion/idees/457304/des-idees-en-revues-le-nouveau-realisme-antidote-au-cynisme-postmoderne>. Acessado em: 09/12/17.

direita. Trata-se de deixar a realidade e a racionalidade assumirem o controle, lutando contra os próprios vieses cognitivos e mantendo o bullshit besteiras e a ideologia à distância<sup>196197</sup> (MACLURE, 2015, tradução nossa).

Essa é exatamente a mesma tese anti-identitarista do ex-redator das campanhas presidenciais do Partido dos Trabalhadores do Brasil (PT), Antônio Risério, autodeclarado participante da “esquerda democrática” e autor da obra *Sobre o relativismo pós-moderno e a fantasia fascista da esquerda Identitária*, de 2019. Neste escrito, ataca o “relativismo cognitivo (ou epistêmico) pós-moderno e o fascismo identitário, já que o primeiro se encontra, queira ou não, na base do segundo” (RISÉRIO, 2020, p. 10). Para Risério, o fascismo identitarista, “com sua pitoresca mescla de revolucionarismo fraseológico e conservadorismo ideológico”, é responsável pelo “recrudescimento do fascismo de direita (hoje, entre nós, ‘bolsonarista’), aprofundando apartamentos. E é prejudicial também a certas movimentações políticas reformistas de centro, de centro-esquerda ou da esquerda democrática” (RISÉRIO, 2020, p. 111). Prova prática maior da sua argumentação, segundo o autor, é o chamado “lugar de fala”:

[...] uma perversão ideológica doentia de um antigo truísmo sociológico. No caso, a banalidade sociológica foi distorcida em guilhotina ideológica, destinada a cortar cabeças genitais ou cromaticamente diferentes ou política e ideologicamente discordantes. Um instrumento ou mecanismo fascista feito sob medida para eliminar dissidências (RISÉRIO, 2020, p. 128).

Em consonância com o grosso da bibliografia supracitada neste capítulo, o autor entende que a esquerda pós-moderna pode, sim, ser responsabilizada não apenas pela ascensão da direita tecnopopulista, como responsabilizada intelectualmente por essa ascensão. Logo, a pauta seria, por um lado, regressiva, por ressentimento às patrulhas ideológicas, e, por outro, epistemológica, uma vez que a direita, consciente ou inconscientemente, adota hoje formatos de procedimento de imposição de pautas sociais à maneira pós-moderna, nascida no seio das universidades.

De repente, a esquerda pós-moderna deu meia-volta volver, assumiu o que a direita norte-americana sempre quis que ela assumisse, rebatizou pluralismo de multiculturalismo e assim, de roupagem nova, a onda conquistou espaço antes impensável, mas é também compreensível. A ênfase total na luta de

<sup>196</sup> Disponível em: <https://www.ledevoir.com/opinion/idees/457304/des-idees-en-revues-le-nouveau-realisme-antidote-au-cynisme-postmoderne>. Acessado em: 09/12/17.

<sup>197</sup> La pensée n'est pas spasme, du moins si elle veut être rationnelle. La partie rationnelle de l'esprit a besoin de temps, de faits et d'arguments pour faire son travail. On peut s'inspirer de l'esprit réaliste tout en étant à gauche ou à droite. Il s'agit de laisser la réalité et la rationalité reprendre leurs droits, de lutter contre ses propres partis pris cognitifs et de tenir autant que possible la bullshit et l'idéologie à distance.

classes levou os novos movimentos sociais a se afastarem do marxismo e, logo, da esquerda canônica, tradicional. Foram todos então gerar esta — e engrossar o caldo desta — esquerda pós-moderna, cultora do relativismo e do multiculturalismo, voltada novidadeiramente para combates particulares ou mesmo particularistas [...]. Nestes últimos anos, a liberdade de expressão e o pensamento independente sofrem pressões e ameaças vindas de duas direções poderosas. No espaço geral da sociedade, elas vêm basicamente da extrema direita. No espaço mais restrito do campo universitário e do mundo artístico-intelectual, vêm basicamente da esquerda identitária. (RISÉRIO, 2020, p. 30).

O relativismo cultural e epistêmico do discurso pós-moderno é, assim, a ligação filogenética da indiferença à verdade nas relações pós-truístas? O cansaço dos conceitos, a emocionalização da discussão política, o excesso de afetos, a indiferença ao real, o cinismo difuso, os negacionismos, o desconhecimento dos fatos e, ainda assim, a emissão de opinião, em suma, a postergação da verdade como horizonte é um clima ou cenário que nasce a partir de uma filosofia? É a filosofia, com nome de pós-modernismo, responsável pela pós-verdade? Acreditamos que o *bullshitting* pós-factual parece mais adequado à compreensão do fenômeno do que as acusações em direção ao relativismo epistêmico pós-moderno.

O cerne da compreensão do próprio Harry Frankfurt, ainda que partidário da prototeoria quando acusa certas “filosofias antirrealistas” de serem o pano de fundo do vazio discursivo na vida política, parece-nos enquadrar melhor o cínico pós-factual do que qualquer filósofo pós-moderno: “essa falta de preocupação com a verdade — essa indiferença em relação ao modo como as coisas realmente são — que considero a essência do falar merda” (FRANKFURT, 2005, p. 12).

A pós-modernidade, em suas potências intelectuais, prega a indiferença à verdade, suas teses, filosoficamente, não passam de *flatus vocis* sem responsabilidade política? A que interpretação do pós-moderno se referem as teses expostas anteriormente? Não está sendo o movimento filosófico pós-moderno, proeminentemente na figura do desconstrutivismo, uma espécie bode expiatório ideológico na justificação de derrotas consecutivas de certos grupos políticos?

Procedendo dessa maneira, generaliza-se a crise reputacional e epistemológica das ciências como nascida nas universidades, especificamente nas humanidades, artes e ciências sociais. Como se a sociedade inteira, mesmo outros departamentos das próprias universidades, estivessem sob a ditadura do relativismo pós-moderno, do qual não se escapa e que a todos transforma em desdenhadores dos fatos e da verdade. Parece demasiado exagerado. Não se pode eximir nenhum intelectual por suas ideias. Em resumo, para uma fração bastante considerável de jornalistas, sociólogos, cientistas políticos, intelectuais, filósofos e filósofas

progressistas, liberais ou de direita conservadora, é o proceder pós-moderno o fornecedor epistemológico do fazer pós-factual, a relativização absoluta da verdade. Tese certa ou eleição de bode expiatório filosófico? É sobre o que trataremos no capítulo a seguir.

Se friamente analisadas as insinuações causais elencadas no capítulo que aqui se encerra, se depreende que parece artificial provocar um nexos causal entre pós-moderno e pós-factual. E a razão para isso é que há uma similaridade procedimental, cujo *télos* é absolutamente diferente entre o que se chama de “relativismo pós-moderno” e o fato alternativo pós-factual. “Quer dizer que a postura filosófica subjacente à pós-verdade é identificável como algo similar à postura desconstrutivista e pós-fundacional a respeito do político, por oposição ao político” (VEIGA ANDRIOLO, 2021, p. 186). Essas acusações carecem de revisão e é o que faremos no capítulo a seguir.

É justo afirmar que o neo-levante da direita conservadora e populista, pós-factual, é responsabilidade das esquerdas identitárias hiper-relativistas? Não será esse levante da direita uma inspiração intelectual pós-moderna de direita, mas um falso contrário necessário da pós-modernidade? Como afirma o sociólogo cultural Andrew J. Perrin (2017, tradução nossa):

Escritores de esquerda e de direita que culpam o pós-modernismo pelos horrores da política pós-verdade estão efetivamente fugindo da concretude, ansiando por um espaço livre de poder e conflito. Mas tal base é uma miragem e insistir nela é uma tolice autoritária. Em vez disso, temos de aceitar a realidade de que a complexidade radical e o pluralismo ideológico estão no cerne da vida contemporânea. Longe de minar a democracia, o pensamento influenciado pelo pós-modernismo fornece recursos valiosos para entender e apoiar a democracia. Sua insistência em questionar as origens e implicações de reivindicações e ideias seria uma adição bem-vinda a uma esfera pública instável<sup>198199</sup>.

O que pautas regressivas conservadoras têm de intelectualmente tão próximas dos fazeres filosóficos pós-fundacionais? Não se pode negar que a hipertrofia das “patrulhas ideológicas” contemporâneas cause mal-estar em todos os segmentos da sociedade, mas estes desenvolvimentos ulteriores radicais de lutas absolutamente justas podem indicar que toda a

---

<sup>198</sup> “Writers on the left and the right who blame postmodernism for the horrors of post-truth politics are effectively fleeing toward concreteness, pining for a space safe from power and contention. But such a base is a mirage, and insisting on it is an authoritarian folly. Instead, we have to come to terms with the reality that radical complexity and ideological pluralism are at the core of contemporary life. Far from undermining democracy, postmodernist-influenced thought provides valuable resources for understanding and supporting democracy. Its insistence on interrogating the origins and implications of claims and ideas would be welcome additions to a flailing public sphere”.

<sup>199</sup> Disponível em: <https://www.chronicle.com/article/stop-blaming-postmodernism-for-post-truth-politics/> acesso: 12/09/18.

esquerda identitária e, por consequência, seus filósofos e escolas, são fundamentalmente pós-factuais? O que há dormitando abaixo dessa acusação?

### 3.2 PÓS-VERDADE: FALSO CONTRÁRIO NECESSÁRIO DO PÓS-MODERNISMO

Como conduzir uma história desconstrutora da oposição entre veracidade e mentira sem desacreditá-la e sem abrir caminho para todas as perversões contra as quais Koyré e Arendt terão sempre razão de nos prevenir?<sup>200</sup> (Jacques Derrida)

O pós-modernismo e campos afins só estão conectados à pós-verdade por meio de apropriações indébitas, leituras equivocadas e deturpações caricaturais de suas ideias e teorias<sup>201</sup> (Eline Reinhoud, tradução nossa).

A pós-verdade é a versão conservadora e simplificada do corolário conceitual da pós-modernidade (CALCUTT, 2017)? O que fora arma conceitual das lutas de emancipação das humanidades subalternizadas e todos os desafios lançados a partir dos anos sessenta do século XX está, doravante, disponível para a defesa de todo tipo de terraplanismo conceitual e agendas epistemofóbicas? Como provoca em formato de questionamento Raphael Sassower, professor de filosofia na Universidade do Colorado, nos Estados Unidos:

Os pós-modernistas [ou] são (intencionalmente ou não) neoconservadores, na medida em que ainda nutrem uma esperança pela verdade última subjacente à aparente bobagem das disputas discursivas (jogos de linguagem), ou se recusam (com suas análises pessimistas de relações de poder ilegítimas ou autolegitimadoras) a se comprometer com um futuro emancipatório de esquerda?<sup>202</sup> (SASSOWER, 2018, p. 46, tradução nossa).

Como vimos na seção anterior, há uma miríade de pensadores que defendem a tese de que a pós-modernidade é o arcabouço teórico que impulsiona teoricamente o maquinário político e tecnológico da pós-verdade. A partir de agora, visitaremos teses dissonantes, com as

---

<sup>200</sup> DERRIDA, Jacques. História da Mentira: prolegômenos. *ESTUDOS AVANÇADOS*, 10 (27), 1996, p. 28.

<sup>201</sup> REINHOUD, Eline, *The Post-Truth Era: Crises of Truth in (Post-)Postmodern Literature*. Utrecht: Faculty of Humanities Theses, 2019. p. 38. “Postmodernism and related fields are only connected to post-truth through gross misappropriations, misreadings, and caricatural misrepresentations of their ideas and theories”.

<sup>202</sup> “Are postmodernists (wittingly or unwittingly) neoconservative insofar as they either still harbor a hope for the ultimate truth that underlies the apparent rubbish of discursive disputes (language games) or refuse (with their pessimistic analyses of illegitimate or self-legitimizing power relations) to commit to a leftist emancipatory future?”

quais planearemos a compreensão de que tais visões, por um lado, simplificam demasiado a profundidade das filosofias e, por outro, não compreendem a contento a complexidade à qual o léxico aponta. Há quem acredite ser otimismo demasiado esperar que o jornalismo seja solução e não, honestamente, também, parte do problema, e que a razão central do assunto seja responsabilidade de uma filosofia. Negar o cinismo conivente dos meios de comunicação hegemônicos é também incorrer em cinismo. Esta, a seguir, é uma leitura não só possível como já corriqueira:

[...] as *fake news* são uma distopia tecnológica em tempos de crise de referenciais e de relativismo pós-moderno. Contra a distopia da falsificação estimulada pelo mau jornalismo e pela violência política, a reação adequada seria fazer mais e melhor jornalismo sob o signo da verdade ponderada como uma equação cujos termos são apuração, verificação e comprovação. (MACHADO DA SILVA, 2019, p. 38).

Paul Fairfield, uma voz dissonante em relação à sacralização do jornalismo, professor de filosofia na Queen's University, escreve seu texto *Lords of Mendacity* para propor humildemente ao jornalismo uma autocrítica, após décadas de rotinas produtivas baseadas em infoentretenimento, *storytelling* e sensacionalismos. O autor promove, inclusive, uma discussão sobre as relações entre pós-verdade e pós-modernidade contidas no livro basilar de Matthew D'Ancona, bibliografia primária na proposição de que a pós-modernidade é o arcabouço da pós-verdade.

[D'Ancona] sustenta que as raízes do fenômeno da pós-verdade não estão nem no jornalismo nem na política, mas na filosofia e no pensamento pós-moderno em particular [...] Segue-se uma seção de quatro páginas e meia em que D'Ancona apresenta várias má compreensões clichês da filosofia pós-moderna e não exibe nenhuma compreensão dos pensadores que ele cita brevemente<sup>203</sup> (FAIRFIELD, 2018, p. 155, tradução nossa).

Caberá a nós, doravante, simplesmente refutar a argumentação exposta no seção anterior? Não. É justa e investigável a preocupação de que um “clima geral de relativismo” seja uma das causas eficientes do pós-factual. Entretanto, nos parece que a lente utilizada para essa visada desfoca sobremaneira não apenas o fenômeno pós-factual, como depaupera as intenções filosóficas e políticas da pós-modernidade, calunia o esforço emancipatório da Desconstrução (e os pensadores envolvidos) e, por fim, a própria filosofia corre o risco de ser tida como fonte de *post-truthers* de toda ordem. Como se trata de um fenômeno

---

<sup>203</sup> “[...] maintains that the roots of the post-truth phenomenon lie in neither journalism nor even politics but in philosophy, and postmodern thought in particular [...] There follows a section of four and a half pages in which D'Ancona trots out several standard misconceptions of postmodern philosophy and exhibits no understanding whatever of the thinkers he briefly cites”.

completamente nascido e percebido no mundo da política, não é difícil observar que todas as discussões ao redor são também políticas e politizadas. Bem por isso, vimos anteriormente são bastante similares as preocupações com as condutas dos tecnopopulistas e as responsabilizações que se tem delegado aos autores e movimentos identitários como fornecedores do bojo intelectual que, em tese, moldariam tanto o comportamento do tecnopopulista como o de um patrulheiro ideológico de esquerda.

Em seu livro *Sobre a tirania: vinte lições do século XX para o presente*, o historiador Timothy Snyder, na lição 10, afirma que “abandonar os fatos é abandonar a liberdade. Se nada for verdadeiro, ninguém poderá criticar o poder, porque não haverá uma base para fazê-lo. Se nada for verdadeiro, tudo é espetáculo” (SNYDER, 2017, p. 39). A acusação de que o pós-modernismo e os autores desconstrutivistas são causa do pós-factual é também uma acusação de viés político, que parte tanto da esquerda conservadora quanto da direita populista. Nessa troca de acusações, se passa ao largo de que, em determinada visada, a pós-verdade é, entre outros elementos, metodologia pré-fascista de agendas regressivas e não necessariamente uma mera emulação ou cópia de tendência pós-modernas: a racionalização do atraso.

Estamos agora muito preocupados com o que chamamos de “pós-verdade” e tendemos a pensar que o desprezo pelos fatos cotidianos e a **construção de realidades alternativas sejam algo novo ou pós-moderno** [...]. A pós-verdade restaura precisamente a postura fascista em relação à verdade [...]. Os fascistas desprezavam as pequenas verdades da experiência cotidiana, amavam palavras de ordem que ressoavam como uma nova religião e preferiam mitos de criação à história ou ao jornalismo. Usavam os novos meios de comunicação, representados na época pelo rádio, para criar uma propaganda que apelasse aos sentimentos antes que as pessoas tivessem tempo para pensar. E hoje, como naquela época, muitas pessoas confundiram a fé num líder cheio de enormes defeitos com a verdade sobre o mundo em que todos vivemos. A pós-verdade é o pré-fascismo. (SNYDER, 2017, p. 42, grifo nosso).

A crítica média ao descritor genérico “pós-modernismo” tenta nos conduzir à conclusão de que o relativismo epistêmico generalizado na sociedade ocidental é, sem sombra de dúvidas, um agente que acostumou o público à desfaçatez política, que, a despeito de existir desde longas datas, ganhou permissividade irrestrita na figura de fatos alternativos, mas, “em vez disso, o pós-modernismo exige uma análise crítica dos poderes e estruturas que tornam tais ideias faladas em primeiro lugar”<sup>204</sup> (PERRIN, 2017, tradução nossa).

---

<sup>204</sup> Disponível em, <https://www.chronicle.com/article/stop-blaming-postmodernism-for-post-truth-politics/>

Mas qual o pecado filosófico do relativismo como postura intelectual? Mera oposição ao realismo? A existência da verdade factual não admite filtros de interpretação? Um exercício filosófico que amplie essa compreensão é um demolidor vazio de substâncias metafísicas, caçador de costumes, causador de crises sem lastro? Qualquer realista tem razão de afirmar que há uma verdade factual dado que há as obviedades do mundo! Colocar obviedades factuais em questão torna qualquer discussão impossível. Há saís que são solúveis em água. Mandela foi um preso político. Hortelã é um vegetal. Não há o que decidir.

Todavia, há lentes por todas as partes, diferentes visões, necessidades céticas, afirmações contra-hegemônicas, visões ortodoxas. “Sim, existe uma verdade factual. Mas não, essa verdade factual não é tão poderosa para se impor a todos. Porque os fatos poderiam ter sido diferentes do que são. Eles tem uma incômoda tendência à contingência<sup>205</sup>” (CERVERA-MARZAL, 2019, p 16, tradução nossa)

Ora, sempre haverá espíritos maliciosos, minoritários em certas épocas, majoritários em outras, para explorar e amplificar essa contingência, para abusar da parte da opacidade, para contestar os fatos, para os substituir por fantasmas de invasão, para os revisar, para negá-los, para torcê-los, para violentá-los<sup>206</sup> (CERVERA-MARZAL, 2019, p. 16-17, tradução nossa).

É importante salientar que a busca por um pluralismo epistemológico é inerentemente relativista e a reivindicação pela diversidade necessariamente entra em conflito com fundamentos universais. “Além disso, o relativismo implícito no fenômeno serve para desativar conflitos na medida em que contribui para questionar suas causas. E não é um movimento necessariamente de direita ou de esquerda<sup>207</sup>” (FERNÁNDEZ-MONTESINOS, 2018, p. 27, tradução nossa). Todavia, este confronto essencial proposto por autores pós-modernos, um clima ético, moral, cultural, político e epistemológico pós-fundacional, é verdadeiramente a fonte teórica das pautas regressivas e das agendas epistemofóbicas? Como bem observa Régis Meyran no prefácio de *Le Vertige Des Faits Alternatifs*, de 2018:

[..] por que um *white trash* (um homem branco desclassificado) segue as palavras do presidente Trump, mesmo as mais descaradamente falsas? Uma

<sup>205</sup> “Oui, Il existe une vérité factuelle. Mais non, cette vérité factuelle n’est pas assez puissante pour s’imposer à tous. Car les faits auraient pu être différents de ce qu’ils sont. Ils ont une fâcheuse tendance à la contingence”.

<sup>206</sup> “Or Il y aura toujours des esprits malveillants, minoritaires à certaines époques et majoritaires à d’autres, pour exploiter et amplifier cette contingence, pour abuser de la part d’opacité, pour contester les fait, pour lês grand-remplacer par des fantasmes d’invasion, pour les réviser, pour les nier, pour les tordre, pour les violenter”.

<sup>207</sup> “Además, el relativismo implícito al fenómeno sirve para desactivar los conflictos en la medida en que contribuye al cuestionamiento de sus causas. Y no es un movimiento necesariamente de derechas ni de izquierdas”.

maneira de responder à pergunta seria empurrá-la em termos de identidade ferida e masculinidade hegemônica em crise: Trump promete a seus eleitores que eles encontrarão seu lugar perdido por culpa das elites cosmopolitas e dos migrantes que supostamente roubam seu trabalho por causa de gays e feministas que ameaçam sua dominação dentro do sistema patriarcal [...] Uma das razões apontadas é o surgimento do relativismo, ou seja, a coexistência de verdades diferentes entre si e, portanto, a priori incompatíveis entre si<sup>208</sup> (ESQUERRE, 2018, p. 7, tradução nossa).

A confusão existe aí, dado que não é incomum confundir as requisições pós-modernas com o proceder das subjetividades pós-factuais — complotistas e epistemofóbicas — que pregam a relatividade da verdade, impondo suas próprias conclusões de forma independente dos fatos, classificando qualquer juízo dissonante como imposição autoritária da verdade, ideologismo ou censura. Mesmo que a antítese gire em torno de tentar desmentir a bazófia de que vacinas contêm microchips<sup>209</sup>. Arnaud Esquerre advoga por esta visão:

Se notará a proximidade desse modo de pensar com certas teorias ditas pós-modernas ou relativistas, que geralmente são céticas em relação à própria ideia de verdade. Essa abordagem do conhecimento pode, portanto, atrair tanto intelectuais com posturas e teorias muito sofisticadas (pelo menos na aparência), quanto indivíduos que nunca leram, e menos ainda compreenderam, esse tipo de teorias ditas "antirrealistas". Em outras palavras, um eleitor racista e sem instrução de Donald Trump pode muito bem chegar à mesma conclusão que um pós-estruturalista parisiense ou um epistemólogo social adepto da teoria crítica, desde que ambos partam da mesma intuição<sup>210</sup> (ESQUERRE, 2018, p. 164, tradução nossa).

Mas como se pode saber com acuidade se as críticas são certas, se o próprio conceito de pós-modernidade é eivado de ambiguidades e múltiplas interpretações e se os autores ali enquadrados não necessariamente concordam entre si? O que conseguimos distinguir politicamente do seio dessas críticas, aparentemente reações conservadoras, é que

---

<sup>208</sup> “[...] pourquoi un *white trash* (un homme blanc déclassé) adhère-t-il aux propos du président Trump, même les plus éhontément faux? Une façon de répondre à la question aurait été de pousser la réflexion en termes d’identité blessée et de masculinité hégémonique en crise: Trump promet à ses électeurs qu’ils vont retrouver leur place perdue, à cause des élites cosmopolites et des migrants supposés leur voler leur travail, à cause des gays et des féministes qui menacent leur domination au sein du système patriarcal [...] L’une des raisons avancées est l’essor du relativisme, c’est-à-dire La coexistence de vérités différentes les unes des autres et donc a priori incompatibles entre elles”.

<sup>209</sup> Cf. Vacinas não têm microchip nem alteram DNA. <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/07/12/vacinas-nao-tem-microchip-nem-alteram-dna-esclareca-esses-e-outros-mitos.htm> acesso: 14/07/22.

<sup>210</sup> “On notera la proximité de cette façon de penser avec certaines théories dites postmodernes ou relativistes, généralement sceptiques vis-à-vis de l’idée même de vérité. Cette approche de la connaissance peut donc séduire aussibien des intellectuels aux postures et théories très sophistiquées (du moins en apparence), que des individus qui n’ont jamais lus, et encore moins compris, ce genre de théories dites « anti-réalistes ». En d’autres termes, un électeur raciste et inculte de Donald Trump peut très bien aboutir à la même conclusion qu’un post-structuraliste parisien ou qu’un épistémologue social adepte de la théorie critique, du moment qu’ils partent tous deux de la même intuition”.

tanto autores quanto os próprios movimentos, como a Desconstrução, por exemplo, são fatores de curto-circuito de conceitos estruturais sólidos, que tradicionalmente sustentaram a civilização ocidental, incluindo os valores caros aos que desejam a aplicação de agendas regressivas nos costumes e na política. Uma fração importante das interpretações acerca das relações entre o pós-moderno e o pós-factual transparecem ser simplistas, quando apoiadas em preconceitos ou leituras não suficientemente filosóficas ou politicamente enviesadas, seja a partir das esquerdas tradicionais ou da direita populista contemporânea.

Em geral, as acusações são baseadas em uma caricatura superficial da teoria combinada com uma estimativa exagerada de seus efeitos. O pós-modernismo não diz o que os críticos afirmam. E mesmo que isso acontecesse, o poder de um movimento intelectual esotérico certamente empalidece em comparação com o partidarismo nu e a fragmentação da mídia que conduzem a política — forças que o pensamento pós-modernista realmente nos dá as ferramentas para entender (PERRIN, 2017, tradução nossa).

Evidentemente que não reconhecer o peso que os intelectuais têm na construção do pensamento coletivo também não é razoável. Quem cravará que nenhum pos-truísta também não seja um pós-moderno do ponto de vista procedimental ou intelectual? Isto está fora de disputa. Na história abundam exemplos de material intelectual inundando a sociedade com visões utilizadas em larga escala na práxis, mesmo por não especialistas. Tomemos apenas a psicanálise como exemplo, vocabulário apreendido na cotidianidade mediana e utilizado a torto e a direito pelo senso comum. Que responsabilidade terá Freud e toda a tradição psicanalítica por interpretações que não condizem com suas intenções originais?

Culpar o pós-modernismo pela pós-verdade é como responsabilizar Nietzsche pelo Holocausto: só porque as pessoas erradas escolheram abusar de suas teorias não as faz responsáveis pelas ações dessas pessoas. Além disso, culpar o pós-modernismo e refazer as guerras científicas não fará nada para parar a pós-verdade. Seria apenas fornecer mais combustível para uma briga acadêmica que já causou danos e distração suficientes, não apenas para encontrar a causa real da pós-verdade — se houver — mas também de fazer qualquer coisa para resolver o problema<sup>211</sup> (REINHOUD, 2019, p. 39, tradução nossa).

Em tese, afirmam os acusadores, os esforços filosóficos como o desconstrutivismo foram popularizados na segunda metade do século XX, chegando ao *mainstream* da mídia e

---

<sup>211</sup> “Blaming postmodernism for post-truth is like holding Nietzsche accountable for the Holocaust: just because the wrong people chose to abuse their theories does not make them responsible for the actions of those people. Additionally, blaming postmodernism and rehashing the science wars will not do anything to stop post-truth. If anything, it would only provide further fuel to an academic quarrel that has already caused enough damage and distract us not only from finding the real cause of post-truth—if there is one—but also from doing anything to address the problem?”.

seus setores progressistas, sendo apologizados como instrumentos de inclusão, balizando peças publicitárias, propagandas, filmes, séries, entre outros produtos de comunicação. Naturalmente, qualquer esforço de pensamento que visa expor e analisar discursos estruturais possui tendências minimamente transformativas e pode ser interpretado por diversos vieses, não apenas por um viés político. Como dirá Rorty, um dos acusados de trabalhar pelo “clima geral de relativismo” pós-moderno:

Filosofia e política não são tão fortemente vinculados. Sempre haverá espaço para muitas divergências filosóficas entre pessoas que compartilham a mesma política, e para opiniões políticas diametralmente opostas entre os filósofos da mesma escola. Em particular, não há razão para que um fascista não possa ser um pragmático, no sentido de concordar com praticamente tudo que Dewey disse sobre a natureza da verdade, conhecimento, racionalidade e moralidade [...]. É uma pena, eu acho, que muitas pessoas esperem por uma ligação mais estreita entre filosofia e política do que existe ou pode existir. Em particular, pessoas de esquerda continuam esperando por uma visão filosófica que não pode ser usada pela direita política, que se prestará apenas às boas causas. Mas nunca haverá tal ponto de vista; qualquer visão filosófica é uma ferramenta que pode ser usada por muitas mãos diferentes<sup>212</sup> (RORTY, 1999, p. 23, tradução nossa).

Não são o cinismo, em sua acepção moderna, a mentira compulsiva, a relativização de fatos reais, o privilégio da mentira na política e a desfaçatez como modo de navegação social atividades humanas assaz anteriores a qualquer asserção intelectual pós-moderna? A “pós-modernidade” parece o grande espantalho conceitual da prototeoria da pós-verdade. Se considerarmos com certa honestidade, o descritor “pós-modernidade” tem sido usado como uma muleta, apontado como o louco da aldeia, um termo familiar civilizado para que depositemos a culpa dos nossos fracassos coletivos na condução da vida coletiva em democracias em crise de legitimidade. “Das construções sociouterinas devastadas e imaginárias, precipitam-se multidões em pânico pós-políticos e abandonos difusos para os quais o nome genérico de pós-modernidade é a ainda a expressão civilizada” (SLOTTERDIJK, 1996, p. 68).

Por que tantas chamadas de Trump/pós-modernismo são publicadas de qualquer maneira? Até onde posso dizer: porque as pessoas sentem a

---

<sup>212</sup> “Philosophy and politics are not that tightly linked. There will always be room for a lot of philosophical disagreement between people who share the same politics, and for diametrically opposed political views among philosophers of the same school. In particular, there is no reason why a fascist could not be a pragmatist, in the sense of agreeing with pretty much everything Dewey said about the nature of truth, knowledge, rationality and morality [...] It is unfortunate, I think, that many people hope for a tighter link between philosophy and politics than there is or can be. In particular, people on the left keep hoping for a philosophical view which cannot be used by the political right, one which will lend itself only to good causes. But there never will be such a view; any philosophical view is a tool which can be used by many different hands”.

necessidade de explicar por que alguém pode se tornar o presidente, apesar de mentir constantemente (e abertamente), e ainda permanecer o presidente, com números bastante sólidos entre os eleitores republicanos [...]. Trump é o produto da mídia, dos eleitores, de vários outros grupos de interesse se sentindo ameaçados economicamente, querendo ser capaz de dizer a palavra não, aproveitando a oportunidade para uma grande redução de impostos, seja o que for – não Jacques Derrida, não Jean-François Lyotard, e não o colapso completo de toda a realidade objetiva<sup>213</sup> (WHYMAN, 2018, tradução nossa).

Das inúmeras evocações da pós-modernidade como fundamento, raiz, fonte ou inspiração do pós-veritativo, não necessariamente temos análises detidas ou com acuidade filosófica sobre o que se relata acerca do pós-moderno como regime de epistemologia ou arcabouço ontológico da realidade. Há autores que se utilizam da ironia para concordar com a tese do capítulo presente, mas a postura não salva a filosofia, tão somente a afunda ao nível rasteiro da pós-factuality. É, por exemplo, a posição de Sebastien Dieguez em *Total Bullshit: au coeur de la post-vérité*, de 2018, no qual propõe, de forma satírica, que a pós-verdade não deve ser considerada uma ampliação dos limites da pós-modernidade, uma vez que, para ele, pós-factual e pós-moderno são herdeiros vivos de uma impostura maior: o *bullshitting*.

A crítica pós-moderna não conduziu, encorajou ou mesmo promoveu a pós-verdade. Certamente, a rejeição total da noção de verdade pode ter dado um alibi intelectual a quem precisava e é fácil imaginar interações entre a indiferença do bullshit de Frankfurt à verdade e a produção de obscuridades não esclarecidas específicas de Cohen, mas postulando tal A ligação causal entre o pós-modernismo e a pós-verdade é o raciocínio circular. O relativismo epistemológico específico do pós-modernismo já é bullshit. A bullshit teórico de alguns intelectuais obscuros que ninguém entende pode muito bem reforçar a besteira prática de nossas interações cotidianas e pós-verdades, mas em termos explicativos, é como dizer que o bullshit é a causa da bullshit<sup>214</sup> (DIEGUEZ, 2018, p. 174, tradução nossa).

---

<sup>213</sup> “Just why do so many Trump/postmodernism takes get published anyway? As far as I can tell: because people feel the need to explain why someone can become the President, despite constantly (and openly) lying, and still remain the President, with pretty solid numbers among Republican voters to boot [...] Trump is the product of the media, of voters, of various other interest groups feeling threatened economically, wanting to be able to say the n word, seizing the opportunity for a big tax break, whatever — not Jacques Derrida, not Jean-Francois Lyotard, and not the complete breakdown of all objective reality”.

<sup>214</sup> “La critique postmoderne n'a pas entraîné, encouragé ou même favorisé la post-vérité. Certes, le rejet pur et simple de la notion de vérité a pu donner un alibi intellectuel à qui en avait besoin, et il est facile d'imaginer des interactions entre l'indifférence à l'égard de la vérité propre au bullshit de Frankfurt et la production d'obscurités inclarifiables propre à celui de Cohen, mais postuler un tel lien de causalité entre postmodernisme et post-vérité relève du raisonnement circulaire. Le relativisme épistémologique propre au postmodernisme est en effet *déjà* du bullshit. Le bullshit théorique de quelques obscurs intellectuels que personne ne comprend peut bien renforcer le bullshit pratique de nos interactions quotidiennes et de la post-vérité, mais en termes explicatifs, cela revient à dire que le bullshit est la cause du bullshit”.

É por essas linhas interpretativas que sempre se acaba apresentando uma rápida caricatura de leitura relativista dos fatos e da verdade. Como no caso de Michiku Kakutani, cujos argumentos apresentados na seção anterior “faz[em] pouco ou nenhum esforço para estabelecer qualquer ligação causal entre o pós-modernismo acadêmico e a direita trumpista<sup>215</sup>” (WHYMAN, 2018, tradução nossa) ou o próprio Lee McIntyre, que, a despeito de falar a partir de lugar de filósofo, é um “dos estudiosos a favor de uma conexão causal [...] [E]sse filósofo vocal da ciência social tem escrito de forma mais extensa e explícita sobre o assunto e demonstra mais claramente suas falhas<sup>216</sup> (REINHOUD, 2019, p. 33, tradução nossa). E isso não é tão absolutamente difícil de explicar.

É necessário aprofundar também o cinismo da informação. A engenharia das comunicações de massa criou um monstro que agora tenta oferecer, de forma caricatural, como filho adotivo às filosofias pós-modernas. Foi a direita tecnopopulista quem melhor domesticou a fera descontrolada comunicativa para fins políticos. Não causa espanto que adversários ideológicos evoquem a mesma imagem-espantalho do pós-moderno para colocar a responsabilidade do pós-factual no colo do adversário político. “O desempenho exagerado da destruição espetacular do outro pós-moderno esconde o que agora é uma ideia muito tênue, de que a civilização ocidental é natural<sup>217</sup>” (NICHOLLS; OVERELL, 2019, p. 74, tradução nossa). Nos domínios da lógica, tradicionalmente se sabe para o que se aponta quando se evoca a falácia do espantalho que “envolve a atribuição ou assunção de uma posição, que é então atacada ou descartada. O problema é que a posição descartada pelo argumento é [...] **uma caricatura da posição real sustentada**<sup>218</sup> (TINDALE, 2007, p. 20, tradução nossa, grifo nosso).

Entretanto, há autores, em contraponto ou em complemento aos pensamentos elencados no capítulo anterior, que se põem a analisar com mais realismo o que de fato se passa contextualmente — e filosoficamente — para que o conceito de pós-verdade galgue sua

---

<sup>215</sup> “[...] And she makes little or no effort to establish any causal link between academic postmodernism and the Trumpist right”.

<sup>216</sup> For my discussion of the causal connection between postmodernism and post-truth, and the specific misconceptions on which this is based, I will rely largely on Lee McIntyre’s chapter on postmodernism in his book *Post-Truth* (2018). Of the scholars in favour of a causal connection, this vocal social science philosopher has written most extensively and explicitly on the subject and demonstrates most clearly its flawed reasoning”.

<sup>217</sup> “The overperformance of the spectacular destruction of the postmodern other hides what is by now a very thin idea, that Western civilisation is natural”.

<sup>218</sup> “The Straw Man fallacy involves the attribution or assumption of a position, which is then attacked or dismissed. The problem is that the position dismissed by the argument is [...] **a caricature of the real position held**. In a dialogue, a position may be explicitly attributed to an opponent. But for whatever reason, either that position is not one that the opponent actually holds, or the opponent does not hold the position in quite the way that has been attributed. Hence, an argument that attacks and dismisses the attributed position diverts attention from the real position and is therefore fallacious”.

relevância no rol de léxicos que tentam apreender fenômenos políticos do começo do século XXI. Para além de uma caça às bruxas do ponto de vista moral e epistemológico, há claros indícios sócio-históricos e tecnoepistêmicos para a ascensão do conceito e do fenômeno, e que a mera pós-modernização da verdade não dá conta do problema. Permitamos-nos uma análise mais longa de Joshua Forstner da Universidade de Sheffield (2018, p. 20, tradução nossa, grifo nosso):

O problema, no entanto, com a determinação da causalidade é que ela suscita a seguinte pergunta: **o advento do pós-modernismo foi uma condição necessária para o surgimento da política da pós-verdade? A resposta a essa pergunta é um sonoro “não”**. As condições necessárias mais prováveis para a erosão generalizada da preocupação dos cidadãos dos EUA e do Reino Unido com a verdade na política incluem: • A fragmentação social e cultural causada pela desigualdade desenfreada de renda; • A normalização do que Wolfgang Streeck chamou de “mentira especializada”, que é a mobilização politicamente motivada de especialistas para afirmar falsidades politicamente convenientes. [...] • Revelações públicas de falsidade do Estado (além dos casos que Steve Tesich observou em “Government of Lies”, vêm à mente as infames alegações de Colin Powell sobre armas de destruição em massa no Iraque); • Os algoritmos e normas que regulam nosso uso e experiência das mídias sociais, que deram origem a formas sempre novas de enganar uns aos outros [...] • A contínua “crise do jornalismo tradicional” marcada pela fragmentação da audiência, pressão comercial (resultando em perda de receita estável para o jornalismo impresso), aumento da polarização política e perda de confiança no compromisso geral da mídia com o bem público; • Sistemas de educação primária e secundária projetados para promover resultados de testes em vez de compreensão e pensamento crítico do aluno; e, • Um anti-intelectualismo recalcitrante associado a uma devoção ardente a uma mentalidade pseudoprática superficial, voltada para o mercado, muitas vezes de curto prazo<sup>219</sup>.

---

<sup>219</sup> “The problem, however, with ascertaining causation is that it invites the following question: **Was the advent of postmodernism a necessary condition for the rise of post-truth politics? The answer to that question is a resounding “no”**. More likely necessary conditions for the widespread erosion of US and UK citizens’ concern for truth in politics include: • The social and cultural fragmentation caused by rampant income inequality; • The normalization of what Wolfgang Streeck has called “the expert lie”, which is the politically-motivated mobilization of expertise to assert politically expedient falsehoods. According to Streeck, notable expert lies include the Laffer Curve to justify reducing taxes on the very rich, the European Commission’s “Cecchini Report” promising economic boons in return for the “completion of the internal market”, and pre-2008 assurances of US financial experts — including Ben Bernanke, Alan Greenspan and Larry Summers — that “government agencies had no need to take action to prevent the growth of bubbles” in financial markets; • Public revelations of state mendacity (in addition to the instances Steve Tesich noted in “Government of Lies,” Colin Powell’s infamous claims about weapons of mass destruction in Iraq come to mind); • The algorithms and norms that regulate our use and experience of social media, which have given rise to ever-new ways of deceiving one another (as captured by the idiom “catfishing”<sup>100</sup>); • The rolling “crisis of traditional journalism” marked by audience fragmentation, commercial pressure (resulting in a loss of stable revenue for print journalism), increased political polarization, and loss of trust in the media’s general commitment to the public good; • Systems of primary and secondary education designed to foster testing results rather than student understanding and critical thinking; and, • A recalcitrant anti-intellectualism coupled with an ardent devotion to a superficial, market-driven, all too often short-term, pseudo-practical mindset (or what Richard Hofstadter called “the mystique of practicality”).”

Mesmo caminho seguido por Sergio Sismondo, professor de filosofia na Queen's University, que tem dificuldades de enxergar a ligação entre pós-modernidade/filosofia e as causas tais quais levantadas acima, na longa citação que utilizamos de Forstner, e as que ele próprio lista em seu artigo *Extraordinary Popular Delusions and the Manipulation of Crowds*. Sismondo (2018), em sua pesquisa, enxerga seis categorias causais do pós-factual, a saber: 1) Proeminência de emocionalização da informação; 2) Hipertrofia de opiniões, sobretudo as que confirmam crenças; 3) Dificuldade de discernimento entre fato e ficção nos discursos dos homens do poder; 4) o *bullshitting*; 5) Crise de credibilidade das mídias tradicionais; e 6) a perda de respeito e confiança nos especialistas. Sismondo questiona qual o elo entre esses seis nexos causais da pós-verdade e a reclamação geral que se faz à responsabilidade dos filósofos pela situação. “Tenho muita dificuldade em ver muito em comum entre qualquer uma das seis afirmações sobre a era da pós-verdade que listei e o proeminente pensamento filosófico relativista<sup>220</sup>” (SISMONDO, 2018, p. 75, tradução nossa). Se observado sem puerilidade ou ma-fé, veremos que:

Acusações contra a erudição relativista traem um certo isolamento do mundo real das verdades públicas. Aqueles que escrevem comentários para ganhar a vida podem ser levados a pensar que meras palavras, mesmo que amplamente divulgadas nas esferas acadêmicas, podem constituir verdades que desempenham papéis na estruturação da vida e das ações públicas. A construção de verdades públicas normalmente requer infraestrutura, ferramentas, recursos, esforço, engenhosidade e estruturas de validação. Mesmo uma conta importante no Twitter por si só não faz o que geralmente é considerado conhecimento<sup>221</sup> (SISMONDO, 2018, p. 75-76, tradução nossa).

Já Raphael Sassower, professor de filosofia da Universidade do Colorado, EUA, prefere apontar as virtudes da busca por pluralismo que nascem das requisições pós-modernas, não enxergando como depreciativo ou arriscado o que genericamente se chama de “relativismo pós-moderno”. Se por um lado os universalismos tendem a se tornar metanarrativas que sustentam as estruturas tradicionais de poder, a busca por abrir espaço para o pluralismo de visões abre possibilidades de que pontos de vista se tornem convivas, alargando chances de tolerância e de mais democracia. Não há um sonho no qual todas as

---

<sup>220</sup> “I am hard-pressed to see much in common between any of the six claims about the post-truth era I listed and prominent relativist philosophical thought”.

<sup>221</sup> “Accusations against relativist scholarship betray a certain insulation from the real world of public truths. Those who write commentaries for a living might be misled into thinking that mere words, even if widely circulated in academic spheres, can constitute truths that play roles in structuring public life and actions. The construction of public truths typically requires infrastructure, tools, resources, effort, ingenuity, and validation structures. Even an important Twitter account does not by itself make what is generally taken to be knowledge”.

perspectivas se conciliem, mas tampouco é justo que uma luta pluralista emancipadora seja confundida com fascismo identitário.

Para Sassower, há uma complexidade a ser considerada em como trabalha o relativismo pós-moderno, quando opera questionamentos em nível de crítica que transitam entre diferenças, diversidade, pluralidade, multiplicidade, inconsistências, incomensurabilidades (SASSOWER, 2018) e “relativismo cultural, [...] a visão de que cada cultura tem suas próprias normas éticas e códigos sociais de comportamento, e que eles devem ser julgados de acordo com os padrões costumeiros daquela cultura particular<sup>222</sup>” (SASSOWER, 2018, p. 38, tradução nossa).

Do ponto de vista moral, o relativismo pós-moderno, assinala Sassower, tem também sua validade. Como seguir dando conta de problemas que nascem do destinação da existência humana contando com antigas narrativas metafísicas e religiosas? As questões éticas tradicionais são capazes de acompanhar e propor soluções os avanços cada vez mais técnicos?

Não podemos permanecer sobre os louros de nossos ancestrais, desde os gregos antigos até os textos bíblicos e injunções, mas devemos remodelá-los para se adequar às novas realidades. Com a multiplicação de ambiguidades sobre nossas reivindicações de conhecimento, com maior ansiedade sobre o processo de economia e desumanização de nossas culturas, somos forçados a pensar mais e trabalhar com mais diligência para criar estruturas e critérios revisados de acordo com os quais nos licenciamos para fazer julgamentos morais contextuais<sup>223</sup> (SASSOWER, 2018, p. 43, tradução nossa).

As requisições de inclusão moral de sujeitos historicamente subalternizados via relativização de metanarrativas absolutas estruturantes podem ser confundidas com o engenho de projetos profascistas? Não segue sendo cinismo daqueles que desejam manter o *status quo* quando acusam autores e autoras desconstrucionistas e pós-colonialistas como sendo fascistas identitários que lutam inclusive contra esforços que não têm a simples intenção de destruição do *status quo*, mas “uma maneira de apresentar ao mundo uma forma realista e

---

<sup>222</sup> “[...] cultural relativism, [...] the view that each culture has its own ethical norms and social codes of behavior, and that they should be judged on according to the customary standards of that particular culture”.

<sup>223</sup> “We cannot rest on the laurels of our ancestors, from ancient Greeks to biblical texts and injunctions, but must reshape them to fit new realities. With multiplying ambiguities about our knowledge claims, with greater anxiety over the process of economizing and dehumanizing our cultures, we are forced to think harder and work more diligently to come up with revised frameworks and criteria according to which we license ourselves to render contextual moral judgments”.

razoável: somos humanos diversos com subcomunidades<sup>224</sup>” (SASSOWER, 2018, p. 45, tradução nossa).

Uma vez que a visão de mundo branca, burguesa e neoliberal centrista euro-americana é entendida como não representativa da pluralidade de vozes, a noção de solidariedade pode ser mais frutuosamente substituída como um poderoso antídoto para a deportação de refugiados, por exemplo, ou a situação difícil de afro-americanos - cuja própria existência é criminalizada pela polícia. O reconhecimento pós-moderno de que diversas vozes são todas auto-legitimadoras e não requerem a sanção de uma autoridade central (no sentido foucaultiano e lyotardiano) pode trazer uma arena moral diferente, talvez confusa, de engajamento crítico. Mas, pelo menos, será aquela que respeita a agência individual e o destino coletivo que compartilha com outros em sua comunidade<sup>225</sup> (SASSOWER, 2018, p. 44, tradução nossa).

Além dos aspectos críticos e morais do pluralismo pós-moderno, Sassower frisa que é possível congratular esse esforço filosófico se analisada detidamente a dimensão da práxis. “Como é praticado o relativismo pós-moderno? [...] O relativismo pós-moderno contextualizado é o terreno em que vivemos, queiramos ou não admiti-lo. Esta é uma condição universal ou apenas a condição do discurso acadêmico?<sup>226</sup>” (SASSOWER, 2018, p. 47-48, tradução nossa). Os resultados podem ser vistos no direito, na política, na educação pública e, como observa Hugh Silverman em *Derrida and Deconstruction*, de 1989, “embora inicialmente desenvolvido como filosofia, se espalhou não apenas para a literatura, arte e crítica e teoria do cinema, mas também para a teoria psicanalítica, pedagógica e social<sup>227</sup>”. (SILVERMAN, 1989, p. 4, tradução nossa).

Naturalmente, não se pode negar que essa é uma paisagem na qual a própria pós-verdade se move, mas sendo a paisagem o todo, se pode afirmar que uma pequena região do que se vê defina toda a perspectiva? O mau uso ou a operação de má-fé que, cinicamente, se apropria das potências pluralistas emancipatórias não pode ser considerada um nexos causal,

---

<sup>224</sup> “[...] a way of presenting the world in a realistic and reasonable manner: we are diverse humans with sub-communities”.

<sup>225</sup> “Once the Euro-American white, bourgeois, and neoliberal centrist worldview is understood not to be representative of the plurality of voices, the notion of solidarity and be more fruitfully substituted as a powerful antidote to the dismissal of refugees, for example, or the plight of African-Americans — whose very existence is criminalized by the police. The postmodern recognition that diverse voices are all self-legitimizing and do not require the sanction of a central authority (in a Foucauldian and Lyotardian sense) might bring about a different, perhaps a messy, moral arena of critical engagement. But, at least it will be one that respects individual agency and the collective fate it shares with others in its community”.

<sup>226</sup> “How is postmodern relativism practiced? [...] Contextualized postmodern relativism is the terrain in which we live, whether or not we want to admit to it. Is this a universal condition, or only the condition of academic discourse?”

<sup>227</sup> “[...] although first developed as philosophy, it has spread not only into literary, art, and film criticism and theory, but also into psychoanalytic, pedagogical, and social theory”.

mas também, de forma pueril, não podemos descartar suas influências no quadro geral da sociedade.

O cenário político que vivemos na era Trump e Brexit reflete e é influenciado pelo relativismo pós-moderno. As questões que enfrentamos não se limitam a como justificamos nosso julgamento; nem são desprovidos de constrangimentos económicos que permitem que alguns julgamentos nem sequer sejam considerados. Nossas perguntas devem nos levar a apelar para nossa imaginação política e moral como um meio para superar meta-narrativas e julgamentos prefigurados por aqueles em posição de autoridade. Se esperamos ver uma transformação da condição humana em nossa vida, devemos encorajar um discurso democrático, porém populista, que envolva mais pessoas. O envolvimento deve ser local e comunitário, apelando para o altruísmo como uma propensão humana inerente a colaborar e ser empático, em vez de competição e sucesso individualizado<sup>228</sup> (SASSOWER, 2018, p. 50, tradução nossa).

A própria simplificação do conceito, a exploração excessiva de lugares-comuns, falácias acerca do pós-moderno e as visões historicamente discriminatórias contra seus operadores é uma metodologia pós-verdadeira. Como remarcam Tina Besley, Michael Peters e Sharon Rider no posfácio da obra coletiva *Journalism and Scholarship in the Post-truth Era*, de 2018:

A afirmação de que Foucault (Derrida ou Rorty) é responsável pela condição pós-verdadeira é estupidamente falsa. Ao ignorar a complexidade da cultura e o contexto em que as ideias são formadas, propagadas, integradas e transformadas, bem como os fatos históricos da questão no que diz respeito a ocorrências relevantes e desenvolvimentos que dão substância a essas ideias, a afirmação em si se encaixa perfeitamente no formato pós-factual de simplificação excessiva, falsificação e apelo a reações viscerais em vez de razão e deliberação. Este tipo de visão pessoal tornou-se lugar-comum entre certos filósofos analíticos (assim como alguns cientistas naturais arrogantes em relação às humanidades, e até mesmo acadêmicos de humanidades que abrigam uma aversão permanente à “teoria”)<sup>229</sup> (BESLEY; HYVÖNEN; PETERS, 2018, p. 218, tradução nossa).

---

<sup>228</sup> “The political landscape we are experiencing in the Trump and Brexit era reflects and is influenced by postmodern relativism. The questions we face are not limited to how we justify our judgment; nor are they devoid of economic constraints that allows some judgments to not even be considered. Our questions should prompt us to appeal to our political and moral imagination as a means by which to overcome meta-narratives and prefigured judgments by those in position of authority. If we hope to see a transformation of the human condition in our lifetime, we should encourage a democratic discourse, however populist, that engages more people. The engagement should be local and communal, appealing to altruism as an inherent human propensity to collaborate and be empathetic rather than to competition and individualized success”.

<sup>229</sup> The assertion that Foucault (or Derrida, or Rorty) is responsible for the post-truth condition is false, and fatuously so. In ignoring the complexity of the cultural context in which ideas are formed, propagated, integrated, and transformed as well as the historical facts of the matter with regard to relevant occurrences and developments which give those ideas substance, the claim itself fits neatly into the post-truth format of oversimplification, falsification and appeal to visceral reactions rather than reason and deliberation. This kind of axe-grinding has become commonplace among certain analytic philosophers (as well as some natural scientists

É importante, portanto, separar o joio do trigo. Profundos intelectuais desconstrucionistas, pós-estruturalistas, pós-colonialistas, entre outros, têm sido comparados a líderes como Trump e Bolsonaro — ou a toda e qualquer subjetividade jubilarmente pós-veritativa. É preciso entender essa questão como “parte do conflito maior entre a filosofia continental e a analítica, e entre as ciências sociais e as ciências naturais<sup>230</sup>” (REINHOUD, 2019, p. 33, tradução nossa), o que representa uma crise filosófica e de valores de época, uma briga interna na história da filosofia, que serve, renovadamente, para que críticos (não necessariamente bem-informados em filosofia) reforcem ainda mais preconceitos contra o “relativismo” pós-moderno, o que, em última análise, macula também a própria filosofia.

Dado que não há um relato universalmente aceito do desenvolvimento histórico em direção a uma concepção da verdade geralmente reconhecida, é difícil dizer o que exatamente significa sugerir que alguns filósofos (digamos, Derrida ou Rorty) são pós-verdadeiros ao criticar pressupostos do mainstream. Em vez disso, a denúncia do “pós-modernismo” como um fornecedor de “pós-verdade” parece ser principalmente uma forma de sinalizar que os filósofos analíticos desaprovam projetos teóricos ou críticos que implicitamente minam seus próprios pressupostos básicos. Isso não significa que os filósofos denunciados sejam realmente “pós-verdadeiros” em algum sentido amplo e abrangente. Do outro lado da equação, relatos retrospectivos mais recentes e historicamente sensíveis do desenvolvimento da filosofia analítica indicaram que, como movimento, ela não possui um conjunto coerente de princípios unificadores que definam suas fronteiras atuais. O que exatamente são os insultados filósofos pós-modernos?<sup>231</sup> (BESLEY; HYVÖNEN; PETERS, 2018, p. 219, tradução nossa)

Há uma perigosa tendência, não nova, mas que acomete também os intelectuais do momento, de taxar de pós-moderno (irracionalista ou relativista) todo aquele que propõe questões que fogem de sistemas ou tradições acadêmicas habituais ou qualquer teórico que põe em dúvida a neutralidade da pesquisa científica. Essa dúvida tem sido confundida, consciente ou inconscientemente, com negacionismos científicos epistemofóbicos. E a intenção política e epistemológica, ao contrário das pautas reacionárias, vem:

---

with chips on their shoulders about the humanities, and even humanities scholars who harbor an abiding abhorrence for “theory”).”

<sup>230</sup> “[...]part of the larger conflict between continental and analytic philosophy, and between the social sciences and the natural sciences”.

<sup>231</sup> “Given that there is no universally accepted account of the historical development toward a generally recognized conception of truth, it is difficult to say what exactly it means to suggest that some philosophers (say Derrida, or Rorty) are post-truth by dint of criticizing the assumptions of the mainstream. Rather, the denunciation of “postmodernism” as a purveyor of “post-truth” seems to be mostly a way of signaling that analytic philosophers disapprove of theoretical or critical projects that implicitly undermine their own basic assumptions. It doesn’t mean that the philosophers denounced are really “post-truth” in some broad, all-encompassing sense. On the other side of the equation, more recent, historically sensitive retrospective accounts of the development of analytic philosophy have indicated that, as a movement, it has no coherent set of unifying principles that define its present borders. What exactly are the reviled postmodern philosophers ‘post’?”

[...] na forma do questionamento dos sistemas baseados em valores transcendentais que são denunciados por servirem de justificativa para dominação, e subsequentemente desconstruídos na tentativa de revelar sua construção social relacionada a essas formas de domínio. Daí a crítica às verdades estabelecidas, que é na realidade muito mais uma crítica da forma de estabelecimento dessas verdades e do status social atribuído a esses regimes, o que logicamente leva a uma crítica da ciência e a uma consideração das outras formas de conhecimento excluídas do método científico. Ao mesmo tempo, a negação do consenso esbarra na incomensurabilidade das visões de mundo, algo que decorre da instabilidade fundamental de todos os significados. A desconstrução das narrativas “organizadoras do real” passa por uma afirmação, designação, nomeação das exclusões, valorização das diferenças e uma maior abertura para questionar velhas categorias. (VEIGA ANDRIOLO, 2021, p. 78).

Os estudiosos pós-modernos simplesmente apontaram para o fato de que nem todas as decisões tomadas dentro dos discursos científicos são pura e necessariamente baseadas em fatos científicos. Donna Haraway, por exemplo, figura tradicionalmente atrelada ao pensamento pós-moderno, em entrevista ao *The Guardian*, em junho de 2019, comentando sobre a pós-verdade e as *Science Wars*, afirma ser a pós-verdade algo da ordem da credulidade, onde as crenças não correspondem à realidade dos fatos. Se os fatos se apresentam e são negados (ainda que óbvios) e tudo é uma questão de convicção, viés de confirmação e inobjetividade, comparar a pós-verdade aos questionamentos pós-modernos é uma falsa analogia.

Considere a evolução. A noção de que você iria ou não “acreditar” na evolução já entrega o jogo. Se você disser: “claro que acredito na evolução”, você perdeu, porque entrou na semiótica do representacionalismo – e da pós-verdade, francamente. Você entrou em uma arena onde tudo isso é apenas uma questão de convicção interna e nada tem a ver com o mundo. Você deixou o domínio do mundo [...] Os *science warriors* que nos atacaram durante as guerras científicas estavam determinados a nos pintar como construcionistas sociais — que toda verdade é puramente construída socialmente. E acho que caímos nessa. Fomos amigáveis a essas leituras erradas de várias maneiras. Poderíamos ter sido mais cuidadosos ao ouvir e nos envolver mais lentamente. Era muito fácil nos ler da maneira que os *science warriors* faziam. Então a direita pegou as guerras científicas e as continuaram, o que acabou ajudando a alimentar todo o discurso das fake news<sup>232</sup> (HARAWAY, 2019, tradução nossa).

---

<sup>232</sup> “Take evolution. The notion that you would or would not “believe” in evolution already gives away the game. If you say, “Of course I believe in evolution,” you have lost, because you have entered the semiotics of representationalism – and post-truth, frankly. You have entered an arena where these are all just matters of internal conviction and have nothing to do with the world. You have left the domain of worlding [...] The science warriors who attacked us during the science wars were determined to paint us as social constructionists — that all truth is purely socially constructed. And I think we walked into that. We invited those misreadings in a range of ways. We could have been more careful about listening and engaging more slowly. It was all too easy to read us in the way the science warriors did. Then the rightwing took the science wars and ran with it, which eventually helped nourish the whole fake-news discourse”.

Os “pós-modernos” passam, assim, por um “retrato ficcional de um movimento ‘pós’- ou mesmo ‘anti’-verdade taxado de ‘pós-modernismo’”<sup>233</sup> (BESLEY; HYVÖNEN; PETERS, 2018, p. 221, tradução nossa). Ironicamente, podemos afirmar, estas acusações são substancialmente *fake news* ou operam com a mesma metodologia dos “fatos alternativos”.

Se os representantes da pesquisa e do ensino superior em geral, e em particular aqueles autoproclamados guardiões de Veritas, os filósofos, caem em mentalidade de gado, agitação e acrimônia ao invés de liberalidade, curiosidade e interesse em relação a opiniões, ideias ou tradições que são diferentes, estranhas ou estranhas a elas, então eles involuntariamente, e certamente involuntariamente, são parte da atmosfera de pós-verdade de desconfiança e autoilusão que eles se esforçam tanto para dissipar<sup>234</sup> (BESLEY; HYVÖNEN; PETERS, 2018, p. 222, tradução nossa).

É desta feita que parte a tese de Christian Dunker, que inspira o nome desta seção, de que a pós-verdade não é meramente um fenômeno adicional à pós-modernidade, nem mesmo um desenvolvimento do programa cultural e político pós-moderno. Pelo contrário, seria “uma reação negativa a esta. A pós-verdade é o **falso contrário necessário do pós-modernismo**” (DUNKER, 2017, p. 12, grifo nosso). Uma reação ideológica, “em termos de demanda de real” (DUNKER, 2017, p. 12), um oposto que não é o verdadeiro oposto, mas que abre clareira dialética de compreensão. Afirma Dunker:

A pós-verdade seria então uma espécie de segunda onda do **pós-modernismo**. Sua consequência é ao mesmo tempo lógica e reveladora da verdade brutal e esquecida na qual ambos se apoiam. Assim como a pós-modernidade trouxe o debate relevante sobre, afinal, como deveríamos entender a modernidade e principalmente o sujeito moderno, penso que a pós-verdade inaugura uma reflexão prática e política sobre o que devemos entender por verdade e sobre a autoridade que lhe é suposta. **O traço maior da subjetividade em tempos de pós-verdade será exatamente esta aptidão para a inversão sem transformação. Inversão que vai da posição “pós-moderna” para a posição “pós-verdadeira”, sem que ambas entrem propriamente em conflito.** Este ponto de torção do sujeito define as diferentes modalidades de subjetivação e de subjetividade, que são o efeito e o produto desse trabalho de oposição sem contradição. (DUNKER, 2017, p. 13).

---

<sup>233</sup> “[...] fictionalized portrayal of a dangerous “post”- or even “anti”-truth movement that goes under the heading of “postmodernism”.

<sup>234</sup> “If representatives of research and higher education in general, and in particular, those self-appointed guardians of Veritas, the philosophers, fall into a mob mentality of alarm, agitation and acrimony rather than liberality, curiosity and interest toward opinions, ideas or traditions that are different, alien, or foreign to them, then they unwittingly, and surely unwillingly, are part of the post-truth atmosphere of mistrust and self-delusion which they are at such great pains to dispel”.

Para Dunker, o pós-factual se mostra uma reação conservadora em relação ao politicamente correto, ao relativismo cultural, ao multiculturalismo, igualitarismo, coletivismo, ecologismo, secularismo e a toda normatividade oriunda do discurso pós-modernista que, historicamente, brota das esquerdas. Mesmo caminho seguido por Gil Delannoi quando articula que “a pós-verdade aparece como uma forma perigosa de oposição ao politicamente correto [...] Numa terceira era da democracia [...] nós testemunhamos o combate entre o politicamente correto e a pós-verdade<sup>235</sup>” (DELLANOI, 2017, p. 8-9, tradução nossa). Isso explica a tentação, por um lado, a partir dos atores pós-veritativos, de uma requisição de aceitação de relatos pós-verdadeiros, em luta contra possíveis injustiças epistêmicas, e, por outro, a partir dos intelectuais que analisam o fenômeno, aceitar como postulado uma aparência de que o discurso pós-verdadeiro é uma variante intelectual do discurso pós-moderno.

Para Dunker, “a pós-modernidade é uma condição ideológica a partir da qual a pós-verdade pode emergir como uma espécie de reação regressiva” (DUNKER, 2017, p. 40). Não é difícil entender a infantojuvenilização das pautas políticas ou mesmo a massiva audiência dada a grupos políticos compostos por adolescentes ironistas-videográficos que aceleram energias psíquicas em debates nacionais. Como observa Kurt Andersen sobre o comportamento meninil de Donald Trump:

Donald Trump é um vigarista movido pelo ressentimento ao *establishment*. Ele não gosta de especialistas, porque interferem em seu direito como americano de acreditar ou fingir que as ficções são fatos, de sentir a verdade. Ele vê conspirações em tudo. Ele explorou os mitos da vitimização racial branca. Seu caso, que chamo de síndrome Kids R Us - mimado, impulsivo, mal-humorado, um pirralho de 71 anos - é agudo<sup>236</sup> (ANDERSEN, 2017, tradução nossa)

Não sem acerto, Peter Sloterdijk, em *Epidemias Políticas*, assevera que “existem sérios indícios para acreditar que logo os cientistas políticos e os psicólogos infantis criarão uma carreira conjunta<sup>237</sup>” (SLOTERDIJK, ano, p. 48, tradução nossa). É, portanto, uma questão de entendimento psicológico das massas e dos valores regressivos que se tenta impor a partir daí, dado que a pós-verdade:

---

<sup>235</sup> “[...] la post-vérité apparaît comme une dangereuse forme d’opposition à ce politiquement correct [...] Dans un troisième âge de la démocratie [...] nous assistons au combat entre le politiquement correct et la post-vérité”

<sup>236</sup> “Donald Trump is a grifter driven by resentment of the establishment. He doesn’t like experts, because they interfere with his right as an American to believe or pretend that fictions are facts, to feel the truth. He sees conspiracies everywhere. He exploited the myths of white racial victimhood. His case of what I call Kids R Us syndrome — spoiled, impulsive, moody, a 71-year-old brat — is acute”.

<sup>237</sup> “Existen sérios indícios para creer que los politólogos pronto crearán una carrera conjunta com los psicólogos infantiles”.

Parasita a educação com valores regressivos ligados à família. Ela retorna à figura arcaica do pai-chefe administrador eficiente como forma de desviar-se da política. Em todos os casos, temos uma inversão sem contradição e, portanto, uma subjetividade que pensa com dificuldade sua própria temporalidade, interpretada com variações de humor ou sendo seu próprio processo de transmissão educativa percebido como manipulação e apossamento. (DUNKER, 2017, p. 40).

As massas pós-verdadeiras, para Dunker, não são levadas ingenuamente a crer em artefatos ficcionais com óbvias falsificações. Quem, de fato, como apontamos na introdução deste trabalho, acreditaria sem questionar, mesmo que em um golpe de vista, em “mamadeiras de piroca” ou kits-gay ou num exército militarizado de médicos cubanos prontos para tomar o país? “Não há, no cinismo, operação alguma de mascaramento das intenções no nível da enunciação”, argumenta Safatle (2008, p. 71).

O fenômeno é mais complexo que isso, pois ele envolve uma combinação calculada de observações corretas, interpretações plausíveis e fontes confiáveis em uma mistura que é, no conjunto, absolutamente falsa e interesseira. Não se trata de pedir ao interlocutor que acredite em premissas extraordinárias ou contra intuitivas, mas de explorar preconceitos que o destinatário cultiva e que, gradualmente, nos levam a confirmar conclusões tendenciosas. (DUNKER, 2017, p. 38).

Assim, ainda segundo Dunker (2017, p. 38), a pós-verdade não é “o regime de opiniões desenfreadas e do relativismo niilista, tal qual se anunciava no pós-modernismo liberal”. Há a visão de uma dicotomia que, na pós-verdade, é falsa. A pós-verdade “não é mais a expressão da aliança entre neoliberalismo econômico de direita e pauta comportamental progressista de esquerda.” (DUNKER, 2017, p. 41).

E apesar do aspecto irracionalista do modo pós-factual de conduzir o discurso na contemporaneidade, há aí justamente indícios de que a pós-verdade seja uma forma de racionalidade que normativiza a vida em sociedade que depende, inclusive, “da unidade da ciência, da força da sua autoridade normativa, justamente para que ela possa se aliar com as piores formas de metafísica” (DUNKER, 2017, p. 39). Logo, “não é apenas irracionalidade, é a adoção de um modelo de racionalidade [...], não há sentido em caracterizá-lo como desprezo à objetividade, de reflexão ou de pensamento. Ao contrário — demos aos seres humanos o benefício da crença em sua racionalidade.” (VEIGA ANDRIOLO, 2021, p. 116).

Há quem duvide mesmo se as configurações pós-factuais, como conceitos, sejam minimamente atuais, sequer sinonimizáveis a qualquer proposta pós-moderna. O estar além da verdade, atravessá-la, superá-la, obliterá-la, relativizá-la ou perspectivizá-la pode

compreender também a ideologização dos seus usos? O que a experiência da política não ocidental pode nos dizer a partir já de questões ideológicas do início do século XX?

Nem pós-moderno, nem pós-verdadeiro: pré-verdadeiro? Em artigo intitulado *Les Désastres de la Dialectique*, o filósofo ucraniano Volodymyr Yermolenko propõe que a versão não ocidental da pós-verdade está em marcha há muito mais tempo que as erosões pós-modernas e a pretensa novidade pós-veritativa do jogo político ocidental contemporâneo. A pós-modernidade, para ele, não erradica o já erradicado pelo programa stalinista e ainda hoje sustentado pelo putinismo: a verdade no sentido do conhecimento factual ou empírico. As refregas entre Rússia e Ucrânia não se restringem ao militar e ao econômico, as querelas também se configuram no nível intelectual. Por isso, inicia seu texto perguntando: “mas essa pós-verdade é algo verdadeiramente novo?”<sup>238</sup> (YERMOLENKO, 2019, p. 219, tradução nossa). Faz uma análise dos processos de criminalização de artistas no período stalinista, expondo como a máquina judiciária soviética não estava às voltas com os afazeres da verdade, mas somente com atingir os objetivos da revolução.

Os julgamentos da década de 1930 mostram que a **“pós-verdade” não foi inventada no início do século XXI e não é um produto do pós-modernismo tardio**. Já estava presente muito antes na Europa Oriental; suas raízes remontam ao Império Russo e seus ataques a dissidentes<sup>239</sup> (YERMOLENKO, 2019, p. 211, tradução nossa, grifo nosso).

Segundo Yermolenko, há uma virada ideológica na Rússia stalinista que opera uma importante modulação terminológica. Em Russo, há duas palavras para verdade: *pravda* e *istna*. Esta última tem implicações ontológicas e epistemológicas, enquanto a primeira porta certa ambiguidade, porque pode, além de exprimir a verdade, indicar também valores como ética ou justiça. Logo, a escolha pelo Regime do termo *pravda* servirá para “persuadir os cidadãos soviéticos à ideia de que o Partido está sempre certo e reflete a mais alta Verdade e Justiça da História<sup>240</sup>” (YERMOLENKO, 2019, p. 214, tradução nossa).

Logo, a verdade passa a ser um instrumento de revolução social e insensibiliza a percepção sobre a verdade objetiva. Em suma, a verdade lida pela *intelligentsia* russa no começo do século XX é a capacidade de “sacrificar a verdade *istna* à outra coisa, sacrificar a

---

<sup>238</sup> “[...] mais cette ‘post-vérité’ est-elle quelque chose de vraiment nouveau?”.

<sup>239</sup> “Les procès des années 1930 montrent que la “post-vérité” n’a pas été inventé au début du XXI siècle, et n’est pas un produit du tardif post-modernisme. Elle était déjà présente bien avant en Europe de l’Est; ses racines remontent à l’Empire russe et ses attaques contre les dissidents”.

<sup>240</sup> “[...] persuader les citoyens soviétiques de l’idée que le Parti a toujours raison et reflète la Vérité supérieure et la Justice de l’Histoire”

natureza epistemológica e cognitiva da verdade em favor de interpretações éticas ou políticas”<sup>241</sup> (YERMOLENKO, 2019, p. 221, tradução nossa).

Para ele, a Rússia de hoje, claro, imbricada nas questões da Euromaidan 2014, é uma repetição sofisticada e hipertecnológica que chamará, a propósito, de sadoputinismo (YERMOLENKO, 2014) <sup>242</sup>. “Os sintomas dessa insensibilidade à verdade podem ser vistos na guerra de informação travada contra muitos países, usando notícias falsas e desinformação”<sup>243</sup> (YERMOLENKO, 2019, p. 222, tradução nossa). Yermolenko não vê a política internacional russa utilizando a informação como ferramenta de comunicação, mas de dominação.

Nessa abordagem da informação, não é a verdade que conta, mas o impacto e o poder de uma declaração, sua capacidade de influenciar as opiniões e o comportamento do público. A informação não é uma ferramenta para um melhor conhecimento, mas uma ferramenta para a dominação<sup>244</sup> (YERMOLENKO, 2019, p. 223, tradução nossa).

No putinismo, Yermolenko afirma haver uma relação importante entre *pravda* e poder, que são sinonimizados. No processo de recuperação da Rússia pós-Iéltsin, a retomada de poder geopolítico traz o sentido de *pravda* como o sentimento subjetivo de estar dentro de seus direitos (YERMOLENKO, 2019). “É um não-saber e até um anti-saber: é da ordem da fé. Embora a palavra possa ser traduzida como "verdade" [...] ela se opõe radicalmente à verdade. Não se trata nem da pós-verdade: ela está lá muito antes da verdade”<sup>245</sup> (YERMOLENKO, 2019, p. 225, tradução nossa, grifo nosso).

O que dá essa larga “vantagem” à Rússia em relação ao Ocidente no que podemos chamar de guerra-fria da desinformação? Para Yermolenko, a pós-verdade eclodiu primeiro na parte leste da Europa por uma peculiaridade da vida intelectual russa: não sofreu as pressões e revoluções que amotinaram a parte leste da Europa como “a leitura no protestantismo, a revolução nos modos de raciocínio devido ao Iluminismo e a revolução

---

<sup>241</sup> “[...] sacrifier la vérité *istna* à quelque chose d’autre, à sacrifier la nature épistemologique et cognitive de la vérité em faveur d’interprétations éthiques ou politiques”.

<sup>242</sup> Disponível em: <https://www.eurozine.com/the-silence-of-the-lambs/> Acesso: 24/01/2019.

<sup>243</sup> “On peut avoir les symptômes de cette insensibilité à la vérité dans la guerre de l’information menée contre des nombreux pays, à l’aide de fausses nouvelles et de la désinformation”.

<sup>244</sup> “Dans cette approche de l’information, ce n’est pas la vérité qui compte, mais l’impact et le pouvoir d’une affirmation, s capacité d’influencer les opinions et le comportement du publique. L’information n’est pas un outil d’une meilleure connaissance, mais un outil de domination”.

<sup>245</sup> “Elle est une non-connaissance, et même une anti-connaissance: elle est de l’ordre de la foi. Bien que le mot puisse être traduit par “vérité” [...] elle s’oppose radicalement à la vérité. Il ne s’agit même pas de post-vérité: elle est là bien *avant* lá vérité”.

trazida pelo positivismo nos modos de verificação<sup>246</sup>” (YARMOLENKO, 2019, p. 221, tradução nossa). A Rússia “tornou-se o por excelência opressor das ideias iluministas durante o século XIX”<sup>247</sup> (YARMOLENKO, 2019, p. 222, tradução nossa).

A desfaçatez política, no sentido pós-truísta, atrasou sua atualização no Ocidente por ter encontrado um sistema imunológico iluminista pelo caminho? Os movimentos racionalistas no fio da história foram apenas faíscas da verdade na escuridão das “pré-verdades”? Acreditamos que, ao contrário, há uma programação, uma arquitetura, uma atividade de engenharia que passa pela tecnologia, condicionando as subjetividades há muito adaptadas ao ficcional, ao cínico, ao irônico, ao fingimento, à credulidade sem alienação.

Desta feita, afirmamos que apropriar-se cinicamente de repertório procedimental de filosofias desconstrutivistas para o requerimento de reconhecimento de validade de pautas transparentemente injustas não é postura que se deva atribuir como sendo responsabilidade da própria fonte de produção dos mecanismos de questionamento da ciência, da epistemologia clássica e dos critérios do real do verdadeiro. É o pós-moderno, em seu sentido filosófico, mantenedor de pautas epistemofóbicas?

Por isso, já não é difícil antever desde aqui o porquê de nos questionarmos mais a frente se podem os cínicos pós-factuais cobrarem para si algum “lugar de fala”? Haverá uma injustiça epistêmica pós-factual, caso questionado e deslegitimado o “lugar de fala” destes atores hipoteticamente munidos da gramática e procedimentos pós-modernos de emancipação? Configura-se como injusto que se compare um juízo pós-factual a um questionamento de ordem desconstrutivista. É descabido taxar de violência ou opressão epistêmica uma justa desconfiança em direção a um relato pós-factual.

Estando observado que a análise da subjetividade pós-factual não deva reduzir a condição como desenvolvimento de pautas pós-modernas e, ainda menos, que haja espaço para a reclamação de uma possível injustiça epistêmica que excluiria os relatos pós-factuais, de forma a representar violência por parte da comunidade científica e midiática, alvitramos a seguir a propor que o próprio conceito seja revisto em sua posição semântica ou que este seja incluído em conceitos já existentes que apontem com mais acuidade a crise pela qual passa a subjetividade no contato com a política contemporânea. Solidifiquemos mais as análises até chegarmos a este problema.

---

<sup>246</sup> “[...] la lecture dans le protestantisme, la révolution dans les modes de raisonnement due aux Lumières, et la révolution apporté par le positivisme dans les modes de vérification”.

<sup>247</sup> “[...] devint l’opresseur par excellence des idées des Lumières au cours du XIX siècle”.

Evidentemente, faz sentido localizar o pensamento, as teses, os procedimentos e a gramática pós-moderna em sua versão popularizada e instrumentalizada por grupos de diversas intenções políticas e sociais, e mesmo nas mãos dos propagandistas e operadores das mídias. Todavia, é assaz injusto que a pós-modernidade, notadamente em suas filosofias pós-fundacionais, sejam responsabilizadas intelectualmente pela erosão pejorativa da verdade e do real. Como de costume, as fontes filosóficas primárias não são aprofundadas o suficiente. O que se chama de pós-modernismo pode ser encontrado com mais seriedade, caso se operem leituras e interpretações mais detidas sobre seus verdadeiros pressupostos.

A crença de que o pós-modernismo causado pela pós-verdade não faz sentido, ao revisitar as ideias pós-modernas sobre a verdade e seus opostos, ficção e mentira, e refazendo o debate e as deturpações sobre que esse entendimento causal se relaciona. No entanto, meu argumento não é apenas que o pós-modernismo não causou pós-verdade; também argumento que o pós-modernismo oferece a estrutura e as ferramentas necessário compreender a pós-verdade. (REINHOUD, 2019, p. 44, tradução nossa).

Jacques Derrida, por exemplo, o mais evocado autor pós-moderno na literatura crítica sobre a pós-verdade, via no seu método desconstrutivista um novo racionalismo. Entretanto, “neste mundo da pós-verdade, pensadores como Derrida são vistos como que antecipando esse perigoso relativismo ou até mesmo causando-o<sup>248</sup>” (SALMON, 2020, p. 15, tradução nossa).

Criador do que se chamará de método desconstrutivo, Derrida será acusado em larga escala de ter criado uma visão de mundo que mina os valores ocidentais ao desconstruir substancialmente o próprio conceito de sujeito, abandonando a compreensão humana ao mero relativismo. Esse quadro se agravaria na atual discussão sobre a pós-verdade, suscitando uma visão generalista de que a pós-modernidade criou um “vale-tudo” do ponto de vista moral, ético, político, jurídico e epistemológico, abrindo vias para legitimação de visões autoritárias e deceptivas.

Jacques Derrida continua a dividir opiniões. Gênio ou charlatão? Filósofo ou fraude? Durante sua vida, foi acusado de corromper a juventude, destruir a academia e de um relativismo que não se encontra em nenhum lugar de sua obra. Agora, ele é acusado de liderar a pós-verdade e às implicações sociais e políticas disso<sup>249</sup> (SALMON, 2020, p. 220, tradução nossa).

---

<sup>248</sup> “In this post-truth world, thinkers such as Derrida are seen as anticipating this dangerous relativism or even actually causing it”.

<sup>249</sup> “Jacques Derrida continues to divide opinion. Genius or charlatan? Philosopher or fraud? In his lifetime he was accused of corrupting youth, destroying academia, and of a relativism that is to be found nowhere in his writing. Now, he is accused of leading to post-truth, and the social and political implications of it”.

Essa visão simplista já abordada pode ser localizada em autores e autoras de diversos campos do conhecimento. Como aludimos no início desta tese, é oriunda da Comunicação Social a forja dos conceitos iniciais sobre a pós-verdade e suas relações com a pós-modernidade. Para elegermos um exemplo concreto, vejamos o que afirma Johanna Mittermeier, mestre em Medios, Comunicación y Cultura pela Universitat Autònoma de Barcelona:

[...] podemos resumir que a verdade na pós-modernidade é altamente subjetiva e depende da perspectiva de quem a articula. Isso cria uma atitude de “vale tudo” – uma tolerância, em seu sentido positivo, para com opiniões diferentes, mas também, como consequência negativa, para com “fatos alternativos” [...]. A pós-modernidade, com o enfraquecimento das verdades absolutas, criou condições que favorecem o florescimento dos populismos atuais que, como visto, correm o risco de se tornarem totalitarismos baseados em mentiras<sup>250</sup> (MITTERMEIER, 2017, p. 24-32, tradução nossa).

Permitir-nos-emos agora, de forma um pouco mais detida, uma espécie de antítese, ou meta-crítica, que coloca Derrida como autor central em (auto)defesa da pós-modernidade e sua qualidade filosófica em detrimento à uma leitura rasa e desatenta do que significa verdadeiramente este projeto filosófico. O faremos dado que localizamos na bibliografia prototeórica, como já visto, Derrida como o mais responsabilizado dos autores pós-modernos em relação ao nascimento da pós-verdade. Organizou o filósofo argelino armas para pautas sem lastro de verdade e realidade, recebendo título de “puro relativismo”? Como defende John David Caputo, ao contrário do que afirma Mittermeier, as intenções de Jacques Derrida “estão em provocar não um anti-iluminismo, mas um novo iluminismo, questionando os ‘axiomas e certezas do iluminismo’, mas fazê-lo precisamente a fim de efetuar ‘o que deveria ser o iluminismo do nosso tempo<sup>251</sup>’” (CAPUTO, 1997, 58, tradução nossa).

Ao contrário de seus críticos, Derrida não está argumentando que ‘vale-tudo’, nem está transformando a verdade ao capricho, mas ele está defendendo fortemente uma abertura democrática que deixa nervosos aqueles que se autoproclamam Guardiões da Verdade [...] Ele não está argumentando que nosso discurso não tem significado ou que vale tudo, mas,

---

<sup>250</sup> “[...] podemos resumir que la verdad en la posmodernidad es sumamente subjetiva y depende de la perspectiva de quien la articule. Eso crea una actitud de “todo vale” — una tolerancia, en su sentido positivo, hacia diferentes opiniones, pero también, como consecuencia negativa, hacia “hechos alternativos” [...]. La posmodernidad, con la debilitación de verdades absolutas, ha creado condiciones que favorecen el florecimiento de los populismos actuales que, como visto, tienen el peligro de convertirse en totalitarismos basados en mentiras”.

<sup>251</sup> [...] “his interests lie in provoking not an anti-Enlightenment but a new Enlightenment, in questioning the “axioms and certainties of Enlightenment,” but to do so precisely in order to effect “what should be the Enlightenment of our time”.

pelo contrário, que há muitos significados para que possamos fixar o significado apenas provisoriamente e apenas até agora<sup>252</sup>.

Para Caputo, há um senso de responsabilidade irrestrita na atividade de Derrida, uma vez que “a desconstrução é muito responsável e afirmativa, na verdade a desconstrução é afirmação, responsabilidade, engajamento, que são as pedras de toque de um novo iluminismo<sup>253</sup>” (CAPUTO, 1997, p. 53, tradução nossa). A desconstrução não seria irresponsável ao ponto de ser filosofia de marteladas gratuitas. O novo iluminismo da desconstrução é um fazer-ver. O que causa incômodo, alinha o filósofo italiano, é que a atividade desconstrutiva tem a capacidade de romper silêncios de estruturas antigas e prestigiadas.

Se bem compreendido esse senso de responsabilidade, podemos dizer que a desconstrução se reserva ao direito (*droit*) de fazer qualquer pergunta, de pensar qualquer coisa, de imaginar em voz alta sobre qualquer improbabilidade, para contestar a veracidade de qualquer uma das verdades mais veneráveis<sup>254</sup> (CAPUTO, 1997, p. 51, tradução nossa)

Não há rastro, nas conclusões de Caputo, que nos faça concluir que os juízos desconstrutivistas, descortinando construções históricas, sociais e linguísticas, sejam árbitros supremos sobre o que é verdadeiro e falso. “Em outras palavras, o pensamento desconstrutivo é uma forma de afirmar a alteridade irreduzível do mundo em que estão tentando interpretar — ao contrário do absurdo estupefaciente de que a construção reduz o mundo a palavras sem referência<sup>255</sup>” (CAPUTO, 1997, p. 52, tradução nossa).

O que não parece, de modo algum, produtivo e coerente é afirmar que na suposta “era da pós-verdade” [...] não se possa mais falar em verdade, e que, depois de Nietzsche, “tudo é relativo”. Essa visão se mostra pequena e limitada, pois ignora que, embora as margens sejam fluidas, elas existem, em razão da inscrição do discurso na história, o que delimita condições históricas de produção da(s) verdade(s) (LACERDA; DI RAIMO, 2021, p. 48)

---

<sup>252</sup> “Contrary to his critics, Derrida is not arguing that “anything goes” nor is he turning truth over to caprice, but he is arguing strongly for a democratic open-endedness that makes those who have appointed themselves the Guardians of Truth nervous [...] He is arguing not that our discourse has no meaning or that *anything* goes but, on the contrary, that it has too many meanings so that we can fix meaning only tentatively and only so far”.

<sup>253</sup> “[...] deconstruction *is* being very responsible and affirmative, indeed that deconstruction is affirmation, responsibility, *engagement*, which are the touchstones of a new Enlightenment

<sup>254</sup> “This sense of responsibility being well understood, we may say that deconstruction reserves the *right (droit)* to ask any question, to think any thought, to wonder aloud about any improbability, to impugn the veracity of any of the most venerable verities”.

<sup>255</sup> “In other words, deconstructive thinking is a way of affirming the irreducible alterity of the world we are trying to construe—as opposed to the stupefying nonsense that deconstruction reduces the world to words without reference”.

Toca ser uma bondade ou mesmo uma lisonja sugerir que as audiências pós-verdadeiras e seus interlocutores são conscientemente suportados por uma filosofia verdadeiramente pós-moderna. Ao contrário, o pós-moderno é o Outro a ser combatido. A esta altura, se realizado um corte sociológico da parte dessa ofensiva neoconservadora, se verá um “público masculino reacionário branco e são geralmente direcionados a feministas e ativistas, que, nessa estrutura binária, substituem o outro pós-moderno histórico<sup>256</sup>” (NICHOLLS; OVERELL, 2019, p. 64, tradução nossa).

A não ser que, à guisa de Pluckrose e Risério, consideremos sem pudor e sem nenhum esforço taxonômico as filosofias pós-modernas como nascedouro indubitável de “fascismos identitaristas”. Entretanto, se analisarmos sobre o que produz a pós-verdade, se a comparássemos com os resultados filosóficos e sociológicos que renderam todo um episódio pós-moderno para a cultura, para emancipação de minorias e para o próprio conceito de verdade e sua relação com a ciência, haveria um abismo de diferenças. Não há proposta nos articuladores pós-factuais de nenhuma iluminação. Não há nem novo, nem antigo iluminismo. Há uma proposta de uma falsa consciência esclarecida. Os pós-modernos não estão envolvidos em expedientes combativos obscurantistas.

Se o antigo iluminismo faz tudo girar em torno da razão, o Novo Iluminismo quer saber o motivo da razão, quer assumir a responsabilidade por aquilo que em um determinado ponto da história se autodenomina razão e idade da razão e considerar cuidadosamente o que está sendo declarado “irracional” em nome da razão, em vez de marchar à sua melodia<sup>257</sup> (CAPUTO, 1997, p. 55, tradução nossa).

O resultado de um novo iluminismo não descarta a razão, a verdade ou os fatos. Redefinir ou redescrever não significa dissolver. Esta interpretação espantoso do “pós-moderno” serve a quem deseja enquadrar o fenômeno pós-factual em algum grupo no qual se tenha interesse de depositar a responsabilidade pelo quadro erosivo, tanto ético quanto epistemológico, na produção de comunicação coletiva e nos resultados desastrosos das relações entre política, comunicação social e tecnocracia. O próprio Derrida se posiciona sobre o tema, saindo em defesa da desconstrução em conversação com Alan Montefiore

---

<sup>256</sup> “[...] reactionay white, masculine audience and are usually aimed at feminists and activists, who, in this binary structure, stand-in for the hysterical postmodern other”.

<sup>257</sup> “If the old Enlightenment makes everything turn on "Reason," the New Enlightenment wants to know the reason for reason, wants to take responsibility for what at a specific point in history calls itself reason and the age of reason, and to consider carefully what is being declared "irrational" in the name of reason, instead of simply marching to its tune”.

(2001), na Universidade de Oxford, no Sheldonian Theater, propondo explicar o conceito de desconstrução “livre de jargões”:

Desconstrução não significa para mim, dissolução, o que significa que quando você desconstrói [...] qualquer coisa, você simplesmente não destrói ou dissolve ou cancela a legitimidade do que você está desconstruindo. Nesse caso, desconstruir o sujeito, se é que isso existe, significaria primeiro analisar historicamente e de forma genealógica a formação nas diferentes camadas que construíram o falar o conceito. Cada conceito tem sua própria história [...] A desconstrução do sujeito é, entre outras coisas, a análise genealógica da trajetória pela qual o conceito foi construído, utilizado, legitimado [...] Quando você desconstrói o sujeito você analisa retroativamente o pressuposto por trás dos pressupostos ocultos que estão implícitos no uso filosófico, ética, jurídico e político do conceito<sup>258259</sup> (DERRIDA, 2001, tradução e transcrição nossas).

A desconstrução não operou destruição que desabilitasse alguma natureza humana já posta ou impôs a ideia de que a verdade não existe. Desenvolveu uma análise da “estrutura” eternizada de um sujeito histórico e adicionou novos tijolos ao edifício do que se chama sujeito e do que se chama verdade. Um novo desafio de engenharia que anexou à construção inúmeras humanidades subalternizadas:

Não para descartar a emancipação, mas para que se continue a procurá-la em lugares que foram ignorados pelo antigo iluminismo. Na nova iluminação, as coisas são sempre mais improváveis e complicadas do que as simples oposições favorecidas pelos antigos *Aufklärers*<sup>260</sup> (CAPUTO, 1997, p. 55, tradução nossa)

Fugindo da pecha de irracionalista, Derrida comenta sobre ser a desconstrução um iluminismo moderno, uma renovação histórica das luzes, uma luta por inclusão razoável de vozes, questionando o fundamento que assenta a requisição de quem arrogou o direito de dizer e entender o que é racional. Tal qual a psicanálise, afirma Derrida, a desconstrução não busca um caminho irracionalista, mas ao contrário, a trilha é de um novo racionalismo:

---

<sup>258</sup> FLAME0430. *Jacques Derrida: Section 1*. Youtube, 22 de mai. de 2008. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=7s8SSilNSXw>. Acesso em 01/04/2017.

<sup>259</sup> “Deconstruction doesn't mean to me dissolution, which means that when you deconstruct [...] anything you simply do not destroy or dissolve or cancel the legitimacy of what you're deconstructing. That case deconstructing the subject, if there is such a thing, would mean first to analyze historically in a genealogical way the formation in the different layers which have built the speak the concept. Every concept has its own history [...] Deconstruction of the subject is first, among other things, the genealogical analysis of the trajectory through which the concept has been built, used, legitimized [...] When you deconstruct the subject you analyze older the assumption the hidden assumptions which are implied in the philosophical all the ethical order to juridical, political use of the concept”.

<sup>260</sup> “[...] not to jettison emancipation but to continue to seek it in places that are overlooked by the old Enlightenment. In the new Enlightenment, things are always more unlikely and complicated than the simple oppositions favored by the old *Aufklärers*”.

[...] um racionalismo moderno que tenta incorporar novas disciplinas, novas formas de racionalidade [que passa a ver o sujeito não como] simples consciência, um ego transparente, reflexivo, totalmente presente a si mesmo, então você tem que transformar sua abordagem, você tem que transformar o próprio conceito de razão e para mim a psicanálise não é irracional, é um novo componente da racionalidade moderna [...] Quando as pessoas se vantam e dizem “bem, você é um irracionalista, você está simplesmente ameaçando a razão...” Não! Ao contrário. Acho que é em nome de um novo racionalismo [...] Claro que não aceito a acusação de irracionalista<sup>261262</sup> (DERRIDA, 2001, transcrição e tradução nossas).

Por isso, é uma visão demasiado rasa aquela na qual a desconstrução carrega a marca irracionalista, no mau sentido do termo, o que se encaixaria perfeitamente à pós-verdade, igualmente irracional. Nem a desconstrução, nem a pós-verdade são meros apelos ao irracional. Ambas são modelos de racionalidade. Sendo os tempos outros, não será também a racionalidade supostamente submetida ao “espírito do tempo”? Sobre essa acusação, Derrida também se posicionou.

Pessoas que dizem que a desconstrução está minando a racionalidade... Primeiro: eles não lêem. Segundo: referem-se a um certo estado, a um certo conjunto de saberes a que chamam razão, racionalidade. E da mesma forma que o sujeito tem uma história, a razão tem uma história. Nosso racionalismo hoje não pode ser o mesmo que o racionalismo, digamos, por exemplo, do Séc. XVIII, quando o conceito de revolução dos direitos do homem e Declaração dos Direitos Universais foram estabelecidos pela primeira vez<sup>263264</sup> (DERRIDA, 2001, transcrição e tradução nossas).

A desconstrução é também uma atividade política, uma luta que visa a democracia por vir, pois não aceita a democracia cujos moldes em falência não produzem inclusão de vozes verdadeiramente injustiçadas do ponto de vista epistêmico. Uma abertura para o futuro e uma abertura para o outro, pode isto ser a base de pautas identitárias emancipatórias. Não se trata de reconstruir, trata-se de mudar a partir de uma compreensão estrutural de como foi construído o edifício, tijolo a tijolo.

---

<sup>261</sup> “[...] a modern rationalism which tries to incorporate new disciplines, new forms of rationality [...] simple conscience, a transparent ego, reflexive ego, totally present to itself, then you have to transform your approach, you have to transform the very concept of reason and to me psychoanalysis is not irrational, it's a new component of modern rationality [...] When people stand out and say “well you are an irrationalist, you are simply threatening reason...” No! The contrary. I think that it's in the name in the name of a new rationalism [...]. I don't accept of course the charge of irrationalist”.

<sup>262</sup> FLAME0430. *Jacques Derrida*: Section 3. Youtube, 22 de mai. de 2008. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=0B-gzOOLzJk>. Acesso em 01/04/2017.

<sup>263</sup> Idem.

<sup>264</sup> “People who say that deconstruction is undermining rationality... First: they don't read. Second: they refer to a certain state, a certain set of knowns they called reason, rationality. And in the same way that the subject has a history, reason has a history. Our rationalism today cannot be the same as rationalism, let's say for instance in the 18<sup>th</sup> century, when the concept of the rights of men revolution and Declaration of Universal Rights has been for the first time established”.

A pós-verdade, como se apresenta, é, por outro lado, a negação da história. A pregação pós-moderna desconstrutivista é, portanto, o oposto à negação da história. Há um paradoxo. Para Derrida, a desconstrução não deve ser lida como reconstrução porque desconstruir é construir, adicionar algo novo. A pós-verdade é justamente o que eclipsa a democracia. Desconstrução não é mera destruição irrealista do real, autorizando conclusões que caducam e putrefazem o estatuto epistemológico da verdade. Como afirma Judith Butler em *Feminism and the Question of Postmodernism*:

Não sei o que é pós-modernismo, mas tenho alguma noção do que pode significar submeter as noções de corpo e materialidade a uma crítica desconstrutiva. Desconstruir o conceito de matéria ou de corpos não é negar ou recusar nenhum dos termos. Desconstruir esses termos significa, antes, continuar a usá-los, repeti-los, repeti-los subversivamente e deslocá-los dos contextos em que foram utilizados como instrumentos de poder opressor<sup>265</sup> (BUTLER, 1992, p. 17, tradução nossa).

O objetivo de pensadores como Derrida é desenvolver uma análise da “estrutura” eternizada de um sujeito histórico, oferecendo, como já se disse, novos tijolos ao edifício do que se chama sujeito e do que se chama verdade. Um novo desafio de engenharia que anexou à construção inúmeras humanidades subalternizadas. A pós-verdade, por seu turno, na figura de fatos alternativos, impetrados tanto por operadores políticos, presidentes e secretários, quanto cidadãos *standard*, é uma atividade epistemofóbica por excelência; é uma esforço de remoção ou mesmo interdição destes novos tijolos sem a mínima habilidade de engenharia, no desejo de estabelecer visões políticas ou morais à base de qualquer verdade sem fundamento, ancoradas na emocionalização das massas, relativizando violência, regressão e indecência na vida coletiva.

Todas as chamadas pautas identitárias têm um esforço intelectualmente responsável subjacente. Repetimos: nossa tese discorda da analogia entre pós-verdade e pós-modernidade, e consideramos que esta seria até uma lisonja, se analisarmos com profundidade, o proceder reacionário da pós-verdade. A pós-verdade não constrói ou reconcilia nada. Ao contrário, trabalha por reconstruir a vitalidade de pautas regressivas e conciliar interesses de grupos claramente violentos do ponto de vista da alteridade. É um movimento de esterilização do pensamento a golpes de tecnologia, cinismo e risos histéricos.

---

<sup>265</sup> “I don't know what postmodernism is, but I do have some sense of what it might mean to subject notions of the body and materiality to a deconstructive critique. To deconstruct the concept of matter or that of bodies is not to negate or refuse either term. To deconstruct these terms means, rather, to continue to use them, to repeat them, to repeat them subversively, and to displace them from the contexts in which they have been deployed as instruments of oppressive power”.

Ao contrário do pós-modernismo, pós-colonialismo, pós-cristianismo, filosofia da ciência pós-kuhniana ou qualquer outra coisa, a pós-verdade (até onde posso ver) não é algo sobre o qual pessoas razoáveis possam discordar; é um mal-estar que precisa ser diagnosticado e jogado na lata de lixo da história, não uma nova forma de pensar “polêmica” que precisa ser criteriosamente examinada “pelos dois lados”. E isso significa que o sangue-frio intelectual necessário para fazer uma boa filosofia é facilmente comprometido neste tópico<sup>266</sup> (MIGOTTI, 2018, p. 178, tradução nossa).

Não é nova a acusação de que a desconstrução, em hipótese excessivamente pregadora de relativismo e apologeta da multiplicidade infinita de interpretações, pode ser arma intelectual apropriada por movimentos que tenham intenções deletérias. Essa preocupação está exposta, por exemplo, no texto *História da Mentira*, no qual Derrida afirma que “é verdade também que as mesmas novas problemáticas (do tipo pragmático-desconstrutivo) podem servir a interesses contraditórios” (DERRIDA, 1996, p. 26). O exercício de certo ceticismo como método de crítica não é novidade e nem uma aberração na história da filosofia. Como conclui Stuart Sim em *Post-Truth, Scepticism & Power*:

O objetivo do ceticismo é levantar dúvidas em sua mente com relação a coisas que você toma como certas (e Derrida claramente consegue fazer isso em seu modo conscientemente iconoclasta), não para sancionar a introdução de fatos alternativos porque a verdade é relativa<sup>267</sup> (SIM, 2019, p. 119, tradução nossa).

Em palestra à Universidade de Witwatersrand, na Escola de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais, Joanesburgo, em 1998, Derrida se deparou com um questionamento vindo da platéia, associando o hipotético relativismo desconstrucionista à justificação de violações aos direitos humanos ocorridas durante o período do Apartheid. A argumentação girou em torno da afirmação de que os agentes do Apartheid “adotaram a desconstrução” para defender seus pontos de vista que minimizavam crimes de violência durante a Comissão da Verdade<sup>268</sup> daquele país, ocorrida em 1995, “recusando fornecer qualquer tipo de evidência sobre o que eles autorizaram e o que de fato eles foram

---

<sup>266</sup> “Unlike postmodernism, postcolonialism, post-Christianity, post-Kuhnian philosophy of science, or whatever, post-truth (as far as I can see) isn’t something about which reasonable people can disagree; it’s a malaise that needs to be diagnosed and deposited in the dustbin of history, not a new “controversial” way of thinking that needs to be judiciously examined “from both sides.” And this means that the intellectual sangfroid needed to do good philosophy is easily compromised on this topic”.

<sup>267</sup> “The point of skepticism is to raise doubts in your mind with regard to things that you take for granted (and Derrida clearly succeeds in doing that in his self-consciously iconoclastic way), not to sanction the introduction of alternative facts because truth is relative”.

<sup>268</sup> The South African Truth and Reconciliation Commission (TRC).

responsáveis<sup>269</sup>” (JOHNSON, 1998). Derrida, ironicamente, questiona: “é isso que eles chamavam de desconstrução?”.

Aqui está um exemplo de uma interpretação problemática [...] Interpretar a desconstrução como relativismo, multiplicidade de interpretações e assim por diante... A desconstrução, se é que existe tal coisa, não é relativista e não consiste simplesmente em aceitar a multiplicação de interpretações e o pensamento tomado como uma espécie de multiplicidade de interpretações [...] muitas outras filosofias ou movimentos consideraram uma possível multiplicidade de interpretações. Portanto, não reconheço a desconstrução nesta imagem, mas agora é interessante que algumas pessoas, em qualquer lugar, digam, assim que alguém abusa ou explora estrategicamente de tal relativismo e tal multiplicidade de interpretação possível, logo isso é responsabilidade da desconstrução ou dos desconstrutivistas [...] Eu gostaria de testemunhar [...] e reclamar dessa injustiça [...] **Todos podem utilizar um estilo desconstrutivo e fazer disso uma arma**<sup>270271</sup> (DERRIDA, 1998, grifo nosso, tradução e transcrição nossas).

É falacioso, para não dizer uma chicana, enquadrar a desconstrução como proposição de mero relativismo factual ou epistêmico, quiçá mecanismo retórico de fixação de mentiras de qualquer ordem. Ao contrário, “em um mundo onde os legisladores ainda apelam ao bom senso para promover políticas regressivas, a crítica continua sendo uma ferramenta importante para quem busca superar o *status quo*<sup>272273</sup>” (WILLIAMS, 2017, tradução nossa). Segundo a leitura de Peter Salmon, autor de *An Event, Perhaps: A Biography of Jacques Derrida*, de 2020, “em nenhum sentido ele diz que a verdade é relativa, ao contrário, é construída e existe em registros e sistemas diferentes<sup>274</sup>” (SALMON, 2020, transcrição e tradução nossas). A crítica da verdade é uma crítica ao poder. “Acusar o pós-modernismo de relativismo é tentar colocar uma metanarrativa na boca do pós-moderno” (RORTY, 1983, p. 589).

<sup>269</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c4ewDoorXTM> Acesso em: 22 dez. 2021.

<sup>270</sup> JOHNSON, Marc. *Jacques Derrida: Archive Fever in South Africa, August 1998*. Youtube, 27 de jun. de 2021. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=c4ewDoorXTM> acesso em 22.12.2021.

<sup>271</sup> “Here is one example of a problematic interpretation [...] Interpreting deconstruction as relativism, multiplicity of interpretation and so on so forth... Deconstruction, if there is such a thing, is not relativistic and it's not simply consistently in taking in multiplying interpretations and thinking taking kind of multiplicity of interpretation [...] many other philosophies or movements have taken into account the possible multiplicity of interpretation. So I don't recognize the deconstruction in this picture, but now it is interesting that some people anywhere say well as soon as someone abuses or strategically exploits such relativism and such multiplicity of possible interpretation then that's deconstruction or deconstructivists are responsible for that [...]. I would like to testify [...] and complain about this injustice [...] Everyone can use a deconstructive style and make it a weapon.”

<sup>272</sup> “[...] in a world where lawmakers still appeal to common sense to promote regressive policies, critique remains an important tool for anyone seeking to move past the *status quo*”.

<sup>273</sup> Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/04/17/opinion/has-trump-stolen-philosophys-critical-tools.html> 13/04/18.

<sup>274</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y0koouWHRTI> Acesso em: 28 jan. 2021.

De todas as acusações, a que mais parecia doer era a noção de que seu pensamento era relativista, vale tudo e, portanto, nihilista. “Desconstrução”, ele reiterou em *Mémoires: Para Paul de Man*, “é tudo menos um nihilismo ou um ceticismo. Por que ainda se pode ler essa afirmação apesar de tantos textos que, explicitamente, tematicamente e por mais de vinte anos, vêm demonstrando o contrário?” O nihilismo é uma afirmação ontológica de que não há verdade. A desconstrução não tem opinião sobre isso [...] O que ela diz é que não podemos saber se existe verdade ou não, o que é uma afirmação epistemológica. Portanto, qualquer afirmação de que existe verdade é improvável e, portanto, qualquer verdade que seja oferecida deve ser analisada pelas razões pelas quais está sendo oferecida<sup>275</sup> (SALMON, 2020, p. 180, tradução nossa).

Por fim, temos na figura da pós-verdade um falso contrário necessário da pós-modernidade, uma reação regressiva, na medida em que os esforços filosóficos pós-modernos vêm sendo ao longo de décadas precisamente alertas de que não há “fatos alternativos”, mas que há alternativas às ilusões de verdades inquestionáveis que, sub-repticiamente, sustentam estruturas de poder que “proporcionam as condições para mobilizar o significante a serviço de uma produção alternativa<sup>276</sup>” (BUTLER, 1992, p. 17, tradução nossa).

O espaço para críticas às atitudes relativistas pós-modernas é bastante largo e necessário, mas a sua equiparação ao espaço do negacionista cínico violenta a atividade filosófica de interpretação e contestação de fatos. Fato alternativo é um articulador conceitual de violência governamental, desfaçatez empresarial e mentira estatal.

Havendo sem dúvida uma verdade factual, não é estranho considerar que esta não chegue invariável e intacta aos equipamentos sapienciais de todo e qualquer ser humano, seja por capacidade ou vontade de verdade.

Os relativistas estão, portanto, errados em negar a existência de uma verdade factual, mas estão certos no sentido que, embora exista, essa verdade factual não é acessível se não através de um exercício de interpretação. Ora, toda interpretação dá lugar a desacordos<sup>277</sup> (CERVERA-MARZAL, 2019, p. 17, tradução nossa).

---

<sup>275</sup> “Of all the accusations, what seemed to sting most of all was the notion that his thinking was relativist, anything goes, and thus nihilistic. “Deconstruction”, he had reiterated in *Memoires: For Paul de Man*, “is anything but a nihilism or a skepticism. Why can one still read this claim despite so many texts that, explicitly, thematically and for more than twenty years have been demonstrating the opposite?” Nihilism is an ontological claim that there is no truth. Deconstruction has no opinion on this [...] What it does say is that we cannot know whether there is truth or not, which is an epistemological claim. So any assertion that there is truth is unprovable, and therefore whatever truth is offered should be analyzed for the reasons why it is being offered”.

<sup>276</sup> “[...] provides the conditions to *mobilize* the signifier in the service of an alternative production”.

<sup>277</sup> “Les relativistes ont donc tort de nier l’existence d’une vérité factuelle, mais ils ont raison au sens où, bien qu’elle existe, cette vérité factuelle n’est accessible qu’à travers un exercice d’interprétation. Or toute interprétation donne lieu à des désaccords”.

A pós-verdade não é “inspirada pelo pós-modernismo, mas é, em vez disso, um testemunho da perspicácia de pelo menos alguns dos pensadores pós-modernistas que foram capazes de prever algo semelhante à condição pós-verdadeira décadas atrás<sup>278</sup>” (KALPOKAS, 2019, p. 104, tradução nossa). A pós-verdade não é filha da pós-modernidade. Há uma luta por imposição de visões de mundo sem lastro factual. “Os fatos têm uma só verdade. Mas os humanos lutam para estabelecer essa verdade e sua luta é irremediável<sup>279</sup>” (CERVERA-MARZAL, 2019, p. 17, tradução nossa).

---

<sup>278</sup> “[...] inspired by postmodernism but is, instead, a testament to the insightfulness of at least some of the postmodernist thinkers who have been able to predict something akin to the post-truth condition decades ago”.

<sup>279</sup> “Les faits ont une unique vérité. Mais les humains se battent pour établir cette vérité et leur lutte est irrémédiable”.

**4**

**PÓS-VERDADE COMO PROBLEMA (PSICO)POLÍTICO: O  
CINISMO COMICRÁTICO**

#### 4.1 PÓS-VERDADE E PSICOPOLÍTICA

*No projeto da modernidade de desenvolver a massa como sujeito, acumulam-se, tanto quanto pudermos entender, material explosivo psicopolítico e facilmente inflamável. Ele pode detonar por meio de faíscas tanto de cima como de baixo*<sup>280</sup> (Peter Sloterdijk).

*O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso*<sup>281</sup> (Michel Foucault).

Às temáticas vistas até agora, adicionaríamos a urgência de se caminhar novamente por sobre a via dos afetos, sobretudo em um momento do mundo em que afecção e política parecem nós muito difíceis de desatar. A pós-verdade: fábrica de tempestades emocionais coletivas e manejo técnico e tecnológico das emoções políticas. Claro cenário de animosidades e ódios ininterruptos e de incessantes risadas histéricas: névoa que oblitera as clássicas disputas pelo poder, neo-maquíagens do cinismo, tangendo cabeças afetadas por vigilância, narcose lúdica e supermediatização. Entre as tonalidades afetivas mais presentes no quadro pós-factual, destacaremos o abuso do humor e o excesso de ironismo cínico.

Tal investimento afetivo é de particular importância quando se tenta entender a prevalência e o sucesso das reivindicações pós-verdadeiras: o que realmente importa não é uma ideia intelectual de uma relação mais adequadamente verificável com fatos mensuráveis, mas um prazer muito mais visceral de uma fantasia de plenitude, cuja impossibilidade é ocultada pelo prazer<sup>282</sup> (KALPOKAS, 2019, página, tradução nossa).

Abordar a questão desde um ponto de vista psicopolítico não nos leva necessariamente a propor classificações clínicas, meramente psicologistas ou manicomiais/patologistas, “longe

---

<sup>280</sup> SLOTERDIJK, Peter. *O Desprezo das Massas: ensaio sobre lutas culturais na sociedade moderna*. São Paulo: Estação Liberdade, 2016. p 37.

<sup>281</sup> FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984. p. 8.

<sup>282</sup> “Such affective investment is of particular importance when attempting to understand the prevalence and the success of post-truth claims: what really matters is not some high-brow idea of a more adequately verifiable relationship with measurable facts but a much more visceral enjoyment of a fantasy of fullness, the impossibility of which is hidden by the pleasure”.

de psicologizar os poderes políticos, a psicopolítica trata da ecologia e economia de energias ou afetos que se articulam apenas em nível coletivo<sup>283</sup>” (VAN TUINEN, 2012, p. 37, tradução nossa). O entendimento de energias subjetivas serve à construção de pontes de diálogo e de possíveis interdições contra atentados intelectuais e pragmáticos contra a vida comum. “A política sempre encontrou na base psicológica das massas ou na subjetividade uma forte aliada, em alguns casos, sua principal aliada” (CLEDIONE; STERZA, 2018, p. 153).

Geralmente não estamos acostumados a relacionar o conceito de uma era às circunstâncias psicológicas. Isso é compreensível, dado que nossa atenção histórica é sobretudo dirigida para eventos e forças que moldaram a época em termos políticos, religiosos e artísticos, embora quase nunca contemple os fatores psíquicos da condição humana numa luz evolucionária. Mas toda história humana também é sempre naturalmente a história de circunstâncias de animização<sup>284</sup> (SLOTERDIJK, 2017, p. 307, tradução nossa).

Como se pode pensar a questão, desde a filosofia, com espírito crítico, na intenção de entendimento de estabilização emocional dos cenários democráticos que conta agora com este novo ator, o pós-truísta? E mais: qual o “tônus psicopolítico das coletividades irritadas no Ocidente” (SLOTERDIJK, 2012, p. 283)? Num contexto de hipermodernidade, de hipertecnologização das relações, da hipertrofia lúdica, do esvaziamento do espaço público ou do próprio declínio do homem público, da humorização e ironização das condutas, da hiperindividualidade narcísica, do sujeito preponderantemente hedonista cognitivo, das alergias atuais à verdade e ao real, torna-se natural que as emoções e as crenças — de fato amalgamadas pelo individualismo — sejam tomadas seriamente como fonte de conhecimento e decidam, de forma orquestrada, os futuros políticos das grandes democracias.

A psicopolítica fundamentada en la posverdad se vuelca sobre las emociones, representan un medio eficiente para el control del individuo y para influir en este y sus acciones desde un nivel prerreflexivo [...]. La psicopolítica digital es entonces capaz de adueñarse de la voluntad de individuos aislados que constituyen una masa teledirigida que, a pesar de creerse racional, termina actuando de una forma que escapa a su propia conciencia. (LOMELÍ PONCE, 2019, p. 361, TRADUÇÃO).

---

<sup>283</sup> “far from psychologizing political powers, psychopolitics deals with the ecology and economy of energies or affects that are articulated only on a collective level”.

<sup>284</sup> “We are not generally accustomed to relate the concept of an era to psychological circumstances. This is understandable, because our historical attention is above all directed to events and forces that have shaped the epoch in political, religious, and artistic terms, while we hardly ever contemplate the psychological factors of the human condition in an evolutionary light. But all human history is naturally always also the history of circumstances of ensoulment”.

Logo, criticar e ao menos reoperar uma atualização crítica dos afetos é atividade urgente do ponto de vista político, *locus* imediato dessas afetações: urnas e governos, fabricação de consenso em terreno de opinião pública, manobras coletivas no mundo a partir de retórica e emoções. A maior parte das análises acerca da pós-verdade tratam das motivações e procedimentos técnicos, tecnológicos e midiáticos dos atores pós-verdadeiros. E, de fato, como já a bordamos, essa é uma parcela importante do entendimento da questão, pois a tecnologia serve a uma “autêntica usina de narrativas polarizadoras, cuja finalidade é gerar inimigos em série, a fim de manter as massas digitais em permanente estado de mobilização” (CASTRO ROCHA, ano).

No entanto, há uma aparente necessidade de inquirir as razões pelas quais milhões de pessoas não só produzem e consomem informação pós-verdadeira como também dialogam com elas, as satirizam, as utilizam para confirmação de crenças prévias ou refutação política e ironizam todas as tentativas de contestação fáctica dos produtos pós-veritativos que anexam aos seus repertórios sapienciais.

As emoções são a matéria-prima para construção de um tipo de verdade que prescinde de qualquer referencialidade a um fato ou a alguma constatação objetiva ou externa à versão ou à narrativa. Esse tipo de verdade, constituído como simulacro, forjado pelos meios de *simulação*, ancorados nas emoções, diferente da tradicional mentira, baseada em mecanismos de *dissimulação*. (CLEDIONE; STERZA 2018, p. 160).

Do ponto de vista psicológico, a via aparentemente mais fácil é apontar a atitudes pós-factuais como irracionais. Operando desta forma, se “supõe que alguém se coloca, com evidência, ao lado da razão<sup>285</sup>” (ESQUERRE, 2018, p. 58, tradução nossa). Como veremos a partir de agora, apesar da proeminência comportamental pós-factual estar vinculada, sobretudo, aos comportamentos tecnopopulistas da direita, há motivos para que questionemos que outras visões políticas aceitem as regras do jogo e não haja uma verdadeira ruptura em relação ao esquema pós-veritativo.

Passemos, portanto, a realizar nossa própria digressão ao tratar a questão da pós-verdade desde um ponto de vista psicopolítico, na qual a principal das principais tonalidades afetivas é o ressentimento, pois “aos populistas basta identificar o outro. E sempre o que une esses grupos é o ressentimento, a sensação de que são vítimas de uma injustiça, de que um outro grupo é protegido pelas elites e recebe mais do que merece.” (CAMPOS MELLO, 2020, p. 73-74). Precisamente por esse ressentimento vitimista que vislumbramos a possibilidade da

---

<sup>285</sup> “[...] suppose qu'on se place soi-même, avec évidence, du côté de la raison”.

nossa tese, de base psicopolítica, desvelar também um problema de justiça, mais especificamente de injustiça epistêmica. “O problema da cultura pública hoje, no entanto, é que ela se baseia em um duplo vínculo: não poderia funcionar sem os meios de comunicação de massa, mas estes têm facilitado cada vez mais uma proliferação inebriante e autoenganosa do ressentimento<sup>286</sup>” (VAN TUINEN, 2012, página, tradução nossa).

Há, portanto, nas massas pós-verdadeiras, uma reação conservadora, regressiva, ressentida, midiaticamente aparelhada, que ataca a esquerda identitária, também em contexto de ressentimento, hipoteticamente com as mesmas armas e procedimentos das escolas pós-modernas. Mas, veremos, a apropriação desse aparato intelectual é cínica, assim como a contrarresposta é excessivamente ironista. Assim, “a transformação de emoções iradas em ‘política construtiva’ pode ser considerada aí em qualquer *front* como o *magnum opus* da psicopolítica” (SLOTERDIJK, 2012, p. 179-180).

Décadas de políticas identitárias da esquerda colaboram para esse sentimento. Nos Estados Unidos, por exemplo, críticos apontavam que os democratas passavam tempo demais discutindo banheiros para pessoas transgênero ou anistia de imigrantes ilegais, e não falavam muito sobre aumentar o salário mínimo nos estados americanos. Com os grupos de WhatsApp e o Facebook, pela primeira vez eleitores antes tachados de racistas ignorantes e homofóbicos recebiam notícias com que concordavam e podiam exprimir suas opiniões, sem temer sermões politicamente corretos. (CAMPOS MELLO, 2020, p. 74).

Os sujeitos pós-factuais são, generalizadamente, cínicos e ironistas e “para compreender a sociedade contemporânea, é necessário levar em conta o caráter cínico de seu funcionamento” (DI NIZO; SIQUEIRA BALDINI, 2015, p. 141). A conjuntura veritafóbica, cínica e ironista, desemboca na substituição da “argumentação racional [pela] simples submissão do outro ao meu sistema de crenças através da mobilização de afetos” (SAFATLE, 2017, p. 135). Como questiona Tales Ab’Sáber no artigo “Ilusão, Convicção e Mentira: psicoplítica da pós-verdade”:

Como explicar que pessoas alucinem assim, muitas vezes contra os próprios interesses de classe? Essas são questões que psicanalistas devem formular e se fazer. Não basta dizer que existe uma potência alucinatória da própria realidade psíquica. Isso está na esfera do que os psicanalistas chamam de estruturas esquizoparanoides de construção de paranoia, e ela é um mundo em conflito total, no qual existe o inimigo absoluto contra alguém que é inteiramente puro, perfeitamente bom. O outro é completamente mal, de modo que tudo justifica o ataque total ao inimigo, até as raízes do próprio

---

<sup>286</sup> “The problem of public culture today, however, is that it is based on a double bind: it couldn't function without mass media, yet the latter have increasingly facilitated an intoxicating and self-deceptive proliferation of resentment”.

delírio, porque esse inimigo, tudo o que existe, coloca o paranoico em risco. Goebbels dizia, como conhecimento de causa a esse respeito, que, para fazer um povo lutar, deve-se convencê-lo de que ele está sendo atacado. (AB’SÁBER, 2021, p. 55).

As análises do professor Ab’Sáber (2016), psico-analista do golpe de estado no Brasil<sup>287</sup> entre 2015 e 2016, merecem destaque. Analisando o contexto nacional, afirma que a guinada à direita se deu não pelo número de asseclas conclamantes por pautas regressivas como intervenção militar, mas pela eficiência de produção de discurso, posicionamento emocional, “uma escalada excitada dos sentidos” (AB’SÁBER, 2021, p. 50), uma concepção de mundo e de energias políticas. Para fazer a psicopolítica desse acontecimento pós-factual em contexto brasileiro, segundo Ab’Sáber, é preciso primeiro responder a questões cruciais. “Como esses sujeitos reanimados e politicamente produtivos da extrema direita brasileira veem o mundo? Qual é a cosmologia política que orienta a atividade agressiva e estúpida dos fascistas comuns brasileiros?” (AB’SÁBER, 2021, p. 47).

Como vimos na parte dois desta tese, sem dúvidas o suporte do problema pós-factual é a tecnologia, o ambiente que reanima a infecção, mas, antes que se pudesse testemunhar a chegada do primeiro computador doméstico num país como o Brasil, por exemplo, o discurso conservador e apologeta da ditadura seguia oculto, partilhado apenas por pares, psicologicamente incubado, de olho em sua herança internacional e sem programas efetivos de sublimação ou profilaxia. Como bem observa Sloterdijk, ao fascismo “confluem dinâmicas tipicamente modernas de autoafirmação regressiva. De medo de desagregação psicocultural e de frieza racional neo-objetiva com uma venerável corrente de cinismo soldadesco” (SLOTERDIJK, 2012, p. 37, tradução nossa). O recalcado retorna através:

[d]as novas organizações de comunicação em escala industrial, massivas, que têm articulações globalizadas e serviram para reativar a presença pública de uma direita que [...] estava afastada [e] voltou fundamentalmente pela Internet. Ela voltou porque a democracia não fez a crítica, a elaboração e a cobrança histórica da atuação da própria direita no período ditatorial e, com isso, permitiu que as pessoas atravessassem todo o processo democrático mantendo suas convicções fixas de desrespeito pela própria democracia [...]. Estamos diante do que os psicanalistas chamam de retorno do recalcado [...]. Não existe democracia preservando o fascismo e seus representantes. (AB’SÁBER, 2021, p. 47).

Mas o processo alucinatório pós-factual tem sua característica própria, e nisso reforçamos o fato de que a tecnologia e a mentira pura e simples não dão conta de explicar o

---

<sup>287</sup> Cf. AB’SÁBER, Tales. *Michel Temer e o Fascismo Comum*. São Paulo: Hedra, 2020.

fenômeno. “Nos vemos ameaçados pela ascensão de uma democracia ilusória<sup>288</sup>” (FISH, 2016, p. 212, tradução nossa). A confusão geral consiste em ser possível detectar, junto a todo processo político tecno-ilusório, alguma base concreta no processo de falsificação de todo o resto do discurso e das requisições narrativas pós-fáticas.

No caso brasileiro, por exemplo, o dado concreto na boca do pós-truísta é o fato de que as instituições nacionais sempre tiveram de lidar com o problema da corrupção. Há uma evocação catatônica da corrupção hipoteticamente perpetrada por um único partido político. Há, portanto, na ponta da língua do brasileiro pós-factual reativo de direita uma verdade histórica que, por sua força, sustenta todo o resto do relato, a despeito do seu caráter alucinatório complotista, plantando consenso ao redor de um inimigo comum.

Quando não há base factual minimamente razoável, mesmo que para partir de uma má-fé interpretativa, resta o apelo retórico, os exageros hiperbólicos e a provocação do *pathos*. É o que observa Bruce McComiskey analisando o *pathos* pós-factual quando trata das conspirações trumpistas em relação à presença de mexicanos nos Estados Unidos: “para um público que já nutre ressentimento nacionalista pela abertura democrática à imigração, esses exageros parecem corretos<sup>289</sup>” (MCCOMISKEY, 2017, p. 31, tradução nossa).

No caso do ex-presidente norte-americano, a metodologia consistia em dissimular fatos, apresentar informações constantemente em contradição, cultivar xenofobia como patriotismo e promover tempestades afetivas como se fora um expediente racional: *pathos* como *lógos*. “As emoções que emergem da personalidade de Trump, como a raiva, ressoam em um certo público ultraconservador nos EUA<sup>290</sup>” (MCCOMISKEY, 2017, p. 28).

A pós-verdade é um processo de homeopatia, no qual uma parcela inicial de verdades factuais é diluída em doses substancialmente maiores de mentiras estratégicas ou absurdos escalafobéticos emocionantes que, inoculados em bolhas informativas, resultam em intensidades com pouco, nenhum ou quase nenhum lastro de verdade.

O que é pós-verdade? Por que não falamos simplesmente de mentiras? É preciso compreender que retiramos a energia crítica do conceito ao enunciarmos assim. Chamar as mentiras de *fake-news* ou pós-verdade é um modo de legitimar a mentira política como se ela fosse outra coisa. Chamá-la assim é agir como se a verdade histórica não existisse [...]. Não há interesse

<sup>288</sup> “We find ourselves threatened by the rise of illusory democracy”.

<sup>289</sup> “for an audience that already harbors nationalistic resentment at democratic openness toward immigration, these exaggerations sound about right”.

<sup>290</sup> “The emotions that emerge from Trump’s personality, such as anger, resonate with a certain ultra-conservative audience in the US”.

na história, ela está sendo desconstruída e a única ação nesse sentido que importa é agregar força humana e desejo ao próprio sistema de referências, numa grande rede de mentiras. (AB'SÁBER, 2021, p. 53).

Propomos aqui que a pós-verdade não é meramente um movimento coletivo aleatório de irracionalização das subjetividades. “Por mais estranho que pareça, o delírio funciona de modo organizado, como uma teoria. Do mais simples delírio particular ao mais complexo delírio coletivo, há uma estranha organização, uma lógica interna” (TIBURI, 2019, p. 25).

[...] por mais improvável que seja o conteúdo do delírio, ele tem o valor de uma verdade para quem a ele se apegam [...]. À medida que avançamos na pós-verdade, é provável que perspectivas e posições delirantes avancem mais e mais. Teorias que valiam como verdades em um passado remoto, anterior às comprovações científicas consensuais, voltam a valer hoje. O que autoriza multidões inteiras a se entregarem de corpo e alma a ideias absurdas tais como a famosa teoria da “Terra plana”? Certamente o fato de que não veem como absurdo aquilo que defendem. (TIBURI, 2019, p. 25).

Ao contrário, há uma organização clara da vida emocional, que resulta num modelo de racionalidade que enquadra a realidade numa visada psico-politicamente compreensiva e que se alastra com força de epidemia: “uma construção política realizada sistematicamente [...] a partir do superdimensionamento do fator emocional, de uma expressão exacerbada da dimensão afetivo-identitária<sup>291</sup>” (FERNÁNDEZ-MONTESINOS, 2018, p. 54). Há motivos bastante claros para essa realidade psíquica regressiva e de estruturas emocionais arcaicas. (AB'SÁBER, 2021) reativadas por um processo de crise política, social e econômica. No caso brasileiro, a “ameaça comunista”, a paranoia anticomunista e, mais uma vez, a necessidade de fazer antítese aos inimigos identitários e progressistas.

Foi preciso reinventar esse inimigo [...] um governo que roubava para fazer a revolução comunista iminente [...]. Então relançaram a paranoia em outros termos: a guerra cultural. O comunista passou a ser o artista pedófilo [...] o professor crítico [...] o artista crítico [...] e se iniciou um ataque geral à cultura. A própria cultura democrática seria, então, o novo comunismo [...]. Uma saída genial do espírito da paranoia: como tudo é cultura, ter a cultura por inimigo é perpetuar a força da própria persecutoriedade. Tudo é cultura, tudo é comunismo. (AB'SÁBER, 2021, p. 56).

Como sugerimos no início deste escrito, a pós-verdade se parece com a tecnogiversação afetiva veritafóbica do real, modelo bem aceito pelos sujeitos contemporâneos, doxofílicos, parodistas, apegados à crença cínica e ao fingimento lúdico. A esse sujeito pós-factual, integrante da opinião pública, resta, então, na profundidade do seu cinismo ironista,

---

<sup>291</sup> “[...] una construcción política realizada sistemáticamente [...] desde el sobredimensionamiento del factor emocional, a partir de una expresión exacerbada de la dimensión emocional-identitaria”.

uma abstenção voluntária diante de qualquer revelação factual de alguma verdade (fato) que não se encaixe no seu horizonte de espontâneo autoengano sociopolítico. Em termos políticos, aliás, já observara Maquiavel, em 1513, que “os homens são tão simplórios e obedientes às necessidades imediatas que aquele que engana sempre encontrará quem se deixe enganar” (MAQUIAVEL, 2010, p. 105).

Esta é a marca psicopolítica central — talvez não tão nova — da pós-verdade, à qual se poderá anexar aos tradicionais focos de manipulação, fabricação de consenso e agnotologia. Mesmo em meio a abundantes fontes de informação, os homens e mulheres pós-factuais são capazes de sustentar uma capacidade de pensar como *aufklärer* e agir e deliberar como falsa consciência esclarecida. Enganam-se, enganam e se riem dessa desinibição. Bem como ponderou Hannah Arendt em *Verdade e Política*, “em condições plenamente democráticas, um engano sem engano de si próprio é quase impossível” (ARENDR, 1967, p. 22).

Propor uma interpretação psicopolítica da pós-verdade, a partir do manejo dos afetos cínicos e humorísticos em ambiente hipertecnológico, nos conduz imediatamente a um entendimento de sociedade que apreende a psique como maior força produtiva, cujas atividades principais passam a ser envolvidas por elementos imateriais e incorpóreos.

A psicopolítica só foi possível graças à sociedade digital. O psicopoder não está interessado em silêncios ou proibições disciplinares [...]. Trata-se de uma nova modalidade da sociedade de controle, em que a comunicação e o sujeito digitalizado são as peças que fazem a roda gerar, na qual a vigilância é delegada a todos os indivíduos. (ABREU, 2020, p. 93-94).

Uma sociedade que, em suma, vive de aperfeiçoar processos psíquicos e mentais, mixando indiscernivelmente emoção e conhecimento. Ademais, políticas de excitação precisam de sujeitos eleitores que celebrem agentes políticos frívolos, cínicos, mentirosos compulsivos e *bullshitters*. “Aparentemente, existe nas populações modernas – já não podemos falar mais de povos – um anseio pela incompetência no poder [...] O desejo generalizado da incompetência no poder se expressa através do comportamento eleitoral populista<sup>292</sup>” (SLOTTERDIJK, 2020, p. 47, tradução nossa).

[A pós-verdade é] a capacidade do discurso político de modelar a opinião pública fazendo apelo às emoções prima sobre a realidade dos fatos. Pouco importa que estes informem ou não as opiniões: o essencial é o impacto do

---

<sup>292</sup> “Aparentemente, existe en las poblaciones modernas — ya no podemos hablar más de pueblos — un anhelo por la incompetencia en el poder [...] El deseo generalizado de la incompetencia en el poder se expresa a través del comportamiento electoral populista”.

propósito. A partilha do verdadeiro e do falso torna-se insignificante em relação à eficácia do “fazer crer”. A era da pós-verdade é também a do pós-factual<sup>293</sup> (REVAULT D’ALLONNES, 2018, p. 11, tradução nossa).

O ambiente das redes, por seu *design*, sustenta uma atmosfera de emocionalização e ludificação da navegação, o que a grande área de Comunicação conhece bem de perto como conceito de infoentretenimento, “o que pretende ser informação não costuma ser mais do que emoção, envenenamento e destruição do juízo público” (SLOTERDIJK, 2020, p. 49) e “política, comunicação e entretenimento facilmente tornam-se dificilmente distinguíveis, todos subsumidos sob a lógica interna da mídia e extremamente propícios à experiência do ambiente pós-verdadeiro<sup>294</sup>” (KALPOKAS, 2019, p. 54, tradução).

Acerta mais uma vez D’Ancona quando afirma ser mais importante, em ambiente pós-factual, “o que importa é a intensidade do drama, mais do que sua precisão. Para os telespectadores, realidade e entretenimento tornaram-se coincidentes<sup>295</sup>” (D’ANCONA, 2017, p. 39, tradução livre). Além da capacidade incalculável de personalizar os interesses e crenças, fazendo com que:

O futuro da Internet [seja] a personalização — a rede agora gira em torno do “eu” [...] — e [...] o monitor do nosso computador [seja] uma espécie de espelho que reflete nossos próprios interesses, baseando-se na análise de nossos cliques feita por observadores algorítmicos [...]. A personalização nos trouxe algo muito diferente: uma esfera pública dividida e manipulada por algoritmos, estruturalmente fragmentada e hostil ao diálogo. (PARISER, 2012, p. 10-6-150).

O comprometimento político e existencial do sujeito pós-factual, portanto, é consigo próprio, com suas crenças, seus prejuízos; tudo converge para que ele confirme aquilo que *deseja* ser verdade. A informação, assim, torna-se produto de consumo adequado à visão de mundo do consumidor e a verdade, representada pelos fatos, não faz parte do pacote: uma espécie de *netflixização* dos saberes, que passa a compor seu equipamento sapiencial a serviço de ressentimentos políticos.

A dissonância cognitiva e os vieses de confirmação são elementos-chave na compreensão da anatomia da pós-verdade porque determinam que os indivíduos acreditem mais em suas emoções e em suas perspectivas

---

<sup>293</sup> “La capacité du discours politique à modeler l’opinion publique en faisant appel aux émotions prime sur la réalité des faits. Peut importe que ces dernières informent ou non les opinions: l’essentiel, c’est l’impact du propos. Le partage du vrai et du faux devient donc insignifiant au regard de l’efficacité du “faire croire”. L’ère de la post-vérité est aussi celle du post-factuel.”

<sup>294</sup> “[...] politics, communication, and entertainment easily become hardly distinguishable, all subsumed under the internal logic of the media, and extremely conducive to the experience-based post-truth environment”.

<sup>295</sup> “[...] the intensity of the drama, rather than its accuracy, is what matters. For the viewers, reality and entertainment have become coterminous”.

predefinidas sobre o mundo do que na força dos fatos<sup>296</sup> (APARICI MARINO; GARCÍA MARÍN, ano, p. 34, tradução nossa).

Tudo em aparente ambiente de liberdade, mas, em profundidade, sob constante vigilância. Em 2010, Julian Assange asseverava em seu *Cypherpunks* que “todos nós vivemos sob uma lei marcial no que diz respeito às nossas comunicações, só não conseguimos enxergar os tanques — mas eles estão lá” (ASSANGE, 2010, p.).

Estamos lidando com forças econômicas e políticas incrivelmente poderosas [...] e provavelmente o que vai acontecer é que as eficiências naturais das tecnologias de vigilância, em comparação com o número de seres humanos, nos levarão aos poucos a nos transformar em uma sociedade de vigilância totalitarista global — e, com o termo “totalitarista”, quero dizer uma vigilância total. (ASSANGE, 2010, p.)

Em um ambiente em que cada movimento gera metadados, denunciam nossas escolhas e crenças, não é de se admirar que mesmo a circulação da verdade e do real passem por processos de personalização e, facilmente, os contágios informacionais ganham terreno fértil. É o que também constata Byung-Chul Han quando observa, em seu *Psicopolítica* (2014, p. 14), que a comunicação ilimitada transformou-se em vigilância e controle total:

Estamos caminhando da era da psicopolítica digital. Avança de uma vigilância passiva para um controle ativo. Isso nos precipita em uma crise de liberdade mais ampla, já que agora afeta o próprio livre-arbítrio. O Big Data é um instrumento psicopolítico muito eficiente que permite adquirir um conhecimento abrangente das dinâmicas inerentes à sociedade de comunicação. É um saber de dominação que permite intervir no psiquismo e condicioná-lo a um nível pré-reflexivo. A abertura do futuro é constitutiva da liberdade de ação.

Não se trata de informar para esclarecer. Compete emocionar para gerar adesão, afetar para arrebanhar ação e apoio tácito dos emocionados. “O meio digital é também um meio de afeto. A comunicação digital facilita a repentina saída de afetos” (HAN, 2014, p. 35).

A conjuntura da emoção é uma consequência do processo econômico. Além disso, predomina uma confusão conceitual. Em algumas situações se fala de emoção, em outras de sensação e de afeto [...] O *emotional design* molda emoções e padrões para maximizar o consumo. Hoje, em última instância, não consumimos coisas, mas emoções. (HAN, 2014, p. 38).

---

<sup>296</sup> “La disonancia cognitiva y los sesgos de confirmación son elementos clave para entender la anatomía de la posverdad porque determinan que los individuos creen más en sus emociones y sus perspectivas prefijadas del mundo que en la fuerza de los hechos”.

A pós-verdade é, no fim das contas, uma capacidade bastante eficiente de tergiversação afetiva dos fenômenos, uma atuação ficcional onde a ficção morre como estilo e se anexa à subjetividade como procedimento cognitivo, uma adesão livre ao falso intencional visando nutrição de qualquer tipo de visão sem lastro ou garantia de verdade, um delírio coletivo em formato de pacto para produção de resultados políticos que aceitam pisotear qualquer regra comunicativa no jogo democrático.

No mundo em que a mentira é o patamar, a ficção será sutil demais para sobreviver. Se mentir for a regra, a desconfiança também o será, e muito mais que isso: viveremos em um mundo em guerra de todos contra todos. E talvez sejamos capazes de um novo modo de fazer guerras. Dessa vez, no mundo da pós-verdade, a guerra será psíquica. Vencerá quem for mais manipulador. (TIBURI, 2019, página).

Esquadrinhando o fenômeno, parece-nos haver uma marca psicopolítica do que se chama pós-verdade: um excesso de ironismo sem criticidade — humorização generalizada do discurso — e cinismo difuso. A aparência é de leveza, mas o ressentimento é o pano de fundo. Não apenas oriundo e perpetrado por um único espectro político partidário, mas como um modo de socialização hegemônico, largamente espreado, que amotina as disputas políticas em diversos níveis, ditando as regras do jogo e pondo em comum a esquerda, à direita e o centro.

Sem dúvida, o desprezo dos fatos e a retórica do *pathos* na ordem do discurso político não tem nada de novo. Simplesmente, é notável que seja a sociedade do *cool* que prepara de longa data, através do *branding*, a comunicação emocional e os políticos da imagem, o sucesso de discursos ameaçadores da “pós-verdade”<sup>297</sup> (LIPOVETSKY, 2017, p. 440-441, tradução nossa).

A hiperhumorização das condutas é também uma atividade pós-factual. A política da risadagem, a narcotização por *memes*, a cultura do riso histórico é o atestado de óbito do pensamento. De saída, esse não é um escrito pessimista. Considere, amigo leitor, uma análise estrutural, em sentido filosófico, de um apocalipse que já está em plena marcha. Assinala o historiador George Minois, anteriormente citado, a propósito de Schopenhauer, que “o pessimismo não é inimigo do riso, ao contrário. Quanto mais o mundo parece uma realidade absurda e deslocada, mais se deve rir dele” (MINOIS, 2003, p. 514). Mas há risos e risos. E riscos.

---

<sup>297</sup> “Sans doute, le mépris des faits et la rhétorique du pathos dans l’ordre du discours politique n’ont-ils rien de nouveau. Simplement, il est remarquable que ce soit la société du cool qui ait préparé de longue date, à travers le branding, la communication émotionnelle et les politiques d’image, le succès des discours comminatoires de la ‘post-vérité’.”

Escuta atenta. Observando as condutas atuais, quais as razões de sempre haver “bom humor” após uma crítica, neutralizando-a, não importando sua intensidade? Por que domesticar o pensamento a golpes de gargalhadas? É preciso pôr os risinhos de lado. Não ao lado. Se desejamos entender o pano de fundo do comportamento coletivo de uma sociedade que se tornou alérgica aos temas sérios, é preciso pausar a risadagem.

Que entendamos logo que viver numa *comicracia*<sup>298</sup>, regime no qual o humorismo é discurso normativizante e mesmo os humoristas tomam conta da vida intelectual, é ser testemunha do processo de soterramento da crítica por quilos de risos histéricos. Se por um lado temos uma extrema-direita cínica e pós-factual, testemunhamos uma esquerda afeita ao humor mais do que a crítica. A intoxicação humorística cobra seu preço. A mescla entre cinismo, opinião e humor programático generaliza a navegação por outros afluentes que não o rio dos fatos. A marca psicopolítica de uma sociedade pós-truísta é, proporemos a partir de agora, um *cinismo comicrático*.

#### 4.2 PROPOSTA DE INTERPRETAÇÃO PSICOPOLÍTICA DA PÓS-VERDADE ATRAVÉS DE PETER SLOTERDIJK E GILLES LIPOVETSKY: O CINISMO COMICRÁTICO

As razões pelas quais não há uma ruptura no processo — e parece haver uma aceitação geral do quadro — é que há algo ocorrendo nas relações intersubjetivas que faz com que mesmo a mais indignada das posições ou a mais certa das críticas não altere em nada as regras do jogo. Só a análise da tecnologia ou das chicanas políticas tradicionais não consegue explicar a situação de *per se*.

Há um pujante processo de esterilização da crítica na vida pública. Não por falta de conhecimento, antes pelo contrário: o excesso. E mais: por uma agudização de subjetividades cínicas e excessivamente ironizantes, com uma pitada de “ressentimento popular” (SLOTERDIJK, 2020, p. 56). Tudo é resolvido com autoengano pós-factual e risadas histéricas, em um sem número de formatos digitais humorísticos. “O pacto, meio consciente, meio inconsciente, entre os mentirosos e os enganados é característico da entidade que constitui o nível ideológico do erro<sup>299</sup>” (SLOTERDIJK, 2020, p. 10, tradução nossa).

---

<sup>298</sup> Cf. L'YVONNET, François. *Homo Comicus ou l'intégrisme de la rigolade*. Paris: Fayard/Mille et une nuits, 2012.

<sup>299</sup> “El pacto, medio consciente, medio inconsciente, entre los mentirosos y los engañados es característico de la entidad que constituye el nivel ideológico del error”.

Essa dinâmica faz ser possível uma aparente aliança tácita entre a esquerda identitária e a direita liberal, pondo todos na mesma linha, ao aceitarem as regras do jogo pós-factual, falarem aparentemente a mesma língua e, no fim das contas, entronizarem comicamente figuras autoritárias que deveriam ser banidas do jogo democrático, mas são celebradas dia e noite por uma sociedade comicrática. "A democracia experimental significa ter que aceitar resultados indesejados como resultado de uma maioria razoável<sup>300</sup>" (SLOTERDIJK, 2020, p. 53, tradução nossa). Por isso, Sloterdijk, comentando a vida política recente norte-americana diz o seguinte:

Donald Trump ficará na história recente da civilização como um exemplo de como o cinismo de cima encontra o cinismo de baixo, graças a uma desinibição treinada há muito tempo diante do público [...] Trump não é apenas um mentiroso que chama de mentirosos os críticos de suas decisões e aqueles que expõem suas mentiras. Ele demonstra como se transforma a mentira na era de sua irrefutabilidade artificial<sup>301</sup> (SLOTERDIJK, 2020, p. 26, tradução nossa).

As rotinas pós-factuais são exclusividade de uma direita populista? É possível afirmar que também há produção e aceitação de *fake news* por parte da esquerda? É possível admitir que as mesmas formas e plataformas de atuação estão apropriadas por ambos os espectros políticos? O que há de comum entre todos os atores políticos que os fazem estar na mesma lógica de atuação e não se observe nenhuma mudança de tabuleiro e regras do jogo? O infoentretenimento constante não afeta todos os prismas políticos? Não há uma aceitação cínica da presença de qualquer discurso na política, mesmo dos profascistas? Não somos testemunhas de uma clara “virada neoautoritária” (SLOTERDIJK, 2012, p. 281) por parte dos conservadores e uma reação histórico-humorística do outro lado? À esquerda também cabe uma análise psicopolítica em relação às posturas políticas de hipermoderação humorística ou mesmo em relação à radicalização das pautas identitárias. Se for o caso, será necessário também fazer a

---

<sup>300</sup> “La democracia experimental significa tener que aceptar resultados indeseados como los resultados de una mayoría razonable”.

<sup>301</sup> “Donald Trump formará parte de la historia reciente de la civilización como ejemplo de cómo el cinismo de arriba se encuentra con el cinismo de abajo gracias a una desinhibición, entrenada desde hace mucho tiempo, ante el público [...]. Trump no es solo un mentiroso que llama mentirosos a los críticos de sus decisiones y a los desenmascaradores de sus mentiras. Él demuestra cómo se convierte la mentira en la era de su irrefutabilidad artificial”.

psicopolítica dos partidos de esquerda: de fato, precisamos compreender esses partidos como bancos de ira que, quando entendem de seu negócio, conquistam com os depósitos de seus clientes ganhos relevantes em termos de poder político e em termos tímóticos. (SLOTTERDIJK, 2012, p. 82).

A esquerda não tem utilizado o humor e a ironia como arma principal para ataque e defesa em relação às figuras autoritárias? ‘Este é talvez o sinal mais óbvio do colapso da esquerda. Ela não tem mais ideias, só ri<sup>302</sup>’ (L’YVONNET, 2012, paginação irregular). E quem maneja o poder também não aprendeu a rir de si e do mais fraco? Afinal, “como zombar com eficácia dos políticos que apresentam a si mesmos como palhaços?” (MINOIS, 2003, p. 598). No caso brasileiro, a eleição de 2022 foi prova bastante cabal às esquerdas de que o jogo de poder contra protofascistas, golpistas e terroristas não se faz a golpes de sátiras e memes. O combate voltou a ser político. A quase desapareção de humoristas políticos fazendo pouco caso ironista em relação à extrema-direita e imitadores bem intencionados de políticos violentos ensina que em momentos de política eivada de violência e intolerância, não há e não deve haver graça até que se obtenha a vitória.

O que causa a banalização da sátira dentro do jogo político? De que riem todos? Não há um quadro geral, nas esquerdas e nas direitas, de um excesso de cinismo, um processo de socialização a partir de falsas consciências esclarecidas, manejando o discurso hipertrofiado de ludicidade, mesmo quando evocam os assuntos mais sérios? Nossa proposta de modelo de entendimento da pós-verdade proporá enquadrar o fenômeno dentro do que classificamos como cinismo comicrático.

O que é uma razão cínica? Há um cinismo pós-factual? Não é a pós-verdade o crepúsculo da falsa consciência? O que é uma razão ludicamente hipertrofiada? Está a pós-verdade codificada humoristicamente? Há uma depreciação lúdica pós-factual falindo a capacidade de crítica? E por que são a marca da racionalidade pós-factual? Por que o resultado prático da questão eclode no mundo da política? Se pode dizer que a democracia pós-factual é a “democracia dos crédulos”, ou seja, de sujeitos falsamente esclarecidos, epistemofóbicos e cronicamente ironizantes? Com que aparato filosófico se pode apreender o fenômeno por trás do conceito e dar-lhe interpretação razoável? Para responder a essas questões, nos inspiraremos nos pensamentos de Gilles Lipovetsky e Peter Sloterdijk.

---

<sup>302</sup> “C’est peut-être d’ailleurs le signe le plus évident de l’effondrement de la gauche. Elle n’a plus d’idées, elle se contente de rire”.

#### 4.2.1 Peter Sloterdijk como modelo diagnóstico do cinismo pós-factual

*Em seus cinismos, os governantes mostram que estão cansados de usar as máscaras da hipocrisia. Brilham com a ironia dos que saem garbosos da situação. Para eles, grandes coisas como honra, decência, amor e verdade, tato e compreensão são meros personagens no grande teatro do mundo. Eles estão convencidos de que podem reivindicar seu direito de exceção a qualquer momento (SLOTERDIJK, Epidemias Políticas).*

*Psicologicamente, o cínico do presente deixa-se compreender como um caso limite de melancolia, que mantém seus sintomas depressivos sob controle e, em certa medida, pode permanecer apto para o trabalho. Sim, é isso que importa ao cinismo moderno: a capacidade de trabalho de seus representantes — apesar de tudo, e mesmo depois de tudo. (SLOTERDIJK, Crítica da Razão Cínica).*

Há, então, um autoengano pós-factual? Como então localizá-lo e defini-lo? Não sendo somente a mentira e a desfaçatez política amplificadas por artefatos tecnológicos a essência total do pós-verdadeiro, o que há de mais profundo ocorrendo nas estruturas da racionalidade que reverbera na dimensão da *práxis*? É o que detectara já na década de oitenta do século vinte o filósofo alemão Peter Sloterdijk em sua *Crítica da razão cínica*. Sobre esse assunto, afirma Vladimir Safatle que há “um modo cínico de funcionamento dessas estruturas que aparece normalmente em épocas e sociedades em processo de crise de legitimação” (SAFATLE, 2008, p. 13). Assim, como enquadrar a pós-verdade como modelo de racionalidade cínica? Veja-se o que atesta Sloterdijk:

Já em 1983, na *Crítica da Razão Cínica*, mostrei que o cinismo representa uma perversão do realismo. Sua posição fundamental é a colaboração com uma realidade moralmente inaceitável. Contém um componente sádico, na medida em que foge da submissão masoquista à facticidade rumo à amoralidade aberta e agressiva. Combina o desejo de passividade com o

desejo de profanação aberta de leis aparentemente sagradas<sup>303</sup> (SLOTTERDIJK, 2020, p. 92, tradução nossa).

Como se pode equiparar uma postura cínica a uma postura pós-factual? Tomemos, do ponto de vista moral, apenas o exemplo de um sujeito que clama por golpe de estado ao mesmo tempo em que conclama por liberdade de expressão. Não faz ele parte de um sistema de valores que inverte imediatamente suas requisições assim que são enunciadas e desejadas? Liberdade de expressão para aplicar dissolução da democracia? Lei e transgressão não são enunciadas por esse sujeito ao mesmo tempo como imperativos? O nome mais adequado para esse fenômeno é cinismo (SAFATLE, 2008, p. 15). “A ‘sabedoria cínica’ consiste em apreender a proibição como a mais rematada forma da desonestidade, a moral como a forma suprema da devassidão e a verdade como a forma mais eficaz da mentira” (ŽIŽEK, 1992, p. 60).

Amparados por esse conjunto de asserções, tratemos, doravante, de como a pós-verdade é também uma máscara de insinceridade largamente anexada aos equipamentos sapienciais dos homens e mulheres contemporâneos. Uma postura que para funcionar sem a aparência de anomia insustentável, precisa assumir característica de credulidade irônica. Uma postura à qual se chega por opção, não por alienação ou escassez de informação. A ficcionalização voluntária da realidade e o fingimento coletivo da aceitabilidade de conteúdos previamente ironizados são condições para que a conceito de falso, mentira, desfaçatez ou embuste se refaça em um novo conceito, o de pós-verdade.

Como é possível detectar na vida cotidiana uma postura cínica que roda as engrenagens políticas, já antecipamos como opera um cínico moderno, do que se apropria, o que relativiza e o que parodia. A ficcionalização cínica da realidade, como a proposição de *fake news* surreais que, a despeito da sua clara falsa intencionalidade, são aceitas como artefatos de argumentação política, enfim, a postura propriamente pós-veritativa se parece demasiado com o que Franco Moretti detecta como dispositivo para que uma ficção novelística, por exemplo, suspenda o caráter de ficção e seja aceita como veritativa, colocando os espectadores dentro do jogo do discurso ficcional.

---

<sup>303</sup> “Ya en 1983, en *Crítica de la razón cínica* mostré que el cinismo representa una perversión del realismo. Su postura fundamental es la colaboración con una realidad moralmente inaceptable. Contiene un componente sádico, en la medida en que huye de la sumisión masoquista a la facticidad hacia la amoralidad abierta y agresiva. Combina el deseo de la pasividad con el deseo de la profanación abierta de leyes aparentemente sagradas”.

A crença é substituída por [...] “**credulidade irônica**”. Os romances buscam suspender a descrença do leitor, como um elemento é suspenso em uma solução que o permeia por inteiro. A descrença é, portanto, a condição da ficcionalidade, levando a julgamentos, não sobre a realidade da história, mas sobre sua credibilidade, sua plausibilidade. Os romances promoviam uma disposição de credulidade irônica possibilitada pela incredulidade otimista; alguém é dissuadido de acreditar na verdade literal de uma representação para que possa, em vez disso, admirar sua probabilidade e conceder crédito suficiente para entrar no jogo<sup>304</sup> (MORETTI, 2006, p. 346, tradução nossa grifo nosso).

E se essa postura, que, à primeira vista, interessaria apenas aos romancistas, produtores de ficção, cineastas e literatos, se faz presente como modo de normatização de condutas e como quadro hegemônico de socialização, resultando em um *modus operandi* cognitivo, epistemológico e político, é porque já está em marcha há algum tempo a montagem de uma racionalidade cínica, habituada à ironia corrosiva, feita para combater toda e qualquer normatividade, conhecimento, veracidade, factualidade ou autoridade.

A assim chamada era pós-factual demonstra que, contra fatos, há argumentos e toda sorte de estratégias retóricas capazes de fazer com que a subjetividade contemporânea tenha diminuída, intencional ou não intencionalmente, a habilidade de discernir o real do imaginário, de delinear fronteiras que ofereçam o contraste do que é verdade, do que é falso, do que é ficção, do que é satírico, do que é irônico, do que é verossímilante, de adotar uma postura de seleção consciente da falsidade que melhor resguarde opiniões e confirme prejuízos, seja posta em marcha. A hipertrofia dessa postura não nos levaria a uma “ironização patológica das condutas” conforme detectara Hegel em seu tempo? Estamos tratando do modo como conduz seu diagnóstico acerca do romantismo alemão, uma maneira de enxergar anomias nas subjetividades que pode nos auxiliar no paradoxo moral que também está presente - salvaguarda a distância histórica -, no caso do cinismo difuso com o qual estamos relacionando a pós-verdade. E o como detectar o desenvolvimento ulterior de uma ironia propriamente cibernética?

#### 4.2.1.1 Diagnósticos auxiliares ao cinismo pós-factual: ironia romântica e ironia cibernética

---

<sup>304</sup> “Belief is replaced with [...] “**ironic credulity**”. Novels seek to suspend the reader’s disbelief, as an element is suspended in a solution that it thoroughly permeates. Disbelief is thus the condition of fictionality, prompting judgments, not about the story’s reality, but about its believability, its plausibility. Novels promoted a disposition of ironic credulity enabled by optimistic incredulity; one is dissuaded from believing the literal truth of a representation so that one can instead admire its likelihood and extend enough credit to buy into the game”.

As percepções de Hegel parecem ser a fonte da detecção dos riscos de uma racionalidade padronizada por estruturas irônicas de compreensão da realidade, “onde o significado é distinto do signo, onde o que é dito não é necessariamente o que se quer dizer<sup>305</sup>” (REID, 2014, p. 116, tradução nossa): este é um material genético de uma sociedade pós-factual.

Se é o cinismo um estado de anomia enquanto disposição de conduta, Hegel aparentemente já detectara seu nascedouro no seio da ironia romântica, em sua visão futurista de um quadro psicológico que estruturaria uma sociedade dessubstancializada, hiperindividualista, no que diz respeito à apreensão da verdade. Hegel afirma que a ironia romântica representaria (1973, p. 347) “uma subjetividade sem substância, ou seja, a mera expressão do subjetivismo vazio e do aniquilamento de qualquer possibilidade de conhecimento do mundo”.

Uma espécie de “cultura de individualidade monádica na qual as únicas comunidades possíveis são aquelas oriundas da reflexão de um membro individual, aquele que reflete (para si mesmo) um ponto de vista único, compartilhado por um público igualmente monádico que é fascisticamente determinado por uma só e única visão<sup>306</sup>” (REID, 2014, p. 117, tradução nossa). Indica Vladimir Safatle que “o quiasma entre ironia e cinismo pode ser derivado do texto hegeliano” (SAFATLE, 2007, p. 39).

Hegel foi o primeiro a compreender que a modernidade, por sua força de erosão de formas tradicionais de vida, podia abrir espaço para a indeterminação e para o **esvaziamento de toda substancialidade normativa do social**. Um esvaziamento cuja estetização mais perfeita seria a ironia que nega toda possibilidade de a subjetividade autêntica pôr-se em uma determinidade socialmente reconhecida. Para Hegel, a ironia não era um mero tropo retórico, mas forma de vida ligada aos impasses da individualidade romântica e resultante de distorções das exigências de autonomia, autenticidade e desencantamento próprios à razão moderna (SAFATLE, 2007, p. 16, grifo nosso).

Se a história psicológica da humanidade pode ser interpretada “como uma história de dessubstancialização progressiva” (SLOTTERDIJK, 2017, p. 307, tradução nossa), o antirromântico Hegel, na qualidade de psicólogo, teria percebido os riscos da ficcionalização da realidade quando da sua crítica à subjetividade romântica que, segundo ele, sustenta

---

<sup>305</sup> “[...] where the signified is distinct from the sign, where what is said is not necessarily what is mean”.

<sup>306</sup> “[...] culture of monadic individuality, the only communities possible are ones that are the reflection of one individual member, one who reflects (to himself) a unique point of view, shared by an equally monadic public that is fascistically determined by a sole and unique vision”.

produções de extremada abstração e ironia, que promoveriam um perigoso distanciamento e negação da realidade.

Hegel sustenta que a ironia romântica é uma “[...] figura que não apenas torna fútil todo conteúdo ético dos direitos e deveres, das leis, não é apenas o mal, o mal em si mesmo totalmente universal, mas também o saber desse mal” (SUZUKI, 1998, p. 152). Não se trata, porém, de uma crítica à ironia socrática, de valor dialético. A crítica que endereça Hegel é à sua circunvizinhança: a ironia romântica de Schlegel, Novalis e Schleiermacher.

As expressões de subjetividade romântica que encontramos retratadas nas figuras de Friedrich Schlegel, Novalis e Schleiermacher engendram uma visão de mundo que Hegel qualifica de empírico: a realidade é uma má infinidade de singularidades, determinável por subjetividade particular e, portanto, controlável, consumível, e natural, **privada de qualquer essência ou significado objetivo. A verdade objetiva é removida**, e o eu infeliz que, afastado de tal verdade, encontra alívio de sua dor nas satisfações bestiais imediatas proporcionadas por suas **sensações** e os sentimentos só têm prazer em si mesmo, no autoconsumo da vaidade *por* vaidade, culminando em puro ceticismo no qual toda objetividade se revela nula e vazia<sup>307</sup> (REID, 2014, p. 115, tradução nossa).

Para o filósofo da *Fenomenologia do espírito*, a desconsideração da história e a preferência pelo julgamento em detrimento da investigação não deveria proceder. As lentes irônicas do romantismo alemão, apontava, não faziam fronteira da passagem da abstração ao fato em seus projetos de edificar críticas, acarretando em uma ironização absoluta das condutas. A esta situação de anomia Hegel chamaria de “estado de inversão da lei social” (*Umschlagen*). Bem por isso, “a ironia constitui a última etapa da degradação da moralidade subjetiva, quer dizer, o momento no qual a subjetividade se apreende e se exprime em sua negatividade absoluta<sup>308</sup>” (LAROUCHE-TANGUAY; PONTON, 1983, p. 269, tradução nossa).

Nas conclusões de Jeffrey Reid, autor de *The Anti-Romantic Hegel* (2014), o filósofo alemão preocupava-se com o que seria a produção de uma ironia patológica, uma vez que a ironia romântica não seria apenas um rival ideológico, mas uma forma efetiva de discurso e de enfermização das subjetividades.

---

<sup>307</sup> “The expressions of romantic subjectivity that we have found portrayed in the figures of Friedrich Schlegel, Novalis, and Schleiermacher engender a vision of the world that Hegel qualifies as empirical: reality is a bad infinity of singularities, determinable by particular subjectivity and thus controllable, consumable, and natural, deprived of any objective essence or meaning. Objective truth is removed, and the unhappy self who, cut off from such truth, finds relief from his pain in the unmediated, bestial satisfactions afforded through his sensations and feelings only takes pleasure in himself, in the self-consumption of vanity *by* vanity, culminating in a pure skepticism where all objectivity is revealed as null and void”.

<sup>308</sup> “l’ironie constitue la dernière étape de la dégradation de la moralité subjective, c’est-à-dire le moment où la subjectivité s’appréhende et s’exprime dans sa négativité absolue.”

Esse estado patológico ocorre quando ocorre uma inversão entre os papéis normais e saudáveis que se pretendem existir entre a mente consciente (*der Verstand*, o entendimento) e a alma inconsciente (*die Seele*) [...] Esta primeira articulação da alma nos permitirá descobrir dois elementos fundamentais da mente subjetiva: o *self*, entendido como uma forma (vazia) de pura negatividade, e o self como um mundo inconsciente subterrâneo (*Abgrund*). É esta divisão dentro do assunto que é potencialmente patológico [...] É somente através da explicação de um estado mental patológico que Hegel é capaz de descobrir o que constitui o desenvolvimento normal e saudável do espírito subjetivo, assim como o estudo das neuroses de Freud lhe permite desenvolver uma teoria das estruturas psicológicas normais<sup>309</sup> (REID, 2014, p 74-77, tradução nossa).

Para Reid, a crítica de Hegel em direção à ironia pode ser vista como uma antecipação do que resultaria em paradigmas interpretados como pós-modernos, hipermodernos ou, extrapolamos aqui, pós-factuais, uma vez que a subjetividade irônica “postula um mundo que exclui qualquer possibilidade de verdade objetiva” (REID, 2014, p. 2, tradução nossa).

[...] Na medida em que nós podemos qualificar a cultura geral de nosso tempo como pós-moderna, é possível ver a crítica de Hegel ao romantismo irônico como uma crítica da pós-modernidade [...] Não é preciso muita imaginação para reconhecer em nosso próprio mundo contemporâneo muitos dos traços de caráter pós-moderno identificados por meio de Hegel em sua crítica da ironia romântica: a sociedade de consumo e a cultura da vida pessoal pautada pela satisfação, juntamente com o individualismo onipresente e a predominância da personalidade jurídica com sua concepção de direitos infinitos; a cultura da tecnologia da informação, onde a ideia de conhecimento é dissolvida em acesso ilimitado aos dados; o empirismo das ciências sociais e psicológicas como única garantia da verdade científica; a desintegração das religiões “organizadas” em um número crescente de cultos monádicos e seitas que se baseiam nos sentimentos internos e naturais de um “gênio” individual<sup>310</sup> (REID, 2014, p. 113-117, tradução nossa).

Para Hegel há, aí, o sinal de uma patologia peculiar à época, um padecimento face a uma subjetividade vazia, “um movimento de redescrição contínua de si que coloca a

---

<sup>309</sup> “As we will see, this pathological state occurs when an inversion takes place between the normal, healthy roles that are meant to exist between the conscious mind (*der Verstand*, the understanding) and the unconscious soul (*die Seele*) [...] This first articulation of the soul will allow us to discover two fundamental elements of subjective mind: the self understood as an (empty) form of pure negativity, and the self as a subterranean unconscious world (*Abgrund*). It is this division within the subject that is potentially pathological [...] Hegel is able to come up with what constitutes the normal, healthy development of subjective spirit, just as Freud’s study of neuroses allows him to develop a theory of normal psychological structures”.

<sup>310</sup> “We may recognize our own era as equally determined by these same ‘absolute presuppositions’, and to the extent that we may qualify the general culture of our time as postmodern [...] It does not take too much imagination to recognize in our own contemporary world many of the postmodern character traits identified through Hegel’s critique of romantic irony: consumer society and the culture of personal satisfaction, along with omnipresent individualism and the predominance of juridical personhood with its conception of infinite rights; the culture of information technology where the idea of knowledge is dissolved into unlimited access to data; the empiricism of social and psychological sciences as the only guarantee of scientific truth; the disintegration of ‘organized’ religions into a growing number of monadic cults and sects that are based on the inner, natural feelings of one individual ‘genius’”.

subjetividade para além de toda e qualquer determinação concreta” (SAFATLE, 2008, p. 108). Sob o nome de ironia romântica, Hegel sintetiza o que faria do romantismo um erro filosófico, e um problema profundamente psicológico. Para Hegel, “essa forma ou expressão irônica é definida em termos de uma psicopatologia que se manifesta somaticamente<sup>311</sup>” (REID, 2014, p. 73, tradução nossa). Remarca Vladimir Safatle que,

É possível que Hegel tenha percebido, através dos móveis que levaram à recuperação da ironia pelo romantismo alemão, a estetização de um processo geral de intervenção das aspirações normativas da modernidade, fracasso que só atualmente se mostrou em toda a sua extensão, através das discussões a respeito do que chamamos de racionalidade cínica (SAFATLE, 2008, p. 41).

Por isso não causa estranheza que os atuais discursos negacionistas sejam irônicos, no sentido que o dá Hegel, na medida em que solapam os discursos objetivos sobre os quais a ciência se apoia. Das considerações hegelianas até as vivências hipertecnológicas do século XXI é que consideramos que a ironia cínica, ou seja, o humor dessubstancial, chegou a uma nova etapa, a que Peter Sloterdijk taxará de “ironia cibernética”. Um modo atualizado de ironização. “Enquanto na ironia romântica o sujeito joga entre a afirmação e o distanciamento do dado, na ironia cibernética acaba sendo o próprio sujeito que é questionado diante de uma inevitabilidade sistêmica<sup>312313</sup>” (VARGAS, 2021, tradução nossa).

Assim, a vida em rede sistematiza em nível global a postura de uma subjetividade ironizante há muito preexistente. Quando a subjetividade irônica adentra irrevogavelmente em seu novo habitat (o plano cibernético) cai numa rede bastante larga de sistemas complexos, em que o simulacro e a simulação são uma regra já não estranha a um sujeito em dissolução e que não experiencia a verdade como algo substancial, quiçá não experiencie nem a si próprio como sujeito. Além disso, “o pathos da complexidade dos sistemas se transforma em encantamentos imersivos” (SELTZER, 2017, p. 2), no qual a busca e confrontação da verdade, de si ou do mundo, pode ser um momento hedonisticamente desagradável em meio à narcose lúdica eletrônica do real. Dentro dessa realidade sistêmica cibernética, como se dá o comércio do real, o que é o próprio real, no que se pode fiar um juízo empiricamente correto, o que é a verdade senão qualquer conteúdo previamente (des)valorizado, ironizado, relativizado, absolutamente descartável e intercambiável em velocidade de *snapshot*?

---

<sup>311</sup> “[...] this ironic form or expression is defined in terms of a psychopathology that is somatically manifested.”

<sup>312</sup> Disponível em: <https://revistas.ucr.ac.cr/index.php/filosofia/article/view/47486/46917>. Acesso em 22 out. 2019.

<sup>313</sup> “Mientras que en la ironía romántica el sujeto juega entre la afirmación y el distanciamiento de lo dado, en la ironía cibernética resulta ser el propio sujeto quien es puesto en duda ante una inevitabilidad sistémica”.

A ironia do produtor, oscilando entre trabalho criativo, reformulação e desestruturação, é generalizada em uma ironia dos consumidores, assim que todos sentem a liberdade de atrair para si pessoas, textos e objetos de todos os tipos por um curto período de tempo e depois jogá-los fora. Um consumidor é aquele que mantém uma associação com o dado que não é mais caracterizado pela crença em seu valor duradouro. O consumidor mais irônico é o colecionador, no qual rejeitar coincide com preservar. Aqui, infidelidade funciona como propriedade. Entre o público em geral, a visão da ironia do consumidor final é usada para objetos do ambiente projetado; em relação ao discurso, aparece como desconstrução<sup>314</sup> (SLOTTERDIJK, 2017, p. 104-105, tradução nossa).

Enfeitado eletronicamente, ou seja, sendo atingido irremediavelmente pela universalização e onipresença do signo eletrônico, cuja essência é ser constantemente recriador, o sujeito dispõe de mil dispositivos de navegação existencial que fazem o pavimento de sua caminhada na cotidianidade mediana ser feito de um material que mistura indiscriminadamente realidade, fato, ficção, ironia, crença, doxa, verossimilhança e autoengano, e isso torna-se automático, não se faz mais sentir, não é mais possível observar o dispositivo subjacente.

[Na] “ironia cibernética” não apenas que o sujeito está extasiado por sua (auto)dissolução. A verdadeira ironia é que a ubiquitização de sistemas, redes e imersão dinâmica torna-se anódina por sua onipresença: uma síndrome que se tenta chamar de anodinâmica. (SLOTTERDIJK, 2017)

O cinismo e a ironia já não são questões que causem qualquer escândalo, tornam-se, portanto, a estrutura. Logo, a essa altura, a pós-verdade, mais uma identificação irônica, não é erro, é sistema.

#### 4.2.1.2 A Crítica da Razão Cínica como modelo diagnóstico ao cinismo pós-factual

Como diagnóstica Sloterdijk, um século e meio após as considerações hegelianas, “a série de formas de falsa consciência que tiveram lugar até agora — mentira, erro, ideologia — está incompleta. A mentalidade atual obriga a adicionar uma quarta estrutura: o fenômeno cínico” (SLOTTERDIJK, 2012, p. 45), dado que para as ações irônicas pós-factuais, que

---

<sup>314</sup> “The irony of the producer, pendulating between creative work, reformulation, and destructuring, is generalized into an irony of consumers, as soon as everyone feels the freedom to draw to themselves disposable persons, texts, and objects of all kinds for a short time and then cast them off. A consumer is whoever maintains an association with the given that is no longer characterized by belief in its lasting value. The most ironic consumer is the collector, in whom casting off coincides with preserving. Here, infidelity functions as ownership. Among the general public, the standpoint of the irony of the end consumer is used for objects of the designed environment; in relation to discourse it appears as deconstruction”.

naturalizam o falso intencional como regra de jogo político, não são mais necessárias sofisticadas coberturas ideológicas<sup>315</sup> (PÉREZ-TAPIAS, 2017) para mascaramento das ações. Está, portanto, a pós-verdade filiada a um cinismo generalizado? De onde surgiria esse fenômeno que se sistematizará como postura global sistematizada?

Dito de outra maneira: não importa que nos movamos entre mentiras. Como isso também é assumido conscientemente, tal consentimento ao engano expressamente promovido é a mais retumbante exaltação do cinismo que podemos imaginar. Nem toda mentira é cínica, pois ainda precisa da aparência de verdade para que a mentira cumpra sua função pretendida. Mas agora, no tempo da “pós-verdade”, a mentira não precisa se esconder atrás do que parece ser verdade, mas sim aspirar sem pudor a ser divulgada, aceita, para entrar no jogo do engano socialmente consentido. A contradição não é esconder de forma alguma, mas realçá-la e exibi-la faz parte do jogo<sup>316</sup> (PÉREZ-TAPIAS, 2017, tradução nossa).

Sloterdijk sustenta que a resposta ao nosso mal-estar na cultura é adoção de um “cinismo universal e difuso” que, segundo vimos, se quer imputar como estigma à pós-modernidade. No entanto, provoca o autor de *Esferas*, onde ainda atua o cínico em sentido helenístico e por que este deve ser antídoto ao cinismo difuso das nossas sociedades pós-factuais? Detectando na humanidade contemporânea uma inconsistência de valores, Sloterdijk aponta os perigos de um presente quietismo e de um recorrente ativismo exacerbado, características de uma “humanidade neutra [...] que ainda não desenvolveu suas capacidades de agir e está, por assim dizer, presa entre a casuística da impotência e a casuística do ativismo agudo<sup>317</sup>” (FINKIELKRAUT; SLOTERDIJK, 2003, p. 175, tradução nossa).

A sociedade pós-factual, de difusa retórica melindrosa, cujas vozes altas não elevam a cristalinidade do real, se enquadra perfeitamente nas análises sloterdjikeanas. O filósofo vai de encontro ao cinismo difuso de qualquer projeto moderno em favor da humanidade. Todos falharam, já temos consciência, e, no entanto, continuamos a operá-los e discuti-los. Eis a generalização da disposição neocínica: uma falsa consciência ilustrada, ou seja, uma

---

<sup>315</sup> Disponível em: <https://www.exodo.org/haciendo-frente-a-la-infamia-de-la-posverdad-nuevo-capitulo-en-una-vieja-historia-de-hipocresia-y-cinismo/>, Acesso em: 15 abr. 2018.

<sup>316</sup> Idem. “Dicho de otra manera: no importa que nos movamos entre mentiras. Como además eso se asume conscientemente, tal consentimiento con el engaño expresamente promovido es la exaltación más rotunda del cinismo que podamos imaginar. No todo mentir es cínico, pues aún necesita la apariencia de verdad para que la mentira cumpla la función pretendida. Pero ahora, en el tiempo de la “posverdad” la mentira no necesita ocultarse tras lo que pareciera verdad, sino que aspira sin empacho a ser difundida, aceptada, a entrar en el juego del engaño socialmente consentido. La contradicción no se trata de ocultar de ninguna manera, sino que ponerla de relieve y hacer ostentación de ella forma parte del juego”.

<sup>317</sup> “L’humanité neutre, l’humanité que n’a pas encore développé ses capacités d’agir est pour ainsi dire coincée entre la casuistique de l’impuissance et la casuistique de l’activisme aigu.”

consciência de posições resultantes de um tempo que conhece bem os pressupostos ideológicos da ação, mas não encontra muita razão para reorientar, a partir daí, a conduta. Age-se hoje, jubilarmente, contra as mais íntimas convicções. “Nós somos ilustrados, estamos apáticos. Já não se fala de um amor à sabedoria.” (SLOTERDIJK, 2012, p. 11).

Ele é a consciência infeliz modernizada, da qual o Esclarecimento se ocupa ao mesmo tempo com êxito e em vão. Ele aprendeu sua lição sobre o Esclarecimento, mas não a consumou, nem a pôde consumir. Ao mesmo tempo bem instituída e miserável, essa consciência não se sente mais aturdida por nenhuma crítica ideológica; **sua falsidade já está reflexivamente conformada.** (SLOTERDIJK, 2012, p. 34, grifo nosso).

Não se trata do cinismo em seu sentido grego ou transvalorativo, mas em seu sentido contemporâneo, vulgar e pejorativo (ONFRAY, 2002). Sloterdijk tentará, inclusive, aduzir como se pode superar a disposição neocínica através do cinismo em seu estado originário, propondo utilizar os termos *quínico* ou *kínico* para diferenciar o conceito de cínico no sentido original, filosófico, daquele que está hoje em voga. Onde ainda atuaria o cínico em sentido helenístico e por que deve ser antídoto ao cinismo difuso das nossas sociedades pós-factuais?

Onde os encobrimentos são constitutivos de uma cultura; onde a vida em sociedade está submetida a uma coação de mentira, na expressão real da verdade aparece um momento agressivo, um desnudamento que não é bem-vindo. (SLOTERDIJK, 2012, p. 26).

Como revanche, o cinismo em sua mais profunda derrelição é a resposta da cultura hegemônica à subversão quínica que reconhece e dá-se conta do interesse particular que subjaz à universalidade ideológica, delinea claramente as fronteiras entre a máscara ideológica e a realidade e, ainda sim, encontra razões para manter a máscara: eis a falência da crítica.

Qual a substância do cinismo da sociedade pós-verdadeira, quem são os atores sociais que a tudo ironizam sem teleologia e a que instância de poder serve uma constante risada satírica, uma afecção que acentua a atual fobia de aprofundamento em uma crítica? “A modernização da mentira funda-se no refinamento esquizoide; mente-se, na medida em que se diz a verdade” (SLOTERDIJK, 2012, p. 76) e “as mentiras políticas modernas tratam eficazmente as coisas que não são de modo nenhum segredo, mas são conhecidas praticamente de toda a gente” (ARENDR, 1967, 21). Isso significa dizer que é o cinismo o crepúsculo da falsa consciência? Não seria o que doravante chamamos de era pós-factual, no cintilar inicial do século XXI, a resultante cínica de todo o século XX aliada à socialização por mídias de massa, a realização do cinismo em seu sentido vulgar e pejorativo?

Desta competência das consciências surgiu essa penumbra característica do presente: a perseguição mútua das ideologias, a assimilação dos contrários, a **modernização do engano**; em poucas palavras, essa situação que enviou o filósofo ao vazio e na qual o mentiroso chama o mentiroso de mentiroso. (SLOTERDIJK, 2012, p. 12, grifo nosso).

Para além de um pontual apocalipse, Sloterdijk deseja postular que mais do que uma “cunhagem episódica, [a constatação sobre a falsa consciência ilustrada, esta] é um indício sistemático, um modelo diagnóstico” (SLOTERDIJK, 2012, p. 34). Um “diagnóstico de uma época na qual o poder não teme a crítica que desvela o mecanismo ideológico [uma vez que] o poder aprendeu a rir de si mesmo” (SAFATLE, 2008, p. 69).

Se uma configuração pós-factual, por natureza um estratagema retórico anti-dialógico, se faz hegemônico, a própria crítica à Ilustração pode oferecer entendimento do fenômeno após sucessivos fracassos e ainda presença dos seus discursos de propostas ideológicas irrealizáveis, de insuperáveis crises econômicas, de surtos de alteridade, de eterna sobrevivência de políticas falidas e de promessas demiúrgicas de harmonização social.

A dinâmica rotulada como “pós-verdade” supõe em nosso tempo uma reviravolta na hipocrisia que funciona socialmente a partir de uma ideologia dominante. Já não é tão importante manter as aparências, pois a lógica do poder, dada a entidade dos poderes atuantes, comporta um desdobramento da lei do mais forte que aparece nua na vida social. Com um neoliberalismo culturalmente hegemônico, o capitalismo não desperdiça energia em coberturas ideológicas. Mostra-se obscenamente em suas flagrantes contradições. A “pós-verdade” que a acompanha é um engano cínico, uma ficção sob a qual tudo opera sabendo que é [...]. O ideológico, assim, perde sofisticação, mas ganha categórica em termos de eficácia. O cinismo não anda por aí [...]. Porém, se esse cinismo opera sabendo de antemão o que a crítica das ideologias vem revelando — destacado nas análises de Peter Sloterdijk em sua *Crítica da Razão Cínica* —, nem por isso deixa para trás um fetichismo mais sutil<sup>318</sup> (PÉREZ-TAPIAS, 2017, tradução nossa).

---

<sup>318</sup> Disponível em: <https://www.exodo.org/haciendo-frente-a-la-infamia-de-la-posverdad-nuevo-capitulo-en-una-vieja-historia-de-hipocresia-y-cinismo/>, Acesso em: 15 abr. 2018. “La dinámica etiquetada como “postverdad” supone en nuestro tiempo una vuelta de tuerca sobre la hipocresía que funciona socialmente desde una ideología dominante. Ya no interesa tanto guardar las apariencias, puesto que la lógica del poder, dada la entidad de los poderes actuantes, conlleva un despliegue de la ley del más fuerte que se presenta al desnudo en la vida social. Con un neoliberalismo culturalmente hegemónico, el capitalismo no gasta energía en cobertura ideológica. Se muestra obscenamente en sus palmarias contradicciones. La “posverdad” que le acompaña es engaño cínico, ficción bajo la cual todo opera sabiendo que lo es [...]. Lo ideológico, así, pierde sofisticación, pero gana rotundidad en cuanto a su eficacia. El cinismo no se anda por las ramas [...]. No obstante, si ese cinismo opera conociendo de antemano lo que la crítica de las ideologías ha ido desvelando — puesto de relieve en los análisis de Peter Sloterdijk en su *Crítica de la razón cínica* —, no por ello deja atrás un fetichismo más sutil”.

A análise sloterdjikeana oferece instrumental para a classificação da pós-verdade dentro dos atos de fala de duplo nível (ironia e cinismo), nos quais se imiscui a racionalidade contemporânea. A pós-verdade, uma crise moral e psicopolítica generalizada, movimento de esterilização da crítica, é uma das filhas da falsa consciência nascida no seio da configuração social neocínica, a dimensão na práxis, do paradoxo de uma consciência que é ao mesmo tempo falsa e esclarecida. “A época é cínica e sabe que os valores têm as pernas curtas” (SLOTERDIJK, 2012, p. 13). E, ademais, observa Sloterdijk (2012, p. 33),

Há muito tempo que pertencem ao cinismo difuso os postos chave da sociedade em juntas diretivas nos parlamentos, nos conselhos de administração, na direção de empresas, nos leitorados, consultórios, faculdades, chancelarias e redações.

Sob a capa de “pós-verdade” se sustenta um cinismo difuso, cujos agentes já estão esclarecidos, conhecendo os pressupostos que subjazem às suas ações alienadas, fingindo não saber, rindo e aplaudindo todos os escândalos.

De fato, uma análise empírica dos produtos recentes da indústria cultural mostra a prevalência desse esquema. Personagens de contos de fadas que não mais se reconhecem e criticam seus próprios papéis, propagandas que zombam da linguagem publicitária, celebridades e representantes políticos que se **autoironizam** em programas televisivos: todos esses fatos são apenas figuras de um processo geral de ironização das formas de vida que nos coloca diante daquilo que Peter Sloterdijk chamou um dia de *ideologia reflexiva*, posição ideológica que porta em si mesma a negação dos conteúdos que apresenta. Maneira astuta de perpetuá-los mesmo em situações históricas nas quais eles não podem mais esperar enraizamento substancial algum. (SAFATLE, 2008, p. 101, grifo nosso).

O cinismo aparece em vários campos de atuação social e não só na moral. Há, portanto, uma estética cínica, uma política cínica, uma sexualidade cínica, uma ideologia cínica (SAFATLE, 2017). E importa frisar o papel de quem canaliza e amplifica todo o produto de uma ideologia cínica. Aqui, ao nosso interesse, reluz muito fortemente o cinismo de informação, do qual se ocupa Sloterdijk na “seção principal fenomenológica” da sua *Crítica da Razão Cínica* quando trata dos cinismos secundários e se refere à “escola da arbitrariedade – cinismo da informação, imprensa.” Há algo de grave na produção teatralizada constante da realidade, o jogo de representações, o excesso embriagante de atualizações, a dramatização sem cessar do real, um sensacionalismo conservador de quadros morais ultrapassados que “mente a fim de poder oferecer sensações como se fossem algo que ultrapassa as molduras desse quadro” (SLOTERDIJK, 2012, p. 412). Como provocamos no início desta tese, há um modelo de subjetividade que se alastra com força de epidemia, em

escala viral, e se assim o é, há também os epicentros de contágio. Como dirá Sloterdijk em *Ira e Tempo* (2012, p. 266-267):

Sem dúvida alguma, é próprio dos meios de comunicação de massa modernos o potencial para desencadear epidemias afetivas - todos os temas capazes de fazer manchete se expandem, como se sabe, segundo o princípio da infecção viral. Ao mesmo tempo, eles neutralizam as suas matérias-primas a fim de submeter ocorrências conjuntas à lei da indiferenciação. Sua missão democrática consiste em produzir indiferença, visto que eliminam a diferença entre coisas principais e secundárias.

A pós-verdade é cria de uma razão cínica que encontra na vida comunicacional meio de realização em máxima potência. As cabeças pós-factuais dos sujeitos da sociedade informacional são resultado do hábito ao panorama simultâneo, à rolagem infinita “para contemplar de maneira panorâmica uma escala enciclopédia de indiferenças” (SLOTERDIJK, 2012, p. 413). Indiferença ao real, ao verdadeiro, à checagem, à violência, ao óbvio.

De onde provém esse impulso desenfreado para a informação, esse vício, essa compulsão a viver diariamente na embriaguez das informações e a tolerar esse bombardeio constante sobre nossas cabeças de quantidades enormes de notícias indiferentemente importantes, sensacionalmente desimportantes? (SLOTERDIJK, 2012, p. 414)

O jornalismo mais crítico não deixou de perceber a própria responsabilidade em relação à criação de uma “espiral de cinismo” (CAPELLA; JAMESON, 1997) oriunda dos seus métodos circenses, impressionantes e adictivos. “As estruturas de notícias sobre política têm efeitos diretos no cinismo do público, [sobre] debates políticos e campanhas<sup>319</sup>” (CAPELLA; JAMESON, 1997, p. 209, tradução nossa) e o valor de uso das notícias parece ser medido em grande parte por seu valor como estímulo (SLOTERDIJK, 2012, p. 412). É oportuno notar que em 1994 - dois anos após a cunhagem original do termo pós-verdade por parte de Steve Tesich -, David S. Broder (1994), Pulitzer pela cobertura do escândalo do Watergate, refletindo em âmbito de governo Clinton sobre a conturbada relação entre mídia e política, prenunciou ao Washington Post que o “cinismo é epidêmico agora<sup>320</sup>”.

Logo, uma declaração fascista oriunda de uma figura pública precisa de tratamento cínico para estar veiculada não como merecedora de denúncia, mas à venda nos serviços de

---

<sup>319</sup> “[...] the structures of news about politics have direct effects on the public's cynicism about politics, government, policy debates, and campaigns”.

<sup>320</sup> Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/archive/opinions/1994/07/06/war-on-cynicism/c815d7e9-934f-4421-a136-2936cbea1408/>. Acesso em 06/06/2017.

agências de notícias. Numa democracia funcional, a veiculação de violência discursiva deveria servir ao interesse público e à reparação humanitária. Como repara Sloterdijk (2012, p. 419):

Os meios de comunicação podem oferecer tudo, porque abandonaram sem deixar restos a ambição da filosofia de compreender o que é dado. Eles abarcam tudo, porque não apreendem nada; dão voz a tudo e não dizem coisa alguma. A cozinha dos meios de comunicação serve-nos diariamente um ensopado de realidade com um número infinitamente grande de ingredientes que, contudo, têm todo dia o mesmo sabor.

Não terá sofrido a própria mídia os efeitos desse cinismo generalizado que invade público, políticos e a própria imprensa? A desconfiança pública contemporânea em relação aos jornais e grandes meios de comunicação terá nascido de que motivação?

E mais: se há uma tendência natural na humanidade à curiosidade, ao falatório (HEIDEGGER, 2015) e a atualização, não há responsabilidade a ser computada a quem a tudo disponibiliza como notícia, dispondo modos de realidade e acontecimentos quase que no mesmo grau de importância e gravidade para obter atenção irrestrita?

Visto em termos psico-históricos, a urbanização e a informatização de nossas consciências na associação de meios de comunicação significa certamente o estado de fato da modernidade, o estado de fato mais profundamente radical para a vida. E é somente em tal mundo que a síndrome cínica moderna, o cinismo difusamente presente, pode se desdobrar do modo como o temos diante dos olhos (SLOTERDIJK, 2012, p. 413).

Ao planificar infoentretenimento e política, a ludicidade e a gravidade em um mesmo caldo, concedendo ao imaginário coletivo à perigosa habilidade da uniformização que gera equivalência e indiferença (e conseqüente ironização de tudo), os meios de comunicação são responsáveis por uma parte do fenômeno pós-factual. A subjetividade pós-verdadeira conta com o cinismo de informação para sustentar-se como “falsamente formada e falsamente informada” (SLOTERDIJK, 2012, p. 417).

Vivemos em um mundo que coloca as coisas em falsas equações, que produz falsas uniformidades e falsas equivalências entre tudo e entre cada coisa e, por meio daí, também desemboca em uma desintegração e em uma indiferença espirituais, nas quais o homem acaba perdendo a capacidade de distinguir um do outro, o correto do falso, o importante do desimportante, algo produtivo de algo destrutivo – porque eles estão habituados a tomar um pelo outro (SLOTERDIJK, 2012, p. 421).

Não é, assim, pós-verdade uma das consequências comunitárias do cinismo enquanto modo de socialização, um autoengano coletivo no qual a verdade está no horizonte, é vista de soslaio, substituída por excesso de *doxa* e emoção e, veremos a seguir, eivada de uma risada histórica capaz de narcotizar a crítica? Há uma “história do cinismo marcada pela passagem de uma economia restrita a uma economia generalizada” (SAFATLE, 2008, p. 70), da qual a pós-verdade é um epifenômeno e se realiza em profunda hipertrofia lúdica, como veremos junto a Gilles Lipovetsky.

#### 4.2.2 A ditadura dos risonhos

*O riso tornou-se o sangue e a respiração dessa sociedade humorística que é a nossa. Não há como escapar dele: o riso é obrigatório, os espíritos tristonhos são postos em quarentena, a festa deve ser permanente*<sup>321</sup> (Georges Minois).

Caso o entendimento comicrático da pós-verdade fosse o foco total das nossas análises, possivelmente o título do trabalho, a partir daqui, seria “A crítica da razão recreadora: a absolutização do riso no processo de despolitização do discurso”. Claro que não qualquer riso, arma tradicional da crítica no desvelamento das injustiças do poder. Em 1760, Voltaire, em carta de tom político a D’Alembert, afirma que “se não se pode ter o Areópago do seu lado, há que ter os risonhos<sup>322</sup>”. O que significa *mettre les rieurs de son côté*? O uso geral da expressão significaria “trazer para seu lado os risonhos”; refere-se, portanto, à tentativa de trazer a opinião pública para junto de si, fazer-se quisto, perpetrar a risada pública contra um adversário, como em um apelo ao auditório.

A atitude estética, humorada e flexível, corrobora este cenário no qual é mais importante quem está falando, com seu carisma e estilo, do que argumentos, demonstrações ou provas de qualquer autoridade anônima que se apresenta como desinteressada. A eficácia dessa dimensão da pós-verdade depende da administração calculada do esquecimento. (DUNKER, 2017, p. 24).

Essa é uma visão que exprime uma arte política, segundo Patrick Boucheron, em seu supracitado curso *Fictions Politiques*, no Collège de France, ministrado em 6 de fevereiro de

<sup>321</sup> MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: Editora UNESP, 2003. p. 553.

<sup>322</sup> Disponível: [https://fr.wikisource.org/wiki/Correspondance\\_de\\_Voltaire/1760/Lettre\\_4227](https://fr.wikisource.org/wiki/Correspondance_de_Voltaire/1760/Lettre_4227). Acesso 12 out. 2019. Tradução nossa. “Si on ne peut avoir l’aréopage de son côté, il faut avoir les rieurs”.

2018, na palestra intitulada *La tyrannie des rieurs*: “trazer para o lado os risonhos como um projeto filosófico, como um projeto político, porque trazer os risonhos para o seu lado é político na medida em que se inscreve na esfera da governabilidade<sup>323</sup>”. Temos, portanto, a acepção do riso como arma de subversão, em sentido rabelaisiano, uma risada que se vinga do poderoso, que denigre o poder, que põe a nu as injustiças.

Todavia, quando a arma muda de lado e a risada não possui mais caráter de enfrentamento nem militância contra-hegemônica? E quando atomizada, manejada cotidianamente, incessantemente, mergulhada em produção industrial, produto de capitalismos cognitivos, e quando a ludicidade entra em hipertrofia? Como lembra Sloterdijk (2012, p. 166), “o cinismo dos senhores é uma insolência que trocou de lado”. É possível uma ditadura dos risonhos, uma ditadura do rir? Quando a risada está espalhada por todos os lados, da política à publicidade, da ciência à filosofia, o que ela se torna, o que critica, o que encobre? O que ocorre quando da passagem da necessidade da sátira à sua banalização?

Patrick Boucheron vê uma despolitização do riso contemporâneo quando apropriado pelos operadores do poder, o que chama de “tirania dos risonhos”. Boucheron fixa como paradigma Silvio Berlusconi, cujo vetor linguístico do discurso governamental é a “barzelletta, a bonne blague, geralmente suja, misógina, racista, humilhante<sup>324</sup>”. Características bastante localizáveis em líderes populistas das democracias contemporâneas, os quais se enquadravam perfeitamente no que Harry Frankfurt chamou de *bullshitters*.

Os tiranos da risada, a propósito, costumam possuir equipes que estudam técnicas de como colocar os risonhos aos seus lados. A tendência se propaga, e não apenas nas mãos de grandes operadores, há uma generalização da humorização do discurso com fins políticos: do maior ao menor produtor de conteúdo em democracias hipermediatizadas. “Os recalcitrantes, os que não acham graça nisso ou que não têm vontade de rir, são vítimas de ostracismo, apontados com o dedo, porque nada é mais intolerante que um grupo de ridentes. A tirania do riso é impiedosa” (MINOIS, 2003, p. 602).

#### 4.2.2.1 Comieracia pós-factual

---

<sup>323</sup> Disponível em: <https://www.college-de-france.fr/site/patrick-boucheron/course-2018-02-06-11h00.htm>. Acesso 15 ago. 2018. Transcrição e tradução nossas.

<sup>324</sup> Disponível em: <https://www.college-de-france.fr/site/patrick-boucheron/course-2018-02-06-11h00.htm>. Acesso 15 ago. 2018. Transcrição e tradução nossas.

*Somos uma humanidade que deseja rolar no chão de rir para esquecer que é o fim do mundo*<sup>325</sup> (Frédéric Beigbeder).

*Uma mentira, assim como uma piada, é tanto mais forte quanto mais verdade houver nela*<sup>326</sup> (Vitor Klemperer).

Um dos traços mais característicos dos sujeitos pós-factuais é o seu caráter comicrático, uma espécie de inundação contemporânea do riso. Se uma subjetividade pós-factual em tese pudesse caracterizar uma anomia comportamental e epistemológica, rapidamente desagradaria às coletividades. Mas há algo relativizando e tornando leve o peso de uma sociedade que é capaz de ironizar ditaduras, fazer pouco caso ironista do assassinato de políticos, humorizar comportamentos violentos, produzir humor e não crítica contra injustiças. O cinismo pós-factual corrente deixa-se amaciar pela humorização generalizada em cada indivíduo, em cada instituição, em cada meio de mídia, na ciência, na filosofia, na educação, na política e, em suma, solidifica-se de forma institucionalizada.

Tomamos como inspiração a crítica de François L'Yvonnet, em seu livro *Homo Comicus ou l'intégrisme de la rigolade*, de 2012, denunciando o que se pode chamar de uma nova classe: os *comicocrates* (L'YVONNET, 2012). Um operador central para o entendimento da pós-verdade, em nossa análise, é o clima ironista institucional generalizado, que podemos chamar de *comicracia*, isto é, um regime no qual o humorismo é discurso normativizante e mesmo os humoristas passam à administração da vida intelectual.

Trata-se de um processo de soterramento da crítica por quilos de risos históricos, “a obsessão festiva é outro sinal do triunfo ambíguo do riso” (MINOIS, 2003, p. 600). A onipresença do humorístico, a risada a qualquer custo, o louvor ao intelectual que faz rir, “porque o humorista contemporâneo é também filósofo... Não se contenta em ocupar as rádios, publica livros, pensa e quer dar a conhecer<sup>327</sup>” (L'YVONNET, 2012, paginação irregular, tradução nossa).

Dá-se, então, proeminência ao filósofo jocoso, ao professor recreador, ao político ironista. “O bobo da corte é saudável; o bobo da corte que se torna rei é um novo sistema: o cômico-populista<sup>328</sup>” (BEIGBEDER, 2020, p. 38, tradução nossa). O humor, tradicional arma

---

<sup>325</sup> Disponível em: <https://youtu.be/VfcDK1jAWbo> Acesso 12 jul. 2021. Transcrição e tradução nossas. “On est une humanité qui a envie de se rouler par terre de rire pour oublier que c'est la fin du monde”.

<sup>326</sup> KLEMPERER, Victor. *LTI: a linguagem do Terceiro Reich*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009. p. 276.

<sup>327</sup> “Car l'humoriste contemporain est aussi philosophe... Il ne se contente pas d'occuper les ondes, il publie des livres, il pense et veut le faire savoir”.

<sup>328</sup> “Le bouffon du roi, c'est sain; le bouffon qui devient le roi, c'est un nouveau système: le comico-populisme”.

de injeção de crítica, tornou-se um sistema. E, ademais, “o poder aprendeu a rir de si mesmo” (SAFATLE, ANO, p. 69) e do mais fraco. E o fraco segue usando a arma atenuada para rir de si em autodepreciação e não conseguir mais fazer rir-se do poderoso. É o riso industrialmente elaborado para evitar ao máximo a autopercepção de dominado. “O sinal óbvio de uma degradação do pensamento em operação de marketing<sup>329</sup>” (L’YVONNET, 2012, paginação irregular, tradução nossa), um estado profundo de despolitização.

Frederic Beigbeder, escritor e crítico francês, analisa de forma contundente e em caráter psicopolítico - em sua ficção *L’homme que Pleure de Rire* (2020, paginação irregular, tradução nossa) -, a languidez espiritual do humor hoje:

O olhar irônico sobre o poder prevalece sobre a verdade da análise do poder. Faz-nos aceitar nossa inferioridade com sentimento de superioridade. O sarcasmo dos humoristas é geralmente apresentado como a resposta indispensável à arrogância dos poderosos, mas não percamos de vista que é também a vingança dos impotentes<sup>330</sup>.

Por que não podemos esperar que o riso seja ainda arma contra o poder? (SAFATLE, 2017). O riso perde o poder de arma, torna-se artigo de consumo, inverte sua lógica tradicional, arrisca-se a virar instrumento político hegemônico e, finalmente, perde o poder de sátira. Exemplos práticos encontram-se aos montes. Tomemos ao menos um caso<sup>331</sup>, bastante arquetípico, cuja postura parodística diminui uma luta emancipadora, ironiza-a, parodiando-a, e, por consequência, deslegitimando-a. Esse pequeno exemplo indica claramente como a humorização do discurso dessubstancializa a luta política e legitima qualquer posição antagônica, mesmo que irrazoável, desde que o conteúdo esteja previamente ironizado.

Esse conteúdo mostra um policial militar brasileiro, autodeclarado conservador, alçado à categoria de *influencer* em uma plataforma de *streaming* de vídeos, realiza um *sketch* nomeado “como não ser assaltado no Rio [de Janeiro]”. Na produção, o policial representa um personagem que, guiando um carro e respondendo ao anúncio de um assalto, arremessa a chave do veículo por cima de um portão de uma casa, e depois responde à indagação dos supostos assaltantes do porquê de ter tomado aquela atitude. Sua resposta foi a seguinte: “não fala assim dela [da chave]. Ela se identifica como um pássaro bem bonito e belo. Voou em

<sup>329</sup> Le signe patent d’une dégradation de la pensée en opération de marketing

<sup>330</sup> “Le regard ironique sur le pouvoir prend le pas sur la vérité de l’analyse du pouvoir. Il nous fait accepter notre infériorité avec un sentiment de supériorité. Le sarcasme des humoristes est généralement présenté comme la réponse indispensable à l’arrogance des puissants, mais ne perdons pas de vue qu’il est aussi la vengeance des impuissants”.

<sup>331</sup> Veja-se este conteúdo, disponível em: [https://youtube.com/shorts/IENvX\\_uFLTW?feature=share](https://youtube.com/shorts/IENvX_uFLTW?feature=share).

liberdade”. Nesse caso, nos deparamos claramente com um exemplo de atuação cínica e comicrática, da apropriação parodista voluntária de uma gramática de lutas identitárias. Como discutimos na parte três, trata-se tão somente de apropriação em causa própria de uma linguagem e culpabilizar as pautas identitárias e a filosofia pós-moderna por este tipo de relativismo paródico é uma postura programaticamente cínica.

E independente de rasgos ideológicos, morais e/ou político-partidários, experiencia-se agora um momento no qual se ri de tudo, o mais alto possível, para nada ouvir, para nada profundamente elaborar, nenhuma razão perceber, para que nenhuma evidência possa ser iluminada, pois contraposta a uma explosão de risadas. Alienação humorística, ditadura do rir. “Na democracia do entretenimento, um presidente da República é menos importante do que um bufão porque tem que aguentar a caricatura diária, enquanto o bufão não pode ser criticado; este é, portanto, um tirano<sup>332</sup>” (BEIGBEDER, 2020, página, traduzir). Isso porque a política:

[...] foi desalojada do centro da afirmação identitária dos indivíduos [...]. A oferta política deixou de ser um vetor de sedução para indivíduos hipermodernos massivamente atraídos por todas as outras atrações: o sucesso profissional, o dinheiro, os prazeres da vida privada e consumista, os lazeres, o desenvolvimento pessoal<sup>333</sup> (LIPOVETSKY, 2017, p. 333, tradução nossa).

Adentramos em um regime no qual a necessidade da sátira, a “ironia militante” (FRYE, 1973, p. 219), passa à sua banalização sistemática, deixando de ser um dos últimos recursos quando a crítica não atinge o alvo. A risada empobrece, torna-se histórica e neutraliza a compreensão. Sintoma de época no qual ridículo deve obrigatoriamente ter lugar nas relações, anulando a qualquer custo o sério, obliterando a capacidade de perceber o óbvio e o grave. Sintoma de época e “esse sintoma é coletivo, como em uma histeria coletiva, mas relativa ao caráter, ao modo de ser e de aparecer” (TIBURI, 2017, p. 36-37).

Em *Don't Look Up*, produção cinematográfica de 2021, essa preocupação está bem explicitada. A perda de credibilidade dos cientistas, as antigas disputas políticas que relativizam a verdade e os fatos e a atuação semi-debilóide dos novos tecnocratas exploradores do espaço — que estão hoje adicionados aos jogos de poder — se misturam à narcotização infoentredora da mídia, que impede a rápida e cristalina disseminação e

---

<sup>332</sup> “Dans la démocratie de divertissement, un président de la République est moins important qu'un bouffon car il doit supporter la caricature quotidienne, alors que le bouffon est incritiquable; celui-ci est donc un tyran”.

<sup>333</sup> “[...] a été délogé du centre de l'affirmation identitaire des individus [...]. L'offre politique a cessé d'être un vecteur séductif pour les individus hypermodernes massivement attirés par de tout autres charmes: la réussite professionnelle, l'argent, les plaisirs de la vie privée et consumériste, les loisirs, le développement personnel”.

percepção coletiva de que uma verdadeira calamidade está por acontecer. Os protagonistas, Kate Dibiasky (Jennifer Lawrence) e Dr. Randall Mindy (Leonardo DiCaprio), que preveem a apocalíptica aproximação de um cometa, a duras penas conseguem romper a dura camada da hiper-humorização midiática das suas declarações.

Quais os motivos pelos quais a expressão *crítica* mais evidente em voga no senso comum, sobretudo nas querelas políticas, sejam os memes (MARTIN, 2017)<sup>334</sup>? Sobre essa última linguagem, o meme, tornada expressão oficial do pensamento atual, o aforismo contemporâneo, substituto quase absoluto do texto — o atual *pathos* imagético —, podemos concordar com o que diz acertadamente Achille Mbembe: “a imagem tornou-se um fator de aceleração de energias pulsionais<sup>335</sup>” (MBEMBE, 2013, p. 14. Tradução nossa).

Observando as condutas atuais, se pode questionar as razões por que há sempre espaço para “bom humor” após uma crítica, neutralizando-a, não importando sua intensidade? Por que domesticar o pensamento a golpes de gargalhadas? Se pode afirmar que entramos numa lógica comicrática de relações?

A comicracia pode também ser considerado como um regime de racionalidade e relações no qual o humorismo é discurso normativizante, um ingresso para a aceitação pública do discurso, um “imperativo social generalizado” (LIPOVESTKY, 2003, p. 137), onde o papel de crítica fica a cargo de humoristas ou articuladores públicos notadamente jocosos, um notável processo de soterramento da crítica e do pensamento por quilos de risos históricos.

A preocupação já exposta de François L'Yvonnet, em seu livro de tom panfletário (2012), lança olhar sobre uma série de comediantes de um novo tipo, aos que chama de neo-humoristas, muito menos animadores de audiência e, direta ou sutilmente, mais ministradores de lições, acima do bem e do mal, cada vez menos comprometidos com o cômico. São, segundo nossa análise, notórios operadores pedagógicos de uma subjetividade pós-verdadeira. “Os novos humoristas não têm humor: são profissionais de comunicação que buscam colocar os risonhos ao seu lado<sup>336</sup>” (L'YVONNET, 2012, paginação irregular). Naturalmente, do ponto de vista econômico, mais uma lógica lucrativa, amplamente celebrada pela maioria da sociedade, mas um desastre do ponto de vista político e sociológico.

O mercado dota os neohumoristas de papéis sociais importantes nas estruturas coletivas contemporâneas. Como um *job* de suma importância. Mais um negócio e suas

---

<sup>334</sup> Disponível em: [http://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/18/politica/1495122702\\_582065.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/18/politica/1495122702_582065.html). Acesso em 4 jun. 2017

<sup>335</sup> “[...] l'image est devenue un facteur d'accélération des énergies pulsionnelles”.

<sup>336</sup> “Les nouveaux humoristes n'ont pas d'humour: ce sont des professionnels de la communication qui cherchent à mettre les rieurs de leur côté”.

oportunidades. São os pensadores da leveza, filósofos sem gravidade, sábios da risada ininterrupta. Os neohumoristas “tornaram-se gente muito séria, falando sério de si próprios e da corporação [...] O humor virou uma indústria de lazer, com seu pessoal e sua logística<sup>337</sup>” (L’YVONNET, 2012, paginação irregular). E assim o é dado que o riso é ator maior da atual cultura do lazer e entretenimento, força motriz importante da sociedade de mercado e consumo (LETOURNEUX; VAILLANT, 2021).

Apenas para uma rápida digressão, há uma sagaz reflexão cinematográfica sobre o tema produzida pela roteirista francesa Fanny Herrero. Trata-se da série *Drôle*, lançada na *Netflix* em 2022 e que expõe o caráter de ascensão social que o humorismo profissional pode proporcionar aos aspirantes ao ofício e todas as contingências nascidas deste *métier* midiático.

Por esse aporte mercadológico/midiático, os humoristas profissionais, nem sempre portadores de sutilezas éticas e políticas, acabam por serem os fabricantes da espetacularização dos atuais homens políticos, doadores de um estilo. O humor estreita as mãos com figuras e posturas inadequadas do ponto de vista político, cultural, humanitário. Não sem motivo, L’Yvonnet percebe que “se instalou um entendimento cordial entre caricaturistas e as caricaturas<sup>338</sup>” (L’YVONNET, 2012, paginação irregular). Essa lógica que nutre, mimetiza, celebra e enlarga figuras autoritárias ou controversas relaxa o peso da sua abjeção e os convidam à humorização e ironização dos seus próprios discursos e atitudes. O riso contemporâneo torna-se uma forma de incivilidade (FINKIELKRAUT, 2010). Se há uma relativização a ser considerada grave é a relativização paródica que autoriza qualquer discurso.

**O riso sardônico prepara eleição de palhaços maléficos com apoio das redes sociais.** O sucesso eleitoral do humorista populista se assenta na ideia – perfeitamente justa – de que ele não poderá fazer pior do que os desordeiros que lá estiveram antes<sup>339</sup> (BEIGBEDER, 2020, p. 39, tradução nossa, grifo nosso).

Por isso, os neo-humoristas são inspiradores jocosos dos linchamentos públicos quando acusam, ridicularizam, atacam com escárnio sem poupar a menor possibilidade de defesa. A seriedade é o inimigo a ser combatido e o riso não possui mais um critério ético enquanto instrumento político. O humor volta a não ter limite e as pautas regressivas são

<sup>337</sup> “sont devenus des gens très sérieux, parlant gravement d’eux-mêmes et de la corporation [...] L’humour est devenu une industrie du loisir, avec ses personnels et sa logistique”.

<sup>338</sup> “[...] une entente cordiale s’est installée entre les caricaturistes et les caricatures”.

<sup>339</sup> “Le rire sardonique prépare l’élection des clowns maléfiques avec l’appui des réseaux sociaux. Le succès électoral du comique populiste repose sur l’idée – parfaitement juste – qu’il ne pourra pas faire pire que les sinistres emmerdeurs qui étaient là avant”.

relativizadas e as figuras historicamente pisoteadas voltam a ser alvos massivos: mulheres, negros, judeus, homossexuais. Daí L'Yvonnet apontar um “intégrisme de la rigolade”, algo como, nas palavras de Jean Pichette, uma “ditadura do rir” (PICHETTE, 2017).

O cenário é um novo fundamentalismo: o da diversão. Se deverá rir de tudo, eis um novo imperativo categórico, o imperativo da uma sociedade comicrática: tu deves rir. “Pouco importa de quê, o riso se tornou seu próprio fim<sup>340</sup>” (L'YVONNET, 2012, paginação irregular). O resultado é desastroso do ponto de vista crítico e político.

É o que verificam os comediantes, eles próprios são a solução mais fácil, a solução para a ausência de debate, de crítica, de reflexão política. Eles florescem na decomposição de crenças e ideias. Eles são literalmente asfixiados por sua suposta “liberdade” de expressão<sup>341</sup> (L'YVONNET, 2012, paginação irregular, tradução nossa).

Eles predominam nas rádios, nas televisões, erguem impérios de audiências no *Youtube*, já são largamente lidos na imprensa escrita, publicam livros, realizam filmes, tornam-se donos de teatros e casas de shows. São uma novíssima elite intelectual: à esquerda, ao centro e à direita. A ponto de mesmo em âmbito discursivo proto-fascista haver produção humorística como produto de pensamento. “O Voltaire de hoje é um colunista assalariado de uma grande estação de rádio pública ou privada. Dá uma de asno no palco de um teatro mais frequentemente privado do que público. Ele se desfila na bolsa...”<sup>342</sup> (L'YVONNET, 2012, paginação irregular).

A mais eficiente performance da risada obscena e derrisória que parte do poderoso nasce da aliança mais do que permissiva da força comicrática que torna comum a risada que a tudo atinge e a ela não se pode tocar ou agredir em contra-ataque. Não causa mais escândalo a risada que zomba da vítima da ditadura, da vítima do racismo, do óbito do adversário político. No vácuo abissal da nossa vida política e cultural, o comediante foi alçado ao posto de filósofo, pregador, conselheiro político e moralista cujas pregações representam uma importante ausência de espírito crítico, cenário ideal ao político que floresce por sobre pautas regressivas. “O humorismo torna-se político – deveríamos falar de “humor político” (como

---

<sup>340</sup> “Peu importe de quoi, le rire est devenu à lui-même sa propre fin”.

<sup>341</sup> “C’est ce que vérifient les humoristes, ils sont eux-mêmes la solution la plus facile, la solution à l’absence de débat, de critique, de réflexion politique. Ils fleurissent sur la décomposition des convictions et des idées. Ils sont littéralement asphyxiés par leur prétendue ‘liberté’ d’expression”.

<sup>342</sup> “Le Voltaire d’aujourd’hui est chroniqueur salarié d’une grande radio publique ou privée. Il fait l’âne sur les planches d’un théâtre plus souvent privé que public. Il pavane dans la subvention...”

falamos de “ecologia política”). O próprio neohumorista está a caminho de ocupar o lugar do político<sup>343</sup>” (L’YVONNET, 2012, paginação irregular).

O cenário não é meramente especulativo e não necessariamente indica um problema exclusivamente neoconservador. As mídias contra-hegemônicas também fazem parte da lógica do riso como imperativo categórico. Nos Estados Unidos, por exemplo, entre 2004<sup>344</sup> e 2012<sup>345</sup>, pesquisas encabeçadas pelo *Pew Research Center* demonstraram o aparecimento de uma numerosa audiência surgida pela busca de informação oriunda de mídias humorísticas.

O que, com efeito, significa dizer que uma parte grande da informação consultada chega ao consumidor final já com o filtro humorístico ou, ainda mais, que há uma audiência que toma ciência de um fato somente após sua leitura e aparição com reinterpretação por códigos humorísticos. “Entramos em um universo onde tudo é cômico onde todos são cômicos, pelo desaparecimento de seu oposto ou de seu negativo. Há um verdadeiro fundamentalismo da risadagem. Rir tornou-se um dever e acima de tudo um direito<sup>346</sup>” (L’YVONNET, 2012, paginação irregular).

Por que, por exemplo, figuras autoritárias, ao invés de criticadas, são combatidas muito mais numerosamente através de imitadores e personagens em programas televisivos de humor<sup>347</sup> e artefatos digitais? “A zombaria política, longe de desembocar na subversão, acaba contribuindo para banalizar as práticas que denuncia. Os meios políticos conseguem exterminar o cômico, tornando-se eles próprios cômicos” (MINOIS, 2003, p. 596). Não há aí, nesse movimento, justamente uma entronização do alvo, substituindo sua descredencialização pública por sua celebração, suscitando uma espécie de “consenso humorístico” (MINOIS, 2003, p. 599)?

Nada é mais estéril e mais anestesiante do que rir por rir. A apoteose do escárnio dos políticos é agora alcançada com a proliferação de imitadores. A questão não é saber se são boas ou más [...] mas sim medir o efeito produzido: da mesma forma que o voto não faz mais do que imitar a pesquisa, o discurso político doravante procura manter-se fiel à sua imitação, tornando-se puro significante. Puro de todo significado e, portanto,

---

<sup>343</sup> “L’humorisme devient politique – il faudrait parler d’‘humorisme politique’ (comme on parle d’‘écologie politique’). Le néo-humoriste est lui-même en passe de prendre la place de l’homme politique”.

<sup>344</sup> Disponível em: <http://www.cbsnews.com/news/young-get-news-from-comedy-central/> Acesso em: 17 ago. 2014.

<sup>345</sup> Disponível em: <http://www.people-press.org/2012/09/27/section-4-demographics-and-political-views-of-news-audiences/> Acesso em: 17 ago. 14.

<sup>346</sup> “Nous sommes entrés dans un univers où tout est comique où tout le monde est comique, par la disparition de son contraire ou de son négatif. Il y a un véritable intégrisme de la rigolade. Rire est devenu un devoir et surtout un droit”.

<sup>347</sup> Disponível em: <https://gshow.globo.com/programas/zorra/2019/noticia/bolsonaro-em-desenho-animado-conheca-o-capitao-talkei.ghtml>. Acesso em: 01 dez. 2019.

irrefutável, apenas repetível *ad infinitum*<sup>348</sup> (L'YVONNET, 2012, página, tradução).

Presidentes convidam humoristas para entrevistas coletivas<sup>349</sup>, ironizando insalubrememente a profissão jornalística, os produtos mais consumidos durante pleitos eleitorais giram em torno de profissionais do humor imitando candidatos à presidência<sup>350</sup> ou os próprios candidatos discutindo com seus imitadores<sup>351</sup> e não será de todo exagerar temer o risco de que a imitação já há muito seja capaz de substituir o verdadeiro, “podemos apostar que num futuro próximo os únicos programas ‘políticos’ serão os chamados programas humorísticos<sup>352</sup>” (L'YVONNET, 2012, paginação irregular).

O riso está, a propósito, impondo onipresença entre líderes conservadores. “Marine Le Pen, [por exemplo] que arvora uma risada sardônica em todas as circunstâncias, usa gargalhadas beligerantes para escapar de objeções e perguntas embaraçosas<sup>353</sup>” (L'YVONNET, 2012, paginação irregular).

Todos riem das questões mais sérias, não importa se à esquerda ou à direita. As refregas públicas disparam e se adornam constantemente com artefatos humorísticos. Os negacionistas não são debatidos com a seriedade de que a sociedade necessita, de modo a garantir valores de verdade para a condução da vida comum. “Se ridicularizamos a conspiração e evitamos dialogar com aqueles que nela creem, eles logo serão arrebanhados por qualquer um que diga, ainda que cinicamente, apoiar suas ficções” (BRASIL, 2019, p. 125). O sujeito pós-verdadeiro é também um *Homo comicus*.

#### 4.2.2.2 Gilles Lipovetsky e a sociedade humorística

O fenômeno da humorização generalizada das condutas se encontra por todos os lados, além da política. Empresas optam por *stand-ups* corporativos ao invés de formações e as

---

<sup>348</sup> “Rien de plus stérile et de plus anesthésiant que de se tenir les côtes pour se tenir les côtes. L'apothéose de la dérision des politiques est aujourd'hui atteinte avec la prolifération des imitateurs. La question n'est pas de savoir s'ils sont bons ou mauvais [...] mais de mesurer l'effet produit : de la même manière que le vote ne fait plus qu'« imiter » le sondage, la parole politique cherche désormais à coller à son imitation, devenant un signifiant pur. Pur de toute signification et par là même irréfutable, seulement répétable à l'infini”.

<sup>349</sup> Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2020/03/05/bolsonaro-escala-humorista-para-dar-bananas-a-imprensa.ghtml>. Acesso em: 13 abr. 2020.

<sup>350</sup> Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/marcelo-adnet-encarna-politicos-em-serie-de-videos-do-globo-23062460> Acesso em: 02 dez. 2018.

<sup>351</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/live/iMKFoj1HA00?feature=share>. Acesso em 30 ago. 2022

<sup>352</sup> “[...] on peut parier que dans un avenir proche les seules émissions «politiques» seront les émissions dites humoristiques”.

<sup>353</sup> “Marine Le Pen, [por exemplo] qui arbore en toute circonstance un rire sardonique, use de l'esclaffement belliqueux pour échapper aux objections et aux questions embarrassantes”.

chamadas reciclagens profissionais e o jornalismo aceita ser jocoso<sup>354</sup>. As manchetes de jornais, impressos ou eletrônicos, tornaram-se macroestruturas semânticas mais importantes do que a própria notícia, carregando consigo um nível absolutamente excessivo de signos humorísticos. Há um código social que agora media parte bastante importante das relações humanas: o código humorístico.

Por que uma linguagem jornalística saturada de manchetes burlescas e leves? Por que o *spot* humorístico substituiu os reclames tradicionais, “realistas” e loquazes, sérios e carregados de texto? Impossível explicá-lo somente pelo imperativo do vender, pelos progressos do desenho ou das técnicas publicitárias. Se o **código humorístico** se impôs, se propagou, é por que corresponde a novos valores, a novos gostos (e não somente ao interesse de uma classe), a um novo tipo de individualidade que aspira ao prazer e à expansão, alérgica à solenidade do sentido depois de meio século de socialização através do consumo. (LIPOVETSKY, 2003, p. 156-157, tradução nossa, grifo nosso).

A banalização desses códigos, veremos com Gilles Lipovetsky, que inundam a sociedade com um riso difuso, mascara as fronteiras do que é a crítica banal e a crítica necessária, o que é real do que é ficcional. Precisamente por isso, afirma Lipovetsky (2009, p. 9), “somos superinformados em crônicas jornalísticas, mas subdesenvolvidos em matéria de compreensão histórica e social do fenômeno”.

Numa sociedade onde os valores se tornam majoritariamente paródicos e a artificialização da leveza no trato de qualquer temática toma lugar preponderante, torna-se penoso o peso ontológico da verdade e dispensável sua utilidade epistemológica. O próprio valor da verdade vira uma figura sem substância, espezinhada enquanto símbolo, ironizada, desacreditada, negada, contradita sem bases factuais, menoscabada, tratada com cinismo, tornada mais uma mercadoria entre mercadorias, a serviço de um sistema que não necessita de valores transcendentais para rodar seu maquinário de vendagem de tudo. Como afirma Dany-Robert Dufour, em *A Arte de Reduzir as Cabeças*:

De modo geral, toda figura transcendente que vinha fundar valor é doravante recusada, há apenas mercadorias entre mercadorias que são trocadas em seu estrito valor de mercadorias. Hoje, os homens solicitados a se livrar de todas as sobrecargas simbólicas que garantiriam suas trocas. O valor simbólico é assim desmantelado, em proveito do simples e neutro valor monetário da mercadoria, de tal forma que nada mais, nenhuma outra consideração (moral, tradicional, transcendente, transcendental...) possa entrar sua livre circulação. Daí resulta uma dessimbolização do mundo. Os homens não devem mais entrar em acordo com os valores simbólicos transcendentais,

---

<sup>354</sup> Disponível em: <https://extra.globo.com/tv-e-lazer/piada-de-evaristo-costa-no-jornal-hoje-um-dos-assuntos-mais-comentados-do-twitter-no-brasil-3553344.html>. Acesso em: 07 jul. 2017.

simplesmente devem se dobrar ao jogo da circulação infinita e expandida da mercadoria. (DUFOUR, 2005, p. 13).

As percepções de Lipovetsky são valiosas para a abordagem do espírito do tempo sócio-histórico no qual está instalada a pós-verdade. Segundo esse autor, adentramos em uma lógica social pós-disciplinar, permeada por um individualismo contemporâneo, inflado de *códigos humorísticos*. Esse autor nos insta a questionar quando o humor, através do código humorístico, um “aroma espiritual do hedonismo de massa” (LIPOVETSKY, 2003, p. 156), se tornou um imperativo social generalizado, um ingresso coletivo inexorável, um bilhete de navegação indispensável a quem deseja fazer-se ouvir. “O humor se torna uma qualidade exigida ao outro” (LIPOVETSKY, 2003, p. 160).

Parece natural em nossos dias, podemos classifica-los como modernidade tardia, pós-modernidade, pós-pós-modernidade ou, como é o caso, pós-verdade, que o sujeito adote preferencialmente uma postura humorística para a compreensão do mundo, aplicando um verniz cínico e irônico sobre a realidade, tornando-a mais inteligível, rebatendo todo e qualquer argumento com golpes de risadas históricas. Charles Darwin, em sua obra *A expressão das Emoções no Homem e nos Animais*, afirma que “nos idiotas a risada é a mais prevalente e frequente das expressões emocionais” (DARWIN, 2009, p. 169). Se isso é aplicável ao indivíduo, não é necessário ter receio de aplicar a tese à coletividade. “Antes marginalizado, o idiota agora se apossa com facilidade das estruturas de poder. Com essas estruturas nas mãos, constrói um mundo à sua imagem e semelhança — um mundo no qual estamos todos condenados a viver” (BRASIL, 2019, p. 11).

Uma ligeira análise de discurso de qualquer área de produção de informação, mesmo a filosofia, mostrará que o relaxamento e neutralização lúdica dos signos fazem com que “os valores superiores se tornem paródicos” (LIPOVETSKY, 1986, p. 162). Mas nada se encerra apenas nos campos tradicionais do conhecimento. Há uma característica preocupante na perda de credibilidade do especialista, que recai no clima geral de paródia. Tomemos um exemplo esportivo.

No Brasil recente, um campeão mundial de boxe é desafiado e aceita uma luta contra um *youtuber* popular, e a apresentação do certame é feita por um humorista profissional<sup>355</sup>. Tudo ao redor do evento é *fake news* ou fato alternativo. A contagem dos pontos dos *rounds* está longe da realidade técnica, a declaração simbólica de empate ao final do “combate”, quando na verdade o bobo da corte digital sofreu danos importantes durante a luta e o

---

<sup>355</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FdtXLKowy50>. Acesso em: 31 jan. 2022.

jornalismo esportivo, aprofundando o problema, alegando equilíbrio e notoriedade do evento. Ao final, o ex-pugilista se ajoelha diante de quem, doravante, manda intelectualmente no mundo e acumula as posições mais valiosas aos humanos deste tempo: a de humorista e *youtuber*. A ausência de acerto da realidade está sendo substituída por sátira permissiva à ausência de entendimento.

Mesmo na linguagem científica, na qual se deposita todo o crédito de um discurso sem espaço para bazófias, podem-se encontrar aventuras de um discurso piadista<sup>356</sup>. Em suma, o humor penetrou em espaços outrora reservados exclusivamente a discursos austeros.

Parece natural em nossos dias — classifique-se como modernidade tardia, pós-modernidade ou pós-pós-modernidade — que o sujeito, “alérgico à solenidade do sentido” (LIPOVETSKY, 2009, p. 157), adote preferencialmente uma postura humorística para a compreensão do mundo, aplicando um verniz cínico e irônico sobre a realidade, com a intenção de torná-la mais aprazível.

Dadas as intenções, há de se questionar se não está o conceito de “pós-verdade” relacionado às razões pelas quais a cultura atual se assenta na mais alta necessidade de fuga da verdade, da ironização pandêmica das questões mais profundas, do passo atrás em relação à fertilidade de uma crítica ao real e da consequente ficcionalização da realidade. Qual a fonte da quantidade intangível de véus que se antepõem entre um sujeito contemporâneo e seu contexto? Por que se normativiza uma agoniada fuga de crítica?

Interessante notar que, para Lipovetsky, o estado atual de coisas já não pode mais ser inserido no conceito de pós-modernidade. Para o autor, adentramos no que chamará de hiper-modernidade, numa sociedade do hipernarcisismo e do hiperconsumo. Nesse pensador, a pós-verdade poderá ser chamada quiçá de hiper-verdade?

No cerne do novo arranjo do regime do tempo social, temos: (1) a passagem do capitalismo de produção para uma economia de consumo e de **comunicação de massa**; e (2) a **substituição de uma sociedade rigorístico-disciplinar por uma “sociedade-moda”** completamente reestruturada pelas técnicas do efêmero, da renovação e da sedução permanentes. (CHARLES; LIPOVETSKY, 2004, p. 60, grifo nosso).

---

<sup>356</sup> É oportuno salientar que, mesmo as produções científicas, na busca de audiência, têm sido permeadas pelo código humorístico. Expomos abaixo três artigos nos quais esses códigos são especialmente explícitos, sendo eles das áreas de fisioterapia e astrofísica, respectivamente (grifos nossos): 1) SCHRADER, SM; BREITENSTEIN, MJ; LOWE, BD. “**Cutting off the nose to save the penis**”. *Journal of Sex Med.* 2008, aug, n. 5 (8):1932-40; 2) EL-BADRY, K. et al. “**When The Jeans Don’t Fit: how stellar feedback drives stellar kinem**”, *The Astrophysical Journal*, USA, v. 835, n. 2; e 3) BALDRICH, P.; BERIC, A; MEYERS, BC. “**Despacito: the slow evolutionary changes in plant microRNAs**”. *Curr Opin Plant Biol*, 2018, apr., 42:16-22, 2018.

O que Hegel vislumbrou como a possibilidade de um esvaziamento moral e de um niilismo comportamental, frutos de uma ironização patológica das condutas a partir de uma crítica à subjetividade romântica, Lipovetsky constatará ser a infraestrutura hegemônica da ação hipermoderna. Se Sloterdijk afirma que “não se pode em nenhuma época reprimir o direito humano à frivolidade” (SLOTERDIJK, 2014, paginação irregular, tradução nossa) é porque “a modernidade está construída sobre um paralelogramo de energias psicopolíticas antagônicas: nele, forças que promovem a frivolidade, a tolice e o consumo lutam constantemente contra tendências sérias, seguras e realistas” (SLOTERDIJK, 2014, paginação irregular, tradução nossa). Fugindo cinicamente da crítica, ou seja, da assunção às estruturas mais profundas da realidade já postas a nu, as pessoas na contemporaneidade buscam a leveza do sentido para suportar o seu natural autoengano.

Com as ideologias desmascaradas, o homem vê as coisas como elas são, não as suporta e se refugia em individualidade, em personalização, nas emoções, no mundo do consumo, em riso permanente, intoxicado voluntariamente por códigos humorísticos, pela ironização do discurso em cada esfera da existência. “O mundo deve rir para camuflar a perda de sentido. Ele não sabe para onde se encaminha, mas vai rindo.” (MINOIS, 2003, p. 554).

A política, convertida em um circo do entretenimento, é o campo no qual foi detectada sobretudo as dissonâncias da pós-verdade. É chegada a “fase humorística e particularista das democracias, nas quais a igualdade zomba da igualdade” (LIPOVETSKY, 2003, p. 167). Uma sociedade cínica e pós-ideológica, ludicamente hipertrofiada, tem agora a pós-verdade como seu principal articulador.

Depois da fase de afirmação gloriosa e heroica das democracias nas quais os signos ideológicos rivalizaram em ênfases (a nação, a igualdade, o socialismo, a arte pela arte) com os discursos hierárquicos destronados, entramos na era democrática pós-moderna, que se identifica com a **dessubstancialização humorística** dos principais critérios sociais. (LIPOVETSKY, 2003, p. 162, grifo nosso).

Se é o discurso pós-verdadeiro o modo de acetinar e tornar mais *leve* a gravidade da verdade, apelando sobretudo à emoção e não aos fatos, nos conectamos ao que classifica Lipovetsky como “código humorístico”. Este último está em plena consonância com as indicações dessubstancialistas de Hegel e de Sloterdijk, por exemplo.

O código humorístico, afirma Lipovetsky, “enfraquece a reivindicação do sentido, destitui os conteúdos. Ao invés de transmissão ideológica, a dessubstancialização humorística [...]. A glorificação do sentido foi substituída por uma **depreciação lúdica**, uma lógica

inverossímil” (LIPOVETSKY, 1986, p. 148, página, grifo nosso). Não está aí uma das chaves de entendimento do discurso pós-factual?

As questões lipovetskeanas, na extensão de sua obra, são um instrumental de questionamento sobre ser a era pós-factual o *locus* do que se pode atualmente chamar de pós-verdade, uma construção discursiva cínica, que propõe simultaneamente lei e contravenção, ludicamente hipertrofiada, onde o fato real se encontra diluído na hiperabundância de dados com os quais inadvertidamente lidamos hoje.

O vazio ideológico da sociedade neocínica e *hipermoderna* — segundo a classificação de Lipovetsky —, sem gravidade, de condutas ironizantes, desapropriada de valores políticos e morais tradicionais, desiludida, irresponsável, indiferente, atravessada por uma constante autozombaria destrutiva, viu-se destinada à “ausência de fé pós-moderna, o neonilismo, [que não] é nem ateia e nem mortífera, se tornou humorística” (LIPOVETSKY, 1986, p. 137).

Isso significa dizer que, para Lipovetsky, a pós-modernidade, solo de dúvidas potencialmente angustiantes, de alguma maneira substituiu o drama de respostas filosóficas tradicionais pela expressão humorística. A sociedade humorística, onde “o riso é receita eleitoral, argumento publicitário, garantia de audiência para os meios de comunicação” (MINOIS, 2003, p. 594). É a sociedade do leve contra o pesado, o publicitário suprimindo o filosófico, a rede social pelo pensamento, a emoção pela razão, o imaginário pelo real, a ficção pelo fato, a verdade pela pós-verdade.

Lipovetsky classifica o atual paradigma não apenas de pós-moderno, mas de hipermoderno, a “era do hiper”, do elevado hedonismo individual, da comicidade autorreflexiva,<sup>357</sup> do “consumo emocional” (CHARLES; LIPOVETSKY, 2004, p. 36, tradução nossa), marca da pós-verdade, “uma sociedade liberal caracterizada pelo movimento, a fluidez, a flexibilidade, desligada como nunca dos grandes princípios estruturantes da modernidade” (CHARLES; LIPOVETSKY, 2004, p. 26, tradução nossa). É o momento, afirma Sloterdijk (1999), citado pelo próprio Lipovetsky, da “guerra do leve contra o pesado” (LIPOVETSKY, 2016, p. 33).

Se cada cultura desenvolve de maneira preponderante um esquema cômico, **unicamente a sociedade pós-moderna pode ser chamada de humorística**, pois só ela se instituiu globalmente sob a égide de um processo que tende a

---

<sup>357</sup> “O personagem burlesco é inconsciente da imagem que oferece ao outro, faz rir apesar de si, sem observar-se, sem se ver atuar, o cômico são as situações absurdas que engendra, os *gags* que dispara de acordo com um mecanismo irremediável. Ao contrário, com o humor narcisista, Woody Allen faz rir, sem parar em nenhum momento de analisar-se, dissecando seu próprio ridículo, apresentando a si mesmo e ao espectador o espelho do seu Eu desvalorizado. O Ego, a consciência de si próprio, é o que se converteu em objeto de humor e já não os vícios alheios ou as ações loucas.” (LIPOVETSKY, 2003, p. 145, tradução nossa).

dissolver a oposição, até então estrita, do sério e do não sério. Como as outras grandes divisões, a do cômico e do cerimonial se esvai, em benefício de um clima amplamente humorístico. Enquanto que a partir das sociedades estatais o cômico se opõe às normas sérias, ao Estado, representando para ele outro mundo, um mundo carnavalesco popular na Idade Média, mundo da liberdade satírica do espírito objetivo desde a idade clássica, na atualidade essa dualidade tende a desintegrar-se sob o impulso invasor do fenômeno humorístico que incorpora todas as esferas da vida social, por mais que desagrade. (LIPOVETSKY, 2016, p. 137).

Seguindo as indicações de Lipovetsky, podemos chegar à compreensão de como o humor pós-factual é autoconsciente, assim como é autoconsciente o cínico contemporâneo, como visto em Sloterdijk. Em que medida o código humorístico não é ferramenta da pós-verdade? Concentrado num riso conformista, numa onipresença do cômico que não faz rir, mas que encobre contentemente a verdade com signos humorísticos, a era da pós-verdade encontra forma de ficcionalizar a realidade para torná-la suportável aos sujeitos dessubstancializados e exercer sobre eles, ainda, alguma forma de dominação. “Rir de tudo é conformar-se com tudo, abolir o bem e o mal em benefício do *cool*” (MINOIS, 2003, p. 594). Seria isso a ditadura do bom-humor?

Pelo relaxamento ou distensão das mensagens que engendra, o código humorístico forma parte do amplo dispositivo polimorfo que, em todas as esferas, tende a personalizar as estruturas rígidas e as obrigações. Ao invés das cominações coercitivas, da distância hierárquica e da **austeridade ideológica**, se dão a proximidade e desenfado humorísticos, linguagem de uma sociedade flexível e aberta. (LIPOVETSKY, 2016, p. 156, grifo nosso).

Hipertrofiada ludicamente e cinicamente manejada, a realidade se ficcionaliza nos traços pós-factuais da sociedade contemporânea. Arrematando, Lipovetsky afirma que

Há tantas mais representações alegres quanto mais monótono e pobre é o real. A hipertrofia lúdica compensa e dissimula a angústia real contemporânea. Na realidade, o código humorístico aspira ao relaxamento dos signos e despojá-los de qualquer gravidade. Deste código resulta o verdadeiro vetor da democratização dos discursos mediante uma **dessubstancialização** e **neutralização lúdicas**. (LIPOVETSKY, 2016, p. 158, grifo nosso).

A banalização do código humorístico, inundando a sociedade com um riso difuso, mascara as fronteiras do que é a crítica banal e a crítica necessária. E não se trata do riso com o qual se relacionavam os cínicos clássicos. Como remarca Safatle (2008, p. 60):

Sabemos que a *parresia* cínica enquanto prática de formação daquele a quem o falar da verdade se endereça estava absolutamente indissociada do riso. Pois o falar franco cínico é solidário dos usos corrosivos do sarcasmo, do escárnio, da sátira, da paródia e da diatribe. O humor aparecia como a

maneira correta de dizer aquilo que é da ordem da verdade, humor que inverte designações e esvazia significações. O que explica por que as formas da transmissão filosófica dos cínicos estavam todas vinculadas a modos humorísticos.

O que garante a eficiência do jogo pós-verdadeiro é a performance dos seus atores que aderem cínica e ludicamente ao pacto ficcional que assegura o discurso que desejam impor e praticar diante da coletividade. Fica claro que uma postura pós-factual é uma identificação irônica que fornece modelo de ação e não há espaço para contradição uma vez que se trata de uma autêntica atuação na defesa do que convém. Essa atuação em sentido teatral fornece energia psicopolítica que fortalece o entusiasmo da mentira autorrepresentado. O cinismo comicrático perpassa os sujeitos que agem ironicamente como se não soubessem o que está por trás das ficções políticas, morais e sociais as quais se aferram. E se todo esse jogo corre o risco de ser desmascarado, há uma síndrome do pânico (SAFATLE, 2017) que ao invés de causar paralisação da atuação, convoca a risada esterilizante para autodefesa e se manifesta, também, em postura epistemofóbica, veritafóbica.

Qualquer aderência a produtos ficcionais necessita de acordos intersubjetivos. O autoengano pós-verdadeiro depende do que Jean-Marie Schaeffer chama de fingimento lúdico compartilhado, vetorizado por imersão mimética e enganos pré-atencionais (SCHAEFFER, 2002), cujo objetivo, entretanto, “não é conduzir ao erro, tampouco elaborar meras aparências ou ilusões, senão atuar como vetor que dá acesso a uma atividade de modelização. Isto é, induzir-nos a entrar na ficção” (SCHRÖPEL, 2019, p. 14).

Todas as ficções têm em comum a mesma estrutura intencional (a do fingimento lúdico compartilhado) [...] a adesão é livre porque o dispositivo ficcional é um exemplo do modo de interação lúdica que só poderia ser estabelecido sobre uma base voluntária e, como todo jogo, a ficção instaura suas próprias regras, o que implica uma suspensão provisória (e parcial) das que têm validade fora do espaço lúdico. (SCHAEFFER, 2002, p. 134-228)

A subjetividade da sociedade de consumo de informação, o sujeito pós-verdadeiro, está por demais habituada à imersão em produtos ficcionais de toda ordem e de forma voluntária. Não é difícil, portanto, manobrar politicamente forçando os limites da ficção, contando com o cinismo da informação e a ironização generalizada das condutas dos que produzem e dos que consomem. O sujeito pós-verdadeiro é um ator, não um alienado.

Portanto, desmascaradas as posturas cínicas parodiantes, postas a nu as atuações performáticas ironistas dos atores pós-factuais, a atuação da crítica, mesmo oriunda de produtos humorísticos, pressupõe cautela. Por isso, não se pode isentar setores de produção de

linguagem humorística, mesmo as contra-hegemônicas, pela crescente de utilização de *fake news* como metodologia de embate político. Não necessariamente é o solo da pós-modernidade o demônio a ser atacado, o feixe é mais complexo, mas mesmo as mais bem intencionadas formas de crítica que esgarçam os limites do humorístico podem oferecer instrumental estético às pautas pós-verdadeiras que a tudo parodiam. Não é de se causar estranheza que, nesse cenário de hipertrofia lúdica, que os produtos humorísticos logrem tamanho sucesso, uma vez que é notória a inabilidade do sujeito contemporâneo (por cinismo ou por inconsciência) em discernir o que é uma informação verdadeira e o que é uma notícia falsa.

Tomemos o exemplo real das mídias infossatíricas digitais que emulam o formato periodístico, e que se puseram em tempos recentes a *mentir em defesa da verdade*. Essa linguagem cresceu muito substancialmente nos últimos anos, isto é, há uma vontade de buscar notícias criadas ou reinterpretadas pela prensa satírica digital. Nos Estados Unidos, país com talento originário para a linguagem em questão, estiveram em evidência programas de TV como o *Daily Show*, com Jon Stewart ou o *Colbert Report*, do famigerado Stephen Colbert.

Expor a realidade de forma oblíqua, alterada, satirizada ou hiperreal vinha sendo uma maneira de informar e a apatia e o descrédito em relação às notícias oriundas das agências oficiais parecem ser uma das motivações pela escolha da notícia satírica ou de qualquer outro meio alternativo. O que tornava popular o falso periodismo satírico, antes das *fake news* pós-factuais, era a carga paradoxal de honestidade por ele produzida. A esta altura, já não há complexidade em propor uma distinção entre as *fake News*, no sentido de pseudoperiodismo satírico digital, e a produção deliberadamente deceptiva, cujo objetivo é plantar, remuneradamente, falsa informação para amotinação pública, resultando pragmaticamente em problemas de ordem internacionais já mencionados nesta tese. Ou seja, uma nova máquina de guerra de informação. Em suma, noticiário satírico e notícia falsa são entidades cuja finalidade é distinta, mas não se pode no atual quadro de acontecimentos e de crise política isentar os primeiros de qualquer responsabilidade.

Claro que se se opera uma ontologia do jornalismo, via de regra, se localizará o humor como manifestação de predicado essencial. No jogo entre a informação e o entretenimento, o espaço para a ironia, a sátira e a paródia, sempre esteve assegurado. Mas quando os papéis se invertem e é o humor de mentira cômica que passa a emular o jornalismo, este ocorrendo de forma acessória, o produto é capaz, ao mesmo tempo, de causar confusão num receptor desinformado (ou descontextualizado) e atingir alvos escolhidos com a minúcia do escárnio.

Nesse contexto, questionamos, seria possível utilizar a mentira a serviço da verdade? É exatamente o que operaram e seguem operando as *fake news* infossatíricas, versões atualizadas dos antigos pastiches e hebdomadários satíricos, em detrimento dos jornais tradicionais.

Essa linguagem, o “forte impacto da sátira para passar mensagens” (NGANGUË, 2011, p. 125) obteve massiva atenção ao mesmo tempo em que se popularizavam produtos ficcionais e paródicos como os *mockbusters* e *mockumentaries*.<sup>358</sup> Sem dúvida, as notícias satíricas possuem “a capacidade de ter um impacto positivo sobre a audiência” (REILLY, 2010, p. 10) e corroboram o que muitos jornalistas já têm em conta: a mídia tradicional, em suas diversas plataformas, vem se tornando cada vez menos fonte de consulta por parte de um público cuja formação é indissociável do ciberespaço e que busca informação no seio das mídias alternativas (ATTON, 2006), na tentativa de evasão de fenômenos como o sensacionalismo e a desinformação (SERRANO, 2009).

O humor é das mais tradicionais formas de injeção de uma crítica, e a contemporaneidade forneceu terreno propício para a semeadura de toda sorte de infosátiras (VALHONDO CREGO, 2007). A combinação de duas fórmulas atavicamente contra-hegemônicas, a sátira e o jornalismo, fizeram das notícias *fake* um “meio caminho entre a realidade construída pelo jornalismo de massa, o puramente objetivo e a farsa deliberada” (BROUSSARD, 2013, p. 5, tradução nossa).

Ainda que emule formatos consagrados, o noticiário satírico encontrou na Web 2.0 ainda mais penetração, pois encontrou um público ávido por infoentretenimento. De fato, do ponto de vista do atual espectador — espécie de web-ator (PISANI; PIOTET, 2008, p. 2), doravante liberto dos moldes da mídia tradicional de modelo estocástico (SFEZ, 2004) —, são merecedores de audiência os meios de comunicação horizontais, que sejam capazes de informar e entreter.

Muitos dos sites de falsas notas jornalísticas foram mimetizados a partir do estadunidense *The Onion*, considerado o arquétipo desse tipo de mídia, pois se posicionava em uma linha “hiperreal entre comédia e notícias” (KENDALL, 2013, p. 2, tradução nossa), demonstrando o originário talento anglo-saxônico na fabricação da linguagem em questão. Na Europa, por exemplo, obtiveram fama copiando o formato o *Le Gorafi*, na França; o *Inimigo Público*, em Portugal; *El Mundo Today*, na Espanha; o *Lercio*, na Itália e o *The Daily Mash*, na Inglaterra.

---

<sup>358</sup> Subgêneros cinematográficos de baixo orçamento que oferecem versões alternativas dos *blockbusters* e documentários.

Assim, atuando entre o entretenimento e a contrainformação, esses sites causaram excessivas polêmicas ao confundir leitores, impelindo jornais tradicionais a publicarem erratas. No entanto, não se pode negar que essas falsas notícias, ao causarem um choque de perspectiva em meio às leituras cotidianas, “encorajam a audiência à uma pausa reflexiva, ainda que por poucos segundos” (MCLEOD, 2014, p. 6, tradução nossa), forçando o questionamento da realidade.

Nesse movimento aparentemente pueril, entretanto, tornaram-se evidentes certos equívocos de procedimento na apuração realizada por parte dos profissionais de jornalismo, a frágil e manipulável credulidade do consumidor e a cultura generalizada de leitura e compreensão superficial dos produtos noticiosos. Logo, se pode enxergar como os grandes meios de comunicação, em meio à pregação tradicional de objetivismo, sofreram o impacto do universo digital com o pujante movimento das redes sociais e as múltiplas formas e plataformas de repassar notícias, em meio a um célere ritmo informacional.

Os noticiários satíricos se parecem muito com as notícias tradicionais. Mas o conteúdo dos falsos periódicos chama a atenção deliberadamente para o fracasso do modo convencional de entregar uma verdade verificável ou relatar com precisão os eventos mundiais. (BEAN, 2007, p. 69, tradução nossa).

Para além da risada gratuita, algumas dessas mídias tinham o objetivo de depreciar o papel do “humor pastelão” e tentaram assumir um *status* de meio “noticioso”. Através de uma sátira engajada, da mentira cômica e da linguagem jornalística, procuraram atingir indivíduos ou costumes operacionalizando denúncias, provocações e questionamentos de toda ordem. Mais uma vez, a questão colocada aqui é se é possível à mentira oferecer o indício de alguma verdade. Jacques Rancière (2005, p. 56) admite que a “separação da ideia de ficção da ideia de mentira define a especificidade do regime representativo das artes [...]. Fingir não é propor engodos, porém elaborar estruturas inteligíveis”. De acordo com Northrop Frye (1973, p. 220),

A sátira requer pelo menos uma fantasia mínima, um conteúdo que o leitor reconhece como grotesco, e pelo menos um padrão moral implícito, sendo o último essencial, numa atitude combativa, para a experiência. Alguns fenômenos como as devastações da doença podem ser chamados de grotescos, mas divertir-se com eles não seria uma sátira eficaz. O satirista tem de selecionar suas absurdidades, e o ato de selecionar é um ato moral.

Pode-se notar que o *leitmotiv* da infosátira, oriunda das *fake news* de combate político, é escarnecer o fazer jornalístico tradicional. Entretanto, ao mesmo tempo em que se mune de chacota para criticar os grandes meios de comunicação, depende diretamente, para garantir

audiência, da emulação da linguagem destes que são historicamente deificados. “O eixo central das notícias paródicas, portanto, e talvez a substância deste apelo popular, é seu esforço em desconstruir o artifício das notícias — a ilusão naturalista de que a notícia é (ou poderia ser) uma janela sem mediação sobre o mundo” (BAYM; JONES, 2013, p. 5, tradução nossa). Ainda que esses falsos noticiários digitais tenham sido amplamente veiculados e notoriamente consumidos nos Estados Unidos há mais de uma década, apenas recentemente protótipos mimetizaram o formato na América Latina, nascendo e se retirando ao sabor dos acontecimentos políticos de cada país. *El Chigüire Bipolar* (Venezuela), *El Deforma* (México), *Actualidad Panamericana* (Colômbia), *LibrumFace* (Uruguai), *Revista Barcelona* (Argentina), *El Panfleto* (Peru), entre outros. No Brasil, agem ou agiam mais evidentemente o *Sensacionalista*, o *Bairrista*, o *Diário Pernambucano*, o *Joselito Müller*, o *Piauí Herald*, entre outros. Conforme Baym e Jones (2013, p. 6), as “notícias paródicas podem desempenhar um papel construtivo, proporcionando uma [discussão cidadã] com recursos discursivos muitas vezes ausentes nas notícias ‘reais’”.

Uma vez que há uma crise generalizada de credibilidade por parte dos leitores em relação às mídias tradicionais, cada vez mais a serviço de interesses privados, também traço da sociedade pós-verdadeira, as oportunidades de informar através de mídias alternativas crescem e uma grande audiência se predispõe a consumi-las. Ademais, o produto diverte (imperativo social contemporâneo), aguça o senso crítico e dá a possibilidade de enxergar um fato através de outras lentes, de outras perspectivas.

Entretanto, se pudermos ousar uma gota de crítica ao meio de um oceano de aceitação irrestrita dada ao humor, apesar de toda boa vontade intelectual, há aí exatamente mais uma atividade cujo resultado é relativização paródica da informação. A linguagem se popularizou e passou a servir de metodologia para atores e operadores de desinformação, que, mimetizando a metodologia, hiperinvestindo recursos na linguagem, arrebanharam hordas eleitorais pós-verdadeiras, de modo que as *fake news*, hoje, são um problema relevante para a condução das democracias hiperinformacionais. Passa-se da comédia à tragédia, mais uma vez, por excesso de humorização da realidade.

O cinismo vigente é o mais duro de aceitar: trata-se do cinismo de quem manda. O poderoso — corrupto —, antes alvo das sátiras e dos produtos humorísticos, geralmente à esquerda do poder, hoje, apropriado da estética, ri de si e do mais fraco. A máquina contra-hegemônica, a ironia e a sátira, armas outrora apenas nas mãos dos mais carentes de armas, estão apropriadas por quem detém o poder. O humor de quem obedece, agora, é um humor histórico. Elaborado para evitar ao máximo a autopercepção de dominado. Se ri de tudo, o

mais alto possível, para nada ouvir, para nada profundamente elaborar. Alienação humorística. É possível conceber um renascimento do humor após um grave momento pós-verdadeiro ou “seguimos sem conhecer a contribuição do humor para a configuração cultural das nossas sociedades”? (BORDERÍA ORTIZ; GÓMEZ MOMPART, 2010, p. 42).

Dotados de um discurso e práticas tão gravemente cínicas e ironistas, os sujeitos pós-factuais estão aptos a defender quaisquer posturas e ideias, por mais violentas, antidemocráticas e absurdas que possam parecer, sem que tenham contra-ataques racionais suficientemente fortes para dissuadi-los e reeducá-los. Isto tudo dado que estão “apropriados” de linguagem emancipatória pós-moderna, sustentando posturas moral e racionalmente cínicas e habituados a relativizar a tudo parodicamente. A isto chamamos cinismo comicrático.

Portanto, o cínico comicrático pode ser entendido como estrutura de subjetividade contemporânea que, ciente das falácias e manipulações do sistema político e social, ainda assim participa desse sistema de maneira irônica ou desiludida, utilizando-se das estratégias da pós-verdade e da tecnologia para navegar nesse ambiente complexo. Uma estrutura de racionalidade global, onde há uma configuração de sujeitos que, de maneira irônica, agem como se não reconhecessem a distinção entre o verdadeiro e o falso, o real e o fictício. Essa estrutura permite que mesmo quando segredos são revelados e informações são publicadas, o sistema social continua funcionando como se esses valores ainda fossem mantidos em segredo, como se fossem tesouros guardados em um cofre que não protege mais nada. A narcotização humorística cobra seu preço. O cinismo generalizado nos faz passar ao largo dos fatos.

E, para além deste sistema de defesa subjetiva quase inquebrantável, caso atingidos em suas mais profundas bases epistemológicas (crenças), conclamam para si serem alvos de injustiça epistêmica. E é neste ponto que nossa tese inicia seu fim. Se confundirmos as lutas (dos historicamente injustiçados e os sujeitos pós-factuais) cometeremos injustiça sumária, equiparamos o verdadeiro injustiçado epistêmico e o verdadeiro sofrimento social à requisição de pautas alucinatórias regressivas. Termina-se por confundir luta com violência.

## 5 CONCLUSÃO: PÓS-VERDADE COMO PROBLEMA DE JUSTIÇA?

Uma vez que tentamos esquadrihar o conceito de pós-verdade e propor um modelo de subjetividade aderente ao discurso e à prática pós-factual, concluimos a partir de agora nossa tese indagando se há, em espírito de filosofia prática, algo novo a ser pensado ou proposto à vida comum. A esta altura das nossas análises, o sujeito pós-factual é sinônimo de subjetividade cínica comicrática, caracterizada, após toda nossa exposição, pela hipertrofia da ironia, a depreciação lúdica do sentido, a relativização paródica da realidade, a veritafobia, a esterilização da crítica, a onipresença do riso, a banalização do cômico, o empoderamento sociológico dos humoristas (comicratas) e a realização máxima de uma ideologia reflexiva, promovendo uma falsa consciência esclarecida na era da pós-verdade.

Essa força hiper-ironizante de condução de condutas ressoa na realidade de forma bastante perceptível e já se cristaliza como problema social e político. Se em ambiente brasileiro recente, por exemplo, há registro de manifestações golpistas em portas de quartéis se retroalimentando de discursos antidemocráticos pós-verdadeiros e, ulteriormente, homens e mulheres presos por terrorismo se autointitulando “presos políticos” é porque há convicções profundas, cínicas e irônicas, de que estes sujeitos são alvos sistemáticos de injustiça e opressão epistêmicas.

De fato, o sujeito pós-factual cobra com toda energia o reconhecimento dos seus discursos e requisição de posição de relevância epistêmica dos seus relatos. Nesta trilha, propomos a seguinte reflexão: não estariam os atores cínicos e comicráticos lutando contra uma opressão epistêmica ou, como nas palavras de Gayatri Chakravorty Spivak (2010), contra uma “violência epistêmica” que, em hipótese, sofrem em função da pressão normativa do discurso científico ocidental, das instituições democráticas e da grande mídia?

Os articuladores pós-factuais, na figura de negacionistas, por exemplo, podem sentir-se injustiçados pelo simples fato de serem negacionistas e “negacionismo” ser um descritor que representa violência e interferência epistêmicas sobre a liberdade de exercer suas convicções? Podem esses indivíduos estar sendo postos em posição de desvantagem epistêmica? É a hipotética *desvantagem epistêmica pós-factual* uma situação concreta de injustiça? Ou estamos lidando com uma simulação de injustiça epistêmica? Donald Trump, por exemplo, principal registro pós-verdadeiro em ambiente político internacional:

afirma estar defendendo uma comunidade que considera carente, sofredora e oprimida – a saber, comunidades brancas e especialmente homens brancos. Falando do Texas A&M University, Richard Spencer, indiscutivelmente o

principal ideólogo da base de apoio supremacista branca de extrema-direita de Trump, disse que a esquerda assumiu o controle da cultura e pretendia destruir a “identidade racial branca” com “uma população global indiferenciada, [uma] população sem raça, sem gênero, sem identidade e sem sentido consumindo açúcar, consumindo drogas enquanto assiste pornografia<sup>359</sup> (FORSTENZER, 2018, p. 24 , tradução nossa).

Nesse sentido, a força social do conceito de pós-verdade nasce a partir de grupos arrogando para si espaço discursivo no debate público, não necessariamente dialogando com a realidade e com o verdadeiro. O conceito ajuda a representar os autodeclarados injustiçados epistêmicos que não se veem a si mesmos como desajustados epistêmicos, mas como injustiçados testemunhal e hermeneuticamente, no sentido dado por Miranda Fricker (2007). Por isso insistimos ao longo desta tese em apontar as imprecisões da prototeoria que tenta ligar o pós-moderno ao pós-factual. Perseguimos, portanto, a questão de se as lutas emancipadoras pós-modernas, na busca ávida por reconhecimento de relatos subalternizados e combate contra crueldades etnocêntricas, não teriam aberto também precedentes para a requisição de reconhecimento epistêmico de pautas que vão além daquelas consideradas justas.

Não estariam igualmente cobrando reconhecimento epistêmico grupos cujas pautas são, no mínimo, duvidosas ou até mesmo portadoras de crueldade? Para estas questões agora retomadas na finalização deste escrito, tratemos o que classificamos como subjetividade pós-factual desde um ponto de vista da justiça. Se os grupos identitários historicamente injustiçados usufruíram dos vocabulários pós-modernos em nome de suas lutas, podemos tratar com simetria a emulação deste vocabulário para causas cuja aparência não transparece necessidade de justiça? Superar essas contingências de identidades e de vocabulários pode criar, segundo uma série de autores, um momento paradoxal.

Filipe Campello (2023, p. 149, tradução nossa) evoca Richard Rorty, autor para o qual o problema é “que há dimensões da identidade que são contingentes e irreduzíveis a uma normatividade própria da teoria social e política<sup>360</sup>”. Provoca Campello, em seu *Crítica dos Afetos* (2022), sobre qual o lugar que narrativas singulares devem ocupar na crítica social: “quem pode falar em nome do universal? Qual universalismo? Para quem? Em suma, quais

---

<sup>359</sup> “The political project associated with Trumpism claims to be standing up for a community that it considers to be underserved, suffering, and oppressed —namely, white communities, and especially white men. Speaking at Texas A&M University, Richard Spencer, arguably the leading ideologue of Trump’s far-Right white supremacist support base, said that the Left had taken control of the culture and intended to destroy “white racial identity” with “an undifferentiated global population, [a] raceless, genderless, identity-less, meaningless population consuming sugar, consuming drugs, while watching porn”.

<sup>360</sup> “[...] is that there are identity dimensions that are contingent and therefore irreducible to their use by social and political theories”.

vozes valem como universais, enquanto outras apenas como particulares?” (CAMPELLO, 2022, p. 79).

O próprio Rorty, em tempo, está implicado como possível fornecedor intelectual de narrativas pós-factuais ultrarrelativistas. Parece-nos uma visão demasiado injusta que o ironismo liberal de Rorty seja equiparado à ironia negacionista, mais precisamente à ironia cínica pós-factual. A ironia liberal não autoriza um “vale tudo”. Está Rorty na trilha de uma ironização patológica das condutas como denunciava Hegel em relação à ironia romântica? Aparentemente, o autor de *Ironia, Contingência e Solidariedade* não é um ironista romântico, uma vez que “a ironia pressupõe uma ruptura acentuada entre os reinos público e privado, enquanto o romantismo endossa a autocriação não apenas como um fim em si mesmo, mas como o próprio fundamento de uma comunidade democrática e responsável<sup>361</sup>” (MAHON, 2014, p. 153, tradução nossa).

Não obstante, cabe lembrar que Rorty é um apologeta da ironia privada, mas um entusiasta da decência pública (MCCARTHY, 1990), sendo tudo menos irônico em seu engajamento nas questões políticas, nas quais preconizava a solidariedade e a esperança como *leitmotiv*. E se nos é permitida a inspiração, a pós-verdade, enquanto máscara do cinismo moderno, ao contrário do que propõe Rorty, é um movimento de indecência pública. O “gerrymandering<sup>362</sup> epistemológico [por exemplo] é o novo método desta era da pós-verdade, a ferramenta da nova sociedade incivil<sup>363</sup>” (KESTER, 2018, p. 1330, tradução nossa). Um tabuleiro cujas regras do jogo são indecorosas e a ironização patológica dos atores, que sentem o quadro geral como coisa lúdica, autoriza uma aceitação tácita das normas pós-factuais, impedindo uma revisão ou clivagem da situação.

Para Rorty, notoriamente, os domínios do público e do privado estão rigidamente separados. A autocriação estética é fundamental para o desenvolvimento do intelectual ironista, um membro-chave da democracia liberal idealizada, mas a autocriação estética não tem absolutamente nada a acrescentar ao compromisso público. As exigências da sublimidade privada [...] e da solidariedade pública [...] são igualmente legítimas, mas sempre incomensuráveis<sup>364</sup> (MAHON, 2014, p. 147, tradução nossa).

---

<sup>361</sup> “[...] irony presupposes a sharp break between realms public and private while romanticism endorses self-creation not only as an end in itself but as the very foundation for democratic and responsible community”.

<sup>362</sup> Jargão de ciência política para indicar chicanas eleitorais.

<sup>363</sup> “Epistemological gerrymandering [por exemplo] is the new method of this post-truth age, the tool of the new uncivil society.”

<sup>364</sup> “For Rorty, famously, the realms of public and private are rigidly in separation. Aesthetic self-creation is central to the development of the ironist intellectual, a key member of the idealized liberal democracy, but aesthetic self-creation has absolutely nothing to add to public commitment. The demands of private sublimity [...] and public solidarity [...] are equally legitimate yet forever incommensurable”.

Os direitos humanos e certas universalidades da justiça precisam ser assegurados, ainda que a esfera privada seja o espaço dessa ironia; cada sujeito que pense o que desejar, mas isso não pode ser indício de valência universal. No próprio Rorty, há uma forma de blindagem contra a ironia negacionista. Qualquer discurso autoassegurado, mesmo que deletério ou nocivo à sociedade, deve ter voz incondicional em seara democrática e ser aceito como um ironista que tenta, a partir de suas contingências, anexar relatos ao cânone oficial?

Um terraplanista é um espécime de sujeito ironista no sentido rorteano? Alguém que tem propriamente consciência da contingência do seu próprio vocabulário? Pensemos nos negacionistas no geral. O terraplanismo — linguagem veritafóbica em expansão — é sofredor injustiça epistêmica? Quem ou o que é, que tipo de papel político, que espaço de atuação, como navega publicamente um sujeito ironista no âmbito psicopolítico atual, de espectro pós-facutal? O que o faz merecedor de acolhimento epistêmico, uma vez que seus relatos privados têm a tendência a causar caos político? Assevera Campello (2023, p. 148-149, tradução nossa, grifo nosso):

A distinção que Rorty propõe entre público e privado é uma forma de fazer uma distinção entre as contas que se dá a si mesmo e conceitos sociais como solidariedade e justiça. Para Rorty, enquanto ‘as demandas de autocriação seriam próprias de um vocabulário privado, a noção de solidariedade humana dependeria da ampliação do escopo público’. Numa leitura mais rasa, Rorty parece distinguir dois vocabulários distintos de forma mais incisiva. No entanto, o que se mostra é que, **apesar do vocabulário privado estar contextualmente situado em uma dada comunidade linguística** (o que Wittgenstein observou em torno da linguagem privada), **isso não significa que demandas públicas como justiça e solidariedade devam ser redutíveis a ele**<sup>365</sup>.

Desde uma perspectiva decolonial, por exemplo, a necessidade de reconhecimento é um procedimento de incluir no discurso relatos externalizados por uma série de procedimentos injustos e opressivos. Para quais discursos, em um ambiente democrático, é justo produzir espaços e para quais não? Há discursos que devem ter alcance mais universal que outros?

---

<sup>365</sup> “The distinction Rorty proposes between public and private is a way of making a distinction between the accounts one give to oneself and social concepts like solidarity and justice. To Rorty whereas ‘self-creation demands would be proper of a private vocabulary, the notion of human solidarity would depend on widening the public scope’. In a shallower reading, Rorty seems to distinguish between two distinct vocabularies in a more incisive way. However, what is shown is that, despite the private vocabulary being contextually situated in a given linguistic community (what Wittgenstein observed around the private language), this does not mean that public demands such as justice and solidarity should be reducible to it”.

[...] o problema epistêmico não se refere [...] ao acesso privilegiado a um conjunto de experiências, mas ao fato de que tais demandas não tenham sido historicamente contempladas de maneira equitativamente justa [...] É preciso reconhecer sujeitos não apenas como pessoas dotadas de dignidade e valor moral, mas como enunciadores de discursos que possuem relevância epistêmica para a correção e a ampliação do nosso vocabulário político [...] O horizonte normativo no qual se inscrevem nossos afetos e as narrativas que oferecemos de nós mesmos esbarra na contingência de nosso vocabulário. (CAMPELLO, 2022, p. 90-183-189).

É democrático cercear discursos a depender de quem fala? Questionamos: que tipo de discurso é o relato pós-verdadeiro para a condução da vida coletiva? Será que é possível que os operadores de um comportamento pós-factual se ponham a reivindicar um caráter de *injustiça epistêmica* contra seus relatos, apontando que qualquer análise dos seus discursos não passe sempre de “mera guerra de narrativas”? Podem estes atores pretender validade e universalidade dos seus relatos, fatos alternativos e crenças não científicas para debate público? Ou devem ser aceitas, mas particularizadas em nome do funcionamento das bases razoavelmente democráticas? Não será a pós-verdade, caso ocupe lugar de fala, um perigo à democracia, visto que conhecemos metodologicamente de onde provêm os fatos alternativos?

*Fatos alternativos!* Conceito que recusa a distinção apolínea entre rumor e fato, com base no tempo vertiginoso do universo digital, que dificulta a checagem imediata dos dados, e cuja ação direta inaugura a pólis pós-política por meio das redes sociais. A potência dos *alternative facts* na **criação infatigável de narrativas** foi comprovada à exaustão pela capacidade de manter as massas digitais mobilizadas em permanente excitação (DE CASTRO ROCHA, 2021, p. 374, grifo nosso).

O que localizamos, ao contrário, é que, sendo fonte de generalização de desconfiança epistêmica, o ativista pós-factual, ao invés de vítima possível de injustiça epistêmica, acaba sendo ele mesmo um articulador de injustiças por reforçar ou mesmo suscitar infraestruturas de sentido e de construção coletiva da realidade que criam ou reforçam preconceitos que desembocam em violência e injustiças testemunhal e hermenêutica. Eles, “estigmatizando os procedimentos do debate público, [...] operam terríveis regressões, tanto epistêmicas quanto políticas. Longe de serem revolucionários, estamos lidando aqui com 'involucionários' que preferem recorrer a dogmas identitários<sup>366</sup>” (CAMBIER, 2017, p. 12, tradução nossa).

É o que acontece nos exemplos que evocamos mais uma vez do artigo do filósofo italiano Vittorio Bufacchi (2021, p. 349, tradução, tradução nossa, grifo nosso) que analisa os

---

<sup>366</sup> “[...] en stigmatisant les procédures du débat public [...] operent des régressions consternantes, aussi bien épistémiques que politiques. Loin d'être des révolutionnaires, nous avons ici affaire à des 'involucionnaires' qui préfèrent se replier sur des dogmes identitaires”.

relatos de Bill Clinton sobre o caso Monica Lewinsky' e a declaração de Donald Trump no Twitter afirmando que o conceito de aquecimento global é um construto chinês:

No caso de Clinton, ele mentiu, enquanto a declaração de Trump é um exemplo paradigmático de pós-verdade. A questão de contar uma mentira é que o mentiroso aceita que existe uma verdade, sabe qual é a verdade, mas decide contar uma história diferente. Uma mentira refere-se a fatos específicos que têm coordenadas espaço-temporais precisas, portanto, [...] o mentiroso honra a verdade negando-a. O caso de Trump é diferente. Ele não está se referindo a um fato, mas a um conceito. É isso que a Pós-verdade faz: ela não apenas nega ou questiona certos fatos, mas visa minar a infraestrutura teórica que possibilita uma conversa sobre a verdade. Nesse sentido, **a pós-verdade se aproxima do que Miranda Fricker chama de “injustiça hermenêutica”, que se refere aos casos em que alguém não consegue dar sentido a uma experiência de vida a falhas preconceituosas nos recursos compartilhados de interpretação social**, ou seja, quando alguém é prejudicado por uma espécie de lacuna na compreensão coletiva que torna as próprias experiências ininteligíveis<sup>367</sup>.

Como reforça Campello, a força normativa dos relatos singulares está ligada a duas questões diferentes do ponto de vista da justiça: uma *injustiça de primeira ordem* e uma *injustiça de segunda ordem*. A injustiça de primeira ordem é testemunhal, na qual não se trata de uma disputa de justificação moral da qualidade do discurso, mas que brota diretamente de prejuízos de compreensão do discurso de quem o profere, impedindo que haja espaço para que os sujeitos afetados tenham a possibilidade de serem reconhecidos epistemicamente em seus relatos:

Nesses casos, estamos diante de relações de injustiça que não são derivadas de disputas por critérios racionais em torno da justiça, mas sobre *quem é reconhecido como falando em nome da razão e quais razões merecem ser ouvidas*. Nesse deslocamento de perspectiva de *o quê* se enuncia para *quem* enuncia, a crítica deixa de ser balizada por bons argumentos – e por seu potencial de universalização – e passa a ter maior ou menor relevância dependendo de quem fala (CAMPELLO, 2022, p. 89-90, grifo do autor).

Evidente que, nesse sentido, em um esquema coletivo no qual vigora a liberdade de expressão, qualquer discurso, mesmo os pós-factuais, têm vontade de legitimidade. A pós-

---

<sup>367</sup> “In Clinton’s case, he told a lie, while Trump’s statement is a paradigmatic example of Post-Truth. The point about telling a lie is that the liar accepts that there is a truth, knows what the truth is, but decides to tell a different story. A lie refers to specific facts that have precise spatio-temporal coordinates, therefore, [...] the liar honours the truth by denying it. Trump’s case is different. He is not referring to a fact, but to a concept. This is what Post-Truth does: it doesn’t simply deny or question certain facts, but it aims to undermine the theoretical infrastructure that makes it possible to have a conversation about the truth. In this sense, **Post-Truth is akin to what Miranda Fricker calls “hermeneutical injustice”**, which refers to those cases when someone is not able to make sense of an experience due to prejudicial flaws in shared resources for social interpretation, or in other words, when someone is harmed by a sort of gap in collective understanding which makes one’s own experiences unintelligible”.

verdade, afirma Coxon (2018, p.111, tradução nossa) “constrói legitimidade e energia em torno de apelos à emoção, de modo que o que importa para determinar não apenas nosso conhecimento, mas também nossa orientação para o mundo se reduz cada vez mais à percepção de autenticidade e honestidade de expressões cruas de sentimento<sup>368</sup>”.

Khadija Coxon, editora e escritora canadense com formação filosófica, chama a atenção para o fato de que a pós-verdade não deve ser apenas vista como uma atividade de destruição do estatuto e credibilidade da verdade do ponto de vista científico ou ontológico, mas há, na qualidade de requisição de reconhecimento epistêmico, uma intenção de construção de verdade, de imposição de uma percepção contra-hegemônica, cuja atividade consiste na passagem das abstrusas verdades da ciência às asserções emocionais aglutinadoras de bolsões de crédulos, uma vez que:

sentimento e emoção ganharam valor econômico no sistema que produz, distribui e faz circular conhecimento, compreensão e percepção de nosso mundo compartilhado. Tomando emprestada a frase de um filósofo, chamarei esse tipo de valor de “moeda epistêmica” [...] Aqui, os apelos à emoção guardam semelhanças familiares com a verdade, na medida em que funcionam como estratégias particularmente poderosas de autenticação. Podemos então traçar as raízes dessas estratégias – que são muito menos esotéricas do que o pós-modernismo – até o surgimento dos discursos psicoterapêuticos no século XX<sup>369</sup> (COXON, 2018, p. 111, tradução nossa).

É parte da história da vida coletiva a desigualdade do ponto de vista do poder e a atávica prática de desigualdade de reconhecimento epistêmico. Com efeito, adverte Filipe Campello (2022, p. 93, grifos do autor):

[...] ainda que reconheçamos o potencial normativo dos discursos no que se refere à injustiça de primeira ordem, disso não decorre que esses discursos revelem em si o conteúdo da justiça, que definam por si só sua legitimidade. Em outras palavras, ainda que todos os discursos *possam* ser normativamente justificados, não significa que *devam* ser justificados.

A própria Miranda Fricker elabora que nem todos os casos de desvantagem epistêmica desembocam em injustiça epistêmica, pois indivíduos podem ser epistemicamente

---

<sup>368</sup> “builds legitimacy and energy around appeals to emotion, so that what matters to determining not only our knowledge but also our orientation to the world increasingly comes down to the perceived authenticity and honesty of raw expressions of feeling”.

<sup>369</sup> “[...] feeling, and emotion have gained economic value in the system that produces, distributes, and circulates knowledge, understanding, and perception of our shared world. Borrowing a philosopher’s turn of phrase, I’ll call this kind of value “epistemic currency” [...]. Here, appeals to emotion bear family resemblances to truth, in that they function as particularly powerful strategies of authentication. We can then trace the roots of these strategies — which are far less esoteric than postmodernism — to the rise of psychotherapeutic discourses in the 20th century”.

prejudicados por razões legítimas. Mentir compulsivamente, por exemplo, como é o caso de alguns líderes políticos, ou assumir informações pós-verdadeiras como repertório discursivo pode facilmente minar a credibilidade de alguém. “Se quisermos utilizar um conceito aristotélico maior para a retórica, diremos que seu ethos não é adequado a enunciação da verdade, já que ele é reconhecidamente um mentiroso” (SAFATLE, 2008, p. 72).

Sujeitos pós-factuais de energia cínica e comicática, a propósito, no atual estado das ações políticas, são propriamente promotores de injustiça epistêmica mais do que vítimas. Tal é o caso de alguma pessoa profundamente ignorante sobre um tema: seu relato é candidato a ser ignorado. Há certas situações nas quais, do ponto de vista epistêmico e ético, a ação torna-se não culpável. Logo, há casos de desvantagem epistêmica que não são injustiças epistêmicas. Fricker afirma que “em determinadas circunstâncias de *má sorte epistêmica*, um ouvinte poderia perpetrar uma injustiça testemunhal sem sustentar aparentemente nenhum preconceito absoluto”. (FRICKER, 2007, p. 78)

Imaginemos que um ouvinte julga responsabilmente um falante como não fiável (porque não é sincero) [...] A conduta do falante justifica o juízo do ouvinte na medida em que encaixa com o estereótipo empiricamente fiável da insinceridade [...] Seria um caso de injustiça testemunhal não culpável [...] nem do ponto de vista epistêmico, nem do ponto de vista ético. (FRICKER, 2007, p. 78-79)

A questão, depreendemos a partir de Fricker, é que há operadores de juízos não fiáveis que a sociedade já reconhece como dignos de desconfiança epistêmica. Não é mais uma questão de *má sorte epistêmica*, mas uma constatação de discursos nocivos aos regimes democráticos. Como mesmo remarca a autora inglesa, “a confiança epistêmica contém dois elementos diferenciados: a competência e a sinceridade” (FRICKER, 2007, p. 196). Desde Habermas sabemos a importância da diferença entre verdade (discurso) e sinceridade: consistência de comportamento e “manifestação sincera das intenções do falante” (BUENO DINIZ; VANZELLA, 2018, p. 5).

No caso de processos de entendimento mútuo linguísticos, os atores erguem com seus atos de fala, ao se entenderem uns com os outros sobre algo, pretensões de validade, mais precisamente, pretensões de verdade, pretensões de correção e pretensões de sinceridade, conforme se refiram a algo no mundo objetivo (enquanto totalidade dos estados de coisas existentes), a algo no mundo social comum (enquanto totalidade das relações interpessoais legitimamente reguladas de um grupo social) ou a algo no mundo subjetivo próprio (enquanto totalidade das vivências a que têm acesso privilegiado). (HABERMAS, 1989, p. 79).

A guerra aberta pela pretensão de verdade não é novidade, mas a detecção de sinceridade na tensão entre os discursos e comportamentos é ainda mais irônica em ambientes

hipertecnológicos, dada a possibilidade de checagem e comparação de fatos, dados e eventos, além da hipertextualização biográfica cotidiana dos atores políticos em redes sociais. Portanto, a um sujeito pós-veritativo é cinismo postular posição de injustiçado epistêmico ou de sofrimento social não reconhecido. Por sofrimento aqui entendemos, junto a Alessandro Pinzani, as experiências que são bastante familiares à classificação de Miranda Fricker quando categoriza as injustiças em testemunhal e hermenêutica: Pinzani as classificará como sofrimentos de primeira e de segunda ordem.

Primeiro porque, do ponto de vista do interesse público e da teoria da justiça, estes relatos não estão sendo aceitos como verdadeiros somente por causa de uma falta de privilégio epistêmico ou aplicação de violência testemunhal, mas dada a falsidade *a priori* (“alternatividade”) dos seus conteúdos, que agridem a vida em democracia e a própria noção de verdade e fiabilidade das relações humanas. Segundo, não há um esforço de invisibilização ou exclusão da possibilidade desses relatos serem proferidos e se estruturarem na sociedade. Pelo contrário! Seguem sendo aceitos, veiculados até mesmo por meios de imprensa hegemônica, articulados por líderes políticos em suas campanhas em prol das suas comunicações públicas e privadas, já em posse de seus cargos.

O preconceito identitário é deletério e deve ser pauta de tema da justiça. Todavia, a inclusão de discursos de ódio, de negação do real, de combate à tradição científica, que são intrinsecamente antidemocráticos, não são pauta de fazer ou não justiça: trata-se da manutenção da própria salubridade democrática. Parece forçoso, na lógica de Fricker, que o sujeito pós-factual, solidificador de desconfianças epistêmicas ao seu redor, dado seu cinismo como máscara de insinceridade, não apenas não sofre nenhuma injustiça epistêmica como mina sua própria credibilidade, criando para si reforço de um estereótipo como negacionista da realidade.

Bem por isso, Campello vai ainda mais ao cerne da questão quando parece falar, mesmo que não diretamente, da definição de pós-verdade na qualidade de subjetivação a partir de mobilização de afetos quando trata da *injustiça de segunda ordem*: aquela sobre os “critérios de justificação moral dos discursos” (CAMPELLO, 2022, p. 93). Quando um sujeito se põe a relatar sua própria experiência — e no pós-factual, sobretudo, os relatos são produtos de afetações sentimentais —, “não há uma tradução imediata entre o que sentimos e o que se define como “boas razões” para justificar essas experiências” (CAMPELLO, 2022, p. 93). A crítica cai direto nas condições de produção hiperindividual da verdade:

Quando a crítica interpreta os afetos como propriedades individuais, ela perde de vista os padrões normativos que antecedem o horizonte em que se inscreve a fenomenologia das experiências subjetivas. Com isso, essa crítica deixa de oferecer um potencial crítico ao vocabulário que antecede o modo como experiências subjetivas são articuladas. Mais do que isso: se experiências e relatos são propriedades individuais intangíveis, eles **deixam de ser um problema de justiça** (CAMPELLO, 2022, p. 95, grifo nosso).

A crítica que Campello interpõe à universalização procedimental de discursos subalternizados, que por sua pretensão enérgica de verdade sofrem o risco de continuar falando a partir do vocabulário do *universal oficial*, impede que enxerguemos com humildade que essas impetrações de reconhecimento são tentativas modestas de acerto. Continua o autor (2022, p. 92, nota 28):

São essas mesmas pretensões que devem assumir a abertura constante à sua correção ao incluir de maneira mais sensível outras narrativas. Um dos maiores erros dos que são logo refratários quando criticados é a arrogância de não se permitir rever suas crenças, tomando-as sempre como verdades, em vez de tentativas mais modestas de acertos que eventualmente podem falhar. Um pouco mais de humildade permitiria ver que os que continuam falando em nome da razão universal assim o fazem somente porque historicamente outras perspectivas foram excluídas desse universal. São anões em ombros de gigantes, mas por motivos contrários ao que a expressão queria originalmente indicar.

É exatamente essa cautela crítica em relação às diferentes abordagens de teorias procedimentais, proposta por Campello, que permite, a partir da nossa análise, preocupar-se com o universal dos discursos que se consideram excluídos, na medida em que o caso carrega em si o risco de inclusão de narrativas deletérias à vida em comum. Óbvio que há a luta justa e límpida das humanidades subalternizadas e historicamente pisoteadas. Entretanto, cabe reconhecer que aquilo que é possível, na análise de Campello (2022, p. 90, nota 25), de “limitar a inclusão de outras narrativas” é também capaz de incluir as que não sustentam merecimento e nem relevância, moral e epistêmica, para o funcionamento justo de sociedades consideradas democráticas.

Portanto, uma vez que não há potencial de contribuição epistêmica e um excesso hiperindividualista de afetos, o relato pós-verdadeiro, como proposta de racionalidade, não está no rastro de injustiça epistêmica. Os verdadeiros injustiçados pela infraestrutura pós-factual, na prática, “costumam ser, predominantemente, grupos vulneráveis, minorias

econômicas, sociais, políticas ou culturais, setores insuficientemente conectados aos meios e às tecnologias<sup>370</sup>” (FOWKS, 2017, p 151, tradução nossa).

Aliás, contra os cínicos comicráticos pós-factuais não há injustiça nem de primeira e nem de segunda ordem: nem testemunhal, nem hermenêutica. Não há injustiça na coleta das suas experiências, já que a exigência de seus “relatos alternativos” não representa evolução no debate sobre a justiça, mas, muito pelo contrário, sinaliza retrocesso. Seja através de relatos superados cientificamente há séculos, como no caso dos terraplanistas, seja por intermédio de relatos atualmente deletérios à saúde pública — como no caso dos *antivax*<sup>371372373</sup> — ou através de relatos dos líderes políticos em guerra aberta à epistemologia dos jornalistas<sup>374375376377</sup> e dos cientistas<sup>378</sup>.

Coube a nós, do ponto de vista heurístico, esquadrihar o tipo de personalidade que exige que *atos alternativos* sejam discursos reconhecidos na esfera pública. Mas esbarramos num problema que toca a justiça. Os sujeitos pós-veritativos, os que operam para lavourização da opinião pública via falsos intencionais, também lutam por *igualdade epistêmica de reconhecimento*, ainda que por vias embusteiras, denotando seu cinismo irônico.

Do ponto de vista da contribuição epistêmica para uma vida coletiva em bases democráticas, é impossível equiparar o relato de um escravizado africano ou de uma mulher afegã ao de um complotista convictamente pós-veritativo, porque as razões epistemológicas para exclusão ou invisibilização [daqueles] discursos são injustas. A oposição não meramente

<sup>370</sup> “[...] suelen ser, predominantemente, grupos vulnerables, minorías económicas, sociales, políticas o culturales, sectores insuficientemente conectados a los medios o a las tecnologías”.

<sup>371</sup> Cf. The anti-vax movement targeting German children. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/blogs-trending-56675874> acesso 23 mar. 2021.

<sup>372</sup> Cf. Who are France's anti-vaccine rule protesters and what do they want? 2021. Disponível em: <https://www.euronews.com/2021/07/26/who-are-france-s-anti-vaccine-rule-protesters-and-what-do-they-want> acesso ago. 2021.

<sup>373</sup> Cf. Movimento antivacina avança na web: por que ele é ameaça à saúde pública. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/10/29/movimento-antivacina-avanca-online-por-que-ele-e-ameaca-a-saude-publica.htm> acesso 22 out. 2021.

<sup>374</sup> Cf. Trump acusa a mídia de ser o 'Inimigo do Povo'. 2019. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/03/26/interna\\_internacional,1041117/trump-acusa-a-midia-de-ser-o-inimigo-do-povo.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/03/26/interna_internacional,1041117/trump-acusa-a-midia-de-ser-o-inimigo-do-povo.shtml) acesso 22 jan. 2020.

<sup>375</sup> Cf. Bolsonaro atacou a imprensa 299 vezes nos últimos nove meses, diz Fenaj. 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-atacou-imprensa-299-vezes-nos-ultimos-nove-meses-diz-fenaj-24691609> acesso 1 jul. 2021.

<sup>376</sup> Cf. Ukip leader Nigel Farage blames media for alleged attack on party MEP's home. 2014. Disponível em: <https://www.theguardian.com/politics/2014/may/14/ukip-leader-blames-media-for-alleged-attack-on-meps-home> acesso 01 jan 2019.

<sup>377</sup> Cf. 'You are fake news': Trump attacks CNN and BuzzFeed at press conference. 2017. Disponível em: <https://www.theguardian.com/us-news/2017/jan/11/trump-attacks-cnn-buzzfeed-at-press-conference> acesso 24 out. 2018.

<sup>378</sup> Cf. Autoridade de Saúde dos EUA ataca cientistas e propaga teorias conspiratórias no Facebook. 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/autoridade-de-saude-dos-eua-ataca-cientistas-propaga-teorias-conspiratorias-no-facebook-24639298> acesso 14 out. 2020.

teórica entre uma parcela de relatos quem creem em limites epistêmicos dados pela ciência, mas que discordam das regras do jogo, e outra parcela que trabalha apenas com informações mobilizadas a partir de afetos via tecnologia, discordando da ciência e trapaceando as regras, é temática mais do que relevante na produção de relacionamento político.

Quem produz ou reproduz relatos pós-factuais de maneira sistemática causa profundos danos à vida comum. Suscita instabilidades de fiabilidade epistêmica e não será, portanto, caso de violência, opressão ou injustiça epistêmica que sejam seus juízos abordados, tratados e moderados com atenção e por parte de todas as instituições competentes e responsáveis por difusão — e análise — massiva de informações na esfera pública.

Problematizamos a questão do reconhecimento do discurso pós-factual para tentar imaginar qual a conexão que fornece uma compreensão prototeórica sobre a pós-verdade que a coloca como sendo produto da erosão da verdade através do relativismo pós-moderno e da transformação do discurso em narrativa. Se houvesse uma autêntica requisição de injustiça epistêmica sobre os relatos pós-factuais, isso nos levaria a entender com mais clareza a tese de que a pós-verdade é uma espécie de “pós-modernismo de direita”, ideia que analisamos e consideramos controversa.

Aos aderentes da subjetividade pós-factual, na qual as verdades são autoasseguradas pela hiperindividualidade das compreensões, as *fake news* podem ser vistas como uma autêntica arma de combate contra-hegemônico, contra a “dominação da ciência”, “ditadura dos especialistas” e da mídia hegemônica. “Se para o conhecimento científico empírico fenômenos mensuráveis e verificáveis fornecem a base para ‘o que é’, então para o conhecimento pós-verdade tal base está na experiência vivida dos aderentes<sup>379</sup>” (KALPOKAS, 2019, p. 94, tradução nossa).

Mas, como observa Juremir Machado, “as *fake news* não [são] como reações conscientes às falsificações da mídia, mas consequência de um método desmascarado e, mesmo assim, praticado com a arrogância do poder” (MACHADO DA SILVA, 2019, p. 37). Por isso que, de fato, há uma impressão de que uma parcela da direita conservadora tenha abraçado o procedimento das teses identitárias pós-modernas e seus sujeitos, a partir desse instrumental, passaram a cobrar espaço e lugar de fala para reconhecimento epistêmico e justiça aos seus testemunhos. Mas não passa de cinismo, uma reação regressiva.

Entretanto, o que há é uma postura programaticamente cínica parodiante, não a inconsciente emulação de um aparato deixado como lastro pelo *geist* pós-moderno. Um caso

---

<sup>379</sup> “If for empirical scientific knowledge measurable and verifiable phenomena provide the basis for ‘what is’, then for post-truth knowledge such basis lies in the lived experience of the adherents”.

bastante prototípico pode ser localizado num tecnopopulista cínico comicrático brasileiro<sup>380</sup> já afamado pela imposição ironista de seus motes. Sempre que confrontado ou necessitando diminuir ou relativizar teses contrárias às suas, evoca o conceito de “guerra de narrativas”, com o qual claramente trabalha em tom de paródia, empenhando-se em conseguir lugar de legitimidade para pautas abertamente antidemocráticas.

Se bem analisadas as ações e intenções, o desejo dessas agendas regressivas ressentidas pós-factuais é a liberação da censura que enxergam como opressivas por parte das teorias identitárias, procedimentais ou decoloniais. No mundo das redes, tais requisições uniram grupos que outrora desenvolviam isoladamente algum mecanismo de contenção das suas posições politicamente incorretas, paranoicas, complotistas, negacionistas ou socialmente violentas e que, agora, em hordas, se distinguem cínica e ironicamente como parte de alianças aparentemente identitárias. “Não estamos simplesmente divididos e voltaremos a nos unir assim que as paixões se arrefecerem” (SAFATLE, 2017, p. 133).

A liberação da censura depende essencialmente disso. Pensemos nas piadas ofensivas, contra um gênero ou um povo, quando é que elas acontecem? Para Freud isso acontece quando temos um certo tipo de “paróquia” que no fundo já pensa tudo aquilo individualmente, mas que quando se junta é levado a suspender a censura. E dali a pouco vão se juntar apenas para isso: suspender a censura [...] Ora, como a gramática que liga as pessoas é esta da esquizoparanoia (dividir para perseguir e perseguir para dividir), a solução prevista é o choque de massas vocais, que não estão dispostas à escuta, mas à dominação pelo eco. (DUNKER, 2017, p. 36).

O esforço que aqui se encerra, de caráter inter e transdisciplinar, nos faz crer que um verdadeiro esforço filosófico que se siga se preocupando com o momento macropolítico vigente deverá raciocinar um novo modelo de justiça que pese e proponha ações de espiritualidade democrática contra os riscos renovados em visões políticas fascistas e tecnopopulistas de extrema-direita e falência da crítica em todos os espectros políticos que se opõem ao fenômeno. Como equilibrar o respeito pela diversidade de opiniões com a necessidade de manter padrões de conhecimento confiáveis e fundamentados em evidências na sociedade democrática?

As evidências? Se falarmos de Brasil, já não sentimos no alvorecer do ano de 2023, nas portas dos quartéis e no episódio da destruição física e simbólica do Congresso, Planalto e STF, que o problema pós-verdadeiro, de ordem psicopolítica, não chegou ao limite? Uma

---

<sup>380</sup> Cf. A apropriação do vocabulário social por parte da direita populista: Flávio Bolsonaro e a “guerra de narrativas”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1hvcZT-BPE&feature=youtu.be> acesso 24 ago. 2022.

subjetividade pós-factual, no mais profundo ressentimento reativo às supostas “injustiças” cometidas contra suas requisições autoritárias sem lastro na realidade, já não se constitui como um problema realíssimo à ordem do Estado democrático de direito?

Se não há a possibilidade de que aceitemos coletivamente que seus delírios coletivos, fabulações inverificáveis, organizações políticas deletérias e ações violentas sejam considerados dignos de tolerância democrática, que fazer além de rir? Não estamos, então, tratando de injustiça.

Portanto, à medida que enfrentamos os desafios contemporâneos da pós-verdade, é crucial preservar um espaço democrático robusto onde a diversidade de vozes possa ser ouvida, ao mesmo tempo em que se protege o tecido comum de verdades fundamentais necessárias para uma sociedade coesa e responsável. Isso exige não apenas uma vigilância crítica contínua sobre os discursos pós-factuais, mas também um compromisso renovado com os ideais de sinceridade, responsabilidade e solidariedade pública, conforme articulado por pensadores como Richard Rorty e Miranda Fricker.

A justiça, doravante, precisa de outros critérios que se tornem horizonte normativo básico para a sociedade hiperinformacional que é palco de ataques de hordas pós-factuais às bases da democracia. Há de se cuidar e analisar as subjetividades programaticamente alheias ao real, ao verdadeiro e fóbicas à ciência. É preciso depurar e transformar as energias políticas regressivas cínicas sob o disfarce de ironia. Deixamos de fazê-lo no passado e por isso não evitamos suas atualizações. Não há democracia conservando o fascismo.

## REFERÊNCIAS

- AB'SABER, Tales. Ilusão, Convicção e Mentira: linguagem e psicopolítica da pós-verdade. In: CURCINO, Luzmara; PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice. *Discurso e Pós-verdade*. São Paulo: Parábola, 2021.
- \_\_\_\_\_. *Michel Temer e o Fascismo Comum*. São Paulo: Hedra, 2020.
- ABREU, Carla Luiza de. Contravisualidades: práticas de resistência em tempos de pandemia e fake news Concinnitas | v.21 | n.38 | Rio de Janeiro, maio de 2020, DOI: 10.12957/concinnitas.2020.50142.
- AIRES, Matias. Reflexão Sobre a Vaidade dos Homens. São Paulo: Edipro, 2011.
- ANDERSEN, Kurt. *Fantasyland: how America went haywire: a 500-year history*. New York: Randon House, 2017.
- \_\_\_\_\_. *How America Lost Its Mind*. 2017. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/magazine/archive/2017/09/how-america-lost-its-mind/534231/>. Acesso em 18, nov. 2018.
- ANDINA, Tiziana; CONDELLO, Angela. *Post-Truth, Philosophy and Law*. New York: Routledge, 2019.
- APARICI, Roberto; GARCÍA-MARÍN, David. *La Posverdad: Una cartografía de los medios, las redes y la política*. Barcelona: Editorial Gedisa, 2019.
- ARENDT, Hanna. Verdade e Política, 1967, Tradução Manuel Alberto. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5144219/mod\\_resource/content/0/ARENDT%2C%20Hannah%20%281967%29%20Verdade%20e%20pol%C3%ADtica.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5144219/mod_resource/content/0/ARENDT%2C%20Hannah%20%281967%29%20Verdade%20e%20pol%C3%ADtica.pdf) acesso 12, fev. 2018.
- ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. Giovanni Reale. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- ASSANGE, Julian. *Cypherpunks: Liberdade e o Futuro da Internet*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Quando o Google encontrou o Wikileaks*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.
- ATTON, Chris. *Alternative Media*. London: Sage publications, 2006.
- BADIOU, Alain. *Ethics. An Essay on the Understanding of Evil*. London: Verso, 2001.
- BAGGINI, Julian. *A Short History of Truth: consolations for a post-truth world*. London: Quercius Editions, 2017.
- BALL, James. *Post-Truth: how bullshit conquered the world*. London: Biteback, 2017.
- BALLESTEROS-AGUAYO, Lucia; BERMÚDEZ VÁZQUEZ, Manuel. *Posverdad a Debate*. Sevilla: Egregius, 2019.
- BARBA-KAY, Antón. La Red de Posverdad. in: CARBONELL, Claudia; FLAMARIQUE, Lourdes. *La posverdad o el dominio de lo trivial*. Madrid: Ediciones Encuentro, 2019.
- BARROS DE SOUZA, Nayara. RORTY, Richard. Contingência, ironia e solidariedade. São Paulo: Martins, 2007. 331p. ISBN 978-85-99102-51-0. *Cadernos do PET Filosofia*, Vol. 2, n.4, Jul-Dez, 2011, p. 128-131.
- BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulação*. Tradutora Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio D'água, 1981.
- BAYM, Geoffrey; JONES, Jeffrey P. *News Parody and Political Satire Across the Globe*. London: Routledge, 2013.
- BEAN, Kellie. *Keeping It (Hyper) Real: anchoring in the age of Fake News*. In HOLT, Jason. *The Daily Show and Philosophy: moments of zen in the art of Fake News*. Massachusetts: Blackwell, 2007.
- BEIGBEDER, Frédéric. 🤔: l'homme que pleure de rire. Paris: Bernard Grasset, 2020.
- BESLEY, Tina; HYVÖNEN, Mats; PETERS, Michael A; RIDER, Sharon. *Post-Truth, Fake News: viral modernity, higher education*. Singapore: Springer, 2018.

- BLOCK, David. From Epistemology to Agnotology. In: *Post-Truth and Political Discourse*. Lleida, Spain: Palgrave Macmillan, 2019.
- BOBNIĆ, Robert; CVAR, Nina. Truth, Post-truth, Non-truth: New Aestheticized Digital Regime of Truth. In: NICHOLLS, Brett; OVERELL, Rosemary. *Post-Truth and the Mediation of Reality: new conjectures*. Otago, New Zealand: Palgrave Macmillan, 2019.
- BOUCHERON, Patrick. *La vérité: avant, après*. 2017. Disponível em: <https://www.college-de-france.fr/site/patrick-boucheron/course-2017-01-17-11h00.htm> acesso 1 jan. 2018.
- BRASIL, Meteoro. *Tudo o que Você Precisou Desaprender para Virar um Idiota*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.
- BRODER, David S. War on Cynisme, *Washington Post*, 1994. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/archive/opinions/1994/07/06/war-on-cynicism/c815d7e9-934f-4421-a136-2936cbea1408/>. Acesso em 06/06/2017
- BRONNER, Gérald. *La démocratie des crédules*. Presses Universitaires de France, 2013.
- BROUSSARD, Paige. *Fake News, Real Hip: rhetorical dimensions of ironic communication in mass media*. 2013. 70f. Dissertação de Mestrado em Artes - Faculty of the University of Tennessee at Chattanooga, Chattanooga, Tennessee, USA.
- BUENO DINIZ, Jenifer; VANZELLA, José Marcos Miné. A Sinceridade na Ética Discursiva de Habermas e a Transparência no Controle Midiático no Brasil. *Revista de Teorias da Democracia e Direitos Políticos* | e-ISSN: 2525-9660 | Salvador | v. 4 | n. 1 | p. 1 – 17 | Jan/Jun. 2018.
- BUFACCHI, Vittorio. Truth, lies and tweets: A Consensus Theory of Post-Truth. *Philosophy & Social Criticism*. 2021; 47(3): 347-361, doi:10.1177/0191453719896382
- BUTLER, Judith; SCOTT, Joan W. *Feminists Theorize the Political*. New York: Routledge, 1992.
- CADWALLA, Carole. Daniel Dennett: ‘I begrudge every hour I have to spend worrying about politics’. *The Guardian*. London, 12, fev., 2017. Disponível em: <https://www.theguardian.com/science/2017/feb/12/daniel-dennett-politics-bacteria-bach-back-dawkins-trump-interview> Acesso: 24 jan. 2018.
- CALCUTT, Andrew. *Comment la gauche libérale a inventé la “post-vérité”*. 2016. Disponível em <https://theconversation.com/comment-la-gauche-liberale-a-invente-la-post-verite-69310> acesso 24 out. 2018.
- CAMBIER, Alain. *Philosophie de la Post-vérité*. Paris: Herman, 2019.
- CAMPELLO, Filipe. *Crítica dos afetos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.
- \_\_\_\_\_. First- and second-order justice: making room for affects in social critique. *Pragmatism Today*, vol. 12, Issue 1, 2021.
- CAMPOS MELLO, Patrícia. *A Máquina do Ódio: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- CAPPELLA, Joseph N; JAMIESON, Kathleen Hall. *Spiral of Cynicism*. Oxford: Oxford University Press, 1997.
- CAPUTO, John D. *Deconstruction in a Nutshell: a conversation with Jacques Derrida*. New York: Press New York, 1997.
- CARBONELL, Claudia; FLAMARIQUE, Lourdes. *La posverdad o el dominio de lo trivial*. Madrid: Ediciones Encuentro, 2020.
- CARVALHO, Joaquim de. *Basta! Sensacionalismo e farsa na cobertura do assassinato de PC Farias*. São Paulo: A Girafa Editora, 2004.
- CASARA, Rubens R. R. *Estado Pós-Democrático: neo-obscurantismo e gestão dos indesejáveis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- CASTAÑÓN, Gustavo Arja. Science Wars: uma guerrilha contra a ciência moderna. *Universo Racionalista*, 26, outubro, 2015. Disponível em:

- <https://universoracionalista.org/science-wars-uma-guerrilha-contra-a-ciencia-moderna/> acesso em: 30 nov. 2017.
- CASTRO ROCHA, João César. Mídiosfera bolsonarista e dissonância cognitiva (4). *Revista Rascunho*, ed. 261, jan. 2022.
- CEPPAS, Filipe; ROCHA, Raquel R. O Ensino de Filosofia na Era da Pós-verdade. *O que nos faz pensar*, Rio de Janeiro, v.28, n.45, p.288-301, jul.-dez. 2019
- CHADWICK, Andrew; VACCARI, Cristian. Deepfakes and Disinformation: Exploring the Impact of Synthetic Political Video on Deception, Uncertainty, and Trust in News. *Social Media + Society*, 6, 205630512090340, 10.1177/2056305120903408, 2020.
- CHARLES, Sébastien; LIPOVETSKY, Gilles. *Les Temps Hypermodernes*. Paris: Grasset, 2004
- CHRISTIAN DOS SANTOS, Daniel. Considerações Sobre o Conhecimento e Pós-verdade. *O Manguezal: Revista de Filosofia*, Janeiro-Junho, v. 1, n. 5, 2020.
- CHUN, Cody. Neo-Realism: Post-Postmodern Ethics and Metaphysics. *Summer Research. Paper 272*, 2016.
- COSENTINO, Gabriele. *Social Media and the Post-Truth World order: the global dynamics of disinformation*. Baabda, Lebanon: Palgrave Macmillan, 2020.
- CROUCH, Colin. *Post-Democracy*. Cambridge: Polity Press Ltd, 2004.
- CURCINO, Luzmara; PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice. Discurso e Pós-verdade. São Paulo: Parábola, 2021.
- D'AGOSTINI, Franca. *Mentira*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora, 2014.
- D'ANCONA, Matthew. *Post-Truth: the new war on truth and how to fight back*. Ebury Press: London, 2017.
- \_\_\_\_\_. *Pós-Verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news*. Barueri: Faro Editorial, 2018.
- DAVIS, Evan. *Post-Truth: why we have reached peak bullshit and what we can do about it*. London: Little, Brown Book Group, 2017.
- DELANNOI, Gil. De l'utilité de la notion de post-vérité, *Le Débat* 2017/5, n° 197, p. 4-12, 2017.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações, 1972-1990*. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, F. *O que é isto a filosofia?* São Paulo: Editora34, 1993.
- \_\_\_\_\_. *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.
- DERRIDA, Jacques. História da Mentira: prolegômenos. *ESTUDOS AVANÇADOS*,10, (27), 1996.
- DEVINE, Nesta. Beyond Truth and Non-truth. In: RIDER, Sharon. et al. *Post-Truth, Fake News: viral modernity, higher education*. Singapore: Springer, 2018.
- DI NIZO, Patricia Leal; SIQUEIRA BALDINI, Lauro José. O Cinismo Como Prática Ideológica. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, v. 13, n. 2, p. 131-158, 2015.
- DI RAIMO, L. C; LACERDA, G. H. A (Pós-)Verdade na Filosofia e nos estudos do discurso. *Claraboia*, Jacarezinho/PR, n.15, p. 28-50, jan./jun, 2021. ISSN: 2357-9234.
- DIEGUEZ, Sebastien. *Total Bulshitt: au coeur de La post-verité*. Paris: PUF, 2018.
- DUFOUR, Dany-Robert. *A Arte de Reduzir Cabeças: sobre a nova servidão na sociedade ultra-liberal*. Rio de Janeiro: Compainha de Freud, 2005.
- DUNKER, Christian. et. al. *Ética e Pós-verdade*. Porto Alegre: Dubliense, 2017.
- DURANDIN, Guy *As Mentiras na Propaganda e na Publicidade*. São Paulo: JSN Editora, 1997.
- ESQUERRE, Arnaud. *Le vertige des Faits Alternatifs: conversation avec Régis Meyran*. Paris: Éditions Textuel, 2018.

- FERNÁNDEZ-MONTESINOS, Federico Aznar. El mundo de la posverdad, Cuadernos de estrategia, N.º. 197, págs. 21-82, 2018.
- FERRARIS, Maurizio. *Posverdad y otros enigmas*. Madrid: Alianza Editorial, 2019.
- FERREIRA GOMES, Geovane; ROIZ, Diogo da Silva; SANTANA, Isael José. *A (pós)verdade em uma época de mutações civilizacionais*. Serra/ES: Milfontes, 2018.
- FERREIRA, Adalgisa Leão. Ler abre jaulas: Peter Sloterdijk e a razão cínica no discurso pedagógico. 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.
- FIGUEIRA, João (org.); SANTOS, Sílvio (org.) *As fake news e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade*. Coimbra: Coimbra University Press, 2019.
- FINKIELKRAUT, Alain; SLOTERDIJK, Peter. *Les Battements du monde*. Paris: Éditions Pauvert, 2003.
- FISH, W.J. “Post-Truth” Politics and Illusory Democracy. *Psychotherapy and Politics International*, 14(3), p. 211-213, doi: 10.1002/ppi.1387, 2016.
- FOER, Franklin. *O mundo que não pensa: a humanidade diante do perigo real da extinção do homo sapiens*. Rio de Janeiro: Leya, 2018. Kindle Version.
- FOGEL, Jean-François; PATIÑO, Bruno. *La prensa sin Gutemberg: el periodismo en la era digital*. Madrid: Punto de Lectura, 2007.
- FORSTENZER, Joshua. *Something has Cracked: post-truth politics and Richard Rorty’s postmodernist bourgeois liberalism*. Cambridge, MA: Ash Center for Democratic Governance and Innovation, 2018.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- FOWKS, Jacqueline. *Mecanismos de la Posverdad*. Peru: Fondo de Cultura Económica, 2017. Kindle version
- FRANCO DE SÁ, Alexandre. Pré-verdade, verdade e pós-verdade: um percurso rumo à política contemporânea. In: FIGUEIRA, João (org.); SANTOS, Sílvio (org.) *As fake news e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade*. Coimbra: Coimbra University Press, 2019.
- FRANKFURT, Harry. *Sobre Falar Merda*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2005.
- FRASER, Nancy. From Progressive Neoliberalism to Trump—and beyond. *American Affairs*, volume I, number 4, 2017. Disponível em: <https://americanaffairsjournal.org/2017/11/progressive-neoliberalism-trump-beyond/>. Acesso em 23 jan. 2018.
- FREUD, Sigmund. *Obras Completas Volume 17: Inibição, Sintoma e Angústia, O Futuro de uma Ilusão e outros textos (1926-1929)*. São Paulo: Companhia das letras, 2014.
- FRIAS FILHO, Otavio. O que é falso sobre as fake news. *Revista USP*, São Paulo, n. 116, p. 39-44, janeiro/fevereiro/março, 2018.
- FRICKER, Miranda. *Injusticia epistêmica: el poder y la ética del conocimiento*. Barcelona: Herder, 2007.
- FRYE, Northrop. *Anatomia da Crítica*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- FULLER, Steve. *Post-Truth: knowledge as a power game*. London: Anthem Press, 2018.
- FUNTOWICZ, S. e RAVETZ, J.: ‘Ciência pós-normal e comunidades ampliadas de pares face aos desafios ambientais’. *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, IV(2): 219-230 jul.-out. 1997.
- GHEBREYESUS, Tedros Adhanom. Munich Security Conference at world health organization in 15 February 2020. Disponível em: <https://www.who.int/director-general/speeches/detail/munich-security-conference>. Acesso 21/03/2021.
- GIACÓIA JÚNIOR, Oswaldo. *Seminário Pós-Verdade - Conferência de abertura: Pós-Verdade*. Grifos nossos. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=SYDSO\\_zAXMo&t=1523s](https://www.youtube.com/watch?v=SYDSO_zAXMo&t=1523s) acesso em 22 fev 2019.

- GREISCH, Jean. La philosophie a nécessairement affaire à la vérité. *Le tour du monde des idées*. Paris: France Culture, 22 de maio de 2017. Disponível em: <https://www.franceculture.fr/conferences/maison-de-la-recherche-en-sciences-humaines/la-philosophie-necessairement-affaire-la?xtmc=post%20v%C3%A9rit%C3%A9&xtnp=1&xtr=8> acesso 23 ago. 2019.
- GUEIROS, Bruno. *Social Bots: uma análise sobre a gênese e o desenvolvimento dos robôs nas mídias sociais*. Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 2018.
- HABERMAS, Jürgen. *Consciência Moral e Agir Comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica: neoliberalismo y nuevas técnicas de poder*. Barcelona: Herder, 2014.
- HANNAN, Jason. Trolling ourselves to death? Social media and post-truth politics. *European Journal of Communication*, 33(2):214-226, 2018.
- HARARI, Yuval Noah. 21 lições para o século 21. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- HARAWAY, Donna. Feminist cyborg scholar Donna Haraway: 'The disorder of our era isn't necessary'. *The Guardian*, London, 20, jun. 2019. Disponível em: [www.theguardian.com/world/2019/jun/20/donna-haraway-interview-cyborg-manifesto-post-truth](http://www.theguardian.com/world/2019/jun/20/donna-haraway-interview-cyborg-manifesto-post-truth) acesso 21 mar. 2020.
- HARFORD, Tim. *Na era da pós-verdade, os fatos precisam de defensores*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/03/1865256-na-era-da-pos-verdade-os-fatos-precisam-de-defensores.shtml> acesso em 4 jun 2018.
- HEER, Jeet. America's First Postmodern President, *The New Republic*, July 8, 2017. Disponível em <https://newrepublic.com/article/143730/americas-first-postmodern-president>. Acesso em 12/04/2018.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. Die Ironie. In: HASS, Hans-Egon; MOHRLÜDER, Gustav-Adolf. *Ironie als literarisches Phänomenon*. Köln: Kiepenheuer & Witsch, 1985.
- \_\_\_\_\_, Georg Wilhelm Friedrich. *La phénoménologie de l'esprit*. Tome II. Paris: Éditions Montaigne, 1948.
- HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. Petrópolis: vozes, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Que é isto, a filosofia? Identidade e diferença*. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: Livraria Duas Cidades, 2006.
- HERMAN Edward S; CHOMSKY, Noam. *Manufacturing Consent: the political economy of the mass media*. New York: Pantheon Books, 1988.
- HOLMES, Jack. Trump's Campaign Manager Offered Her Most Brilliant Defense Yet of Trump's Lies. *Esquire*, 2016. Acesso em 2 mar. 2019..
- HOWARD, Philip N. *Lie Machines: how to save democracy from troll armies, deceitful robots, junk news operations and political operatives*. New Haven and London: Yale University Press, 2020.
- HUSSAIN, Amina. Theorising Post-Truth: A Postmodern Phenomenon. *Journal of Comparative Literature and Aesthetics* Vol. 42, No. 1 (150-162), 2019.
- INNOCENT, Orji Onyebuchi. *Post Modern Rejection of Absolute Truth in Richard Rorty*. Edição do Kindle, 2014.
- JANKÉLÉVITCH, Vladimir. *La ironía*. Buenos Aires: El Cuenco de Plata, 2015.
- JOHNSON, Marc. *Jacques Derrida: Archive Fever in South Africa, August 1998*. Youtube, 27 de jun. de 2021. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=c4ewDoorXTM> acesso em 22 dez. 2021.
- KAKUTANI, Michiko. *A morte da verdade: notas sobre a mentira na era Trump*. São Paulo: Intrínseca, 2018

- KALPOKAS, Ignas. *A Political Theory of Post-Truth*. Klaipeda, Lithuania: Palgrave Macmillan, 2019.
- KEEN, Andrew. *O Culto do Amador: como blogs MySpace, Youtube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- KELLY, S.D. Blame Jacques Derrida for Donald Trump, *Mere Orthodoxy*, Março, 2016. Disponível em: <https://mereorthodoxy.com/blame-jacques-derrida-for-donald-trump> Acesso em 22 set. 2019.
- KENDALL, Julie Ann. *Democracy Inaction? How "Fake News" is defining american citizenship*. 2013. 150f. Tese de Doutorado em Antropologia - Department of Sociology and Anthropology. The College of Wooster, Wooster, Ohio, USA.
- KESTER, Kevin. Postmodernism in post-truth times, *Educational Philosophy and Theory*, 50:14, 1330-1331, 2018.
- KEYES, Ralph. *The Post-Truth Era: dishonesty and deception in contemporary life*. New York: St. Martin's Press, 2004.
- KINGWELL, Mark. Truth Claims, Interpretation, and Addiction to Conviction. In: PRADO, C. G. *America's Post-Truth Phenomenon: when feelings and opinions trump facts and evidence*. Santa Barbara: Praeger, 2018.
- KLEMPERER, Victor. *LTI: a linguagem do Terceiro Reich*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.
- KUCHARSKI, Adam. Study epidemiology of fake news. *Nature*, 540, 525, 2016., <https://doi.org/10.1038/540525a>.
- KUMAR NITE, Dhiraj. *Post-truth: a discourse of the contemporary forms of life*, Academia. Disponível em: [https://www.academia.edu/32678450/Post\\_truth\\_A\\_discourse\\_of\\_the\\_contemporary\\_forms\\_of\\_life](https://www.academia.edu/32678450/Post_truth_A_discourse_of_the_contemporary_forms_of_life) acesso em 2 mar. 2021.
- LACHNITT, Christophe. *Prêt-à-penser et post-vérité: le suicide numérique de la démocratie*. [s.l.] Books on Demand, 2019. Kindle Version.
- LANIER, Jaron. *Dez Argumentos para Você Deletar Agora suas Redes Sociais*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.
- LAROCHE-TANGUAY, Camillia; PONTON, Lionel. *Hegel et Kierkegaard: l'ironie comme theme philosophique*. Laval théologique et philosophique 393 (1983): 269–282.
- LATOURE, Bruno. *Jamais Fomos Modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.
- \_\_\_\_\_. Why Has Critique Run Out of Steam? From Matters of Fact to Matters of Concern, *Critical Inquiry*, 30 (invierno de 2004), págs. 225-248.
- LAVOCAT, Françoise. *Fait et Fiction: pour une frontière*. Paris: Éditions du Seuil, 2016.
- LE DREW, Stephen. Scientism and Utopia: New Atheism as a Fundamentalist Reaction to Relativism. In FULLER, Steve; STENMARK, Mikael; ZACKARIASSON, Ulf. *Relativism and Post-Truth in Contemporary Society: Possibilities and Challenges*. Uppsala, Sweden: Palgrave Macmillan, 2018.
- LETOURNEUX, Matthieu; VAILLANT, Alain. *L'empire du Rire: XIXe - XXIe siècle*. Paris: CNRS, 2021.
- LÉVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Lisboa: Edições 70, 1980.
- LEVITIN, Daniel J. *Weaponized Lies: how to think critically in the post-truth era*. New York: Dutton, 2017. Kindle Version.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução: Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010.
- LIICEANU, Gabriel. *Da mentira*. Campinas: Vide Editorial, 2014.
- LIPOVETSKY, G. & CHARLES, S. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004.

- LIPOVETSKY, Gilles. *Da Leveza: rumo a uma civilização sem peso*. Barueri, SP: Amarylis, 2016.
- \_\_\_\_\_. *La era del vacío*. Barcelona: Anagrama, 1986.
- \_\_\_\_\_. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Plaire et Toucher: essai sur la société de séduction*. Paris: Galimard, 2017.
- LIPPMANN, Walter. *Opinião pública*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- LOMELÍ PONCE, J. Posverdad y Psicopolítica. *Análisis*, v. 51, n. 95 (JI-Di), p. 347-364, 1 jul. 2019.
- LORUSSO, Anna Maria. *Postverità: Fra reality tv, social media e storytelling*. Bari: Editori Laterza, 2018.
- L'YVONNET, François. *Homo Comicus ou l'intégrisme de la rigolade*. Paris: Fayard/Mille et une nuits, 2012.
- MACHADO DA SILVA, Juremir. Fake News, a novidade das velhas falsificações In: FIGUEIRA, João (org.); SANTOS, Sílvia (org.) *As fake news e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade*. Coimbra: Coimbra University Press, 2019.
- MACLURE, Jocelyn. Le nouveau réalisme, antidote au cynisme postmoderne. *Le Devoir*, Paris, 8, dez., 2015. Disponível em: <https://www.ledevoir.com/opinion/idees/457304/des-idees-en-revues-le-nouveau-realisme-antidote-au-cynisme-postmoderne> acesso em 01 jan. 2017.
- MAFESOLI, Michel. Olhar Singular. *Correio do Povo*, Rio Grande do Sul, 11, dez., 2021. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/cadernodesabado/olhar-singular-1.739294> acesso 17 dez. 2021.
- MAHON, Áine. *The Ironist and the Romantic: Reading Richard Rorty and Stanley Cavell*. London: Bloomsbury, 2014.
- MANJOO, Farhad. *True Enough: Learning to live in a post-fat society*. John Wiley and Sons: New Jersey, 2008.
- MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.
- MARACCI, João Gabriel. *Kit Gay: controvérsias educacionais em disputas políticas*. Disponível em <https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre//anais/filosofiaeducacao/assets/edicoes/2019/arquivos/27.pdf>. Acesso 21 mar. 2021.
- MARZAL, Cervera. *Post-vérité: pourquoi il faut s'en réjouir*. Lormont: Bord de L'eau, 2019.
- MBEMBE, Achilles. *Critique de la Raison Nègre*. Paris: Éditions La Découverte, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Politiques de L'inimitié*. Paris: Éditions La Découverte, 2016.
- MCCARTHY, T. "Private Irony and Public Decency: Richard Rorty's New Pragmatism", *Critical Inquiry*, vol. 16, no. 2, 1990, pp. 355–370.
- MCCOMISKEY, Bruce. *Post-Truth Rhetoric and Composition*. Colorado: University Press of Colorado, 2017.
- MCINTYRE, Lee. *Posverdad*. Madrid: Ediciones Cátedra, 2018.
- \_\_\_\_\_. *Post-truth*. Cambridge: MIT Press. 2018. Kindle version.
- MCLEOD, Kembre. *Pranksters: making mischief in the modern world*. New York: New York University Press, 2014
- MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1969.
- TENORIO FILHO, Raphael Douglas M. Lévinas e o Discurso Multiculturalista. *Revista Reflexões*, Fortaleza-Ce - Ano 1, Nº 1- Julho a Dezembro de 2012 ISSN 2238-6408.
- MENCKEN, H. L. *O livro dos Insultos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

- MENNA, Sérgio Hugo. Crise da verdade e Crítica da Pós-verdade. *O Manguenzal: Revista de Filosofia*, Janeiro-Junho, v. 1, n. 5, 2020.
- MIGOTTI, Mark. *Brazen New World: A Peircean Approach to Post-Truth*. In: PRADO, C. G. *America's Post-Truth Phenomenon: when feelings and opinions trump facts and evidence*. Santa Barbara: Praeger, 2018.
- MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- MITTERMEIER, Johanna. *Desmontando la posverdad: nuevo escenario de las relaciones entre la política y la comunicación*. Dissertação (mestrado em Ciências da Comunicação) - Facultad de Ciencias de la Comunicación, Departamento de Medios, Comunicación y Cultura, Universitat Autònoma de Barcelona. Barcelona, 2017.
- MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.
- MORAES, Dênis de; SERRANO, Pascual & RAMONET, Ignácio. *Mídia, Poder e Contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MORETTI, Franco. *The Novel: volume I, history, geography and culture*. Princeton: Princeton University Press, 2006.
- NGANGUË, Eyoum. *Presse satirique: la voix de l'avenir?* Les Cahiers du Journalisme, Lille, nº 9, p. 124-141, 2001.
- NGO, Philippe. *Post-vérités*. Neuilly-sur-Seine, FR: Atlande, 2017.
- NICHOLLS, Brett; OVERELL, Rosemary. *Post-Truth and the Mediation of Reality: new conjectures*. Otago, New Zealand: Palgrave Macmillan, 2019.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre a verdade e a mentira no sentido extramoral*. Trad. Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2008.
- NOGUÉS, Guadalupe. *Pensar com Outros: uma guia de sobrevivência em tempos de posverdad*. Buenos Aires: El Gato y la Caja, 2018. Kindle Version.
- NTAHONSIGAYE, Mirella Kami. 'Fake News Hysteria': How an analysis of Orson Welles' War of the Worlds broadcast can inform the issue of 'fake news'. *Major Papers*. 61, 2018. Disponível em: <https://scholar.uwindsor.ca/major-papers/61/> acesso em 22 abr. 2019.
- OLIVEIRA, Richard Romeiro. *Demiúrgia política: as relações entre a razão e a cidade nas Leis de Platão*. 2006. Tese de Doutorado em Filosofia. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais.
- ONFRAY, Michel. *Cinismos*. Retratos de los filósofos llamados perros. Buenos Aires: Paidós, 2002.
- PAPAZOGLU, Alexis. *The post-truth era of Trump is just what Nietzsche predicted*. Disponível em: <https://theconversation.com/the-post-truth-era-of-trump-is-just-what-nietzsche-predicted-69093> acesso em 31 mai. 2017.
- PARISER, Eli. *O Filtro Invisível: o que a internet está escondendo de você*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- FAIRFIELD, Paul. *Lords of Mendacity*. In: PRADO, C. G. *America's Post-Truth Phenomenon: when feelings and opinions trump facts and evidence*. Santa Barbara: Praeger, 2018.
- PENROSE, Roger. *A Nova Mente do Rei: computadores, mentes e as leis da física*. Rio de Janeiro: Campus, 1993.
- PÉREZ TAPIAS, José Antonio. *Haciendo frente a la infamia de la «posverdad»*. Nuevo capítulo en una vieja historia de hipocresía y cinismo. *Exodo*, 138, 2017, pp. 5-13. Disponível em: <http://www.exodo.org/haciendo-frente-a-lainfamia-de-la-posverdad-nuevo-capitulo-en-una-vieja-historia-de-hipocresia-y-cinismo/>, Acesso em 15 mar. 2018.
- PERRIN, Andrew J. *Stop Blaming Postmodernism for Post-Truth Politics*. Disponível em: <https://www.chronicle.com/article/stop-blaming-postmodernism-for-post-truth-politics/> acesso 14 jan. 2018.

- PICHETTE, Jean. La dictature du rire. Présentation du dossier. *Liberté*, (316), 20–22, 2017.
- PISANI, Francis. PIOTET, Dominique. *Comment le web change le monde: l'alchimie des multitudes*. Paris: Pearson Education, 2008.
- PLATÃO. *Leis e Epínomes*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Pará: Universidade Federal do Pará, 1980.
- PLUCKROSE, Helen; LINDSAY, James. *Cynical Theories: How Activist Scholarship Made Everything about Race, Gender, and Identity*. North Carolina: Pitchstone Publishing, 2020.
- PONCE, Javier. Posverdad y psicopolítica. *ANÁLISIS*, ISSN: 0120-8454 e- ISSN: 2145-9169, Vol. 51, N.º 95, Julio - diciembre de 2019.
- post-modernism? In: ANDINA, Tiziana; CONDELLO, Angela. *Post-Truth, Philosophy and Law*. New York: Routledge, 2019.
- PRADO, C. G. *America's Post-Truth Phenomenon: when feelings and opinions trump facts and evidence*. Santa Barbara: Praeger, 2018.
- RABIN-HAVT, Ari. *Lies, Incorporated: the world of post-truth politics*. New York: Anchor Books, 2016.
- RAMONET, Ignacio. *A explosão do jornalismo: das mídias de massa às massas de mídia*. São Paulo: Publisher Brasil, 2012.
- RAMOS, Roberto. *Os Sensacionalismos do Sensacionalismo: uma leitura dos discursos midiáticos*. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- RANCIÈRE, Jacques. *A Partilha do Sensível: estética e política*. São Paulo: Editora 34, 2005.
- REDDING, Paul. *The role of philosophy in "post truth" times*, Academia. Disponível em: [https://www.academia.edu/31218087/The\\_Role\\_of\\_Philosophy\\_in\\_Post-Truth\\_Times](https://www.academia.edu/31218087/The_Role_of_Philosophy_in_Post-Truth_Times) acesso Acesso em 21 ago. 2018.
- REID, Jeffrey. *The Anti-Romantic: Hegel against ironic romanticism*. Bloomsbury: London, 2014
- REILLY, Ian. *Satirical Fake News And The Politics Of The Fifth Estate*. 2010. 299f. Tese de Doutorado em Filosofia - Faculty of Graduate Studies. University of Guelph, Ontário, Canadá.
- REINHOUD, Eline. *The Post-Truth Era: crises of truth in (post-)postmodern literature*. Utrecht: Faculty of Humanities Theses, 2019.
- REVAULT D'ALLONNES, Myriam. *La Faiblesse du Vrai: ce que la post-verité fait à notre monde commun*. Éditions du Seuil: Paris, 2018.
- RIDER, Sharon. *Post-Truth, Fake News: viral modernity, higher education*. Singapore: Springer, 2018
- RISÉRIO, Antônio. *Sobre o Relativismo Pós-moderno e a Fantasia Fascista da Esquerda Identitária*. Rio de Janeiro: Editora Topbooks, 2020.
- RORTY, Richard. *Contingency, irony, and solidarity*. London: Cambridge University Press, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Philosophy and Social Hope*. London: Penguin Books, 1999.
- SAFATLE, Vladimir. *Cinismo e falência da crítica*. São Paulo: Boitempo, 2008.
- \_\_\_\_\_. Muito longe, muito perto: dialética, ironia e cinismo a partir da leitura hegeliana de O Sobrinho de Rameau, *Artefilosofia*, Ouro Preto, n.2, p.36-55, jan. 2007
- \_\_\_\_\_. *Presente, pós- verdade e experiência de passado com Vladimir Safatle*, SESC, 2019. Disponível em: [https://youtu.be/E9GWv\\_ymJeQ](https://youtu.be/E9GWv_ymJeQ) 23 mar. 2020.
- SALMON, Peter. *An Event, Perhaps: A Biography of Jacques Derrida*. Verso: London, New York, 2020.
- SANTAELLA, Lucia. *A Pós-verdade é Verdadeira ou Falsa?* Barueri: Estação das Letras e Cores, 2018.

- SANTO BRANDAO, Merielle do Espirito. Pós-verdade e Pandemia: uma distopia em Slavoj Žižek e Matthew D’Ancona. *O Manguezal Revista de Filosofia*, v.1, n.5, janeiro-junho, 2020, issn: 2674-7278.
- SANTOS, Marcelo. *Mamadeira de Piroca*: por que um vídeo absurdo pareceu coerente a alguns eleitores de Bolsonaro? Trabalho apresentado XXIX Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2020. Disponível em: [http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos\\_arquivo\\_ADMZ5D5N03VI9TXE24M7\\_30\\_8\\_588\\_26\\_02\\_2020\\_09\\_00\\_15.pdf](http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_ADMZ5D5N03VI9TXE24M7_30_8_588_26_02_2020_09_00_15.pdf) Acesso 21 mar. 2021.
- SAUNDERS, George. *The Braindead Megaphone*. New York: Riverhead Books, 2007.
- SCHAEFFER, Jean-Marie. *Por Qué la Ficción?* Toledo: Lengua de Trapo, 2002.
- SCHRÖPEL, Daiana. Processos de ficcionalização autoral e documental: o caso de Elena Landkraut e o IAAIAI, In: *Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas*, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 503-519.
- SEIXAS, R. A retórica da pós-verdade: o problema das convicções. *Revista Eletrônica De Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, 18(1), 2019.
- SELTZER, Mark. The Novel in the Epoch of Social Systems: Or, “Maps of the World in its Becoming. *European journal of American studies*, 12-3, 2017.
- SEMAL, Jean. *Poléthique & post-vérité*. Seneffe, BEL: Memogrames, 2017.
- SENNET, Richard. *O Declínio do Homem Público*: as tiranias da intimidade. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- SERRANO, Pascual. *Desinformación*: cómo los medios ocultan el mundo. Madrid: Peninsula, 2009.
- SFEZ, Lucien. *La communication*. Paris: Puf, 2004.
- SILVERMAN, Hugh J. *Derrida and Deconstruction*. New York and London: Routledge, 1989.
- SIM, Stuart. *Post-Truth, Scepticism & Power*. Newcastle upon Tyne, UK: Palgrave Macmillan, 2019.
- SISMONDO, Sergio. Extraordinary Popular Delusions and the Manipulation of Crowds. In: PRADO, C. G. *America’s Post-Truth Phenomenon*: when feelings and opinions trump facts and evidence. Santa Barbara: Praeger, 2018.
- SLOTERDIJK, Peter. *Crítica da Razão Cínica*. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Crítica de la Razón Cínica*. Madrid: Ediciones Siruela, 2003.
- SLOTERDIJK, Peter. *Essai d’intoxication volontaire*. Paris: Pluriel, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Fiscalidad voluntaria y responsabilidad ciudadana*. Madrid: Siruela, 2014. Kindle Version.
- \_\_\_\_\_. *Ira e Tempo*: ensaio político-psicológico. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Las Epidemias Políticas*. Buenos Aires: EGodot, 2020. Kindle Version.
- \_\_\_\_\_. *No Mesmo Barco*: ensaio sobre a hiperpolítica. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Not Saved*: essays after Heidegger. Cambridge: Polity Press, 2017.
- \_\_\_\_\_. *O Desprezo das Massas*: ensaio sobre lutas culturais na sociedade moderna. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.
- SNYDER, Timothy. *Sobre a Tirania*: vinte lições do século XX para o presente. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- SPINOZA, Baruch. *Ética*: demonstrada según el orden geométrico. Madrid: Editora Nacional, 1980.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o Subalterno Falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

- STRONG, Tracy b. Truth, facts, alternates and persons: or, whatever has happened to post-modernism? In: ANDINA, Tiziana; CONDELLO, Angela. *Post-Truth, Philosophy and Law*. New York: Routledge, 2019.
- SUZUKI, Márcio. *O gênio romântico: crítica e história da filosofia em Friedrich Schlegel*. São Paulo: Iluminuras, 1998.
- SWAIN, Harriet. "Richard Evans Interview: The Film Denial 'Shows There Is Such a Thing as Truth,'" *Guardian*, February 14, 2017, accessed November 17, 2017, <https://www.theguardian.com/education/2017/feb/14/richard-evans-interview-holocaust-denial-film>.
- SZASZ, Thomas. *O Mito da Doença Mental: fundamentos de uma teoria da conduta pessoal*. São Paulo: Círculo do Livro, 1974.
- SZTAJNSRAJBER, Darío. *Darío Sztajnszrajber y la Posverdad: Intro Futurock Late Night Show*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BQn7EZTLhgM>. Acesso em 19 ago. 2021.
- TEITELBAUM, Benjamin R. *War for Eternity: inside Bannon's Far-Right circle of global power brokers*. New York: Dey Street Books, 2020.
- TEIXEIRA FERNANDES, José Pedro. Pós-verdade na política e na guerra, *Público*, 19 de Dezembro de 2016. Disponível em: <https://www.publico.pt/2016/12/19/mundo/opiniao/posverdade-na-politica-e-na-guerra-1755349> acesso em 28 jan. 2017.
- TESICH, S. A government of lies (political ethics). *The Nation*, Nova Iorque, n. 254, p. 12-13, 1992.
- TIBURI, Márcia. *Delírio do poder: psicopoder e loucura coletiva na era da desinformação*. Rio de Janeiro: Record, 2019.
- \_\_\_\_\_. *Ridículo Político: uma investigação sobre o risível, a manipulação da imagem e o esteticamente correto*. Rio de Janeiro: Record, 2017.
- TINDALE, Christopher W. *Fallacies and Argument Appraisal*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- VACURA, Miroslav. Emergence of the Post-truth Situation—Its Sources and Contexts. *Disputatio*. Philosophical Research Bulletin Vol. 9, No. 13, Jun. 2020.
- VALADIER, Paul. Péril en démocratie: la post-vérité, *Études*, Paris 2017/5, p. 55-64, mai. 2017.
- VALHONDO CREGO, Jose Luis. Infosátira y democratización del espacio televisivo: el caso español. *Quaderns del CAC* (Consell de l'Audiovisual de Catalunya), nº 27. 2007.
- VAN TUINEN, Sjoerd. From Psychopolitics to Cosmopolitics: the problem of resentment. In: ELDEN, Stuart. *Sloterdijk Now*. Cambridge: Polity Press, 2012
- VARGAS, Alonso Brenes. Ironía romántica e ironía cibernética: dos manifestaciones epocales. *Rev. Filosofía Univ. Costa Rica*, LX (157), Mayo-Agosto 2021 / ISSN: 0034-8252 / EISSN: 2215-5589.
- VATTIMO, Gianni. *Adeus à Verdade*. Petrópolis: Vozes, 2016. Kindle Version.
- VÁZQUEZ LOBEIRAS, María Jesús. La Verdad de las Verdades: ensayo de una respuesta a las provocaciones de la Posverdad. In: CARBONELL, Claudia; FLAMARIQUE, Lourdes. *La posverdad o el dominio de lo trivial*. Madrid: Ediciones Encuentro, 2020.
- VEIGA ANDRIOLO, Eric. *Estratégia Pós-verdade: táticas de deslegitimação*. Curitiba: Appris, 2021.
- WHYMAN, Tom. *Stop blaming postmodernism for the rise of Trump*. 2018. Disponível em: [www.https://theoutline.com/post/6166/did-postmodernism-give-us-trump](https://theoutline.com/post/6166/did-postmodernism-give-us-trump) acesso em 1, jan., 2019.
- WIGHT, C. Post-Truth, Postmodernism and Alternative Facts. *New Perspectives*. 26(3):17-29, 2018.

WILBER, Ken. *Trump and a post-truth world*. Shambhala: Colorado, 2017.

WILLIAMS, Casey. Has Trump Stolen Philosophy's Critical Tools? The New York Times, New York, abril, 2017. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/04/17/opinion/has-trump-stolen-philosophys-critical-tools.html> acesso em jan. 2018.

YERMOLENKO, Volodymyr. Les Désastres de la Dialectique. In: RIVENC, François. *Figures de la Vérite*. London: ISTE Editions, 2019.

ZENKINE, Serge. Une culture des préfixes. Essai linguo-philosophique autour du préfixe "néo". In: *Le Néó: Sources, héritages et réécritures dans les cultures européennes*. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2016.

ZIZEK, Slavoj. *Eles não sabem o que fazem: o sublime objeto da ideologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

\_\_\_\_\_. *En defensa de la intolerancia*. Madrid: Sequitur, 2008.